Oscár Leal

# Viagem ás Terras Goyanas

## Brazil Central



# VIAGEM
ÁS
# TERRAS GOYANAS
## (BRAZIL CENTRAL)

POR

*Oscár Leal*

**Membro da Sociedade de Geographia de Lisboa,**
**da S. A. ás Lettras**
**e de outras corporações scientificas**

---

***Obra precedida de um prologo do distincto escriptor***
***o conselheiro***

*Pinheiro Chagas*

***adornada com varias gravuras de Pastor,***
***photo-gravuras de Reinhol e enriquecida com***
***uma carta do Sul de Goyaz***

---

DESENHOS DO AUCTOR

**LISBOA**
TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL
*14, Largo do Pelourinho, 17*
1892




OSCAR LEAL

Em terras differentes navegando,
Instrucção e recreio assim procuro;
E recorrendo á sabia natureza,
Aponto ao mundo novo seus thesouros;
Assim se amestra e se enriquece os povos:
Céres, Pomona e Flóra de mãos dadas
Brincam e se expandem no brazileo solo
Sobra á vontade o que fallece á mente.






# DUAS PALAVRAS

Em 1882 tinha eu vinte annos e muito pouco dinheiro.

Cansado da vida fluminense e farto de ler o que os outros viam, pensei uma noite aproveitar a mocidade empregando melhor o tempo, com dois fins que me pareciam louvaveis — ganhar e estudar.

Os bosques, os campos, os montes agrestes, os desertos e a vida sertaneja tinham para mim irresistiveis attractivos.

No dia seguinte, chegada a hora, parti suffocado pelas pungentes emoções de despedida, mas animado pelas juvenis illusões que se me ateavam na mente, inquietas e traquinas como as borboletas azues que esvoaçam sob os ardores do nosso sol tropical.

Desde então até hoje a minha vida tem sido por vezes cortada de fundas amarguras e todos sabem o que tenho gosado e soffrido finalmente. Muitas vezes hei visto, nos revezes que têm-me assoberbado, o castigo, pela ousadia com que alimento a execução dos meus designios, mas nunca tive para com todos mais do que um sorriso em paga do bem ou mal recebido.

Para uns a estima, felizmente nunca desmentida, para outros a indiferença.

Os meus livros escriptos sem pretensão são pallidos reflexos do meu ardimento, pelo amor que consagro á sciencia e ao estudo.

Que o digam aquelles que comprehendem melhor o individuo, estudando-lhe antes o interior, o caracter e as inclinações, do que examinando-lhe as bellezas ou as feialdades phisionomicas.

A «Viagem ás terras goyanas» serve para attestar a todos a existencia d'alguem que se empenha pela segunda vez em tornar conhecida uma região sobre a qual até hoje, pouco ou nada se tem dito.

Amenizando tanto quanto estiver em minhas forças este despretencioso trabalho relatarei as peripecias da viagem mais linda que tenho feito atravez dos sertões do Brazil, pois bem sei que a maioria dos leitores prefere a descripção desataviada, cujo estylo sendo fluente, deleita e illumina o espirito simultaneamente.

Para este fim, como de costume, sem filiar-me n'esta ou n'aquella escóla, lembro que a minha penna só obedece á arte individualista, escrevendo como penso e como sinto. Todavia sei que não se póde agradar a todos e acceitarei de bom grado os golpes que desfechar-me a critica.

Conheço a ousadia do meu commettimento affrontando-lhe os perigos, porque os elogios tecidos ao meu modesto nome pelos trabalhos já publicados, a isso me impellem. E' bem possivel que n'esses elogios se divise algo de cavalheirismo ou

rasgos de bondade por parte de seus authores, porém certo é que devem ter uma base, ainda que não seja outra senão a da sinceridade.

Goyaz é um estado do Brazil para o qual devem desde já convergir todos os olhares e multiplas são as causas que para isso concorrem. As riquezas naturaes que possue, a uberdade de uma grande parte do seu solo e sobretudo o seu ameno clima, devem dentro em pouco attrahir o emigrante.

E' lá que se encontra o famoso planalto, onde será edificada, talvez brevemente, a futura capital federal.

Ahi tendes pois caro leitor em vez de rethorica hyperbolica a naturalidade descriptiva. Ahi tendes os complexos aspectos da vida goyana, embalada por todas as libações do gozo sertanejo.

Salva a intenção, relevai-me o arrojo.

Lisboa, Junho de 1892.

Oscar Leal

# PROLOGO



Foi com verdadeiro interese que percorri o manuscripto que o sr. Oscar Leal teve a bondade de confiar-me e em que encerra as impressões de uma das suas viagens ao interior do Brazil.

Avido de conhecer tudo que diz respeito a essa maravilhosa região, cuja descoberta e cuja exploração perseverante constitue a mais perduravel gloria de nosso passado, captivam-me sobretudo as narrativas das viagens pelo interior do Brazil, onde se conserva ainda mais fundamente impresso o velho caracter brazileiro, onde a natureza ostenta maravilhohosas galas, ainda não profanadas pela curiosidade banal dos viajantes de caminho de ferro ou dos passageiros dos vapores.

Quem não conhece, ainda que lá não tenha ido, as maravilhas do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão ou do Pará, de S. Paulo ou de Santa Catharina, do Rio Grande ou ainda um pouco de Minas? Porém Matto Grosso e Goyaz, por exemplo, conservam, pelo menos para nós europeus, todos os encantos do desconhecido. As suas florestas devem conservar o impolluto aspecto d'essas selvas primitivas em que entra com assombro e com vago terror o homem civilisado; n'aquellas fraguras e caminhos escarpados encontrar-se-ha ainda a pégada dos primitivos exploradores, d'aquelles audaciosos portuguezes que foram como Aleixo Garcia, o mais longe que se podia ir pelo interior do continente americano, a ponto d'este Aleixo Garcia ter chegado á terra dos Incas antes que Pizarro tivesse sonhado a sua existencia.

O sr. Oscar Leal tem empregado uma parte de sua vida em bellas e curiosas viagens. É a sua profissão que o faz tentar essas digressões interessantissimas, sente-se porém que é com intimo prazer que elle se aventura sertão a dentro, avido de encontrar impressões novas, de colher novas informações, de desempenhar typos novos, de surprehender em flagrante um canto ainda ignorado d'esse maravilhoso Brazil, que parece ter merecido da natureza um desvelo especial como se o tivesse pelo seu Benjamin predilecto.

Por isso seguimos com summa curiosidade o pertinaz viajante e desejamos que as suas peregrinações não terminem tão cedo, para que possamos saborear todos os curiosos apontamentos da sua carteira de romeiro.

Viajante despretencioso o sr. Oscar Leal não aspira a pintar grandes telas, esgotar uma paleta de estylista na prodigalidade das côres. Conta simplesmente o que vê, dia a dia, o modo como o receberam; as alegrias e os contratempos da sua existencia de excursionista, e ao mesmo tempo vae descrevendo as bellezas naturaes, consignando as suas observações ácerca do caracter dos habitantes, não esquecendo as tradições historicas, dando-nos emfim uma multidão de factos

e de notas que satisfazem a nossa curiosidade e estimulam ao mesmo tempo o nosso appetite, de conhecermos ainda mais largamente esse interior do Brazil que ainda está tanto por destravar.

Que muitos escriptores brazileiros ou estrangeiros sigam o exemplo do sr. Oscar Leal, que se não limitem a descrever-nos os portos de mar dos paquetes da Europa, ou os *terminus* dos caminhos de ferro que saem da capital federal. e terão prestado um verdadeiro serviço ao Brazil que tanto ganha em ser bem conhecido. Por isso felicitamos a Oscar Leal não só porque escreveu de um modo muito agradavel uma obra interessante, mas porque prestou ao paiz onde vive um altissimo e relevante serviço.

Lisboa, 25—5—92.

Pinheiro Chagas.

# Primeira Parte

*Da Paulicêa ao triangulo mineiro.—No comboyo.— Dé Uberaba ao Paranahyba. — Peripecias e descripções. — Morrinhos. — No caminho das Antas — Chegada a Goyaz.*



As cinco horas da manhã de treze de Março de 1889, tomava em S. Paulo, na estação da Luz, o comboyo da companhia Ingleza.

De S. Paulo a Campinas a viagem é incommoda pela grande agglomeração de passageiros, principalmente emigrantes italianos, chegados de vespera.

Não ha nada mais enfadonho do que seja o viajar-se sem um companheiro ou um amigo e felizmente d'esta vez formal acaso deparou-me um que seguia até Uberaba na minha companhia. Era o alferes Paranhos, moço sympathico e de boas maneiras, filho do illustre general do seu nome e que viajando pela primeira vez na estrada mogyana, ouvia attencioso as noticias

que lhe fornecia, sobre o adiantamento e progresso de algumas das cidades que a orlam em toda a sua extensão.

Tão embevecidos estavamos nós, ora contemplando a rapido golpe de vista, as paysagens naturaes, que nos iam rectaguardando segundo a marcha accelerada do trem, ora deleitando o espirito na mais amena conversação, que o tempo correu com a velocidade do raio e sem nos apercebermos chegamos a Campinas pelas dez horas da manhã.

Para aproveitar os vinte minutos do regulamento, tratamos de almoçar alli mesmo no hotel da estação, o que quer dizer que comemos pouco e pagamos muito; mas se isto é sempre assim, em todas as estradas de ferro, que fazer? Aquella maldita sopa a ferver, só ella, para a tragarmos lá se vão dez minutos...

Transportadas as nossas bagagens do trem da Ingleza para o da Mogyana continuamos dentro em pouco a viagem, mais amenisada pela diminuição e differença dos passageiros.

Campinas estava quasi deserta por causa da horrivel epidemia que a victimou e uns ultimos campineiros pallidos, esqualidos, deixando ler em suas physionomias o mais pronunciado terror, partiam ainda em busca de melhores ares e sobretudo de melhores aguas. Bem se póde dizer que se formos em busca da causa a encontraremos nos microbios que povoam as aguas das cisternas e cacimbas e no ar tornado impuro pela decomposição da materia organica.

Algumas jovens campineiras sadias e boas, felizmente, mas que fugiam á terrivel peste tomaram assento perto de nós e como fossem alegres e espirituosas, não tardou que travassemos conversação assim como com o pae das mesmas, um velhote agradavel e sympathico que por ouvir pouco não deixava comtudo de attenciosamente contemplar-nos.

Uma cousa digna de nota—Este bom velho tinha um vicio singular, era apaixonado em extremo pelo café; em cada estação bebia duas e tres chicaras do precioso liquido acompanhado dos competentes *siquilos*.

Uma das jovens que parecia constrangida, conservando-se calada, voltou-se para mim repentinamente perguntando:

— O senhor é republicano, não?

— Que pergunta, excellentissima senhora. Qual o homem de posição independente que mostrando ser patriota deixa de querer a verdadeira independencia do seu paiz?

— Bravo, está commigo. As suas idéas casam-se perfeitamente com as minhas n'este ponto, porém, eu vou mais longe, meu caro senhor, quero não só ver completar-se pela promulgação da republica a independencia da patria, como tambem quero a independencia do meu sexo. Sigo a doutrina de Madame Stael.

— Folgo em sabel-o.

— Tenho combatido e heide combater até que reconheçam os nossos direitos. O senhores homens são uns voluveis, uns timidos, e se nós, as mulheres, os não encaminharmos, muitas vezes seremos desencaminhadas. Para que tal não acconteça é necessario que a mulher receba luzes fóra dos centros religiosos e cheire menos os cantos de sachristia; assim poderá collaborar na grande obra, que não será de uma mas de todas. Não sou d'aquellas que se deixam empolgar pelo devaneio nos primeiros annos, umas por preguiça, outras por fraqueza e medo de acção. E' difficil fazer tudo bem, e é tão facil não fazer nada!

Apoz uma conversação renhida, sem que nos distrahissem as pilherias com que de vez em quando se sahia o amavel companheiro Paranhos, sempre prompto a divertir as outras moças, o trem chegou rapidamente á estação de Caldas, onde nos separamos d'ellas. Paranhos principalmente sentiu a separação e de instante a instante soltava suspiros pela momentanea paixão que lhe acabava de inspirar «a morena de tranças negras» como elle dizia, ralado de saudades. Não quiz mais trocar palavra com pessoa alguma, estava como que hypnotisado, lançando de soslaio olhares ao longo dos campos que o comboyo percorria a toda a força. O pó de carvão que

se desprendia da machina, o calor, tudo agora o incommodava sensivelmente.

Sentia-se fatigado, só o somno podia-o alliviar, e deitando-se ao comprido n'um dos bancos, servindo-lhe a minha mala de travesseiro, conciliou o somno durante duas ou tres horas.

Mais realista que elle, sentira immenso prazer em ouvir a sympathica viuvinha, comprehendendo-lhe os projectos e ligando particular attenção ao seu atilado e cultivado esprito.

Haviamos já passado as cidades de Casa Branca e S. Simão, quando despertou.

Eram sete horas da tarde.

Dentro em pouco o silvo agudo da locomotiva deu-nos a entender que iamos chegar ao termo da viagem n'esse dia. Com effeito, ás sete e meia saltamos em Ribeirão Preto, onde tivemos de pernoitar.

A villa do Ribeirão Preto, é uma boa localidade, tem varios hoteis, boas casas de negocio, e tudo que o viajante procure de mais precisão alli encontra. Só temos n'este lugar duas cousas más. Durante as aguas — a lama — durante a secca — a poeira — e poeira como a do Ribeirão Preto creio não existir em parte alguma do mundo. Ella entranha-se no calçado, na roupa, na pelle, nos cabellos e em todo o corpo. E' horrivel.

As terras do municipio são das primeiras do estado de S. Paulo, produzem tudo que se planta e possuem em quantidade os elementos exigidos para a vitalidade da vegetação.

Depois de um somno reconstituinte, que começou á meia noite e terminou ás quatro e tres quartos da madrugada, eis-nos de novo a pé e caminho da estação. O trem estava já em movimento e apenas tudo disposto, cada cousa no seu lugar, sentei-me vis-a-vis ao Paranhos, accendendo cada um de nós o seu cigarro. Parecia um tanto mais consolado e só de espaço a espaço fallava na morena.

O companheiro Paranhos, era um rapaz pouco franzino, mas de olhar penetrante, extremamente alegre e gaiato no fallar mostrando-se algum tanto apprehensivo, sobre o final da viagem, caso encontrassemos difficuldade de conducção do Jaguara a Uberaba, trecho por inaugurar-se ainda.

O unico defeito que lhe notei foi ser um pouco dorminhoco, e quando o despertando muitas vezes mofava, respondiame em tom suspeitoso:

—Isto é fóra de meus habitos. Quem sabe se você deume a tomar algum narcotico? Que diabo!

—Ah! Ah! fazia-lhe eu.

Na Franca o comboyo demorando-se vinte minutos, nós os aproveitamos tomando alguma alimentação no pequeno restaurant que existe na estação. Foi um almoço como o da vespera.

A' uma hora e quarenta minutos da tarde chegavamos ao Jaguara, margem esquerda do Rio Grande, situada já na provincia de Minas.

Em Jaguara temos que admirar uma das melhores obras de arte que a companhia mogyana tem construido em toda a sua linha ferrea. E' a grande ponte que une os Estados de Minas e S. Paulo, a mais extensa de todo o Brazil, não levando a primazia como mais formosa nem mais monumental, pois a que une S. Felix á Cachoeira na Bahia, sobre o Paraguassú é certamente superior a esta como obra de arte. Ao passo que aquella é de uso exclusivo da companhia, esta ultima dividida em tres secções, serve simultaneamente á via ferrea, a peões, cavalleiros e carros. E' pois grande a differença que distingue esta d'aquella.

Nas minhas viagens pela Bahia, de passagem para a Feira de Sant'Anna tive occasião de admirar essa magnifica ponte, que provoca a admiração de todo o viajante.

Não foram mal motivados os receios de que se apoderara o Paranhos quanto ás difficuldades que encontrariamos para chegarmos a Uberaba. De S. Paulo haviamos levado um pedido para o chefe da estação em Jaguara dar-nos passagem

no trem do lastro, mas este infelizmente não o poude fazer sem auctorisação do engenheiro chefe. A situação tornou-se difficil, tanto mais que nem um carro ou troly havia para alugar. Apenas algumas cavalgaduras de aluguel, magras, e isto mesmo só depois de dois ou tres dias estariam ao nosso dispôr.

N'estas emergencias fomos para o hotel proximo onde me acudiu a lembrança de telegraphar para S. Paulo o seguinte:

«Chefe estação nega passagem trem de lastro. Peço providencias.»

Uma vez expedido o telegramma descansamos, jantamos e foram-se escoando as horas sem que a resposta chegasse.

Para melhor remate do dia cahiu uma forte chuva, seguida de trovoada que durou até o anoitecer.

Estava claro que de alguma maneira nós haviamos de partir e chegar a Uberaba, demais um descançosinho não era das peores cousas. Chegada a noite, depois de boa palestra recolhi-me ao aposento que me destinaram.

Pelas 8 horas da manhã seguinte já tinha dado um passeio até á ponte, respirando o magnifico ar matinal quando ao chegar ao hotel, encontro ainda o Paranhos a roncar estrondosamente, estendido de bruços no leito.

— Acorda, meu rapaz, olha que não estamos ainda em pleno chapadão e...

Palavras não eram ditas quando á porta do quarto assomava um menino de papel na mão.

— E' a resposta do telegramma, disse eu, tomando o papel que me acabava de entregar.

— O telegramma! exclamou pausadamente o Paranhos, revirando-se no leito com os olhos fechados.

— Está tudo arranjado, temos de ser attendidos.

D'esta vez o rio-grandense, sentou-se e eu li-lhe em voz alta o seguinte:

«Já telegraphei ao presidente companhia em Campinas, pedindo passagem trem de lastro.»

— E agora ?

— Agora é esperarmos pelo que der e vier. O presidente da companhia telegraphará n'este sentido ao engenheiro chefe que se acha em Uberaba, o Dr. Escobar, e este mandará ordem para que seja cumprido o pedido do presidente.

— Mas quando ?

— Que importa quando ? Hoje, ámanhã, depois, seja quando fôr. Aqui não morreremos á mingua, nada nos falta.

— Mas eu preciso voltar a S. Paulo.

—Que pressa !

— Tenho necessidade de voltar logo, quero ir...

— Ir aonde ?

E como lembrando-se de alguma cousa o amavel companheiro, passando a dextra pela cabeça, sentado no leito e soltando um suspiro, acrescentou soturnamente :

— Se vossê soubesse que sonho tive ainda ha pouco.

— Sonhava ?

— Sonhava, sim.

— Ah ! e com que... aposto que era com algum desastre no trem de lastro, um descarrilamento, hein ?

—Qual desastre, nem meio desastre, deixe de troça. Que idéa essa !

E o rapaz meio encafifado com a minha prophecia, fez uma careta e soltou novo suspiro.

— Mas então qual foi o teu sonho ? Com quem, diz-mo ?

— Com quem havia de ser. Não desconfiaste ainda ?

— Não, é me impossivel.

— Com a morena das tranças negras.

— Ora !... e sem completar a phrase voltei á sala de jantar.

Sem a menor duvida o joven namorado ficava cada vez mais despeitado commigo, por causa do pouco caso que fazia d'essas ephemeras paixões, proprias de espiritos fracos, mas ao menos na minha franqueza, revelava-se a sympathia que lhe dedicava como bom companheiro de viagem que era.

Dois dias, 15 e 16, se passaram em completo ocio, na incerteza de quando chegaria a ordem do engenheiro chefe para seguirmos. A instancias do Paranhos, desejoso de voltar, procuramos o negociante Lima Jaco, que costumava alugar cavalgaduras, e com elle tratei conducção para o dia immediato, caso não viesse a tempo a ordem pedida. Felizmente porém, voltando a Uberaba o engenheiro Escobar, tive a satisfação de saber que as ordens estavam dadas e que no dia seguinte pela manhã, poderiamos partir no trem e n'elle seguir até á ponta dos trilhos, meia legua de Uberaba.

Satisfeitissimos voltámos ao hotel, cujo proprietario, um mancebo sympathico e agradavel, não se cançava de obsequiar-me de uma maneira que faria inveja á mais elegante e dedicada *dame d'hotel.*

A casa n'esta ultima noite regorgitava de hospedes, alli se achavam alguns membros da expedição telegraphica para Matto Grosso, cometas, forasteiros e outros viajantes. Entre os cometas lá estava o Lima, isto é, o cometa mais critico e tagarella que tenho conhecido n'estas bandas. Depois de longa palestra, recolhemo-nos aos nossos aposentos.

Estava pois o Paranhos agarrado aos seus dois entes mais queridos—a Morena e Morpheo.

A dezesete levantámo-nos cêdo. O ceu estava puro e o disco do sol mostrava-se radiante e formoso pouco acima do horisonte, projectando raios de luz nas encachoeiradas aguas do Rio grande, sobre as quaes corria veloz, um dos pequenos vapores que navegam entre este porto e o da Ponte Alta.

Pelas nove horas da manhã chegava o trem que nos devia conduzir. Almoçámos ligeiramente e partimos para a estação.

—A viagem é arriscada, dizia um, procurando dissuadir-nos da nossa temeraria resolução.

Continuava outro:

—Os trilhos ainda não estão bem assentes, os descarrilamentos são constantes, os senhores arriscam-se; e dizia isto com toda a emphase, de modo a incutir terror. O que vale é

que nem a mim nem ao companheiro atemorisaram taes apprehensões. Queriamos chegar a Uberaba, esta era a questão, e como a machina acabava de dar o signal de partida, lá nos mettemos n'um dos wagons, se bem que com toda a cautela.

Quem nunca viajou n'um trem de lastro, ignora mesmo a empreza a que se arrisca em corpo e alma, mas o certo era que, dentro em pouco, passados os sustos haviamos de chegar a Uberaba se Deus assim quizesse e livres de perigo.

Infelizmente Deus assim não quiz, e bem perto da estação do Eng. Lisboa, lá descarrilou o trem, graças ao acaso, sem consequencias lamentaveis. Se não fosse a pericia do machinista e de um empreiteiro italiano que logo fez parar a machina, desceria ella pelo barranco e arrastando comsigo os carros, ficariamos talvez esmagados debaixo d'elles.

Quieto, impassivel, já fóra do carro, voltei-me para o companheiro que se conservava algum tanto assustado e disse-lhe a sorrir passado o susto:

—Ah, que quasi dizes adeus á morena das tranças negras.

Elle riu-se com a chalaça e voltando ao serio proferiu estas palavras:

—Por ella tudo.

Dir-se-hia que a lembrança da formosa companheira de viagem não o abandonava mais.

--Olha, sabes de uma cousa, tornei, sinto-me com um appetite devorador, dava de bom grado quanto pedisse a quem nos preparasse um bom almoço. Onde havemos de ir?...

E lançava um indagante olhar ao redor do local.

—Acolá.

Ao mesmo tempo erguendo uma das mãos e em attitude de quem compartilha identico desejo, apontava para uma barraca a meio da collina.

—A caminho.

—Mas as malas?

—Qual malas, aqui não temos gatunos.

Lá fomos pois em direcção á tal barraca-restaurant, onde dentro em pouco saboreavamos o mais delicioso churrasco que tenho comido. Durante a festa gastronomica, teve o rancheiro a feliz lembrança de nos servir uns copinhos de deliciosa aguardente de canna, cousa indispensavel ao apreciador de churrasco.

Depois de tanto tempo affastado da vida sertaneja, sentia n'aquella impressionavel occasião, avivarem-se-me as idéas entre a ausencia de atavios e formalidades que a exigencia, o bom gosto e a moda, jámais dispensam nos centros confortaveis onde reina o luxo e a commodidade.

Alli a maior falta era de tão pequeno valor, tornava-se tão pouco sensivel que seria ocioso patenteal-a ao dono de um restaurant cujo tecto era coberto por molhos de palha, e cuja ausencia de assoalho, punha-nos a descoberto a terra liza e endurecida.

As paredes compostas de varas sobrepostas sem arganassa, davam lugar a que uma viração constante percorresse o interior do pequeno repartimento, mobiliado toscamente com uma meza de cedro e alguns tocos de arvores a servirem de tamboretes. Ao fundo havia uma taboa ennegrecida pela fumaça, servindo de prateleira, preza nas extremidades por cipós, e sobre a qual em um desarranjo incrivel vagavam garrafas vazias de todos os tamanhos.

Se procurassemos a cozinha d'este restaurant *modelo*, não a encontrariamos. Havia, sim, um brazeiro a poucos passos do rancho, em pleno ar livre á sombra de uma arvore do campo. Alli é que se preparavam churrascos tão bons e saborosos como o que acabavamos de saborear.

N'esta occasião o Paranhos lembrava-se do Rio Grande do Sul, seu estado natal, e soltava um d'aquelles inimitaveis suspiros que já lhe conhecemos.

Paga a despeza ao rancheiro, dirigimo-nos para o leito da

estrada. A machina estava quasi no mesmo logar, apesar do sacrificio ingente e da força de quarenta homens ou de oitenta braços e outras tantas pernas.

Nada era possivel fazer sem a chegada de outra machina que se esperava, a qual engastada ao trem levasse aos trilhos os carros que se achavam fóra d'elles. Seriam tres horas da tarde quando isto succedeu, no meio de vivas e estrondosa recepção á illustre senhora machina, que acabava de fazer sósinha o que quarenta homens, oitenta braços e outras tantas pernas não haviam conseguido.

O apito do machinista não tardou a fazer-se ouvir; era o signal de que o trem ia novamente partir.

A demora occasionada pelo accidente de que tratamos, deu logar a que só pelo anoitecer chegassemos á ponta dos trilhos, e ás oito horas da noite a Uberaba.

—Safa, dizia o Paranhos, da vinda estou livre, agora a volta é que são ellas.

—Quê, pois você não estava ardendo por voltar?

—Sim, mas... agora preciso descançar.

—Bravo e... a morena!

—Ora...

—Estou de opinião mudada.

—Estás como a raposa da fabula.

—Vamos dormir que é o melhor.

—Boa noite.

O sr. capitão Narciso a quem fôra recommendado, não achando áquella hora *melhor commodo*, offereceu-me uma saleta junto ao salão da camara municipal.

O Paranhos fez-me companhia, partindo a desenove, novamente para S. Paulo e deixando-me a mais grata recordação de sua pessoa.

Descripções de localidades já conhecidas e descriptas no meu anterior trabalho *Viagem ao centro do Brazil*, publicado em Lisboa quando aqui estive no anno de 1886, abster-me-hei d'ellas agora. Assim o julgo conveniente e mesmo para que me sôbre tempo e espaço á descripção mais desenvolvida de muitos outros pontos que conheci no correr d'esta viagem.

Durante minha estada em Uberaba, pouca cousa se passou que mereça menção n'estas ligeiras notas, tomadas ao correr da penna; no entanto alguns factos se deram que aqui vou inserir, taes como a inauguração da linha ferrea Mogyana, no espaço comprehendido entre Jaguara e Uberaba, que foi um grande e festivo acontecimento para o povo uberabense e para todos os habitantes do triangulo mineiro.

A princeza do Sertão vestiu-se de gala para n'esta occasião ruidosa receber os innumeros viajantes que tornou seus hospedes. Foi uma festa deslumbrante e sem duvida a mais bella que hodiernamente lá se tem realisado.



Uberaba de hoje não é mais a Uberaba de outros tempos, a pequena villa do sertão da farinha podre. Novas casas e novos predios se tem edificado e algumas ruas novas apresen-

tam bello aspecto. Entre os edificios modernos sobresahe o do distincto jornalista Tobias Rosa e o da intendencia municipal.

Antes da inauguração da estrada de ferro, Uberaba recebeu a 20 de março a visita do sr. conde d'Eu, que deu logar aos adeptos das idéas democraticas fundarem n'esse mesmo dia o club republicano 20 de março, ao qual se associaram immediatamente nada menos de trinta eleitores! Assim se passou o mez de abril.

A 5 de maio depois de mil preparativos que precedem o dia de partida para o sertão, deixava Uberava na companhia do cidadão Joaquim Damasceno, residente no porto de Santa Rita do Paranahyba, caminho da capital goyana.

O que mais me custára em Uberaba foi arranjar bons animaes e o cavallo de minha sella era tão ardego e irrequieto que logo adiante da cidade me cuspio fóra do sellim.

Damasceno julgando-me magoado acudiu promptamente.

—Não é nada, disse-lhe a rir. Boa estreia. E rimos a valer.

Fazia quasi quatro annos que não montava a cavallo e o pouco caso que fazia das redeas deu lugar a recordar-me de passadas quedas, nas quaes soffri jámais outra cousa além de pequenas contusões.

—Veremos como se porta d'aqui em diante o Pantaleão, dizia chrismando o meu bucéphalo.

Ás tres horas da tarde chegámos á povoação do Cassú, e procurando a casa do sr. Ernesto Rocha, tivemos a satisfação de alli tomarmos um magnifico café com cognac, para sem demora continuarmos a viagem. Adiante meia legua encontrei o dr. Leopoldo de Bulhões, deputado por Goyaz e que seguia para o Rio.

A poeira na estrada era horrivel e por esse motivo para evital-a tratei de seguir sósinho adiante.

Em dia de partida principalmente para quem sae já tarde, a marcha deve ser pequena e comquanto de tres leguas ape-

nas ao chegarmos ao pouzo da Agua Limpa, sentia-me bastante fatigado.

Ahi estavam mais alguns viajantes e entre elles o sr. José Rosa e um camarada de nome João da Matta, que voltava com alguns animaes a destro para Morrinhos. Tinha ido levar a Uberaba o conego Ignacio Xavier, deputado geral. A dona da casa mandou-nos preparar uma cama, depois de nos fornecer de jantar.

—Sim senhores, dizia ao Damasceno, se todos nos tratarem pelo menos assim, além de pagar bem, ficarei satisfeito. E' que recordava-me da viagem ao centro do Brazil, dos pouzos em que me davam para comer arroz e meia duzia de torresmos no fundo de um prato e d'aquelles nos quaes não encontrava nèm um ovo para comprar, vendo-me obrigado muitas vezes a comer carne de pomba moqueada quando por falta de habito não conseguia matar melhor caça.

Ás 8 horas da noite conciliava o somno interrompido de espaço a espaço pelo berreiro dos bezerros prezos no curral ou pelos latidos dos cães que farejavam o terreiro.

De madrugada sonhei com o Paranhos e cousa incrivel até com a sua morena. João da Matta, o tal companheiro de pouzo foi o primeiro que despertou na manhã de 8. Pretendia chegar n'esse dia a Santa Maria do Monte-alegre, vencendo assim nada menos de treze leguas. Admirei-me de sua ousadia ao mesmo tempo que se ria de mim, por não acreditar nas suas pretenções, pois todo o viajante que tem diante de si um largo espaço a vencer não póde indubitavelmente atirar-se a grandes marchas diarias, sob pena de ficar a pé com os animaes frouxos. O caso é que o homem para fallar era da pelle dos diabos, e tomando a cousa a peito, resolvi caladamente sem dar parte de fraco, não me deixar ficar atraz para evitar desculpas ou estorval-o em seu designio.

Desejava conhecer a palavra do homemzarrão, era tudo.

Ás 6 horas da manhã, reunidos os animaes, partimos jun-

tos da Agoa limpa depois de bebermos magnifico leite de vacca, mugido em nossa presença pelas filhas da rancheira. O caminho que tomámos é por emquanto o mesmo pelo qual passámos quasi cinco annos antes de volta da viagem ao centro do Brazil. Até ás 9 e meia horas haviamos percorrido o espaço de tres leguas e chegavamos ao segundo rancho que se encontra depois de Uberaba. Ahi parámos para descanço das cavalgaduras e mandarmos fazer almoço. Geralmente paga-se por cada comida aos rancheiros do sertão 500 réis, uns porém ha que tratam melhor do que outros. É bom não fiar-se nunca n'elles e saber-se primeiramente que nos darão para comer.

Ao meio dia continuámos a viagem. O João da Matta no fiel cumprimento de sua palavra, tencionava ainda chegar n'esse dia ao arraial de Santa Maria.

Fazia um calor horrivel e a sêde era insupportavel. Estavamos anciosos por chegar a casa de algum outro morador para comprarmos um pouco de cachaça, ou pinga como lá chamam á aguardente de canna, e fazermos uns refrescos; mas só depois de vencidas mais duas leguas é que ao transpormos um corrego, avistámos uma cazinha coberta de palha. O dono da mesma achava-se no campeio, mas uma rapariga nos appareceu e a ella me dirigindo, perguntei sem apear-me se tinha cachaça para vender, ao que respondeu pretenciosamente d'esta maneira:

—Cachaça não ha, só temos cerveja.

—Cerveja! Exclamei admirado voltando-me para os companheiros. Cerveja, isto é quasi um milagre n'estas alturas. Quanto custa a garrafa?

—Dois mil e quinhentos, responde a rapariga.

—É cara, é, mas traga sempre duas garrafas.

—Mas...

—Mas o que, *sá dona?*

—...é que a cerveja está trancada.

—Trancada!

—Sim senhor, no armario e a chave o rapaz levou.

—Ora esta. Para que nos fez então a senhora chegar agoa á bocca?!

—Não me lembrei. Agora se o senhor quer um refresco eu lhe arranjo. Apeie-se e entre.

Apeei-me e entrei. Era um descançosinho. Os companheiros desceram para o corrego e o refresco demorava.

—O refresco *sá dona*.

—Oh o senhor, disse ella a rir provocantemente, está com muita pressa.

—Sim bem sei que Roma não se fez n'um dia, mas...

—Pois entre para cá.

—Para lá!

—Sim, o rancho é pobre mas é seu.

Entre mil perguntas de onde vinha para onde ia, conduziu-me a rapariga pela casa dentro, até que finalmente serviu-me o refresco, que se não era dos melhores, tambem não foi dos peores.

—Não é mau, disse lambendo os beiços. Adeus menina.

Oxalá que durante as minhas viagens encontre sempre tão bons refrescos.

—Foi uma cajuada! Uma cajuada que tomei, disse então aos companheiros que voltavam.

E depois de despedir-me, não pagando a despeza porque ella não acceitou, partimos.

Ás 5 horas da tarde chegavamos ao Gengibre, onde parámos por alguns minutos. Ahi residia uma mulher que disse-me ser sobrinha de Eleodoro de Freitas. Se o leitor conhece a minha *Viagem ao Centro do Brazil* hade estar certo do que me succedeu quando de passagem pouzei na casa d'esse homem. Contando o facto á tal mulher, respondeu-me que elle não fôra no meu encalço com tenção de matar-me, mas sim para certificar-me que não tivera culpa do roubo que lá soffri. Informou-me ainda que Eleodoro então residia d'alli a

onze leguas fóra da estrada e que a casa e rancho onde eu passára aquella memoravel noite, já não existiam.

Pelo sim, pelo não, o caso é que alli não me quiz demorar muito e sem o menor receio rompi sósinho adiante da comitiva em direcção a Santa Maria, tomando o caminho da linha telegraphica em construcção, na qual se viam ainda sómente os postes sem fio.

Era forçoso chegar n'esse dia ao arraial e ganhar a partida ao João da Matta, que ia ficando fóra de alcance mais o Damasceno e os camaradas.

O sol acabava de sumir-se no horisonte e o mais profundo silencio reinava n'aquelle chapadão deserto. Pantaleão seguia a passo largo, pouco se lhe dando a boa marcha que já fizera. O caminho era recto, mui pouco accidentado e menos poeirento que a estrada geral; de vez em quando um ou outro vallo estorvava-lhe a passagem, que vencia não sem alguma reluctancia. Houve mesmo occasião em que para obter uma passagem tive de fazer prodigios apeando-me e abrindo caminho para o cavallo passar.

A noite estava clara e distinguia sempre os postes do telegrapho, o que me convencia do rumo que tomava. Tinha que percorrer ainda uma extensão de quatro leguas sem encontrar viva alma e nada felizmente me assustava, pelo contrario o meu pensamento achava guarida n'aquelle deserto, entre a escuridão e o silencio sepulchral que invadia os cerrados.

Depois de boa marcha parei para consultar o relogio e furtar-me por um instante ao chouto do animal. Eram 9 horas. Santa Maria não podia estar longe, quando muito legua e meia, foi o que pensei.

Infelizmente enganara-me, porque ás 10 e meia horas em vez de Santa Maria, estava perdido no meio de um pantanal sem saber como de lá sahir.

—Não ha duvida, perdi a partida e João da Matta já talvez esteja ás portas do arraial...

Mas como errei o caminho do telegrapho? Perguntava a mim mesmo sem poder atinar como d'alli me teria de safar.

A resposta era clara.

Tornando-se escura a noite, perdera de vista os postes, rompendo atravez do chapadão.

N'estas emergencias que fazer para sahir do buritysal? Accender lume?

Não tinha phosphoros.

Pantaleão rinchou quebrando o silencio d'aquellas paragens.

Uma idéa acudiu-me á mente, como o raio que illumina o espaço. Soltar o cavallo com redea e tudo e deixal-o pelo instincto, pôr-se a via de salvamento. Foi o que fiz e que logrou exito completo. Em paga caminhei a pé um bom espaço, poupando-o e deixando-o seguir vagarosamente na minha frente. O animal mais alliviado continuava a rinchar.

Ás onze e um quarto avistei uma luz ao longe, logo depois outra, mais outra e finalmente um largo espaço esbranquiçado a reflectir-se pouco adiante de mim. Era um corrego que transpuz a vao e subindo a collina percebi que estava em Santa Maria onde procurando o rancho não encontrei nenhum dos companheiros.

Apesar de fatigadissimo soltei um grito de satisfação e exclamei em seguida:—Eis como um carioca passa a perna ao mais amestrado sertanejo.

O sr. Angelo, dono do rancho e negociante italiano, alli estabelecido, sentindo bater á sua porta mandou-a abrir no momento em que o Damasceno acabava de chegar, afflicto e admirado bastante de me encontrar, pois suppunha-me perdido. Como o visse só perguntei:

—Que fim levou o grande João da Matta?

—Ficou de pouzo, respondeu, na beira da estrada a uma legua do Gengibre.

—Ora ahi está. Quero vêr se ámanhã terá ainda a mesma basofia.

Uma vez peiados os animaes, e tendo cada um de nós tomado delicioso cognac, tratámos de dormir apoz uma jornada de treze leguas n'um dia.

Upa! que se a cousa fosse sempre assim, jámais daria conta do recado.

E era certo.

O arraial de Santa Maria ou do Alegrete como melhor o chamam, é uma pequena povoação dezeseis leguas distante de Uberaba. Ha alli apenas tres lojas de fazendas e molhados, uma pequena capella que serve de matriz, algumas casas cobertas de telha, umas trinta choupanas de palha e uma escola publica dirigida então pelo professor Francisco Motta, meu conhecido de outros tempos.

Procurando-o no dia seguinte ás oito horas da manhã em sua casa, dei com elle a lêr jornaes e muito admirado ficando de vêr-me assim tão inesperadamente. Como a agencia do correio estava confiada á sua mulher, alli encontrei folhas de Goyaz, n'uma das quaes li a seguinte noticia:

«Com dez dias de viagem chegou a Uberaba o coronel A. Caiado, que devia ter seguido para o Rio de Janeiro.»

—Ora eis aqui quem está bem longe de se parecer com o tal João da Matta.

Pelo caminho mais curto, a distancia entre Uberaba e Goyaz é de cento e dez leguas, logo por conseguinte venceu o homem nada menos de onze leguas por dia, o que já é alguma cousa para quem emprehende uma tão grande jornada e ida e volta sem demora.

Apoz rapida palestra, voltei a casa do sr. Angelo, acompanhado do professor Motta. O famoso João da Matta já havia chegado e depois de saudar-me por lhe haver ganho a partida da vespera, montou a cavallo e lá se foi provavelmente resolvido a não mais se deixar apanhar.

Terminada a refeição despedimo nos e continuámos tambem a viagem.

De Alegrete em diante, o caminho descortina-se sobre o chapadão, cujo sólo arenoso cede ao pizar dos animaes, extenuando-os lentamente. Casaes de seriemas, precedem-nos na estrada, e uma ou outra ave atricaude, passa sobre nossas cabeças, assim como bandos de papagaios e periquitos fazendo um alarido de mil diabos.

Ás oito horas da noite fazemos pouzo, n'um rancho á direita da estrada. Vae o leitor vêr agora quanta cautela deve ter um viajante para não ser explorado sem mais nem menos por qualquer sujeito de beira de estrada. O pouzo ao qual acabamos de chegar, consta de um rancho apparentemente bom, porque é fechado e caiado, ha alli aposentos reservados mas nus de mobilia. Se bem que falte muita cousa para proporcionar ao viajante uma boa hospedagem, é no entanto um dos melhores ranchos dos que orlam em largos intervallos, a estrada até o porto de Paranahyba. Ao lado do mesmo existe tambem uma casa caiada onde o proprietario tem uma bodega, cozinha e alguns commodos devolutos.

Chegado ao rancho, disse-nos o João da Matta, o qual já alli se achava que se quizessemos qualquer cousa da venda ou mesmo da cozinha, o melhor era mandar pelo negro que tomava conta da casa, chamar o dono da mesma para sermos servidos em tempo. Este senhor morava n'uma fazenda proxima e é conhecido por João Sovina.

Feito isto veiu o homem e pedimos-lhe o favor de mandar-nos preparar tres duzias de ovos e mais o que houvesse para ceiarmos. Qual não foi porém o nosso espanto, quando ao irmos para a meza encontrámos apenas uma terrina com feijão e uma duzia de ovos fritos e virados dois a dois para se nos fazer crer que eram as tres duzias? O feijão de tão velho e duro ninguem o poderia trincar e muito menos fazer a cocção d'elle no estomago. Dirigi-me então ao rancheiro e fiz,

vêr que desejava ser servido por melhor fórma; mas oh bocca que te queixaste!

O cosinheiro, pobre preto velho, depois de levar uma descompostura em regra «que o feijão estava cru e que da obrigação não sabia cuidar», respondeu cathegoricamente que pelo contrario a culpa cabia não a elle, porque o feijão era velho e carunchoso, que estivera ao fogo o dia inteiro e que quanto ao mais fazia o que lhe mandavam. *Tableau!*

Antes de me deitar, com tenção de partir cêdo d'aquelle covil, pedi a conta e quitei-me promptamente, mas no dia seguinte mil contratempos surgiram, um animal tinha desapparecido e só foi encontrado bastante tarde. Quem teve interesse de o esconder é o que não sei. Talvez algum bilontra sertanejo.

Assim pela hora adiantada tivemos de comer fosse o que fosse, e o *bom* homem deo-nos ossos de capado e feijão do mesmo da vespera, para almoçar.

João da Matta fôra mais feliz, tinha partido ás seis horas da manhã.

Pedindo de novo a conta, paguei os ossos, paguei o feijão, paguei o caruncho, paguei a pouzada, paguei o milho, paguei o... e partimos d'alli com a barriga vazia.

—Vamos Joaquim, dizia, é preciso chegar-mos ainda hoje a Monte-alegre, e os animaes que talvez houvessem passado melhor do que nós, pareciam dispostos a não sahirem tão cêdo da marcha em que iam.

O leitor ha-de-me perdoar, ser franco ao narrar certos factos, porque entendo que a não lhe ministrar a verdade, melhor fôra depôr a penna e cuidar n'outra cousa. Quem paga não pede abuso e o sujeito que se colloca á beira de uma estrada, deve ser mais hospitaleiro do que explorador. Isto vae pois com vista aos viajantes inexperientes.

Aproveitando a linha telegraphica, seguimos por ella encurtando assim a marcha e poupando aos animaes o terreno molle e arenoso da estrada geral.

Um ou outro caãpoam se divisa de espaço a espaço, e nas

cabeceiras e depressões de terreno, lindas filas de buritys (Mauritia vinifera), palmeira que vegeta tão sómente nos sitios de humidade perenne.

Caminhámos muito, vencemos uma ou outra difficuldade que se nos deparou, até que pelas quatro horas e tres quartos da tarde, estando adiantado dos companheiros, aproximei-me da cazinha de um morador na beira da estrada a uma legua apenas de Monte-alegre. A choupana do rancheiro, uma cazinhola como tantas outras que em longos intervallos se divisam nas margens da estrada, estava collocada em suave declive nas proximidades de um regato. Sentia vontade de descançar alguns minutos e por isso apeando-me, dirigi-me ao morador que se achava do lado exterior, e pedi-lhe para mandar preparar um café. Como mandasse-me entrar, procurei a porta em cuja entrada se achavam duas raparigas de geito alegre e que da cidade alli haviam chegado antes, a passeio. No aposento que servia de sala, logo em frente da entrada, havia um giráo sobre o qual estendido como um Pachá, fumando charuto, havia um rapaz de physionomia sympathica, vestido á militar, e que não tarde reconheci ser o cadete Silveira Martins, filho do ex-senador do mesmo nome. Era membro da commissão Cunha Mattos.

Em outro giráo mais estreito e desmantelado, entre varias pessoas, distingui ainda um sujeito que se me tornou logo saliente pela figura, modos e trage. Este era o muito digno senhor vigario de Monte Alegre, o padre Angelo Petralha.

Ao centro da saleta, um sujeito acaboclado trabalhava tranquillamente em gaiolas de taquara. Comprimentei a todos e tomando assento chamei-os á falla, visto com a minha presença haver cessado a conversação. Já havia dito de onde vinha e para onde ia, quando o gaioleiro, erguendo-se interroga-me d'esta fórma:

—Homem, ainda que mal pergunte, V. S. não me saberá dizer quando deve por aqui passar um tal doutor Xocar Leal?

—Não conheço ninguem com esse nome, respondi contendo o riso.

—Quê, pois o senhor nunca ouviu nem ao menos fallar n'este sujeito? Olhe que é um *home* de habilidade rara e muito conhecido por este sertão fóra.

—Não duvido, mas ignoro quem seja.

—Ora essa.

E accrescentei:

—Qual é a profissão d'esse sujeito de quem falla?

A profissão? Ora elle é o diabo. Segundo dizem é cirurgião e pelos modos parece que muito *bão*. No dia em que eu vir o tal *butélo* sou capaz de ficar *entabocado*.

—Que me diz?!

—Nem mais nem menos. E o homemzinho revirava a cabeça, gesticulava, mettia as mãos nos cabellos. mostrando desejos de conhecer o tal *butélo*.

—Pois não precisa ficar *entabocado*, porque o tal *butélo*... sou eu; disse afinal olhando para o padre que distrahidamente lia um papel.

—Quê, o senhor?! Pois V. S. é que é o tal *Xiocá Leal?*

—Perdão, Oscar Leal.

—Pois *só Roscá* Leal, continuou, foi em vêr o senhor que eu me *fuchiquei*... Ora eu logo vi que tinha de sentir uma *gastrura* quando visse vossa senhoria.

—Deixa-te disso meu velho e toma lá um cigarro, e offereci-lhe um cigarro que elle desconfiadamente me devolveu.

—Não *pito* d'isto.

—Porquê?

—Nós por cá só *pitamos* cigarros de palha, e este é de *papé*.

—N'esse caso toma este charuto.

—Sim senhor, acceito mas é para guardar como lembrança de sua pessoa. Isto sim, é *mantêna*.

Felizmente o café chegou a tempo de acabarmos com aquella enfadonha conversação, e partirmos sem demora em direcção á cidade.

O terreno n'este espaço é mais accidentado e coberto por espessos cerradões.

Ainda d'esta vez, ou porque seja realmente meu costume marchar depressa ou porque parassem os companheiros, o caso é que cheguei a Monte Alegre ás 6 horas da tarde, só e com bom avanço.

Ao passar pela parte baixa do largo da Matriz, conheci ao longe o cidadão Vicente Meirelles, que se achava assentado na soleira da porta de sua casa e a quem saudei sem que me reconhecesse.

Procurando o hotel do Moura lá me fui hospedar. O predio em que se achava estabelecido este hotel, é talvez a melhor casa d'essa cidade pertencente ao coronel Vilella de Andrade, o homem de mais influencia politica que alli existe, o qual conta no municipio quasi todo o eleitorado. Escusado é dizer que esse bom velho, é homem adiantado e patriota, republicano e como elle todos os que o acompanham.

Monte Alegre, como ha tempos me expendi, é uma pequena cidade, comtudo d'esta vez pareceu-me prosperar.

Em vez de rancho já tem hotel, um salão de bilhar e botequim, uma typographia onde se publica um pequeno jornal mal redigido e com má direcção.

O seu redactor, apesar de não conhecer, segundo me informaram, é um typo pretencioso de pouca educação levando o seu pedantismo a ponto de julgar os outros por si. Resposta é que nunca obtem. Essa folha que se publicava semanalmente, disseram-me ser propriedade de varios associados.

Pouco depois de minha passagem por alli, quebrou a empreza, pois o publico nem sempre está para ser besta de carga.

O commercio de Monte Alegre acha-se mais animado com a aproximação da via ferrea. Tende tudo pois a melhorar.

Em descanço e de falha por causa do tempo chuvoso que por duas vezes nos interrompeu a viagem, alli ficámos durante os dias 11 e 12 de maio. João Damasceno uma ou outra vez

apparecia-me para saber quando tinhamos de partir. Era um bom rapaz, de rosto imberbe, delicado, tratando-me sempre com todo o acatamento e procurando ser-me agradavel em tudo quanto estivesse ao seu alcance.

O cadete Silveira Martins que encontrára de passeio na casa do tal lavrador, voltára á cidade e achava-se hospedado tambem no hotel do Moura, em um aposento visinho ao meu. Excellente *flaneur*, não se passava um instante em que se não ouvisse a sua voz.

A noite de 12 passámol-a ao jogo do bilhar, n'uma partida bastante interessante e longa, jogando eu e o capitão Villanova contra dois outros officiaes da commissão telegraphica.

A 13, primeiro anniversario da aurea lei que libertou os captivos, logo apoz o almoço, deixei Monte Alegre, em companhia do sargento Medeiros, que se dirigia para o acampamento, onde chegámos uma hora depois. O aspecto geral, a disposição das barracas, que eram em grande numero, os carros de bois, a cavalhada, o vae-vem das praças de cavallaria, tudo formava um conjuncto de agradavel perspectiva.

O terreno em que se achava o acampamento, era a principio ligeiramente inclinado, terminando n'um declive que beira as margens de um corrego atravessado pela estrada. Entrei na barraca do sargento Medeiros, e acceitando umas fructas, dei de mãos e bocca a ellas, só d'alli sahindo á uma hora da tarde para ir pouzar na Viçosa, além cinco leguas. Viçosa é o nome de um sitio, cujo morador se achava ausente, estando lá apenas uma mulher tomando conta da casa e que nos deu pouzada. Este sitio era verdadeiramente triste e solitario. Uma immensidade de baratas como nunca vi, percorria o interior, fazendo estalar a palha interposta nas varas da paredé. Os nojentos insectos vagavam pelo sólo, invadiam os arreios; e fóra da choupana, milhares d'ellas tingiam com a sua côr horripilante as grotas, as fendas da madeira, os côchos e as bicas d'agua!

Horrivel! Não eram só baratas mas tambem uma ordem de insectos—aphanipteros que nos atormentavam a valer.

De noite despertei muitas vezes atormentado com as malditas baratas. Introduziam-se-me na roupa, no chambre, nas meias, nos cabellos. Para vêr-me livre dos habitantes da Viçosa, mandei buscar os animaes antes de amanhecer, e partimos d'alli ao romper da aurora.

A's dez horas da manhã chegavamos ao Passa-tres, no sitio fóra da estrada, d'um lavrador viuvo e que nos recebeu com agrado, offereceu-nos almoço e milho para os animaes sem acceitar retribuição.

Depois de algum descanço partimos de novo, buscando a estrada geral que nos ficára á esquerda.

O sol continuava ardente, nem parecia estarmos em meiados de maio. O calor e a poeira eram então os maiores contratempos durante esta viagem. De vez em quando a minha attenção parecia despertada por bandos de gafanhotos enormes que esvoaçavam sobre nossas cabeças. Esses gafanhotos cujo comprimento era de meio palmo, tinham uma bella côr azul com sulcos pardacentos.

Seriam tres horas da tarde quando chegámos á margem esquerda do rio Paranahyba, em face da povoação do Ritão, antigo arraial de Santa Rita.

N'este porto, o unico meio de locomoção fluvial, é a tal barca que ainda está em uso, isto é, um assoalho avarandado, preso sobre tres canoas quasi sempre fendidas e cheias de agua que a todo o momento tratam de alijar fóra.

Chegados ao barranco avistámos no alto fronteiro da outra banda, os remadores ou passadores assentados sobre umas madeiras na porta da casa do administrador do porto. Está claro que se fosse outra especie de gente mais activa e laboriosa, não teriamos que esperar o tempo que esperámos, pois aquelles desidiosos só depois que gritámos muito e muito é que se dignaram descer o barranco, soltar a barca, e trazel-a ao sitio do embarque.

Ah meu caro leitor, se tendes percorrido os nossos sertões, os logares onde a vida é facil por causa da caça e da pesca, deveis saber que esta gente caminha para o entorpecimento, para o tumulo. Esta gente não falla—boceja, não anda —arrasta-se, não vive—vegeta. Para ella não ha ambição, nem luxo, nem dinheiro, nem conforto; não ha nada e que corra a vida como o barco á mercê da corrente. Para quem como eu até esta data já tem percorrido quasi todos os estados do Brazil, e conhecendo geralmente a indolencia quasi geral do nosso povo, pouco ha a dizer e muito menos fazer nas occasiões difficeis com tal gente, que tudo é perdido, dinheiro, tempo, paciencia, conselhos e tudo o mais. Palavras que lhes dirijamos no sentido de os guiar por melhor caminho, são perolas que deitamos a porcos.

Apenas saltei no porto de Santa Rita, vi que a noticia da minha chegada correra com a velocidade do raio. No alto do barranco, estavam á minha espera os srs. Franklim Vieira, e Augusto de Freitas, negociantes, Modesto do Egypto, delegado de policia, Jacintho Brandão, Eduardo, e outros.

Depois de cumprimentar a todos, dirigi-me para o modesto *hotel* que alli existe, cujo proprietario o sr. Rodrigues recebeu-me com agrado e hospedou-me da melhor fórma possivel.

Eis-me pois dentro do Estado de Goyaz, mas não ainda no meio de verdadeiros goyanos, porque com pequenas excepções quasi todas as pessoas mais bem collocadas alli, são de outras provincias.

Relatar aqui tudo quanto occorreu durante os dez dias que lá permaneci, seria fastidioso; todavia no firme proposito em que estou de amenisar o mais possivel estas minhas no-s, relatarei o que fôr-me vindo á memoria, segundo os pontamentos tomados durante a viagem.

A teimosa mania de muitos frades e padres antigos que ) cuidavam em incutir no espirito publico por todos os mo-os a idéa da santidade, deu logar a que muitas localidades

do Brazil sejam conhecidas e citadas pelos nomes de santos e santas que enchem as folhinhas e só n'ellas deviam ficar. Assim este logar que ainda é conhecido por Santa Rita, bem merecia ter uma denominação mais historica e que lembrasse ao menos a nação indigena que alli existia em remotos tempos. Alguem julgando difficil esta mudança, lembrou-se de mais cautelosamente denominar o logar, em vez de Santa Rita —Ritão. Saiba pois o leitor, que estamos agora no arraial do Ritão, palavra que se escreve só com um a.

Nas visinhanças do arraial ha um ribeirão chamado do Sa... quero dizer, do Sarrento, ao qual affluem em certas horas do dia numerosos banhistas. E' quasi uma praxe ou tributo aquellas aguas o ir o viajante banhar-se n'ellas. Assim no dia 15 de maio, segundo de minha estada, veiu o sr. Franklim convidar-me a pagar o dito tributo e não só com elle como com outros companheiros, partimos para o rio que corre encachoeirado, atrávessa a estrada de Morrinhos e desemboca logo abaixo no Paranahyba.

O passeio pelo local pittoresco e aprasivel, é na verdade magnifico. As aguas passam n'um canal que póde ter umas sete braças de largura, sobre um leito de pedra escorregadia e sombreado durante a maior força do sol, por uma abobada de verdura, de cipós e liames entrelaçados nos ramos das arvores, que vegetam em uma e outra margem e se estendem nas leziras ao longo do rio. Com pequenos claros, o resto do solo cobre-se de gramineas e de capim gordura (Tristegis glutinosa), uma boa forragem para os animaes nascidos nas terras que o produzem como planta nativa, aliás segundo Saint Hilaire, considero-a tambem de má qualidade. Em uma sinuosidade que o rio tem, pouco abaixo do sitio em que nos banhamos, ha um poço profundo, e uma vez dentro d'agua, abri os braços e dirigia-me para lá, procurando lugar onde podesse nadar, mas fui obstado pelos gritos dos companheiros que me avisavam ter alli seus penates, uma enorme sucury. A princi-

pio tomei por troça, mas finalmente os gritos foram taes que aterrorisado não mais para lá encaminhei-me.

A sucury (boa murina), é uma serpente enorme, de vinte, trinta e mais palmos de comprimento, que vive quasi sempre nos charcos e pantanaes. Para matar um boi, atira-se ao animal e enrolando-se-lhe ao redor do corpo quebra-lhe os ossos, derruba-o e devora-o em poucas horas. O couro d'esta serpente é usado na fabricação de botas, sapatos, malas, etc. Do tal representante da especie, apenas ouvi a historia, não chegando a ter o gosto e o susto ao mesmo tempo de o vêr.

Consistia o maior prazer dos banhistas em atirarem-se á agua do alto de um barranco ou de cima das arvores, mas com todo o cuidado para não baterem a cabeça nas pedras depositadas ao fundo do rio. A mais pequena quéda, a frieza da agua, um galho que impedisse o mergulhador, tudo era motivo de troça. Aquelles banhos eram pois acceitaveis por dois motivos, pelo seu lado hygienico e pelo seu lado comico e aprazivel.

O arraial do Ritão estava um pouco mais animado do que da outra vez, quando por lá passei de volta do centro de Goyaz. Haviam agora quatro boas casas de negocio, alguns predios modestos mas novos, e um pequeno augmento na população.

Na tarde do dia 17, o sr. Modesto convidou-me a ir matar pombos do outro lado do rio, e transpondo-o em uma fragil canôa, chegámos á praia de onde levantou o vôo, enormes bandos de juritys sem que houvesse tempo de n'ellas atirar. Occultas pelas ramagens, conseguimos apenas matar tres ou quatro, ou diga-se a verdade, elle matou tres ou quatro porque eu infelizmente toda a vez que fazia fogo errava a pontaria, ou conseguia apenas arrancar com o chumbo, algumas pennas dos espertos volateis.

Internando-me pela matta e deixando o companheiro no seu ponto de observação, não muito longe ouvi o grito rouco de uma arara azul, que reconheci depois ser da especie (Psi-

ttacus hyacintinus) que acabara de pouzar no galho de uma arvore secca, a respeitavel distancia do lugar em que me achava. Quasi de rastos, ora acocorado, ora de joelhos, rompi vagarosamente por entre espessas moutas de festuaceas que impediam a passagem, até que julgando-me com a causa ganha, apontei e fiz fogo. Ainda d'esta vez errara a pontaria, o cumulo do coiporismo. Em seguida á detonação produzida pelo tiro e que resoou em toda a floresta, um clamor extraordinario partiu das copas das arvores. Não era uma arara, era um bando d'ellas que alli se achava e que desappparecia nos ares em ruidosa manifestação de gritos roucos e capazes de ensurdecer os melhores ouvidos.

Mandando ao diabo as malditas araras, rompi de novo a floresta e procurei o companheiro. Elle esperava-me na praia assustado pela demora.

O sol acabava de sumir-se no horisonte e surgia a lua fazendo prever uma noite esplendida.

Ao embarcarmos na pequena ygarité, senti viva comichão pelo corpo.

—Que será isto? dizia com os meus botões.

O Modesto que acabou por comprehender a causa do meu incommodo, respondeu:

—São jatiucas.

—Jatiucas! Exclamei.

—Carrapatos, que é a mesma cousa.

—Bonita caçada! Em vez de pombas e araras levo carrapatos.

Atormentado cada vez mais ao saltar na margem direita do rio, corri ao hotel onde ás pressas mudei a roupa friccionando o corpo com aguardente.

Um dos grandes motivos de satisfação que tive no Porto do Ritão foi a chegada ahi do estimado cavalheiro Carlos Mar-

quez, fazendeiro, residente do outro lado do Paranahyba e irmão do meu amigo Tiburcio Marquez.

Carlos Marquez é um homem de boa idade, alegre, jovial e facêta, extremamente sympathico, amigo dos amigos e sobretudo um fino sectario das ideias modernas. Filiado ao partido republicano, manifesta-se sempre de uma maneira brilhante na exposição succinta de suas crenças; não falla—grita, não brinda—berra e tudo isso pelo fanatismo a que o arrasta a ideia da liberdade.

E' que n'aquelle coração ha patriotismo e abnegação simultaneamente.

Como já disse a chegada de Carlos Marquez foi um motivo de alegria para muitos dos que se achavam no arraial do Ritão.

Depois de receber a sua grata vizita pedio-me para acompanhal-o até a casa do sr. Augusto de Freitas onde deveria haver uma reunião essa noite.

Acceitando o convite para lá fomos encontrando-se alli cerca de vinte e tantas pessoas á nossa espera e entre as quaes se achava tambem o cidadão acima, dedilhando as cordas d'uma guitarra, cujos harmoniosos sons quebravam a monotonia local. Tinhamos tambem violões, flautas e outros instrumentos.

Assim nada faltava para podermos passar algumas horas agradaveis, tanto mais que de vez em quando gemia o saca-rolhas no gargalo das garrafas de cerveja allemã e no meio de certo enthusiasmo que aquecia com toda a rapidez, ouvio-se a voz de Carlos que brindava a todos os circumstantes saudando á futura republica do Brazil. Constrangidamente e conhecendo quão poucos são os recursos oratorios de que disponho, fui onvidado a fazer uso da palavra e fallar em nome da grande ausa, sendo por vezes interrompido com brados de enthuiasmo que a minha humilde palavra provocava no animo dos avintes.

Ás onze horas da noite tendo fallado tambem Carlos Mar-

quez e outros cavalheiros foi assignado o seguinte manifesto por nada menos de quinze cidadãos, doze dos quaes eleitores.

Eis o manifesto: [1]

> «Nós abaixo assignados declaramos que d'ora avante adherimos ás idêas republicanas, visto conhecermos que só a republica trará a felicidade para a nossa patria.»

Seguiam-se as assignaturas.

Cada vez que um dos convivas assignava o manifesto, soltavam vivas os mais circumstantes. Apóz os discursos seguio-se um concerto de flauta, violão e guitarra sendo eu o flautista, pelo que posso garantir que foram todos flauteados.

A gastronomia tambem teve sua hora n'essa noite de verdadeira galhofa. Agora não eram as garrafas que gemiam eram as latas de linguiça, de perdiz, de porco, de sardinhas, de azeitonas, que se esvasiavam ás duzias no meio de um enthusiasmo delirante.

Só por volta das duas horas da noite estava terminada a festa para recomeçar em plena rua abaixo até a margem do poetico Paranahyba ao som de uma serenata deliciosa.

O Rodrigues fôra dos poucos que se esquivaram a compartilhar da nossa festa, por isso lá lhe fomos bater á porta do hotel em um alarido de mil diabos sendo prompto em deixar a quentura do leito, descer as escadas e vir ao nosso encontro mas mal sabia elle no que se mettera. Era tal o enthusiasmo que agarramos o pobre homem pelas pernas, suspendemol-o n'uma gritaria infernal e sem que lhe ouvissem os gritos, o deixavamos involuntariamente bater a cabeça no baixo tecto. Só no dia immediato é que o Rodrigues explicava claramente a

---

(1) Isto se dava em 15 de maio, isto é seis mezes antes da proclamação da Republica no Brazil pelo immortal Deodoro no Rio de Janeiro.

ximfranada mostrando os gallos que lhe assignalavam a testa. Depois d'um somno reconstituinte que se prolongou até ao meio dia immediato levantei-me ainda entorpecido.

A uma hora da tarde recebi a visita do sr. B... professor publico, que foi-me pedir para riscar seu nome do manifesto pois arrependera-se de assignal-o e se o havia feito, fôra por influencia...

Foi logo servido.

O empregozinho, comprehende o leitor. Ah liberdade tu estás enraizada no coração de todos, no entanto teus inimigos estão em ti mesma. O sr. B... d'ahi a mezes ficou sem emprego em plena monarchia porque a escola de Santa Rita foi supprimida e um anno depois quando por alli passei de novo estava o pobre velho ainda desempregado e morando em um rancho nos arredores do arraial. Infelizmente a republica ainda até esta data não cuidou da reforma da instrucção publica e as escolas que por exemplo conta o Estado de Goyaz alem de sérem em numero limitadissimo são na maior parte regidas por homens pouco habilitados e diligentes.

A 24 partia do Ritão sendo accompanhado ao botafóra pelos srs. Franklin Vieira, A. Rodrigues, Monteiro, Carvalho e outros.

O meu companheiro de viagem até a capital goyana era d'ora avante o cidadão Aprigio Nelson de quem hei-de ter mais de espaço que fallar n'estas nótas.

Seriam seis horas da tarde quando fizemos pouzo em casa do sr. Joaquim Venancio que de antemão me esperava.

Os usos e costumes goyanos iam-se-nos mostrando palpaveis. O Estado de Goyaz tem sido admirado sobretudo pelas suas bellezas naturaes e facilidades da vida que alli se encontram. A outros respeitos elle merece fixar a attenção de viajante e do ethnographo.

Eis a hora em que tudo desperta na natureza; ha lá nada que se possa comparar ao explendor de uma manhã nos sertões?! No meio d'aquelles bouquets de verdura que esmaltam os campos e chapadões, as frescas brisas matutinas agitam as cópas convexas das palmeiras e uma atmosphera deliciosa offerece-nos os mil aromas das plantas odoriferas dos caãpuams. Os passaros que se occultam entre as espessas ramagens durante as horas de maior calor, saltitam agora de ramo em ramo, de arbusto em arbusto, as flores se endireitam nos caules e de todos os lados ouvem-se ruidos e cantares que só terminam quando o sol se somme no seu occaso.

Depois de uma marcha de sete leguas chegamos ao sitio do Teixeira outras seis aquem de Morrinhos. Teixeira não se achava em casa, mas sem difficuldade obtivemos pousada. Haviam alli algumas mulheres que me consultaram sobre varias enfermidades que disiam soffrer. Uma d'ellas preparou-nos a ceia constante de gallinha com arroz e quibébe, que foi servida sobre uma banca de carapina á direita do paiol do milho.

A noite estava clara o que havia facilitado ao guia deixar os animaes peiados n'um encosto, apenas cada um dera conta da ração de milho. N'estas condições poderiamos sahir d'alli ao romper do dia e chegar a Morrinhos antes das onze horas da manhã.

Acceitando o favor de melhor agasalho deixei os companheiros no paiol e fiz meu leito sobre um giráo na saleta da casinha. Aprigio apreciador do relento, contemplava a abobada celeste e mirava as constellações da Aguia e do Centauro, como quem deixa vagar o pensamento nas regiões do infinito.

Não tão cedo como desejavamos, mas ainda com a frescura da manhã e illuminada a terra com a luz do astro que a fecunda, lá partimos satisfeitos d'aquelle pouso.

O cavallo que offerecera ao Aprigio para fazer a viagem era um matungo, grande, corpulento, pouco mais idoso que o meu e menos velhaco que este, todavia o seu nome dava que pensar a todo o cavalleiro que o não tivesse já montado. Chamava-se Bilontra. Bom ou máu, Aprigio acostumara-se e preferia-o ao mais experimentado, e o certo diga-se é que o bicho só tinha um andar, nem muito depressa, nem muito devagar. Não era lerdo e n'este gosto fazia bem sete ou oito leguas diarias.

A's nove horas, passado o sitio do Tijuqueiro, bem adiantado dos companheiros, procurando sempre atalhos e deixando a estrada de carro, segui á direita por um caminho estreito e sinuoso ao longo de abrupto cerrado. Dentro em trinta minutos, ao sahir n'uma bifurcação, tomei ainda á direita sem calcular estar errado, mas depois de muito caminhar, de ter descido ingreme serra coberta de matta virgem, e avistar a porteira de uma roça, comprehendi em que lençoes me mettera. Convicto do engano, apeei-me, passei a porteira, e como não avistasse ninguem não fiz mais do que voltar atraz. Nem viva alma alli apparecia, pois ao grito que então desprendi com toda a força dos meus pulmões, apenas respondeu o ecco na espessura do immenso bosque.

Consultando o relogio, vi que eram dez horas e alguns minutos, o que significava ter andado quasi legua e meia em caminho errado e ter de percorrer talvez egual distancia para de novo alcançar a estrada.

Estava a reflectir na situação, quando do lado da roça notei partir um rumor confuso, um méche-méche, sem poder atinar com o que fosse. Enveredei a pé de novo por um trilho que bordava a matta e doze passos não teria dado quando me vejo face a face com um bando de catitús que voltavam provavelmente do cannavial onde se estiveram regalando até áquellas horas. Os bichos ao verem-me, espalharam-se enfiando cada qual por um lado e soltando grunhidos.

Apenas tinha na cintura um rewolver antigo, carregado

com seis capsulas e como esta é uma arma de segurança individual, não me animei a fazer fogo, deixando-os seguir em paz.

Todavia a errada que tomára em troca de um d'esses animaes não seria das peiores cousas, pois a carne do catitú é saborosa e parece-se com a do nosso porco domestico.

Demais estava sem almoço e sem esperanças de almoçar tão cêdo n'aquelle dia, fôra pois um achado-perdido. Continuando a reflectir pelo alvitre quo deveria optar n'estas emergencias, fiz um calculo no ponto em que me achava sobre a distancia que teria a vencer, se voltasse para traz. Era claro que tendo tomado erradamente o caminho da direita a estrada geral devia forçosamente achar-se á esquerda. Talvez que as duas formassem apertado triangulo a ponto de poder em meia hora cortal-o com a minha passagem; tambem podia ser que subindo de novo a serra e ganhando o chapadão, encontrasse um trilho que me conduzisse ao meu destino. Isto porém eram apenas conjecturas que se me cruzavam acceleradamente na cabeça sem terem a fórma de uma idéa fixa.

O que me pareceu afinal de mais facil execução, foi abrir a porteira, atravessar a roça, descendo sempre até vêr se do lado inferior encontraria alguem que me guiasse e esclarecesse.

Montando a cavallo segui em rumo esquerdo. Ao chegar á borda da matta notei que esta era bordada por um trilho, no qual havia rasto de animal ferrado. Eis pois um bom signal.

N'este momento e com a minha approximação levantou precipitadamente o vôo, um bando de papagaios sumindo-se nos ares em uma gritalhada infernal. Quantos inimigos tem o lavrador do sertão! Só os papagaios e porcos do matto são sufficientes para dar cabo de uma roça de milho. No entanto ha muitos outros quadrupedes como as antas, as queixadas, cutias, macacos, quatis e outras muitas especies que são verdadeiros perseguidores do trabalho humano.

Sem me importar com a gritalhada dos papagaios, conti-

nuei a estudar cuidadosamente o caminho coberto de pégadas e que á medida dos meus desejos, segundo o calculo já formulado, rompia de certa altura em diante, quasi em linha recta atravez da floresta. Sahisse onde sahisse, désse onde désse, esse caminho era um visivel atalho. Assim segui por elle vagarosamente, porque os cipós e ramos das arvores impediam a passagem a todo o momento.

A matta era espessa e sombria. Haviam alli numerosos Jatobás ou Jatahys, da familia das Leguminosas, especie (Hymenœa stilbocarpa) de cujo tronco tira-se um licor que usado a miudo, fortalece e engrossa a voz, dando a ella maior volume e belleza de tom. Dos ramos e troncos d'este vegetal corre voluntariamente uma resina que já é empregada na medicina e nas artes. A fructa ou a vagem de Jatobá é comestivel. Tinhamos á vista tambem ainda numerosos representantes da flora indigena, entre os quaes a (Eugenia cauliflora) de Martius, cuja fructa é muito apreciada; uma especie das Terebinthaceas, a aroeira cuja baga é trilocular e contém uma semente em cada loculamento, varias especies de palmeiras, etc.

Já tinha percorrido cerca de dois kilometros em pleno bosque, e estava examinando um arbusto cujas floreszinhas amarellas me chamaram a attenção, quando em uma sinuosidade, a vinte passos adiante de mim, vi surgir uma matilha de cães, jungidos dois a dois que pararam soltando latidos, e logo montado em uma besta pangaré, um sujeito que pelos modos andava á caça.

—Que felicidade! Vou ter quem me guie, ou pelo menos saber se estou em bom caminho, disse comigo.

O sujeito era um caboclo, com um enorme papo espheroidal a pender-lhe da parte anterior do pescoço, vestido com chapeu de couro e gibão, compridos borzeguins presos á cintura, trazendo nas duas faces dos arreios enormes garruchas e uma espingarda a tiracollo, além de collossal facão que servia provavelmente para abrir caminho atravez da floresta.

Ao vêr-me parou a respeitavel distancia, e fez um aceno exquisito, estapafurdio, levantando um braço, virando o corpo sobre os arreios e rindo-se de uma fórma extranha, deixando vêr em lugar de bocca, triste caverna.

Parecia-me mais um troglodyta que um homem dos tempos hodiernos.

Em qualquer cidade européa, se fosse posto em exposição um typo como este, com certeza enriqueceria meia duzia de emprezarios. A filha de Krao, mulher macaca, que eu vi nos campos Elysios de Paris em 1886, ao menos fallava e no seu rosto coberto de pellos percebia-se o sorriso da intelligencia.

Procurando chamar o *bicho* á falla e não sem algum terror e asco ante aquellas feições cobertas de terra vermelha, saudei immediatamente, e sem demora perguntava se esse caminho ia dar á estrada geral. Repetição correcta e augmentada do aceno de ha pouco. E ria o idiota sem me dar resposta e em vez de attender á pergunta que lhe fizera, avizinhou-se mais de mim, mettendo o dedo na bocca.

Isto alguma cousa significava.

Foi então que comprehendi qual o homem que tinha na minha frente. Era um surdo-mudo. Coitado, pedia um cigarro, dei-lh'o.

Elle apeiou-se, apanhou dois pausinhos seccos de uma madeira especial de apparencia porosa, friccionou-os seguidamente até desenvolver calorico, e logo que surgiu o fogo accendeu o cigarro.

Pela mimica tentei então vêr se conseguia algum esclarecimento d'esse lorpa, mas por mais esforços que envidasse, tudo foi debalde. Bem possivel é que elle me comprehendesse, mas a sua mimica era tão falta de acerto, tão problematica que nem o melhor methematico, tiraria d'ella solução. Apontava simultaneamente para todos os lados, olhava para o chão e para o espaço, balançando sempre o corpo e as pernas, sem deixar um instante de rir como um possésso.

—Adeus ó palerma, disse ao bruto, furioso por não dar

com o x d'aquella enigmatica conversação, e dando de espóras no Pantaleão, continuei a viagem interrompida sem proveito durante alguns minutos.

O pobre diabo além de parecer sandeo e ter uma figura horripilante, era surdo, mudo e papudo. Que desgraça. Em todo o caso, certo era que o caminho não me parecia simplesmente um trilho de caçadores.

O terreno agora mostrava-se menos accidentado, mas a espessura do bosque não soffria differença sensivel; pouco a pouco uma transmutação foi-se operando e dentro em meia hora tinha diante de mim, não um simples trilho mas um caminho espaçoso, orlado de plantas exoticas, de arvores pouco altas, cujos troncos pareciam ennegrecidos pela acção do fogo. Eram quasi tres horas da tarde e sem almoço, afflicto, apprehensivo sem saber em que ponto estariam os companheiros. Se me achasse armado de faca e espingarda não me faltaria caça, teria alli, como tantas vezes tem-me succedido, preparado um almoço de volateis moqueados, e bebido em vez de Fritzmark, o puro vinho de Jatobá, em vez de pudings teria á sobremeza saboreado magnificas fructas ainda não cultivadas nos nossos pomares como sejam os araticuns, muricys e bugaranas, e se a exigencia fosse tanta, provaria o saboroso chá das folhas de congonha. Um homem armado não morre de fome nos sertões do Brazil.

A não ser o susto e o tempo perdido por um lado, e aproveitado por outro, tudo felizmente se passára, e foi com grande satisfação que ás tres e meia horas da tarde, entrava na estrada geral se bem que ainda a boa distancia de Morrinhos.

Não teria dado ainda cincoenta passos, quando ao descer um declive avisto o Aprigio deitado muito a gosto á fresca sombra de uma licheira, fazendo a sésta na margem verdejante de um poetico regato. Ignorando de todo a direcção que tomára, mas convicto de que me não achava em avanço, alli me esperava.

Com pouca demora partimos, chegando a Morrinhos pelo declinar do dia.

—Que comer, sim senhor, é isto o que desejo e seja o que fôr. Se não tem carne fresca dê-nos secca, arroz, feijão e café, e por hoje ficaremos satisfeitos. Ámanhã tratar-nos-ha melhor, meu caro senhor Manuel Affonso.

Este sujeito com quem fallava é o rancheiro mais antigo de Morrinhos, e em cuja casa acabava de entrar.

O dia inteiro só com um golle de café no estomago e depois de vencer-se nove leguas a cavallo, é para uma pessoa chegar com appetite, na realidade.

Uma refeição preparada em quanto o diabo esfrega um olho, era o que desejava.

O Aprigio não parecia ter grande disposição. Foi direito para o rancho, estendeu-se ao comprido sobre um banco, e por lá deixou-se ficar até que o chamassem.

Felizmente Manuel Affonso, homem affeito a bem servir os seus hospedes, não se demorou em nos chamar, e ás sete horas da tarde considerava-me pois almoçado, jantado, ceiado e prompto a *fazer o kilo*, como se diz na giria sertaneja.

Tomára o unico aposento fechado que existe annexo ao rancho, afim de recolher os meus trens e poder em caso de necessidade, pernoitar livremente.

Procurando o sr. Galdino Marquez, para quem levava uma recommendação fornecida por seu tio Carlos, fui por elle acolhido de modo cortez, e fazendo-lhe companhia essa noite em sua casa, lá pernoitei. Estava tambem recommendado ao seu padrasto Coronel Hermenegildo pelo Dr. Leite Moraes de S. Paulo e ex-presidente de Goyaz.

Morrinhos, hoje, meu caro leitor, não é mais a antiga villa Bella, é a cidade simplesmente de Morrinhos, elevada a essa cathegoria talvez pelo seu futuro progresso, porque n'estes

cinco annos a unica differença que lá notei, foi ter mais uma casa commercial e mais alguns regos d'agua atravez das ruas, de onde um myope como nós, se alta noite por ellas vagueia, volta de nariz enlameado para casa. Algumas casinhas novas substituindo outras que não mais se puderam conservar de pé, orlam as ruas de Morrinhos e no mais o mesmo povo, o mesmo agrado e affabilidade que conheci da outra vez quando por lá passei.

Esquecendo no porto do Ritão varios objectos de urgente necessidade, não tivemos outro remedio senão falhar alguns dias, durante os quaes não faltaram distracções. Uma das mais agradaveis familias residentes n'essa occasião em Morrinhos éra a do sr. José Sotero, pessoa de quem conservo a mais grata lembrança.

N'esta occasião achava-se em Morrinhos o sr. Alves Godim, correspondente da *Gazeta de Uberaba*, que uma noite nos obsequiou com uma magnifica ceia, durante a qual fallaram os srs. João Elias, Sousa, e outras pessoas.

Assim se passaram alguns dias á espera dos objectos que haviam ficado atraz.

A 4 de junho tomámos o caminho de Paracanjuba, valendo-nos da companhia de um rapaz por nome Narciso, fiscal dos correios, e que seguia em direcção ao Catalão.

Mandando o meu empregado Jeronymo, seguir atraz com as azemalas, rompemos nós adiante, chegando ás 11 horas da manhã ao sitio de D. Barbara, onde nos foi gentilmente servido um lauto almoço depois do que continuámos a viagem.

O aspecto phisico do terreno continua a ser o mesmo. Ora campos cobertos de fogo, lançando aos ares nuvens de fumaça, ora por outros lados pequenos caãpuams e lindos buritysaes.

Desde minha partida de Uberaba o tempo conservava-se enxuto, fazendo sempre de madrugada um friosinho impertinente, e durante o dia intoleravel calor, deixando-nos a cada momento cobertos de suor. A menos que se não queira ficar com a cutis crestada pelos raios do sol, a conveniencia exige não deixar de ter o chapeu aberto. Não é pouca a poeira que durante a viagem se agglomera no corpo, e a primeira cousa que devemos fazer ao chegar ao pouzo é procurar tomar um banho no corrego mais proximo. Só assim sentir-nos-hemos alliviados.

Depois de pernoitarmos essa noite no sitio de um lavrador chamado Joaquim de Sousa, partimos cada qual por sua vez, sendo o primeiro a chegar á cidade de Paracanjuba, não sem ter dado uma volta de quasi meia legua, rodeando enorme brejo que ha nas suas visinhanças.

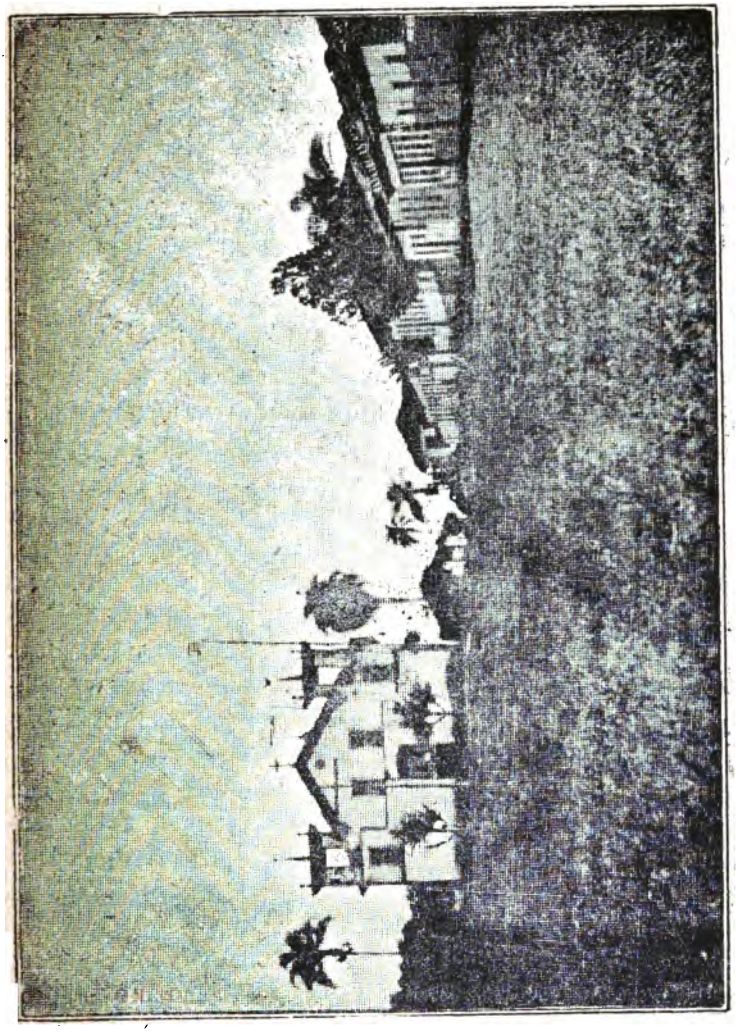
Eis-me pois em Paracanjuba (outr'ora Pouzo Alto) na casa do capitão João Elias, o dignissimo promotor publico e o mesmo que encontrámos em Morrinhos na noite de folia. Esperando-me como haviamos combinado, recebeu-me sem ceremonia dispensando-me seus innumeros favores que reconhecidamente agradeci.

Em sua casa tive occasião de vêr e conhecer o reverendo vigario do lugar, conego José Olintho, assim como a outras pessoas gradas.

Paracanjuba é uma cidadesinha egual a Morrinhos, suas casas, porém, são juntas e edificada em pittoresco local. O largo da Matriz acha-se em um alto, fechado pelos melhores predios, quasi todos de um só pavimento. D'esta praça parte a rua principal da cidade e uma travessa que seguindo o declive do terreno vae terminar em outro largo, o da cadeia. Ha ainda mais uma rua regular e algumas vielas e beccos sem importancia.

A altura barometrica d'este lugar é de oitocentos metros acima do nivel do mar.

Existem alli seis lojas de fazendas, duas boticas dirigidas



**PARACANJUBA (Largo da matriz)**

por praticos, quatro casas de molhados e varias tabernas com prateleiras e garrafas vazias. O povo do lugar é bom e agradavel e quanto a industrias, Paracanjuba caminha de braço dado com as mais localidades goyanas.

Segundo me informaram, como depois averiguei, o lugar é máo para artes. Ha pouco gosto e só uma ou outra pessoa é que prefere occupar profissionaes.

Isto alli não é para admirar porque em quasi todos os pontos centraes do Brazil ainda hoje não passa de mytho o apparecimento de pessoas verdadeiramente habilitadas para qualquer mister. Extremamente desconfiada e ao mesmo tempo invejosa, muita gente só trata de despretigiar aquelles que são o orgulho da sciencia, ao passo que os charlatães locaes são cobertos de deferencia. Não se dá no entanto isso só com os estranhos. Filhos mesmo de Goyaz que conseguem-se diplomar, são alli victimas de sua ousadia. Para prova vejamos o seguinte.

Esperava-se em certa cidade goyana, a vinda de um seu illustre filho que pouco antes se formára, cavalheiro distincto, e que chegou pelo seu aproveitamento e amor ao estudo, a ser designado pelos lentes, para auxiliar da cadeira de hygiene na escola de medicina do Rio de Janeiro. Pois eu vi homens de certa importancia local, serem os primeiros a buscar ridicularisal-o, fazendo-lhe má ausencia com o fim manifesto de o não deixar ter que fazer.

Sabe agora o leitor a causa d'isto? E' que no lugar haviam dois ou tres charlatães que applicavam cataplasmas e sangrias a troco de qualquer cousa, e o medico naturalmente ia fazer-se pagar devidamente.

Que egoismo e que ignorancia!

N'este estado ainda ha muita gente que entende ser vaidade o asseio, e para prova vejamos como crescem as creanças goyanas, ainda mesmo filhas de homens ricos. Andam descalças, com os rostos cheios de terra, roupa grossa, chapeu roto as mais das vezes, immundas e sujas. Quasi

sempre quando um menino chega a ir para o Rio de Janeiro ou S. Paulo a educar, vae mais com feições de caboclo ou de indio do que mostrando ser filho de familia civilisada.

O João Elias sempre franco e amigo de servir, só nos deixou continuar a viagem no dia seguinte depois de nos offerecer um magnifico almoço, no qual ficou demonstrada a proficiencia do habil cosinheiro que o preparou.

A's dez horas partiamos pois de Paracanjuba em direcção a Bella Vista. Entre estes dois povoados ha apenas a distancia de sete leguas.

Os campos continuam a estar cobertos de fogo, e espessas nuvens de fumo levantam-se nos ares.

Entregue sempre ao martyrio do chouto, de vez em quando a minha attenção é attrahida por algum bando de Emas que acceleradamente átravessa a estrada para sumir-se nos cerrados proximos. Sobre nossas cabeças passam as gralhas, gritando e batendo as azas, e nuvens de mosquitos (borrachudos) perseguem-nos a valer.

Borboletas aos milhares, umas amarellas e outras brancas, esvoaçam sobre a lama miasmatica de um corrego quasi secco.

Vencidas as sete leguas, entrámos na Bella Vista e procurámos a casa do commendador Canedo, o qual nos recebeu e hospedou com amabilidade.

Aprigio e os guias haviam ficado atrazados, e só uma hora depois chegavam tambem.

Seriam sete horas da noite, quando tendo mandado chamar o Aprigio para jantar, soube que estava em disputa n'um rancho proximo.

Estranhando o caso para lá me dirigi, sabendo logo de que se tratava.

Tendo comprado em Morrinhos um cavallo sem saber que fôra furtado, acabava de dar alli com o dono do mesmo animal, e que com todo o direito lho exigia. O cavallo até conhecedor dos patrios lares, procurava o côxo, o que era uma

prova de que fôra realmente furtado e n'este caso não havia outra cousa a fazer senão entregar o que é seu a seu dono, passando este uma justificação afim do companheiro ressalvar a importancia pela qual obtivera o animal.

Em casa do amigo Canedo, encontrei jornaes do Rio, S. Paulo e Uberaba e apenas acabámos de jantar, entretive-me com a leitura.

No dia seguinte como me offerecesse um cavallo e necessitasse de comprar ainda outro, deliberei *falhar* approveitando tambem algumas horas em percorrer a povoação.

Esta localidade creada em 1866 com a denominação de Sussuapara, é hoje uma povoação regular e em via de prosperidade. Dista de Morrinhos dezoito leguas e de Bomfim nove. Acha-se a 800 metros acima do mar.

Tem uma capella erecta no alto da collina, e um chafariz que abastece de agua a população que consta apenas de uns quatrocentos habitantes.

Ao redor da povoação ha magnificas lavouras de fumo, café, milho e generos alimenticios, assim como magnificos campos, nos quaes se dá a creação de gado.

No arraial existem quatro boas lojas de fazendas e molhados, varias baiucas, um bom rancho, uma escola publica bem frequentada, e uma agencia do correio. O estafeta que conduz as malas do Rio ou por outra de Uberaba, deixa-as em Morrinhos e outro as conduz sempre em bestas, passando por Paracanjuba, Boa Vista e Campinas, indo assim até o ponto terminal que é Goyaz. Outr'ora o serviço era feito pela estrada do Allemão, e de tempos em tempos a politica sertaneja incumbe se d'estas mudanças que prejudicam o publico extraordinariamente. Todavia por Boa Vista, tanto para os correios como para os viajantes que se destinam a Goyaz, este itinerario é o melhor, pelo maior numero de povoações, bons pousos, numerosos moradores e mesmo mais recursos. A estrada do Allemão é deserta e má. Nunca me esqueci do tal fazendeiro, duas leguas áquem do Allemão que me deu

para jantar arroz e sete torresmos e que paguei por bom dinheiro. E' uma miseria.

No dia seguinte ás dez horas da manhã, tendo já comprado o animal que necessitava, e havendo chegado da fazenda o outro que o Commendador Canedo me offerecera, partimos de Bella Vista. Era minha tenção caminhar em demanda da Meiaponte, por isso procurando a estrada das Antas, enveredei á direita sem saber que ia errado. Logo ao transpôr um pantano, Jeronymo que montava um burro que o Sr. José Sotero me offerecera, viu-se entre Cylla e Carybdes com o animal atolado, e elle preso pelos estribos sem poder safar-se. Com immenso trabalho, e acudindo nós outros em seu auxilio, o puzemos primeiramente em via de salvação e depois o animal que pouco a pouco se sumia no atoleiro.

Apezar de tão nefasto accidente, ou em troca de um mal por um bem, isto deu logar a que rectaguardando, déssemos com a verdadeira estrada, e por ella seguissimos. O caminho porém que a principio era bom, tornou-se paulatinamente mau, estreito, sinuoso e juncado de pedras.

Percorridas cinco boas leguas, aportámos á fazenda do Sr. Joaquim de Araujo, onde tivemos de pernoitar. Este senhor tem boa plantação de café, mas depois da abolição dos captivos luctava com difficuldades e tinha immensa falta de braços. Queixou-se-me extraordinariamente dos seus indolentes habitantes ruraes, e lamentava a falta n'este Estado do braço estrangeiro.

Razão tinha elle e de sobra, lá isso é verdade, mas que adianto em fallar da palpavel incuria do nosso povo, se o mal está inoculado em todas as classes da nossa sociedade e todo o mundo o conhece? Muitas vezes o primeiro a criticar é o que mais depressa deve dar as mãos á palmatoria, porque esse direito não lhe assiste. Aos mais intelligentes cabe ordinariamente a gloria da iniciativa, mas com raridade a gloria da pratica e da execução.

Elles são os primeiros a transgredir e a ficar em pleno ocio, espalhando conseguintemente o mau exemplo.



A nove fazia um mez e dois dias que partira de Uberaba. Era um domingo. Sahia o sol de sua aurea cuna, quando partimos do pouzo para continuarmos a viagem só interrompida depois de vencidas duas leguas e meia, á porta da cazinha de um bom velho que nos convidou a apear.

Mais uma vez tive occasião de conhecer quanto é hospitaleira a classe media no estado de Goyaz. Estes humildes sitiantes, nem pobres nem ricos, têm sempre o coração aberto para receberem o visitante com agrado, dispensando-lhe tudo que está em seu alcance e muitas vezes sem acceitarem remuneração. Sentem prazer de nos receber á sombra de seu tecto por algumas horas, proporcionando-nos valiosos favores.

Assim é que este bom velho cujo nome me não acode á memoria, offereceu-me em poucos instantes um magnifico almoço, mandou dar milho aos nossos animaes, e encheu-nos de doces e rapaduras, sem querer acceitar a gratificação que expontaneamente lhe offerecemos.

Saudosos continuamos a viagem.

O caminho pelo qual seguiamos era um verdadeiro precipicio, coberto muitas vezes por luxuriante matta virgem em um declive ingreme, pedregoso, mal trilhado e margeando um rio que corria silencioso ao fundo do retrahido valle. Os troncos das arvores podres cruzavam se no solo, difficultando a passagem sendo necessario até abril-a a golpes de espada ou de facão. Sobre nossas cabeças entrelaçava-se dentro em pouco uma vegetação cryptogamica formando o mais inextricavel labyrin-

tho que se póde conhecer. Os raios do sol, com difficuldade penetravam atravez dos arvoredos que nos offereciam innumeras e bellas parasitas e que ingratamente admirava a simples golpe de vista.

Ao chegar a um sitio em plena floresta, onde a agua saltava aos borbotões, ao lado do caminho apeei-me para beber e tirei o meu copo de prata que se achava preso por um cordel aos arreios. De repente, e quando me ía abaixar notei certo movimento entre os ramos de uma arvore que se achava inclinada e cujas ramagens beijavam com o peso a superficie da terra. Quasi ao mesmo tempo senti uns calafrios e pensei em chamar o companheiro Aprigio que ia bem adiante, mas detive-me.

A singular apparição, não exigia grandes precauções.

Era um animal exquisito, de corpo cylindrico, focinho pontagudo e com uma cauda em fórma de trombeta. O pello d'esse animal parecia liso e os olhinhos mal se distinguiam.

—Um tamanduá.

Andava provavelmente á caça de formigas ou de mel de abelhas, o que encontra com fartura nos troncos das arvores podres e carcomidas. O bicho que provavelmente dormia a sésta ao sentir a minha approximação moveu-se e sumiu-se com lentidão na espessa matta.

Bebendo então agua, montei novamente e puz-me em marcha. Sem demora alcancei os companheiros e dentro em pouco tinhamos magnificos campos á vista. A floresta continuava com largos claros.

Vencendo assim sete leguas, chegámos ás cinco horas da tarde ao sitio do Marcos, outro velho bom e hospitaleiro.

Como quasi sempre succedia n'estas viagens, em logar de guardapó usava ás vezes de um sobretudo escuro, leve e calçava botas de couro da Russia o que é commodo e decente. Devido porém ao meu traje talvez fóra do commum, muita gente me perguntava se era padre, cousa que me fazia subir ás nuvens. Mais uma vez acabavám de fazer-me tal pergunta

e d'esta feita em casa de Marcos onde tencionava pernoitar.

Era já noite, os companheiros tinham voltado do campo e eu conversava com uma menina na sala, ligeiramente inclinado nas malas sobre um giráo, quando me vieram dizer que uma filha do sr. Marcos sabendo da minha chegada, procurava-me para baptisar-lhe uma creança, e que se falhasse, no dia seguinte outros visinhos approveitar-me-iam para o mesmo fim.

—Mas... ainda não tinha completado a phrase quando vi surgir a mulher com a creança nos braços e dizer-me:

—Tenha paciencia santo padre. Isto é um nadinha, olhe se quizer póde ser ámanhã cedo, e deixe estar que pago o seu trabalho. Olhe, dou-lhe umas moedas de ouro que tenho guardadas e um rollo de fumo e o mais que o santo padre quizer porque... tambem me quero confessar. Olhe, o ultimo santo padre que me confessou, foi Frei... é verdade, o senhor é d'outra ordem, anda de preto, elle andava de capa branca e tinha bollinhas na cintura. O senhor tambem é d'essa banda da *estranja?*

—Estranja! Ah já sei; a senhora quer dizer se sou estrangeiro... da França?

—Isso mesmo.

—Não senhora, não sou nem extrangeiro e nem tão pouco sou padre, nem frade como a senhora julga. Pelo que vejo enganaram-na.

—Não enganaram não. *Ocê* é que me quer *enganá*. Padre é como certas moças de cidade,—tanto rejeita até que acceita.

—Ah! Ah! Ah!

—E' isto mesmo, eu já conheço estas cousas.

—Creio bem.

—Então está dito?

—Nem dito nem meio dito. Já lhe disse que não sou padre.

—Ah! Fez ella com uma longa pausa, durante o que fitava o Aprigio que ria a valer.

—Eu estou vendo mesmo que o senhor não é padre...

—Então que lhe dizia?

—... Mas é conego.

— Conego!

—Conego sim, não negue, tanto que traz aquelle *jagunço* na sua comitiva.

—Ah! Ah! nova risada. Aquelle jagunço!

O melhor meio de me ver livre da mulher, foi prometter a cousa para o outro dia.

O velho Marcos não desejando que eu sentisse a menor falta em sua casa tinha já mandado praparar um bom jantar. Apenas terminado fizeram-me entrar n'um commodo, onde já me fôra arranjado o leito, e ahi reunidos todos da casa em volta de mim, começaram a pedir-me receitas para varias enfermidades, contando-me cada qual os seus soffrimentos.

—Sim senhores disse comigo a cousa vae bem, mas o mais bonito é que estou fatigado e a historia de cada molestia come-me meia hora de attenção até ouvir e comprehender. Apanhando uma opportunidade, esgueirei-me d'alli para o terreiro onde os companheiros se aqueciam ao redor de uma fogueira, voltando para o quarto á hora de deitar.

—Ora o Aprigio—um jagunço! Disse antes de conciliar o somno.

Depois de uma noite menos má, despertei ao romper do dia seguinte quando um menino chamou-me para tomar café.

Bem quizera sahir cêdo mas o Marcos não consentiu que partissemos sem almoço, pois d'alli até as Antas a distancia era ainda de quatro leguas e n'este espaço não haviam moradores.

Aprigio tinha feito vêr áquella gente que eu não era frade e demais a auzencia da corôa acabou de convencer a todos. Agradecendo ao bom velho a hospitalidade que me concedera,

parti d'alli ainda a boa hora para chegar ás Antas pelo anoitecer.

Antas! Aposto que pelo nome já o leitor fará uma ideia do que seja essa povoação. Sepultada no meio do dezerto, longe das grandes estradas que ligam a capital goyana ás principaes praças do sul do estado, a villa ou povoação das Antas, surge ás vistas do forasteiro, depois que se desce a chapada, em extenso valle, cercada de um mutismo tão bello e seductor que seria o bastante para alli fundarem um estado os poetas da antiga Babylonia. Na villa das Antas ha meia duzia de pessoas com as quaes se póde travar conversação e uma d'estas é o Sr. José Baptista negociante alli estabelecido e em casa de quem me encontrei com o Rev. Padre Gomes, que lá se achava em tratamento.

N'esta occasião tive ensejo de conhecer um sujeito que vagava cambaleante sob formidavel *chuva*. Esse sujeito não era mais nem menos que o sachristão da respectiva freguezia!

O nome de Antas dado a esta villa, provém segundo me informaram, de terem sido aquellas paragens refugio d'esses animaes em outros tempos, dos quaes existem ainda hoje numerosos representantes em todo o estado. A anta é um mamifero ruminante, do tamanho de um burro, parecido com o elephante e que vive nos mattos nutrindo-se com os productos do solo. Os caçadores procuram-nas por causa das pelles. A anta é o tapir do Brazil e um dos maiores animaes da America do Sul.

Morre promptamente quando a bala penetra a parte inferior do homoplata.

A villa das Antas que passou a denominar-se *Campos Ricos* (!) pela lei provincial n.º 675 de 19 de julho de 1884, consta de duas ruas parallelas que atravessam o largo da matriz na parte alta e na baixa, o qual fica situado bem ao centro da povoação.

Consta-me que na Assembléa Goyana, houve um membro, o

sr. André Fleury, que votou contra essa lei, sendo afinal depois de decretada, revogada.

Antes tarde do que nunca.

Sua população, segundo os meus calculos na falta de estatistica, orça por uns oitocentos a mil habitantes. Tem umas seis lojas de fazendas mal sortidas e acanhadas, ou com pequenos sortimentos, e algumas tabernas que vendem fumo, cachaça e mantimentos. O clima é saudavel e as aguas magnificas. No municipio ha excellentes terras que produzem o que se planta e onde existem bem boas plantações.

A villa das Antas está a 900 metros sobre o nivel do mar, o que assignala a salubridade local.

Deixando as Antas na manhã seguinte, procurámos o caminho denominado das Furnas, por ser menos extenso, se bem que tão bom ou peior que os mais.

Não havia outro remedio, e a estrada de carro descreve enormes curvas que convem evitar.

A pequena distancia do arraial avistámos os picos da Serra Dourada, que se acham a uma distancia de quinze leguas. Hei de ter occasião de mais circumstanciadamente fallar d'essas serras, talvez as mais altas do systema orographico goyano.

A meio do dia, depois de bom descanso á beira de um corrego, continuámos a viagem debaixo de um calor tropical que nos fazia suar dos pés á cabeça.

Seriam quatro horas da tarde quando, ao entrar n'uma extensa floresta pela qual rompia o caminho, um ruido longiquo já meu conhecido acabou por chamar-me a attenção, e parando escutei em silencio.

Não havia a menor duvida, era o vozear de um bando de macacos que atravessava provavelmente a floresta.

Escolhendo um ponto d'onde podesse vêr sem ser visto, aguardei a passagem dos terriveis uivadores. Felizmente não se demoraram em apparecer saltando pelos ramos das mais altas arvores. Eram guaribas e uivavam como lobos.

Apesar de tamanho ruido, é este muitas vezes produzido por um unico hyceto no qual a cavidade ossea conhecida pelo osso hyoidal obriga-o a soltar variados sons.

Não seriam dos maiores da especie, mas em todo o caso Deus nos livre d'elles. O guariba quando chega a morder não larga mais a preza senão depois que, forcejando com as mãos, consegue arrancar o pedaço. De vez em quando os ramos oscillavam com os saltos, e todos pareciam seguir a direcção que o chefe descrevia na frente do bando. Seriam talvez quarenta e tantos, uns menores que outros, uma tribu completa que provavelmente mudava de aldeia. Algumas femeas levavam os filhos ás costas, seguindo os mais com toda a precaução.

Desejando assustal-os, empunhei a espingarda e fiz fogo para o ar, mas foi tal a revolução operada no bando que os quadrumanos como loucos sumiram-se subitamente, galgando as copas das mais altas arvores, ao mesmo tempo que um d'elles, sem duvida o chefe, ligeiro como uma flecha, descia por um tronco para vir examinar a causa do estampido.

Ao vêr aquelle enorme macaco, apenas a alguns passos de mim seguro pelas mãos e cauda a um ramo fragil e semicahido, empunhei de novo a arma, apontando-lh'a, ao mesmo tempo que elle, comprehendendo a manobra, desapparecia por detraz de um grosso madeiro, sem dar-me mais um ar de sua graça. Seguiu-se um vozear unanime, e logo depois a floresta voltou ao silencio.

Continuando a viagem, e achando-me bastante adiantado, parei varias vezes para contemplar as bellezas d'aquella vasta matta virgem. Por entre as arvores, n'um emmaranhamento desordenado, agitavam-se convulsivamente os cipós entrelaçados, ora formando verdadeiras redes onde perfeitamente se

poderia fazer excellente sésta, ora suspensos dos mais altos ramos e balouçando-se como cabos de um navio sujeito aos embates das ondas em pleno oceano.



Ao ver aquelle enorme macaco... (Pag. 54)

Milhares de borboletas de uma só côr esvoaçavam á superficie do sölo lamacento, e insectos aos pares zumbiam rompendo os ares. O vento gemia refrescando as copas das arvores que o sol inundava de luz.

Da floresta o aspecto era imponente, e para qualquer lado que estendesse nossas vistas só encontraria força de vitalidade.

Embebido nas minhas reflexões e estudos, inspirado pela magestosa natureza que me rodeava, nem dei pela approximação dos companheiros que me acabavam de alcançar.

Uma hora depois chegámos a uma fazenda cujo proprietario, o coronel Thomaz d'Aquino, se achava ausente. Recebeu-nos o sr. Benjamin, que offereceo-me um commodo para passar a noite.

A 12 partimos com a fresca da manhã. O caminho continuava a ser uma simples vereda atravez dos mattos. De vez em quando, em alguma subida ou descida, os animaes faziam prodigios por causa da muita pedra que alli abunda. Dezenas de moscas mutucas os rodeavam, mordendo-os de preferencia no pescoço ou nas orelhas, e na nossa passagem — outra praga — os carrapatos subiam-n'os pelo corpo, causando desagradavel prurito.

Pelas dez horas chegámos á fazenda do commendador Barbo. Não havia alli uma só pessoa tomando conta da casa. As portas dos fundos estavam abertas, e na lareira ardiam uns ultimos residuos de madeira. O matto invadia todos os arredores d'aquella morada, e a porteira de entrada era de varas soltas, de fórma que o viajante tinha de apear-se para tiral-as uma por uma, collocando-as depois no seu logar.

O caminho d'aqui em diante era pessimo, e é para admirar como o commendador Barbo, tendo por principios politicos servido a todos os partidos, não obteve ainda do governo provincial um auxilio para elle ser reparado.

Ha homens que tudo esperam da iniciativa governamental, e o commendador é um d'elles.

Continuando-se a viagem n'este caminho do inferno, bem adiante avistámos a casa de um morador (Fernandes), que apenas nos viu apossou-se de terror pela presença de gente estranha e fugiu para o matto.

Foram baldados todos os meios que empregámos para o chamar á falla.

Deixando o sitio, continuámos a viagem, e duas horas depois chegámos a Meiaponte. (Perynopolis).

Esta cidade, de que me occuparei detidamente na segunda parte d'este trabalho, ardia n'esta occasião em festas, e nas suas ruas notava-se um movimento e enthusiasmo proprios das cidades centraes.

Por volta da tarde perguntou-me uma mulher se eu não ia á *opera*.

—Opera! exclamei admirado.

—Sim, tornou ella, a opera lá na rua Direita.

E eu reflectia:

—Pois dar-se-ha o caso que haja aqui no centro das terras goyanas admiradores e amadores de Verdi, de Mozart, de Wagner? Isto era incrivel.

E fitando a rapariga:

—Explique-me uma cousa. A opera de que vossê me falla o que vem a ser?

—Ora esta! Pois o senhor vem lá do Rio de Janeiro e não sabe o que é opera?

—Ora...

—... sim, meu caro senhor, a opera é uma representação feita por varios rapazes, alguns vestidos de damas. Vá vêr, que é cousa boa mas bem *enjoada*. Fallam muito e não se entende nada. A opera de hoje é o *Amor e Infamia*.

—E o theatro é grande?

—De certo, pois se é no meio da rua.

—Quanto mais se anda, mais se vê, disse comigo em caminho da rua Direita.

Um theatro em fórma de barracão fôra construido na praça publica, representando varios amadores no espectaculo d'essa noite, offerecido gratuitamente ao publico, como nos mais dias. Visitando o coronel Antonio Thomaz d'Aquino e seu filho Theo-

philo, mostraram elles desejos de me ouvir recitar ou declamar, ao que da melhor vontade me prestei, recitando n'essa mesma noite o monologo *A Mosca*, de Fernando Caldeira.

A representação dos amadores do logar constou de um drama intitulado *Amor e Infamia*, fazendo a parte de protogonista o sr. Francisco Herculano de Pina, cuja vocação para o theatro é manifesta, possuindo infelizmente fraca voz. Este amador é conhecido alli pela singular alcunha de *Chico Xixi*. Os demais papeis couberam aos srs. Carvalho, Theodoro Propicio e outros, que os representaram a contento.



Francisco de Pina

Em todos, mais ou menos, notei boa vontade, mas falta de escola e de methodo na gesticulação e na maneira de dizer. Os trajes, sem originalidade, eram confusos e alterados. Alguns meninos fizeram papeis de damas, desempenhando cada qual como estava em suas forças.

O haver uma sociedade dramatica n'estes centros, é um facto de tanta importancia que a critica deve, de duas uma, ou ser benevola ou aliás não apparecer onde por emquanto não é chamada.

Deixando Meiaponte na tarde do dia 14 de junho, fui pousar no engenho da fazenda denominada Cantagallo, pertencente ao sr. Bernardo Lobo, então ausente. A 15 partimos com a fresca ao romper do dia, descemos bem a serra, chegando antes de uma hora a Jaraguá.

Estes logares são já nossos conhecidos, e como por taes pontos o progresso caminha lentamente, pouca ou quasi nenhuma differença sentimos. No entanto, Jaraguá tem uma população de mil habitantes e é uma cidadesinha que pód

contar tantos fogos como Paracanjuba. Sente-se alli muito a falta de um bom *rancho*[1].

O professor J. Ignacio d'Affonseca, em casa de quem estive, fallou-me do pouco adiantamento do logar e das causas que para isso contribuem, achando-lhe rasão.

Não é bom o clima de Jaraguá, e n'esta occasião reinavam varias molestias. A hypoemia intertropical reina tambem durante certa epoca do anno nos logares baixos e humidos.

Deixando Jaraguá no dia seguinte fomos pouzar d'alli a seis leguas no sitio das Estacas. O agrado do respectivo morador fez-nos relevar o pouco escrupulo e asseio que havia na pequena choça coberta de palha e de paredes compostas de ramos de arvores.

Passei uma verdadeira noite de sertão, estendido sobre um giráo que de instante a instante promettia dar comigo no chão ou por outra sobre os montões de espigas de milho que invadiam a habitação.

Mais cêdo ainda que de costume continuavamos a viagem a 17, e como desejasse chegar ao pouso antes dos companheiros, puz-me em avanço; mas n'um sitio onde dois caminhos se bifurcam, segui erradamente pelo da esquerda, até que muito adiante, talvez legua e meia um morador fez-me ver que o unico remedio era voltar atraz.

Assim só por volta das seis horas da tarde chegava á villa do Curralinho com nove leguas de marcha, incluindo as tres da errada. Felizmente o meu arrieiro havia já mandado preparar uma magnifica ceia em casa do rancheiro e tinha disposto as cousas para quando chegasse, nada faltar-nos.

Aprigio dormia regaladamente como um padre sobre o giráo do rancho. Não só elle mas Jeronymo haviam apanhado couces d'um burro que levavamos a déstro.

Tendo falhado o dia 18 no Curralinho, fui surprehendido

---

[1] *Rancho* é a estalagem dos sertões do Brazil! Em todo o Estado de Goyaz não ha um só hotel, em compensação existem *ranchos*.

pelo sr. Raphael Perillo que me noticiou a quéda do ministerio presidido pelo conselheiro João Alfredo e da ascenção dos liberaes ao poder.

—E' tudo a mesma cousa, respondi-lhe. Venha a republica que é a salvação do paiz. Isso sim.

Na manhã de 19 parti novamente, chegando ao arraial das Areias por volta do meio dia onde aguardei a chegada dos companheiros que se achavam atrazados.

Tive ahi occasião de conhecer o sr. Gaspar, moço portuguez, e um dos exploradores das lavras auriferas do Calixto as quaes distam d'aquella povoação cerca de quatro ou cinco kilometros.

O arraial das Areias conta umas quarenta casinhas quasi todas cobertas de palha. Em outros tempos houve alli uma fabrica de fundição de ferro; as pedras que o sr. David proprietario da mesma mandava vir da Chapadinha davam excellente qualidade de ferro e aço. Perto da fabrica houveram algumas officinas de ferreiro nas quaes se fabricavam instrumentos de lavoura. Hoje nada d'isso existe.

De Areias a Goyaz a distancia é apenas de dez kilometros.

Partindo de novo em companhia do sr. Perillo que para lá se dirigia, chegámos á povoação do Bacalhau ás cinco horas da tarde, onde dei de cara com o Dr. Alfredo Fleury que vinha ao meu encontro e com quem entrei na capital goyana ao anoitecer d'esse dia.



# Segunda Parte

De Goyaz ao rio das Almas. — Meiaponte. — Perynópolis.—Considerações sobre os usos e costumes goyanos. — O commercio. — Excursão aos picos da Serra Dourada. — Visita ás cascatas da Opera e do Lazaro. — Bellezas naturaes.



ENDO na minha *Viagem ao centro do Brazil*, descripto a capital goyana, apenas terei agora de citar o que de mais interesse possa attrahir a attenção do leitor.

N'estes cinco annos, Goyaz tem tido mais ou menos algum augmento, e nos seus arrabaldes foram abertas novas ruas; comtudo, é para lamentar o numero de vidas que annualmente d'alli desapparecem por causa a insalubridade local. Ultimamente tem apparecido frequens casos de beri-beri, e outras molestias vão surgindo sem aracter endemico, como a tuberculose, febres, etc.

Havia falta de medicos bons e delicados que soccorressem população menos abastada. O medico e o padre necessitam

possuir certos predicados que os tornem recommendaveis ao povo. A falta de caridade n'um padre é tão notada como é a falta de agrado e delicadeza no medico.

Goyaz acha-se a 550 metros sobre o nivel do mar, e collocada entre morros, ressentindo-se de espaço para o seu alargamento. A mudança da capital goyana para a Leopoldina no Araguaya, como lembrou ha annos o Dr. Couto de Magalhães, hade ter seu dia, pois não é possivel que por mesquinhos e egoisticos interesses de uns, soffra uma população inteira. Leopoldina, quer queiram quer não, deve vir a ser o emporio commercial de todo o Estado pela sua posição geographica. Deixem lá chegar a locomotiva e verão. A navegação e o caminho de ferro não se tardarão a encontrar e em poucos annos.

Fallemos da imprensa.

Pouco depois de minha estada em Goyaz, a imprensa goyana recebeu um golpe profundo com o passamento do estimado cidadão José Marques Tocantins. A elle muito deve o estado pelo seu genio emprehendedor e actividade que desenvolvia. Com tal passamento abriu-se uma lacuna difficil de preencher. Assim é que n'essa occasião o tinhamos visto á testa de duas grandes emprezas, uma—jornalistica, outra—mineralogica.

O *Publicador Goyano* é hoje dirigido pelo nosso amigo Pacifico Aranha, de que foi fundador e redactor seu irmão até o dia fatal, e cujo primeiro numero sahiu á luz quando alli estive em fevereiro de 1885. E' uma folha que conta grande numero de leitores no estado, o que não quer dizer que a bondade publica seja tanta, que possa, no andar em que vae, ter uma longa vida.

Infelizmente os jornalistas provincianos luctam extraordinariamente para verem prosperar suas emprezas, tal a parca coadjuvação pecuniaria que recebem do publico e dos assignantes, cujas assignaturas não são sempre pagas adiantadamente como nas grandes cidades, e d'ahi as consequencias resultantes d'essa imprescindivel facilidade.

O serviço de composição, paginação e impressão d'esse jornal, era quasi todo feito por moças, bastante habeis na profissão a que se dedicaram, o que é uma gloria para o bello sexo brazileiro, infelizmente muitas vezes censurado por causa de estultos preconceitos, que o detem no seguimento progressivo da sociedade.

Um estado rico em productos naturaes como Goyaz, necessitava sómente d'algumas duzias de homens activos e emprehendedores iguaes a esse que se finou.

O *Goyaz* é uma folha mais nova e do mesmo formato do *Publicador*, fundada pelo benemerito goyano Desembargador Antonio Felix de Bulhões, já fallecido. De vez em quando publica artigos scientificos e de utilidade publica. São seus redactores os Drs. Leopoldo de Bulhões, Natal e Gouveia. Leopoldo de Bulhões, eleito deputado geral, repetidas vezes, é homem de vastos conhecimentos financeiros e um dos goyanos que mais bonita figura tem feito no parlamento brazileiro n'estes ultimos annos.

O *Correio Official* que tinha n'essa occasião por director o Sr. Luiz Pereira de Abreu, contava já cincoenta annos de existencia.

Depois de minha partida de Goyaz, surgiu alli a *Gazeta Goyana* (1) redigida pelo illustrado Dr. Luiz Pitaluga e pelo atilado conego Ignacio Xavier.

Tendo ultimado meus negocios em Goyaz, quinze dias de-s tratei de despedir-me de varias pessoas que me haviam ıtado ou se me tornado uteis, entre as quaes os amigos ·lino de Aguiar, coronel Correa de Moraes, o brigadeiro

(1) Mais tarde «Estado de Goyaz.»

Felicissimo do Espirito Santo, capitão Socrates de Sá, capitão A. de Castro, capitão Antonio Fleury Curado, Dr. Firmo Martins ex-presidente da provincia, capitão J. Martins Serra Dourada, coronel Caiado, presidente, e de seu filho o galante Torquatinho.

Na manhã de 25 de julho partia da capital goyana na companhia do Dr. Alfredo Fleury e de seu tio Cezar Fleury. Acompanharam-nos até o povoado do Bacalháu, varias pessoas, entre as quaes o meu amigo Dr. Sebastião Fleury, juiz substituto da capital.

N'este dia fazia um calor verdadeiramente tropical, e a poeira levantava-se do leito da estrada formando grossas nuvens, que o vento desfazia em elevadas alturas. Os meus animaes estavam fracos devido á longa viagem que ainda ha pouco haviam feito, volteando e vencendo nada menos de cento e quarenta leguas de Uberaba á capital goyana. O Dr. Alfredo que não perdia vasa, aproveitando-se d'esta circumstancia virou-se para mim, perguntando:

—E' n'este bucephalo que você pretende galgar a serra do...

A serra ainda estava longe, o terreno era pouco accidentado e eu para lhe mostrar a força do animal, dei de esporas no bicho e marchei adiante. A's seis horas da tarde chegava á villa do Curralinho onde deviamos pouzar. Eis como o mais mal visto é o primeiro a avistar-se.

O nosso pouzo foi em casa da viuva do finado Filippe de Moraes, ficando os arreios no rancho.

—Passa, dizia ás tres horas da madrugada de 16 de julho Levantar a esta hora e com este frio!

Verdade é que antes com a fresca que com o calor e a poeira, e atormentado com os puxões que os companheiros davam no cobertor, não tive remedio senão pular da cama.

Já haviamos tomado café quando Cezar Fleury nos veiu offerecer uns magnificos goles de laranjinha. Operou-se a reacção no estomago e sentimo-nos aquecer alguma cousa. A's tres e meia montámos a cavallo e partimos.

Ha sensações tão bellas e agradaveis que embora as sintamos em alto grau, não podemos muitas vezes descrever com receio de lhe offuscarmos o brilhantismo. Quem nunca fez uma madrugada montado em manso corcél atravez dos sertões do Brazil, ignora completamente o que isto seja. E realmente uma cousa é vêr e outra provar.

A madrugada estava deveras excellente, e a frescura da brisa offerecia-nos magnifica consolação em paga do forte calor que soffreramos na vespera. A' proporção que caminhavamos, Venus a formosa Venus, radiante e linda como nunca, erguia-se pouco a pouco acima do horisonte. O ceu de azul marinho escuro, ia lentamente tomando uma côr clara-alaranjada e sobre a relva dos campos que atravessavamos principiou a brilhar o orvalho.



D'entre as folhas das mangabeiras e cajueiros, desprendiam-se os sons harmoniosos dos passaros em seus gorgeios matutinos. Então um como hymno fez-se ouvir e a passarada começou a pullular de ramo em ramo, sobre a relva desbotada dos campos, ou sobre a areia da estrada.

Era o romper da aurora.

Nós já tinhamos vencido uns dezoito kilometros. A's oito horas da manhã parámos na beira de um corrego e á sombra de frondosos arvoredos, desareiamos os animaes para dar-lhes descanço e tratarmos de tomar refeição. Levavamos char-

que, farinha de mandioca, farofas, bolos de arroz, cocadas, café e biscoutos, e foi d'isto que constou a nossa refeição servida alli sobre a relva e á sombra dos arvoredos.

Alfredo Fleury que não perdia ensejo para distrahir se, lembrou-se na falta de caça, atirar ao alvo, guiado por seu tio Cesar. As armas eram de precisão, systhema aperfeiçoado, rewolvers magnificos e garruchas modernas.

Já haviam dado uns dez ou doze tiros sem conseguirem accertar uma só vez, quando querendo tambem metter a mão na combuca empunhei uma das armas e fiz fogo. Qual, se os Tellos erravam, que seria de mim? Todavia tinha uma desculpa perfeitamente acceitavel—a myopia grão 12 e acertando sem enxergar que faria se enxergasse? A rasão a quem a tem.

Seria meio dia quando continuámos a viagem. Logo adiante ia aproveitando o macio passo do meu Pantaleão, ao lado do Dr. Alfredo e tendo na mão um folheto escripto em francez, ora fallando e rindo, ora traduzindo uns versos burlescos que tinham por epigraphe *Histoire de Fr. Barblé.*

A viagem corria assim agradavel pela distracção, quando o meu cavallo mettendo uma mão em falso, tropicou atirando-me ao chão, felizmente sem consequencias lamentaveis. Dissipado o susto, o doutor arrebentava a rir furiosa, loucamente no que o imitei quando percebi a causa.

O cavallo ao cahir prendera a redea n'um joelho e sem poder erguer-se, continuava ajoelhado, e ainda por uma desfructavel coincidencia o folheto que me saltara das mãos, havia ficado aberto sobre a areia, em frente do animal.

—Rezas Pantaleão, pois olha, fazes bem; disse a rir, fitando o doutor que não cessava de o fazer.

O certo é que o cavallo não gostou muito da posição dentro em pouco fazia grandes esforços para desprender-s das redeas, o que conseguiu arrebentando-as. Depois de alguns minutos estava tudo reparado, a ordem restabelecida e continuavamos a viagem para só pararmos d'ali a tres legoas n

choupana de um velho lavrador, cuja choça apresentava o aspecto ordinario das moradas sertanejas. E' tal a miseria em que vive esta gente que muitas vezes ficava pasmo ao saber como se sustentam. Faça o leitor uma ideia.

A casa ou choupana é construida ao rez do chão, no qual estão fincados cinco ou septe esteios, que sustentam uma parede de varas e rachas de taquara, seguras umas ás outras por cipós, mal barrada e que o tempo tem-se incumbido de desmoronar. O tecto de parte da choça não existe porque desabara e não mais o suspenderam e o restante mal coberto era com palha de burity. Portas não existem tambem, o que alli ha, são apenas algumas varas ou páos brutos que ligados quando o morador quer, servem de tapagem e como se vê a cousa mais simples que se encontra em habitação humana. Louça, mobilia, e outros trastes são cousas de luxo como essa gente ignorante diz e que não apparecem. Ha em vez de cama ou de rede — o giráo, outra geringonça feita de varas sobre forquilhas cravadas no chão; em vez de bancos — troncos de arvores ou pesadas pedras. Um pericarpo ou uma cuia, substitue a bacia, o bulle, a chicara, o prato, a farinheira, conforme o tamanho.

Um objecto rudimentar, sem pintura, sordido, de pequena importancia. Ao menos os indios os pintam e adornam com esculpturas sui-generis, dando-lhes fórmas bonitas e elegantes, o que não succede com os sertanejos, cujas habitações são talvez inferiores ás dos trogloditas, habitantes de cavernas.

Muitas vezes quando me manifestava a este respeito lamentando tanto atrazo, os companheiros faziam-me de exigente ..mo querendo commodidades impossiveis de existir no ser-.). E' justamente por causa d'este modo de pensar, per-.ando tudo, relevando todas as faltas, que temos diante de s a miseria como consequencia da preguiça e da negligen-. do nosso povo sertanejo. A critica é que mantém a ordem sociedade, chamando cada qual ao cumprimento do dever e

onde ella se não firmar e estabelecer, adeus vida, adeus civilisação,

Perdido o tempo e aproveitada a intelligencia no inicio da vida propria, em occupações frivolas, estereis, sem proveito, perdeu-se o homem e do animal restar-nos-ha simplesmente a sua figura exotica, imprestavel e incommoda. Se Bernardo commette um erro devido á sua inexperiencia, ao seu máo modo de pensar, como o póde reconhecer e deixar de commetter conseguintemente outros muitos se não tiver quem o guie e esclareça? Como se cohibirá? Como se poderá convencer nas trévas em que vive, que errou?

Esta é a grande questão.

Nos sertões do Brazil o povo entende que cada qual deve ser tão bom como tão bom, que em nada existe differença, que... Eu já encontrei uma mulher apatacada, que me disse, não usar de dentes postiços, porque sendo Deus quem a puzera no mundo e lhos tirara não havia de gostar...! E hade uma pessoa decente conversar com uma creatura de bocca desdentada, com as raizes e alveolos inflamados e cobertos de pus, despedindo um halito horrivel por ella fóra!

A resposta felizmente dei-lha nas bochechas.

— N'esse caso ande a senhora no mundo, como Eva no Paraizo; não corte os cabellos nem as unhas e... Se Deus assim a poz no mundo.

No desenvolvimento intellectual tem sua origem o nivellamento individual. Cada qual na sua posição. Isto servirá de estimulo, chamará o individuo á reflexão, provocando-lhe o desejo do saber afim de se poder nivelar scientificamente com qualquer que seja o competidor, jogando ambos com armas iguaes. Assim é que o homem se eleva, assim é que se cultivam intelligencias. A todo o tempo ha tempo, antes tarde do que nunca, porque mesmo tardiamente podemos inda ver a ser o que nunca fomos.

Catão aprendeu o latim aos septenta annos e foi um grande sabio.

Continuemos a viagem.

Deixando a choupana do tal lavrador sem lavoura, enveredamos por um atalho que pouco adiante desapparecia na estrada geral, ora larga nos campos, ora estreita e sinuosa atravez dos mattos.

Casinhas semelhantes aquella de que acabamos de tratar orlam o caminho e uma ou outra manada de gado procura as bordas dos caãpuams onde a espessura dos arvoredos o preserva dos ardores do sol. Algum passaro solitario atravessa os ares, pouzando nos ramos das plantas seccas e de troncos enegrecidos pelo fogo, esparsas ao longo dos cerrados.

Ao declinar do dia, depois de vencidas nove leguas desde o Curralinho, chegámos ao sitio de João de Moraes, um preto velho e tagarella.

Os companheiros trataram de dispor os seus trens, emquanto me entendia com o velho, sobre o que necessitavamos.

A noite veio fresca como as anteriores, promettendo-nos uma magnifica manhã. Depois de abrir a sua rede Alfredo metteu-se n'ella, deixando-a só na occasião em que o fomos chamar para ceiar.

E' triste muito triste viajar-se n'estes sertões. Ainda qnando se viaja com bons companheiros e se tem com quem conversar tudo vai bem e o tempo se escôa alegremente, mas quando se dá o contrario as horas de pouzo são monotonas, tristes, compridas e só temos uma cousa a que recorrer — o somno. N'estas paragens onde Mafoma perdeu os sapatos, e onde as jovens ficam da cozinha espreitando-nos pelas fendas das paredes mal barradas, onde os porcos andam dentro de casa com a mesma liberdade que têm no chiqueiro, onde de um banco se faz uma meza e da meza uma cama, mette-se a cerimonia e a delicadeza nas botas, para nem por um oculo as avistarmos.

N'esta occasião por todos os motivos a viagem devia correr alegre, mas chegados aos pouzos, apóz grandes marchas sentiamos-nos fatigados, alquebrados, entorpecidos e tinhamos para descanso do corpo, de lançar mão d'aquelle mesmo recurso afim de recuperarmos as forças. E dormimos, lá isso é que é certo, mas quando estava ainda abraçado a Morpheo todo encaracolado pelo frio e sob a influencia tepida do cobertor, uma mão deshumana descobria-me ao mesmo tempo que a a voz de outro bradava-me em cheio aos ouvidos.

— São horas.

— Horas! exclamei a tremer.

E parecia-me ter conciliado o somno ainda ha bem pouco.

Qual, este systhema não me estava agradando e d'esta vez foi um sacrificio, pular do girão áquellas horas da madrugada. A cousa estava em resolver, é verdade, e como não havia appellação nem aggravo e nem desejava perder tão boa companhia impuz-me ao sacrificio, e um, dous, trez, era uma vez fóra da geringonça.

Apenas vestido, deixei ao Jeronymo o trabalho de enrolar cobertas e acocorei-me com os mais ao redor do lume que ardia no terreiro, para só d'alli sahir quando tivessemos de partir. Os companheiros assavam uma leitôa que fôra morta na vespera.

Apenas prompta deitamo-nos a ella.

Um almoço de truz ás tres horas da madrugada. Com um trago de laranginha do tio Cesar, disse adeus ao frio e considerei-me prompto e resignado a emprehender de novo a viagem.

A madrugada estava como sempre explendida. Venus lá se mostrava brilhante pouco acima do horizonte e centenas de nebulosas salpicavam o espaço celeste. Pyrilampos rompiam os ares, como um chuveiro de estrellas cadentes e uma briza matinal batia-nos em cheio na face.

A viagem foi rapida porque antes das oito horas chegámos a Jaraguá. Ahi encontrámos o tenente Dantas que vinha da Formosa com algumas praças de cavallaria.

Deixando Jaraguá á uma hora da tarde continuámos a marcha. O meu cavallo sentia-se frouxo, mas fez ainda duas leguas sem novidade; chegados porém que fomos á base da serra, não tive remedio senão fazer a ascenção a pé, o que se não foi das melhores cousas, não foi tambem das peiores. Um exerciciosinho é sempre apreciavel. Levava mais animaes a destro mas que vinham muito atrazados com a comitiva. A subida tornou-se facil e pittoresca e mesmo a pé caminhava sempre na ponta. Mal pensava cinco annos antes quando por alli passei mais o meu Bertholdo, que teria ainda um dia de galgar aquella historica serra a pé!

Dentro em meia hora bem lá no alto chapadão montei novamente e d'ahi a pouco chegavamos todos á fazenda do coronel Lobo, que então se achava em casa. Bastante fatigado tratei logo de armar o meu leito e n'elle me estendi, seguindo o exemplo dos mais e quando pela madrugada seguinte fui despertado já não senti tanto o abandono da cama nem o frio que fazia.

O Doutor Alfredo partindo em direcção á chacara do coronel Brandão, foi o primeiro a romper, de fórma que deixando os mais companheiros atrazados marchei em segundo logar, viajando sósinho até o sitio do fallecido Mello. Quando ahi cheguei Venus brilhava com intensidade e rompia a aurora com todo o seu cortejo de explendores. A's oito horas da manhã, vencidas cinco leguas, chegava á cidade de Meia ponte.

Ha cinco annos atraz quando deixando a Formosa, dirigia-me para Goyaz, tive de passar pela Meiaponte por ser este o caminho mais preferido pelos viajantes. Tal foi a descripção que d'esta ultima cidade me fizeram, sobre o atrazo do povo, a decadencia do lugar e os costumes de seus habitantes que sentindo logo os effeitos nostalgicos de uma má impressão, deliberei não demorar-me ahi uma hora que fosse e na reali-

dade atravessando a cidade por uma rua pouco edificada fiquei crente do que me haviam dito. Não foi só porém a noticia e as informações que me ministraram, que contribuiram para isso, foi até o proprio nome do lugar — Meiaponte — uma denominação sem visos de originalidade, destituida de belleza.

Na minha «Viagem ao centro do Brazil» disse apenas duas palavras sobre este lugár, considerando-o decadente e sem importancia. Se fui injusto por um lado, dou as mãos á palmatoria, mas ufano-me de não ter n'esse trabalho, expendido-me de fórma a deixar assignalada a minha facilidade.

E' tempo pois de reconsiderar o acto, porque d'esta vez tive-o, e de sobra, para conhecer a Meiaponte e os meiapontenses. Não pense em todo o caso o leitor que saltarei fóra dos limites do possivel, de braço dado com a benignidade; não, serei verdadeiro e justo. Que não agrado a todos, bem o sei, mas falle a verdade e eis cumprida a missão que me impuz.

A cidade de Meiaponte ou por outra Perynópolis, ideia de um illustre padre já fallecido e que vi levada a effeito durante a minha estada alli, está edificada em parte sobre vasta collina nas proximidades da margem esquerda do rio das Almas a 15 gráos e 46 minutos de latitude austral.

O largo da matriz é o ponto mais central da cidade e para lá convergem as ruas Direita, (hoje Deodoro), Prata, Bomfim e ladeira do Rosario. São geralmente calçadas de grandes lages e em todas existem casas que até hoje conservam o velho estylo dos primeiros colonizadores do estado goyano. O mais bello edificio da cidade pertencente outr'ora ao abastado capitalista Joaquim Alves de Oliveira (fallecido) já não existe.

Disseram-me ter sido, no estado de Goyaz o maior predio até hoje construido. Lembranças do tempo em que Meiaponte era um centro de grandezas qual uma nova California.

Ha alguns predios bons e bem arruados, que podem ser collocados na seguinte ordem. São elles o do coronel Joaquim Brandão, A. T. de Aquino, Antonio do Nascimento, Floriano Baptista, Manuel de Mendonça, da familia Jayme, João Floriano, Pereira do Valle, Barbo e outros.

Entre os edificios publicos salienta-se a cathedral, templo espaçoso, edificado ha perto de oitenta annnos. O seu exterior é pouco digno de nota pela falta de architectura. Tem esta Igreja duas torres, n'uma das quaes ha um relogio.

Temos ainda outros templos cada qual no seu bairro — Rosario, Bomfim e Carmo.

No alto de uma montanha, de vista da cidade existem as paredes em parte desmoronadas da capella de Santa Barbara, cujas obras nunca foram terminadas. A cadeia situada na parte baixa do largo da Matriz é um edificio regular mas pouco vistoso.

Comquanto torta como todas, a rua Direita é uma das mais direitas que conheço, e as casas são na maioria ou quasi em geral terreas.

O clima de Perynópolis é ameno, temperado e sadio.

O commercio é fraco e as casas de negocio abertas apenas algumas horas durante o dia tem pouco movimento. Ha alli doze lojas de fazendas, quinze tavernas mal sortidas, dous ranchos, tres boas officinas de ourives, uma de ferreiro, duas de carpinteiro, uma fabrica de fogos, um ateliér de amador de pintura e uma officina de alfaiate dirigida pelo provecto cidadão J. Pereira do Valle, sem duvida a melhor thesoura goyana.

As artes e industrias ressentem-se de cultivo e aperfeiçoamento. Officinas de sapateiro não podemos precisar o numero, porque é uma arte para a qual o meiapontense pobre em particular propensão.

Perynópolis compõe-se de septe ruas, tres praças grandes, uas peqeenas a alguns beccos e travessas pouco edificadas. " a melhor cidade do Estado de Goyaz, depois da capital, rém pobre e com poucos recursos para desenvolvimento.

Uma ponte de madeira antiquissima mas em bom estado une a cidade baixa ao bairro do Carmo, na margem direita do rio que banha a povoação. Desde ahi o terreno principia a elevar-se e quem se adiantar por elle a fóra terá que galgar a vistosa serra do Frota, cuja denominação provém de lá ter habitado em tempos idos um dos primeiros povoadores d'esta região. O Frota era um (emboába) portuguez tão rico e poderoso segundo me informaram, que as filhas quando iam ao domingo á missa, semeavam no cabello ouro em pó para se aformosearem. O desgraçado que tinha de cahir nas mãos da justiça se tivesse a ventura de passar a ponte de que tratamos e pisar as terras do Frota, podia dormir socegado que ninguem lhe ia no encalço. Tanto do celebre Frota como do Commendador Joaquim Alves não existem mais descendentes. Extinguiram-se as gerações.

N'esta cidade assim como em varios pontos do Estado o povo é docil, affavel, porém desconfiado. O egoismo tem seus adeptos e ha pouca familiaridade. As reuniões, as soirées, as modas, o luxo e bom tom, são cousas que só alli penetrarão para o futuro com a aproximação das vias ferreas. A' excepção de seis familias, as senhoras e moças só apparecem na rua de noite ou aliás ao domingo por occasião da missa.

E' costume porém, quando uma vizinha quer vêr a outra, saltar os muros dos quintaes até chegar aos fundos do da mesma. As velhas quando sahem á rua é de capuz e com rosarios de contas nas mãos.

Duas cousas boas que existem em Perynópolis são a — agoa e os banhos no rio das *Almas*. Deviam cuidar da mudança do nome d'este rio, que não me parece de povos cultos. Nasce na serra Dourada, (perto dos picos dos Pyrêneos goyanos) as mais altas montanhas do systhema orographico goyano. Ante de passar atravez da cidade recebe as aguas do ribeirão d *Inferno* (provavelmente as *Almas* vieram do *Inferno*) e engros sando depois com varios tributarios vai afinal desaguar no ri Maranhão aos 14° e 22' de lat. depois de um curso de pouc

mais ou menos 300 kils. São estes dous rios e mais o Uruhú que formam o magestoso Tocantins.

O rio das *Almas* tem no seu curso varias cachoeiras que conheceremos adiante.

As margens são ferteis em madeiras de construcção, taes como o tamboril, aroeira, cangerana, cedro, vinhatico, peróba, jacarandá etc. Numerosas plantas fructiferas silvestres como cajueiros, pequiseiros, bacupari (Salacia crassifolia) cujos fructos são mucilaginosos e adocicados, o araticum, bugarana, varias especies de cocos e de vagens etc. Muita especie de caça em pontos mais afastados, o tapir ou anta, pacas, cotias, coelhos, queixadas, veados, cattitùs, ouriços e outros animaes como onças, tamanduás, lobos, rapozas, preguiças e serpentes venenosissimas.

Usam varias pessoas em Perynópolis e mesmo em outros pontos de Goyaz adornar as paredes de suas salas com figuras coloridas e estampas, arrancadas de fardos de fazendas ou de caixas de papelão.

As janellas e vidraças de algumas casas mais antigas são de malacacheta, outras ha que são de vidros, e em todas as habitações novas, percebe-se que o progresso entrando lentamente alli tem derrocado pouco a pouco a obra dos antigos. Nas casas velhas e sem pintura estão ainda em uso as malditas rotulas de gretas, cousa com que sempre embirrei solemnemente, pois tendo-me hospedado n'uma em que haviam d'essas rotulas de lá mudei-me por causa d'ellas.

Um systhema claustral, estupido, abominavel mais proprio a caipiras do que de gente que se preza de civilisada. Povo rynópolitano deita abaixo essas antiqualhas!

Em Perynópolis assim como em outros pontos de Goyaz o é costume as senhoras sentarem-se á meza nas horas de

refeição. A principio estranhando os usos, comecei por acreditar que isto só se dava quando haviam visitas, mas depois soube que em primeiro logar, é costume geralmente servirem-se os homens de casa e depois as senhoras que as mais das vezes comem na cosinha. Nota-se quasi sempre a falta de collegios e casas de educação onde as filhas familias se instruam e eduquem.

Para os rapazes havia alli um collegio denominado Atheneo e dirigido pelo illustrado Dr. Vicente Baptista, que progredia apezar da negação de muitos paes, que não curam da educação de seus filhos.

Tal e qual como succede com as fructas sazonadas prematuramente ou pêcas apenas durante o crescimento, succede com as creanças perynópolitanas. Os meninos são vivos, alegres, bonitos, córados e bem nutridos, mas tudo isso desapparece como por encanto de certa idade em diante. Se o clima por si só constitue uma das causas principaes, outra que calo pede mesmo que a aprofundemos com affinco e perspicacia, no estudo de certos habitos mais ou menos alli inveterados. Para tão arduo assumpto *moita*, mesmo porque o abuso ramificou-se por todos os lados.

Outra cousa em que sou obrigado a tocar é na separação de classes, no que ainda por esses lados nem se falla e que só póde vir com a entrada do elemento estranho. Assim é que muitas vezes devido ao meio em que vivia e para não ser tachado de impostor como é costume, dava-me com todos, fosse este sapateiro, curandeiro ou taverneiro. A todos tratava como é meu habito e em troca d'este bem, d'esta franqueza e ufano-me mesmo de dizer, porque não é gabar-me, da minha generosidade, recebi couces e provas da mais negra ingratidão.

Os brutos porém só merecem o nosso perdão.

A população boa e educada culpa nenhuma tem e nem n critica envolvo seus nomes, porque os respeito não por bajulação, mas porque lhes retribuo assim as suas finezas.

E' necessario n'estes pontos ser-se esperto nas relações que porventura possamos contrahir! Para conhecer os que nos podem ser prejudiciaes é preciso tactica e nada mais. Devido a certos typos, é que se diz ser o estranho alli mal acolhido, principalmente quando vai em busca de interesses.

Ha mesmo individuos que em nada se occupam e a aptidão d'elles só dá para cuidar da vida alheia. Já estava instruido a este respeito, mas nada ha como ver para crer.

Vejamos pois o ardil de que lancei mão para chegar a um resultado definitivo. Ha lá um homem o sr. F., pessoa de quem não tenho a minima magoa, mas uma vez inventando umas historietas e guiado por outras que chegaram-me aos ouvidos, fiz-me passar por seu inimigo e contei a tres ou quatro sujeitos uns factos quo só um pateta das luminarias se occuparia com elles.

Demais todo o mundo sabe que o maior desaforo que se póde fazer a outrem, é ir contar na cara o que d'elle dizem por detraz. Está claro que a minha intenção era ver se algum d'estes ia incommodar o homem, que apenas servia de instrumento ao meu ardil. Pois meu caro leitor, a verdade tornou-se em... verdade.

Na minha ardua missão vejo-me obrigado a ser succinto e mostrar evidentemente ao leitor de modo desapaixonado tudo que lhe possa dar uma ideia do adiantamento das cidades centraes, cujos usos e costumes soffrem muito lentamente as transformações porque passam. E' esta a minha missão, bem a comprehendo e n'este ponto não peço licções nem conselhos a ninguem.

Em Perynópolis as reuniões são raras e os bailes mais le rarissimos.

Convidar-se uma senhora alli para dançar é quasi um de-foro, segundo me informaram lá mesmo. Os rapazes pas-am uma vida muito reconcentrada sem a fruicção de gozos passatempos proprios da mocidade; d'ahi as consequencias 'aes da tristura desabrida a que se entregam e que termina

pela hypocondria e pela nevrose. Os nevroticos em Perynópolis contam-se ás duzias, e a nevrose pode-se considerar alli como um mal endemico.

Os rapazes alli assim como em Bomfim, chegam por acanhamento a fugir das raparigas, as quaes vivem occultas o mais possivel, e muitos dentre elles apezar muitas vezes da idade meia adiantada, conservam-se virgens até o dia do casamento! Depois de casados porém, seguem o exemplo de seus progenitores, e alguns ha que tem duas e tres amantes!

O exemplo d'isto está, que no centro de Minas e Goyaz o numero de filhos bastardos é quatro ou seis vezes maior que o numero dos legitimos.

As jovens passam o tempo melhor que os rapazes, porque occupam-se em industrias caseiras, mas raramente apparecem e vivem occultas em seus penates.

E' necessario que a critica vá desfazendo certos preconceitos para que a mulher deixe de vêz esse mutismo que a cerca e se torne apta para todos os arrojos que a natureza a creou. Uma rapariga que é educada de portas a dentro, como freira, que deixa correr n'uma monotonia enfadonha, os dias da juventude, que evita a sociedade e foge da bôa convivencia, caminha para o entorpecimento, não é uma senhora é uma cousa qualquer, não será uma esposa, será apenas a mulher propriamente dita, uma massa glutinosa sem consistencia, um corpo sem movimentos, um espirito sem espirito. Muitas vezes em minhas excursões por varios estados, em logares e pontos mesmo pouco reconditos, tenho notado que a filha familia, devido ao meio em que vive, procura de preferencia a cosinha pela salla, aprecia mais a conversação sensaborona do labrego, do famulo ou do *camarada*, do que a do cavalheiro educado e correcto no fallar e no trajar.

A bondade paterna é que quasi sempre se torna culpada d'estes males.

Uma rapariga, que desde os primeiros dias da infancia principia a conhecer o mundo, a lançar a vista sobre o bom

e o mau, illustrando-se e desenvolvendo-se, de dia para dia, chegada a hora em que se avisinha do precipicio, terá forças, saber, e conhecimento para evital-o, porque o cultivo da intelligencia e a pratica da vida, fazem-na poder distinguir o visivel do apparente. Outro tanto não succede á menina tôla, inexperiente, sem rudimentos de convivencia.

«A ambição é no homem o que a vaidade é na mulher», dizia meu parente, o distincto escriptor M. Leal; que um homem seja ambicioso até certo ponto, a conveniencia o admitte desde que pela usura não consiga obter o ridiculo, porque d'ahi emana tudo quanto póde contribuir para a edificação do progresso social; mas uma mulher vaidosa em demasia, é simplesmente extravagante. Por melhor que appareça, por mais bem accentuados que sejam os seus dotes de espirito, torna-se fastidiosa no exagero.

Nem muita ambição, nem muito orgulho, nem muita vaidade.

O tempo com a sua acção modificadora, tem mudado em Perynópolis certas antiqualhas e hoje de nada podemos tratar sem que se abram excepções. Está visto pois, que a pouca familiaridade alli existente, é devida tão sómente ao demasiado escrupulo de alguns paes o que não quer dizer que todos sigam á risca, uma serie de estultos preconceitos. Pelo contrario, lá tive occasião de travar conhecimento com alguns homens adiantados, que ha muito abandonaram esse systema rotineiro de seus avós.

Ácerca da palavra Perynópolis, foi publicado sob minha assignatura o seguinte no *Goyaz* e *Publicador:*

«...A respeito da mudança do estapafurdio nome de Meiaponte para Perynópolis, ufano-me de dizer que fui um dos que mais d'isso cuidaram, propagando a idéa de um illustre

padre já fallecido. Desde o dia em que na companhia dos Drs. Luiz Jayme e Vicente Baptista, visitei os picos da Serra Dourada, o nome de Perynópolis era pronunciado a todo o momento em reuniões e palestras, até que mezes depois teve como consequencia final, a representação da camara ao governo provisorio d'este Estado. Pena é que escrevam a palavra de uma fórma que dá logar a se dizer, ser o producto de mais uma macaqueação. Os picos de Goyaz, nada tem de commum com os Pyrêneos da Europa. A par de uma bôa etymologia escrevamos a palavra como derivada do tupy—de Pery —Perypolis ou euphonicamente—Pery-nópolis.

Não é necessario entrar em amplas divagações etymologicas, para convencer os teimosos de que a palavra deve assim ser escripta. Demais quem fôr patriota não deverá fazer o contrario. Na lucta com os factores mesologicos europêo e africano, triumphe o que é nosso, para que não riam as futuras gerações, dos erros circumcisflauticos de seus antepassados, como nós rimos ainda hoje dos nossos, pelo engano em que cahiram, denominando este bello logar—*Meiaponte!*

Agora diremos mais.

O leitor comprehenderá sem duvida a nossa intenção, fundada sobretudo no patriotismo. E' usado o systema no Brazil de ir-se buscar nomes de serras, cidades, monumentos, fontes, de outros paizes, para com elles denominarmos tudo que é patrio. Pois não é mais bonito estudarmos a lingua indigena que tende a desapparecer, e d'ella tirarmos as denominações que quizermos?

Bem proximo aos taes picos da Serra Dourada, e a tres ou quatro leguas da cidade, existe ainda um sitio denominado do Castelhano. E' crivel que tendo alli proximo, habitado em outros tempos um castelhano, conhecedor dos Pyrêneos eur peus, se lembrasse de chamar estes—de Pyrêneos brazile ros ou americanos, mas mais certo é que a denominação nã devia pegar para os brazileiros, e se era minha vontade s var o novo nome que foi dado a esta cidade, o meu fim, e

bora tardiamente, seria esconder o erro anterior e dar uma originalidade nacional á palavra.

Deduz-se pois que devem escrever Pyrênópolis os que desejam que a palavra seja derivada de Pyrêne e Perypolis ou Perynópolis os que a derivem de Pery, como sentimento patrio.

Em Perynópolis os obitos são raros, e tanto assim, que durante a minha estada alli, succedendo darem-se tres fallecimentos no prazo de uma semana, o povo chegou a commentar o facto, apoderado de panico terror.

O clima pela sua influencia prophilatica é procurado pelos tisicos, beri-bericos e outros doentes, e apenas um ou outro caso de febre alli se dá durante certas quadras do anno. O meu espirito de observação, conseguiu no entanto descobrir lá uma molestia em que até hoje ninguem cogitou. Vejamos.

Notei nas creanças e até mesmo n'alguns adultos, principalmente nos mais morenos ou acaboclados, umas manchas esbranquiçadas no rosto e raramente nas mãos e pescoço. Se é uma molestia como creio, essa gente pouca ou nenhuma importancia lhe liga, mesmo porque d'ella não lhes provém incommodo algum.

Tratando de chegar a uma conclusão na investigação da verdade, não tarde reconheci que esse mal não é mais nem menos que o purú-purú, molestia conhecida entre os Pamarys, indios do Amazonas e que existe tambem no Mexico com a denominação de *Mal del Pinto* ou, segundo os velhos mexicanos —Tzalzayanalixtli. Na Colombia chamam-n'a — Carate. Esta molestia já foi descripta por Polanco no seu *Diccionario Encyclopedico*.

Não é molestia contagiosa como se póde verificar pelo que tal respeito nos informa o Dr. Francisco da Silva Castro:

«O purú-purú não é mais que uma alteração do pigmento

cutaneo. Com os tripulantes das canôas, barcos e vapores que navegam pelo Amazonas, andam a bordo muitos indios domesticados de pura raça, affectados de purú-purú sem que tenham contagiado seus companheiros.»

Estarei enganado? Será na realidade o purú-purú a molestia que encontrei nas creanças de Perynópolis?

Que respondam os entendidos.

Commercialmente fallando, os negociantes, ou por outra, alguns negociantes d'esta cidade, como de outras goyanas, pécam por falta de conhecimentos commerciaes, e senão vejamos:

Por mais de uma vez fiz vêr a alguns, que me parecia andarem errados, nos preços das mercadorias, mas dentro em pouco comprehendi o meu engano, e verifiquei que maior era o engano d'elles. Se uns objectos primavam pela exorbitancia do preço, outros desmereciam pela insignificancia do custo. Assim é que vistas as facturas e os livros de algumas casas, deparei com a nota seguinte, em cuja copia o leitor me perdoará, não dando o preço por duzia como reza o original, e n'ella fazer a alteração por cada objecto, transcrevendo apenas os nomes de alguns artigos:

| | |
|---|---|
| (1) Por cada lata de marisco ................ | 1$800 |
| Uma lata de sardinhas.................... | $600 |
| Uma garrafa de vinho do Porto, fino....... | 1$560 |
| Uma dita de Porto, finissimo ............. | 5$000 |
| Uma dita de cognac Marie Brisard......... | 3$000 |
| Uma dita de cognac Marie Brisard......... | 4$500 |
| Um vidro de oleo de Oriza............... | $500 |

(1) Segundo a factura de um negociante do Rio. Em tempo de cambio ao par.

| | |
|---|---|
| Uma meia garrafa de aguardente do reino.. | 1$400 |
| Uma onça de sulfato de quinino........... | 2$500 ! |

Basta. Uma onça de sulfato de quinino por 2$500! Nem vale mais a pena o Sr. Dias de Therezopolis cuidar das suas cinchonas. Pobre alcaloide!

Uma lata de marisco custa em qualquer venda do Rio de Janeiro, 1$000 réis e a varejo, no entanto o negociante goyano importa de lá cada lata de marisco pelo custo de 1$800 réis, paga 10$000 réis de frete por arroba de mercadoria e sujeita-se a que esta se damnifique durante quarenta a sessenta dias que gasta na viagem. Em conclusão, por quanto póde vender-se no minimo uma lata de camarões em Perynópolis? Tres mil réis, isto é, duas vezes mais o custo a varejo no Rio de Janeiro; onde uma latinha de sardinhas custa da mesma fórma 400 á 500 réis no maximo. O negociante perynopolitano leva a sua bondade a ponto de pagar um tostãosinho mais em cada lata.

E aquelle fino a 1$560, e o finissimo a 5$000! Estupendo.

Pobre Marie Brisard, se tu fosses ao Brazil, oh gentil fabricante, terias de ficar espantada ao saber como ahi um objecto se designa por duas fórmas, e mais espantada ainda ficarias se soubesses que te tomam por duas pessoas distinctas e uma só verdadeira! E se a cousa se verificar com mais calma, talvez possamos chegar ao seguinte resultado: a 1.ª é egual á 2.ª, assim como a 2.ª é egual á 1.ª Milagres de *Fritzmark*. A que passa por falsa sem o menor escrupulo como se fosse uma cousa permittida pelas leis do paiz, traz um rotulo em tudo identico á que almeja passar como legitima. As garrafas, as rolhas, as capsulas de metal, são iguaes. gora pergunto ainda, não serão as duas de uma só qualide? Como póde o proprio negociante differençal-as? Qual ve o freguez preferir? Nem uma, nem outra. *All right*.

Sem fallar no Oriza e na aguardente que dizem ser do no... vamos ao sulfato.

Que se venda graxa e margarina por manteiga, cêbo por banha, tintura de campeche por vinho, gengibirra por champagne, algodão por casimira, milho torrado por café, tudo se póde admittir desde que a ausencia de substancias nocivas seja notoria; mas que se brinque com a saude do proximo, que se usem remedios e drogas falsificadas que em vez de curarem o doente, servirão para mais depressa mandal-o d'esta para melhor, isto é que não, e todo o rigor das leis é pouco, pouquissimo.

Durante minha estada em Perynópolis, só em uma casa encontrei sulfato verdadeiro. Certa occasião, fallecendo um menino d'um tal Hermano, victima de uma febre intermitente, convidei ao Sr. Braz Pina a proceder a um exame no resto do sulfato, que a creança tomára. O Sr. Braz é um moço muito estudioso e bastante habil n'estas cousas.

O sulfato de quinina verdadeiro, é soluvel na agua accidulada pelo acido sulfurico, e o soluto apresenta reflexo azulado. O resultado foi negativo.

Assim a creança se não morreu do mal, morreu da cura.

Os senhores negociantes do Rio de Janeiro são pois os culpados, os verdadeiros culpados de tudo isto. Não se impinge assim para trezentas leguas de distancia drogas falsificadas, objectos e mercadorias de ruim qualidade por preços disparatados. Isto é um abuso. Aos negociantes goyanos cabe tambem parte da culpa, e pagam-na nos prejuizos que soffrem constantemente, devido a muitas vezes não procurarem obter certos generos directamente de casas especiaes. Se pedem ao correspondente no Rio, mercadorias estranhas ao negocio d'este, ellas hão-de lá chegar forçosamente por preços excessivos e as mais das vezes de pessímas qualidades. Cada qual deseja um lucrosinho e...

Nada ha como as compras serem feitas pelo proprio negociante e a dinheiro. Escolhe o que quer e barato.

O commercio d'este estado caminha mal, e quasi sempre o proprietarios das casas commerciaes, não dispõem da men

pratica e são assim explorados facilmente. O egoismo é tanto que raros são os negociantes goyanos que dão sociedade a seus empregados, porque estão longe de reconhecerem as vantagens a tirar d'este acto. Pobres rapazes que trabalham annos e annos vencendo pingue ordenado e sem obterem o justo premio de seus esforços.

Na capital de Goyaz, entre os negociantes brazileiros, conheci um que sabia verdadeiramente negociar, é o Sr. Philippe de Alencastro, uma commercial cabeça. Philippe é um homem que não só trabalha para si, como se mostra sempre prompto a coadjuvar os estranhos que alli vão tratar de seus interesses. Apesar de tudo, ha tambem caixeiros que ficam ricos, patrões que morrem pobres... e viuvas que ficam na miseria!

Perynópolis durante o mez de agosto fica quasi deserta, em consequencia da festa e romaria do Muquem.

Uma immensa multidão acode de todos os pontos do estado e de outros visinhos, e vae reunir-se em torno da celebre capellinha, que passados os dias ruidosos da festa, permanece isoladamente no meio de silenciosos e tristes ermos. Os principaes negociantes de Perynópolis partem para lá em fins de julho, levando cada qual o seu lote de burros carregados de mercadorias, que trocam ou vendem aos romeiros.

Uma das melhores corporações musicaes do estado goya-o, é a que dirige em Perynópolis o cidadão Antonio do Nasmento, o que é raro encontrar-se n'estes centros. Infelizmente ssa banda de musica é pouco visivel. Durante minha estada poucas vezes a vi sahir á rua, limitando-se mais a raros saios de portas a dentro.

As serenatas de violão, cavaquinho e rabeca, estão em moda e modinhas d'aquellas que em vez de nos alegrarem nos entristecem ainda mais. E gostava de ouvir o Xixi nas noites de luar ao lado do Rubem a cantar a «Liria querida» ou o «Amor verdadeiro»... Que lyrismo!

Muitas vezes se reuniam em minha casa. Uma meninada alegre estacionava em frente d'ella, e o silencio que de ordinario invadia aquella melancolica terra, era quebrado pelos cantos e sons dos harmoniosos instrumentos, por entre a algazarra da pequenada.

Nunca, porém, essas reuniões tiveram um caracter desusado, senão uma noite em que para divertir aos convidados, fiz algumas experiencias de hypnotismo e magnetismo.

N'essa occasião os nevroticos viram-se verdadeiramente confundidos diante do somnambulismo magnetico. Eis ahi o resultado de uma experiencia: O jovem Francisco Gordo soffria de uma enxaqueca. Deitado sobre uma cama, tentei a hypnotisação pela fixação de um objecto brilhante. Ao cabo de quatorze minutos sobreveiu somno profundo, conservando-se a audição. Fez-se a suggestão que constou do seguinte:—accordará bom e dormirá profundamente. Por um simples aceno o rapaz mostrou-se crente e obediente.

Quando despertou sentia-se com effeito bom e apenas se queixava de fraqueza.

Um bom padre vigario era o que tinha Perynópolis na pessoa do reverendo J. Joaquim do Nascimento, possuidor de todos os predicados para ser querido de suas ovelhas. O pov alli é religioso mas não fanatico, e n'este ponto tudo irá bem emquanto de religião houver só o preciso. Passando agora occupar-me do municipio, resta-me ainda dizer que apesar do habitos velhos e rotineiros que desapparecerão dentro

poucos annos com a approximação da estrada de ferro, que ainda está a cento e poucas leguas de distancia, o povo de Perynópolis é agradavel, extremamente delicado e bondoso.

Perynópolis hoje é uma sombra da celebre Meiaponte de outr'ora, no entanto vaticino-lhe ainda em tempo não remoto um novo futuro de grandeza e prosperidade. O seu clima benigno e as riquezas naturaes que a rodeiam, são tantas, que abertas mais faceis vias de communicação, hão-de chamar no correr do tempo a attenção dos emigrantes e dos emprehendedores. O tempo o dirá.

Perynópolis deve sua origem á extracção do ouro. A extraordinaria riqueza do municipio explorada ha mais de um seculo, offerece vasto campo de acção á industria extractiva, abandonada quasi por falta de braços e de apparelhos adequados. Percorrendo-se as proximidades da cidade, margeando o rio das *Almas*, o qual corre sobre um leito aurifero assim como o ribeirão do *Inferno* e outros, encontra-se velhas catas, desbarrancados, trabalhos de arte, e que tudo indica que o ouro foi o movel que encaminhou os primeiros habitantes d'essas paragens.

O municipio tem terrenos de varias especies pelo que se póde deduzir isto—bons e maus. Alguns são uberrimos e produzem com abundancia toda a sorte de cereaes e o algodão, fumo, canna de assucar e café.

A lavoura sente-se como pêada no seu desenvolvimento pela falta de braços, principalmente depois da extincção da escravatura e bandos de libertos vagueam pelas povoações aos magotes e de braços crusados sem que uma lei ou uma força actue sobre elles e os faça cuidar do trabalho.

Nas invernadas ao longo dos campos nativos dá-se a creação das raças bovina e cavallar.

Cumpre-me chamar a attenção do leitor não só para o mu-

nicipio em questão, como tambem para todo o sul d'este Estado que dentro em poucos annos deverá receber o braço extrangeiro na pessoa do emigrante, apenas o silvo da locomotiva repercutir ao longo d'essas ricas paragens, ora tão tristes e solitarias.

A principal lavoura de Goyaz é a do fumo, e o fumo ou tabaco de Goyaz é o melhor do mundo, se bem que em terra alguma seja tão mal preparado, o que prejudica sensivelmente o expeditor. Tudo é feito sem methodo nem estudo.

No municipio de Perynópolis existem algumas plantações. Ha terrenos magnificos para este cultivo taes como os de consistencia mediana, areno-argillosos, ricos em homus e frescos durante o verão.

O tabaco goyano é o que alcança melhor preço no mercado do Rio de Janeiro, tanto assim que por causa da sua justa reputação, apparece sempre alli fumo de outras procedencias, imitando o goyano, que illude muitas vezes o comprador inexperiente.

Tem havido epochas do verdadeiro fumo goyano alcançar n'aquelle mercado o bonito preço de 30$000 réis por arroba, mas quasi sempre o expeditor em Goyaz é ludibriado pelos velhacos do Rio que o exploram tristemente, enviando-lhe contas correntes que não passam de *reclames* ao officio.

Os fumos mais apreciados são os velhos e aromaticos claros. Em geral os lavradores goyanos ainda mesmo os que possuem alguma instrucção, pouco se dão ao estudo da economia rural desprezando assim os preceitos que prezidem á boa exploração das terras, as quaes são mal preparadas e o certo é que para bem produzirem precisam de estrume e cultivo tal qual como o homem para viver precisa de alimentação.

O Estado de Goyaz é, como já disse o distincto escriptor Dias da Silva, «um escrinio de riquezas indescriptiveis e só aguardando o momento em que o progresso lhe descerre as portas, a elle está reservado um futuro de prosperidade e grandeza que a pequenez dos nossos administradores abastar-

dados por nefasta politica, não comprehende nem comprehenderá nunca.» Em outros tempos um homem houve que de longe mesmo conheceu-lhe as grandezas com que a dotou a natureza e procurou chamar para essa parte do Brazil a attenção dos povos civilisados. Esse homem foi o Marquez do Pombal.

A culpa do seu estado desolador e do abatimento em que jaz pertence, é duro dizel-o, a seus proprios filhos e a politicagem vil que os corrompe.

Como não ha regra sem excepção, é bom lembrar que em Goyaz ha no entanto uma meia duzia de homens corajosos e intelligentes, que tem envidado todos os esforços afim de dotal-o com certos melhoramentos, que contribuirão para o seu desenvolvimento. Estes servem quasi sempre de alvo ás injurias e apodos que lhes atiram aquelles que nadam nos mares da inercia, e que só procuram destruir a obra alheia, que é a gloria de todos.

Em Goyaz ha uma negação absoluta pelo bem estar e adiantamento proprio e do proximo. Vejamos um facto que prova o que affirmo.

Alguns goyanos patriotas, entre elles o incansavel cavalheiro Henrique Silva, fundam no Rio um club a que denominaram «Centro Goyano». Esta sociedade estabelece-se com dous fins louvaveis, ter uma caixa beneficente para ajuda dos estudantes goyanos pobres, e tratar praticamente do desenvolvimento d'aquelle estádo. Abrem-se subscripções, na capital obtem-se alguma cousa é verdade, mas os homens ricos, os fazendeiros, os capitalistas que habitam o estado, fecham os braços, fazem-se mudos e não mandam um real a tão util associação.

Ahi vão alguns topicos da descripção feita pelo doutor Caillo de Brito, ex-presidente de Goyaz e que passo a transever:

«A agricultura sem incentivos, sem utensilios e sem esco-s, vai entretanto em prosperidade gradual.

Elementos preciosos que por si só hão-de impulsional-a,

taes como terras uberrimas, climas variados, admiraveis quedas d'agua ainda não foram conhecidas e aproveitadas.

A producção não vai geralmente alem do consumo local.

O assucar de canna e aguardente chegam apenas para o consumo; as moendas das fabricas, construidas de madeira são na quasi totalidade movidas por animaes; são rarissimas as moendas de ferro movidas por agua.

Apezar das excellentes condicções do clima e do terreno a lavoura do café não se tem propagado, sendo preciso importal-o do estado de S. Paulo. (!)

Ha apenas o municipio do Corumbá que produz annualmente 4 a 5000 arrobas.

O algodão produzido em quantidade diminuta chega apenas para alimentar alguns teares do systhema primitivo.»

Está claro que o doutor Brito, muniu-se apenas de noticias e informações para formular o seu relatorio. Não ha nada como vêr para crer, e a mim que viajo no exercicio da minha profissão isso me é dado constantemente.

D'estas apreciações pois se deprehende o que já affirmei, isto é, que ao estado de Goyaz, hoje falta apenas a iniciativa e coadjuvação de seus filhos. Não se póde esperar tudo do governo, é preciso ter-se iniciativa propria. A fortuna publica é fornecida pelo particular, desde que a iniciativa particular fallece, fallecem todos os meios de que aquella póde lançar mão para coadjuvár esta.

O leitor que deseja simplesmente com a leitura recrear espirito, hade já estar cansado de taes divagações necessari ao complemento d'esta obra, por isso vou agora leval-o até cimos escabrosos da formosa serra Dourada.

Havia designado o dia 9 de agosto para um passeio aos

cos denominados dos Pyrèneos e onde Pyrêne jamais poz os pés.

De oito cavalheiros que tinham promettido accompanhar-me n'essa deleitavel excursão, apenas quatro mereceram jus ao cumprimento da sua palavra. Eram elles o sr. Dr. Luiz Jayme, bacharel em direito, o Dr. Vicente Baptista, engenheiro civil, e os Srs. Theodoro Gomes, pintor, José do O', escrivão do crime, e o pequeno Jeronymo, portador de bojudos alforges de *matolotagem*.

Só por volta do meio dia, uma vez reunidos em frente da casa do major Jayme de Sá, deixámos a cidade e partimos em direcção ao Abbade. Até este ponto temos a vencer a distancia de legua e meia apenas. A estrada ou por outra, o apertado trilho que lá conduz é cheio de escabrosidades e desde então enfronhado com algumas informações comecei a fazer uma ideia vaga do que nos estava reservado para mais adiante.

O rio das Almas depois que o transpuzemos a váo, ia ficando á direita e chamava a nossa attenção o ruido de suas aguas, que descem escoltadas em uma e outra margem por uma orla de penedos assombrosos, tão claros muitas vezes como o marmore.

O solo sempre em declive apresenta um aspecto interessante como de uma cidade em ruinas pela discordancia e desordem que alli se nota. Cá e lá por toda a parte montões de pedras cujas bases assemelham-se aos alicerces de paredes desmoronadas, fazendo-nos crer em um cataclysmo alli occorrido em remotos tempos.

A differença do quartzo espalhado n'estas paragens é sensivel, apresentando assim uma variedade incalculavel de tons e de côres. As lages sobrepostas ao lume do sólo, comquanto de qualidades desiguaes apresentam a mais perfeita homogeneidade devido aos rigores do tempo. Pela collocação em que se acham, a attenção do viajante é muitas vezes despertada,

sempre prompto a admirar em sua nudez os prodigios da natureza.

Vi alli lages de grossura e dimensões taes, collocadas umas sobre outras e tão bem dispostas, que pareciam mais gigantescos tumulos de antigos, dessiminados no meio de destroços. Em certo ponto uma arvore de cujos ramos pendia uma vegetação cryptogamica, sustentava em seu tronco ja bastante arcado enorme pedra.

Este terreno escabroso é coberto ás vezes de plantas exoticas e rasteiras, outras, de espessa e luxuriante vegetação enramada de viçosas parasitas e floridas trepadeiras.

Algumas fructas cadivas parecem desafiar a golozeima do viajante, e de vez em quando colhiamos algumas. A mais preciosa e que melhor se adaptava ao nosso paladar era a bugarana ou marmellada de areia como lhe chamam os fedelhos. Apresenta o tamanho da goiaba e o seu conteudo é saboroso. A planta é bonita, de tronco delgado e direito, ramos esguios e folhas oblongas, de cinco pollegadas de comprimento e duas e meia de largura. Quando bem madura é preta lusidia. O verdadeiro nome d'esta fructa — bugarana, foi-me fornecido pelo velho capitão Braz de Pina, pois que não encontrei por mais que procurasse em tratados botanicos descripção da planta.

O terreno soez e safaro continua em alguns pontos apresentando todavia interessante aspecto, até ás minas de ouro do Abbade, onde chegámos dentro em poucos minutos, examinando os damnos e estragos alli causados dous annos antes. A povoação do Abbade consta de doze casinhas, alguns telheiros e as ruinas de outras que foram destruidas durante o assalto que alli se deu. Uma parte do bicame foi cortada e a outra necessitaria de reparos para de novo achar-se em estado de funccionar. Da serraria resta apenas o esqueleto enegrecido pelo fogo.

O local é aprazivel e extremamente pittoresco. Vimos al um velho de nome Ignacio quasi decrepito, que parece fing

tomar conta do que lá existe na auzencia do encarregado. Machinas, tubos, instrumentos, peças de ferro e varios outros objectos, pairam á mercê do tempo ou recolhidos n'umas casas que não tem portas, de paredes feitas com lages sobrepostas sem argamassa e que não tardarão a desabar.

Durante as aguas alguns aventureiros apparecem por lá, cada qual tirando o ouro que póde, o que se tornou facil com os grandes desmoronamentos havidos, facilitando a vasão do metal em pó.

Ao lado da povoação ha um desbarrancado profundo e de boa extensão.

Estes terrenos produzem ouro, antimonio, e estanho, não havendo por emquanto noticia do apparecimento de diamantes.

Sem nos demorarmos mais tomámos o caminho que conduz á cascata do rio das Almas e foi enthusiasmadissimo que d'ella me avisinhei seguido dos companheiros.

Descrever aqui o que é essa admiravel obra da natureza é trabalho arduo e sem duvida superior ás minhas forças.

Ao aproximar-se o visitante, descendo o caminho escarpado que lá conduz, estaciona em attitude de contemplação beirando o sombrio lago, no fundo do qual entre uma nuvem de vapor aquoso, as aguas se beijam apoz uma queda de grande altura e formando um só lance desde o vertice até á base.

Os grandes sentimentos expandem-se durante todas as occasiões que se tornam solemnes, em face dos grandiosos espectaculos naturaes, no silencio das solidões. Dir-se-hia que o que temos á vista não é simplesmente uma tosca obra da natureza, mas sim o producto de insano trabalho, a obra de um artista eminente, de um portento colossal, tal a symetria e delicadeza fórma que se nota. Uma obra completa.

Eis-nos em frente não de uma d'essas cascatas vulgares e admiramos em varios paizes, mas sim de uma cachoeira ovida de milhares de encantos, offerecendo grandioso e im-ente aspecto, o que tudo a distingue de outra qualquer.

Nada lá distrahe o forasteiro, nem o proprio sol que brilha apenas nas cópas das arvores, nem o vento que geme em cima no chapadão, nem o ruido das aguas que descendo do lago em um simples arroio, vão de novo rolar mais abaixo sobre um leito de penedos gigantescos.

Depois que o forasteiro se avisinha do lago, o local tem a fórma de um vasto amphitheatro, orlado na espaçosa entrada por uma vegetação que a cobre, dando-he o aspecto de uma aboboda de verdura sombria e fresca. Ao fundo escavadas na pedra bronzeada, descobre-se uma serie de figuras exquisitas, producto da agua que se filtra e cahe lentamente pela parede abaixo.

O interior do lago visivelmente a descoberto pela pureza do precioso liquido, apresenta-nos uma variedade incalculavel de pequenos crystaes e pedrinhas de varias côres, de que tratei logo de fazer uma collecção escolhida.

No cimo escabroso do alcantil, o sol reverberando todo o seu explendor sobre as aguas, que d'ahi se despenham, inundava de luz aquella crysta de pedra juncada de orchideas e trepadeiras.

Apesar do resoar das aguas, ouvia-se distinctamente a algazarra que faziam os papagaios e periquitos nos altos pincaros que tinhamos á vista. Myriades de passaros de varias qualidades, batiam as azas inquietas, debruçando-se ao longo dos rochedos ou das altas ramagens, e alli a poucos passos de nós, sobre o galhinho de uma mangabeira, um casal de juritys ruflava de gosto, travando lucta na grande obra da procreação.

Entre estas scenas cheias de vida e de uma natureza virgem cheia de sigillos, cada um de nós buscava um ponto de onde melhor podesse disfructar tantas bellezas.

O Dr. Vicente Baptista é homem de trinta e poucos ann suave, comedido no fallar umas vezes e brusco em outra devido ao seu todo nervoso. A presença de um precipicio despenhadeiro era o bastante para sentir-se logo electrisa

até á medula dos ossos, e causar-lhe terror a menor imprudencia dos companheiros. Natural de Perynópolis, partiu voluntariamente para a Europa de onde voltou fazia pouco tempo, trazendo o diploma de engenheiro civil pela Universidade de Gand. Sectario das idéas modernas, dá margem a ser apreciado em seus aphorismos.

Nós haviamos deixado a cachoeira da *Opera*, como a denominei visto que a infeliz era pagã e nem nome tinha, e marginámos a pé o rio, transpondo lages, galgando escadarias de pedra, cujos degraos eram simplesmente obra da natureza, como o eram tambem os muros lageados que formavam um intrincado canal, juncado de lichens e de musgos. Bastaria um passo a mais, uma imprudencia por minima que fosse, para uma pessoa resvalar e dizer adeus ao mundo.

Foi pois com certo contentamento que o Dr. Baptista nos viu voltar e seguirmos com elle a viagem interrompida tão aproveitavelmente durante mais de uma hora.

Desde Perynópolis que subiamos sem cessar, e agora o terreno comquanto menos accidentado, continuava a achar-se coberto de pedregulhos e de uma planta pouco ramificada e quasi nua, denominada «canella de ema». Dentro em pouco dava-se uma transmutação completa em tudo que tinhamos diante dos olhos.

Acabavamos de chegar a um sitio ermo, sem horisontes nem perspectiva, a um retrahido valle cercado de morros aridos e soturnos, onde uma vegetação enfezada se divisa atravez de successivos penedos.

Nem uma ave piava n'aquellas alturas e apenas se ouvia o vento farfalhar pelas ramas resequidas dos arbustos, e o borborinho de um regato cuja limpida agua deslisava suave por ʼna furna. O tecto era um enorme lagedo, e a entrada for- ʼda sobre a explanada, por baixo da qual o precioso liquido lava em catadupás.

O Dr. Jayme, apeando-se, desceu á gróta e matou a sêde, ʼlamando:

—Maravilhosa!

Com effeito a agua era transparente e clara como a neve, e fria como o gelo.

Dos companheiros, um havia que mostrava ligar particular attenção a tudo que via durante o passeio. Era o Theodoro Gomes, artista por vocação, que sem haver moldado o seu genio nas licções dos mestres, procurava comtudo cultivar a intelligencia, e na faina infatigavel que desenvolvia, expunha a sua demasiada força de vontade. Theodoro Gomes sem ser um Rubens, era todavia pintor e nos seus trabalhos, embora rudimentares, apresentava sempre alguma originalidade. O certo é que um artista de sertão, para viver necessita empregar o tempo em mil misteres, e Theodoro era um encyclopedico. O seu atelier parecia uma communa, um centro de anarchia, de desordem e balburdia. A parede servia-lhe de téla, um caco de palheta, um banco de meza e tudo o mais n'este gosto.

Elle trabalhava com o pincel, desenhava a crayon, concertava louça, era prestidigitador, entendia da arte culinaria, negociava e fazia tudo que lhe accudia á mente sempre vencendo as difficuldades.

Deixando aquelle sitio solitario e sombrio, em pleno deserto, continuámos a viagem, de quando em quando interrompida por algum incidente imprevisto ou quando paravamos para contemplar os magestosos panoramas que se iam descobrindo na nossa rectaguarda.

Logo adiante tivemos de apreciar um lindissimo buritysal que seguia ao longo da cabeceira, até sumir-se por detraz da montanha a tres ou quatro kilometros de distancia. Desde a nascente corre a agua escoltada por centenas d'essas bellissimas palmeiras, que são o enlevo do viajante e a belleza d'e tas longiquas e desertas paragens.

Entre a relva amarellada dos campos, plantas rasteiras quasi desconhecidas dos botanicos e dos ternos cantores, e tregam ao vento o odor plebeo de sua curta ramaria, salpic

da cá e lá d'essas florzinhas desdenhadas, que mão de gentil morena, nenhuma tem talvez colhido e que poeta algum jámais tem cantado.

Uma outra planta verdadeiramente anã e mais do que exquisita, surgia á superficie do solo sem mostrar nem galhos, nem folhas, nem tronco. Uma verdadeira curiosidade. Via-se apenas uma especie de batata, munida de um pello curto e duro, pardacento ao centro e negro luzidio ao redor, á imitação de cabello aparado em volta da cabeça. Ignoro como denominam essa aberração da flóra, em todo o caso ficava bem chamarem-lhe cabeça de frade, e vejam se ha ou não paridade.

Luiz Jayme não cessava de chamar a minha attenção para tudo, ministrando-me informações.

Ao entrarmos n'um cerrado, encontrei algumas mangabas maduras que apanhámos com todo o cuidado para se não esborracharem. O tempo não era proprio, mas n'aquellas alturas devido ao clima, as fructas sazonam com irregularidade.

Chegados á distancia de quatro kilometros dos picos, parámos por alguns momentos, e lançando um rapido olhar sobre o caminho que, descrevendo curvas pelo despenhadeiro abaixo, inspirava-nos simplesmente terror. Um inferno ás portas do céu.

Theodoro Gomes antevendo o perigo, prevenido e cauteloso, foi-se apeando para descer a pé, levando o animal pelo cabresto.

Peor seria se este escorregando, levasse aos trambulhões o atilado cavalleiro. Isto é o que não calculou elle.

Assim, cada qual como poude e não sem pouco trabalho e prudencia, chegámos finalmente a uma fralda da serra, atravessámos o corrego e continuámos a subir por uma encosta em direcção aos picos, que agora mais de perto se assemelhavam a tres gigantes de pedra.

Logo adiante do corrego, José do O' separou-se de nós, tomando outra direcção. O indemoninhado caçador ia esperar




A caminho dos Pyrêneos Goyanos

veado na borda da matta e promettia-nos uma ceia de estrondo.

Do ponto em que nos achavamos até á base dos picos, o espaço conserva-se verdadeiramente deserto, e nem sombra de caminho tinhamos á vista, mas como era campo, passámos a salvamento e só parámos na base do primeiro pico bem perto de um pequeno caãpuam.

As nossas condicções não eram lá muito boas porque não levavamos rêdes, nem barraca, e apressados ao partir apenas tinhamos providenciado quanto á *matolotagem*. Em compensação teriamos os baixeiros e as mantas para improvisar-mos leitos, e cobertas de lã para nos cobrirmos.

Uma noite em toda a parte se passa e como no caãpuam devia forçosamente de haver madeira secca de que fizessemos lenha, para lá nos dirigimos.

Caãpuam ou ilha de matto, é nos chapadões e campos do Brazil o que um oasis é nos desertos do Sahara. A differença consiste que em vez de areacs temos lindissimos vargedos e campinas cobertas de verde forragem.

Ao envez de outros, cito o termo indigena caãpuam, em logar de *capão*, por ter esta palavra varios significados, o que parece-me deve causar viva confusão áquelles que não estão afeitos aos dialectos brasilicos.

Nos caãpuams ha arvores seculares, muitas plantas de varias especies, umas já conhecidas, outras completamente abandonadas da sciencia. As mais lindas palmeiras, as mais bellas e raras orchideas e plantas viburnas, ahi se encontram em fraternal amplexo.

O seio d'aquelle verdejante e florido caãpuam transudava a seiva de certas arvores, e o ar conservando-se perfumado produzia sensações as mais agradaveis que muitas vezes terminam pela embriaguez. Alli temos varias especies de canêlla, baunilha, a almecega, (*issicariba* ?) as flores de resedá silvestre e da carabybeira etc. E' tambem n'alguns pontos da serra Dourada que existe o *Papirus* ou arvore do papel.

Atravessando o espesso caāpuam estabelecemos o nosso rancho perto de uma nascente para estarmos assim, póde-se dizer com agua em casa, e além d'isso se quizessemos não faltaria tambem alli o famoso licor que se extrahe do burity, pois uma fila d'essas palmeiras, accompanhava a agua que perto de nós brotava do solo aos borbotões correndo corria silenciosamente por entre a relva.

A primeira cousa que fizemos foi pensar os animaes e soltal-os no encosto proximo.

Jeronymo estava incumbido de accender o lume, afim de aquecermos a nossa refeição constante de carnes.

Aproveitando ainda os ultimos clarões vespertinos, tratei de explorar o melhor possivel as redondezas, e a pé mesmo subi o morro percorrendo uma boa distancia até á base do primeiro dos picos, atravancada de lages de todas as dimensões.

Embevecido em admirar a belleza e mudéz d'aquelles sitios, saltando de pedra em pedra, de eminencia em eminencia, cheguei a am aprazivel alto e sentei-me n'um rochedo junto ao qual vegetava um pé de arnica. De repente alguma cousa chamou-me a attenção. Era a entrada de uma furna que ficava trinta passos adiante de mim.

Um pensamento horrivel atravessou-me o cerebro como o raio que corta o espaço, e senti-me instintivamente apoderado de mudo terror. Serviria aquella caverna de guarida a alguma onça ou animal feroz! E se com effeito fosse certo, o que era facil, em caso de ataque como defender-me-ia, se nem ao menos uma simples faca comigo portava.

Até então nem pensava em tal.

Isolado no fundo d'essas solidões, vendo a noite aproximar-se como um phantasma que tudo avassalla e cobre com seu tenebroso manto, senti um calafrio percorrer-me o corp e deixando o rochedo voltei de novo ao chapadão, em demand do sitio onde se achavam os companheiros.

O sol descambava rapidamente para o occaso e o vent rugia com incrivel violencia, só propria d'aquellas alturas. O

horizontes fugiam-me das vistas, nublados de fumaça das queimadas.

Caminhando o mais depressa possivel, cheguei emfim onde desejava, mas uma vez ahi, sem poder atinar com a direcção do caãpuam, julguei-me perdido e deixei o echo de um grito claro e arguto perder-se nas amplidões. Não obtendo resposta, soltei outro, mais outro, mas sempre debalde.

A situação complicava-se e a noite estendia rapidamente seu manto sobre aquelles pavorosos desertos, nos quaes nem sombra de caminhos existe. E' verdade que no chapadão, sabendo-se a direcção que se deseja tomar, marcha-se por elle além, mas a hora tardia e sobretudo a inquietação de espirito em que estava... Antes podesse dizer com Francisco Palha:

«Não vê caminho
Quem scismando, o percorre; quem absorto
Em seu phantasiar anda sósinho
Por isso ás vezes em atalho torto
Até perder-se vai, quem muito scisma»

Seguiria em rumo contrario? Mas como, se alli bem perto estava o colossal morro de pedra, proximo do qual pelo lado de sudoeste, achava-se o arranchamento?

Em todo o caso quem me diria, que por descuido não tivesse caminhado em sentido contrario e me achasse proximo não do primeiro mas do terceiro pico? Se com excepção do segundo, isto é do central, os dois assemelham-se configuradamente? Quanto á altura não me devia regular por ella, porque uma illusão d'optica, occasiona a dura verificação de um engano.

N'estas dolorosas emergencias, forçoso era tirar partido do melhor dos calculos, e para isso o mais prudente pareceu-me subir a uma eminencia afim de orientar-me.

Não foi sem difficuldade que consegui chegar a um ponto onde a vista, apesar da pouca luz crepuscular, abrangesse

largo espaço; mas felizmente o resultado foi satisfactorio porque não tardei em avistar os animaes que pastavam no encosto á esquerda do caāpuam.

Apenas tinha dado alguns passos nas proximidades de um cerrado, quando divisei um vulto que se aproximava, subindo a encosta.

Era o Jeronymo que ouvindo-me os gritos, me julgára perdido seguindo em minha procura. Com tempo.

A lua acabava de substituir o sol, e a terra parecia esmaltada pela projecção de seus raios.

Instantes depois saboreava alegremente com os companheiros reunidos, o magnifico jantar que trouxeramos prompto da cidade. Constou elle de carne de porco, vacca, gallinha, camarões de lata e farofas, regando-se tudo com alguns copitos de pinga (aguardente), o que é um córte para os maus effeitos d'esses alimentos gordurosos.

Durante a ceia serviram as onças de motivo á nossa conversação. Dizia-se que ha alli muitas d'ellas, fallou-se dos estragos que fazem nos campos de crear, matando dezenas de novilhos, no melhor modo de dar cabo d'esses animaes ferozes, verdadeiros tigres do Brazil.

Assim que acabámos a refeição, tratámos de preparar um grande feixe de lenha, afim de passarmos a noite cercados de fogueiras, pois o fogo afugenta esses animaes. Eu principalmente fiquei de prevenção e fui dos ultimos a conciliar o somno.

O terreno ahi era ligeiramente inclinado, e os nossos leitos foram estendidos na borda do caāpuam. A noite estava um pouco fresca e por isso conservei o meu frasquinho de cognac ao lado das armas, perto da cabeceira.

Com o profundo silencio e a solemne paz d'aquelles ermos, já tranquilisado, adormeci.

Alta noite despertava, apoderado de uma sêde cruel e até mesmo com appettite, e lavantando-me como impellido pela vontade de a mitigar, procurei o cuieté que ficára com agua

mas fui encontral-o despedaçado pelas patas dos animaes e sem uma gotta. O unico recurso era ir á nascente, mas isso não é com certeza das cousas mais faceis para quem desconhece o terreno que tem a pizar. Atravessando o brejo, poder-me-hia atolar ou correr o risco de ser offendido por alguma serpente venenosa.

Corria alta a noite, um silencio verdadeiramente sepulchral reinava em torno do caäpuam, ouvindo-se alli apenas o resfolgar dos companheiros adormecidos, á luz de um luar explendido, de uma noite allumiada pelas radiantes constellações do Centauro, da Aguia e do Cruzeiro e por centenas de nebulosas esparsas no espaço.

Atiçando o fogo e augmentando-lhe o combustivel ao seu vermelho clarão, a relva do brejo fulgurava humida e orvalhada. Da fogueira desprendiam-se borbotões de fumo e myriades de fagulhas chammejantes voavam sumindo-se nos ares.

Lançando mão d'um escacillo do pericarpo, encaminhei-me para a nascente cautelosamente, examinando de espaço a espaço o terreno que parecia fugir-me debaixo dos pés. Ao approximar-me de um burity, rouco murmurio da agua que brotava da terra, chamou-me a attenção e promptamente consegui, não sem molhar os pés, encher a vasilha que esvasiei ahi mesmo, enchendo-a de novo.

De volta ao arranchamento verifiquei que um dos companheiros gemia aos intervallos, e buscando conhecer a causa, reconheci ser o escrivão José do O', que em vez de caça apanhára uma temivel dôr de dentes. E eu n'aquelle momento senti de novo a ancia com que despertei e fui esquadrinhando logo o nosso alforge de provisões. Um pedaço de lombo de porco no qual ainda ninguem tocára, provocou-me mais depressa a vontade, e passando-lhe a ponta de um espeto de madeira, levei-o ao calor do fogo.

Um dos companheiros acabava de despertar e resmungava tiritando de frio. Era o Theodoro Gomes que se espantou de vêr-me de espeto na mão áquellas horas.

Bem me pareceu que vontade sentiu elle e bastante, de entrar-me no bocado, mas o frio como uma barreira invencivel, fel-o desistir do plano e occultar novamente a cabeça nas dobras do cobertor.

A lua continuava a sorrir no espaço, esmaltando com seu brilho as encostas e os caāpuams, e por entre a espessura do bosque parecia-me descobrir na obscuridade, dois pontos luminosos que se sumiam sempre antes que tempo tivesse de aproximar-me d'elles.

Depois de saborear o magnifico pedaço de lombo, bebi um trago de cognac e cahi sob a influencia tépida da coberta.

Quando despertei o dia já vinha clareando as ermas cabeceiras.

Brizas matutinas começavam a desfazer o tenue vapor branco que a noite estendera ao longo dos buritysaes, elevando-se em niveos flocos sobre as copas das formosas palmaceas.

Emquanto José do O' e o Jeronymo percorriam o encosto em procura dos animaes, nós enrolavamos nossas cobertas sacudindo e batendo-as.

A manhã estava fresca, e o sol dentro em pouco apparecia scintillando como o carbunculo sobre o orvalho, e destacando vivamente os contornos d'aquelles gigantes de pedra immoveis e silenciosos.

Bandos de aves cortando os ares, abatiam o vôo e iam pouzar nas bordas do matto, assustadas muitas vezes com a presença de seus hospedes.

Theodoro, o sympathico pintor, assentado sobre o tronco carcomido de uma arvore já sem seiva nem folhagem, com o tópe apenas enramado de parasitas e coberto de musgos, deixava sua alma de artista expandir-se, contemplando as bellezas d'aquellas paragens.

E' que as moutas de buritys, as hervas e as flôres de ca rahyba e resedá, com os seus perfumes, a aurora vermelha e risonha, e o sol nos seus primeiros raios, o cheiro penetrante

de almecega, a canção do sabiá, o zumbido dos insectos, o coachar dos batrachios, o canto interrompido da seri-ema, os flancos escarpados das penedias, as mil côres, os mil aromas, os mil ruidos, a natureza n'uma palavra era sympathica ao seu amor proprio. Era o fundo do quadro, era a moldura dourada pelos raios do sol nascente.

Os animaes tardavam já e nós perdiamos o fresco da manhã para fazermos a ascenção aos picos.

Atravessando o caãpuam de uma a outra extremidade, avistei o Jeronymo que vinha com elles. N'um momento achou-se tudo prompto para partirmos. Foi necessario porém passarmos o mãtto a pé levando as mullas pelo cabresto e abrindo passagem a facão. Apenas chegados ao alto já no cerrado, montámos, principiando então vagarosa marcha.

Os cambiantes de vegetação tornavam-se cada vez mais sensiveis n'aquelles terrenos elevados, onde a variação de altitude equivale á variação de latitude.

O doutor Jayme que parecia cada vez mais encantado com a deleitavel excursão, interrogou-me uma vez:

—A que altura calcula estarmos?

—A uns...

—... mil metros sobre Perynópolis, completou.

De facto comquanto tudo isso não passasse de um mero calculo, o engano devêra ser de minima importancia. Desde Perynópolis que nós subiamos sem cessar, descendo apenas encostas e declives ou passando bocainas da vasta rêde de montanhas que atravessa o estado em toda a sua extensão.

Nas mattas que circundam o chapadão encontra-se muitas qualidades de madeira de lei. Temos alli a casca d'anta (Drymis granatensis) uma planta util, cujos fructos gynobasicos são compostos de tres a cinco bagas polyspermas — na lingua indigina chama-se caã-pororóca. Vegeta tambem nos cerrados e terrenos pedregosos um arbusto a que dão erradamente o nome de arnica, pois procurei certificar me d'isso.

De distancia em distancia vê-se numerosos pés de canella

de ema, planta aphyla e de aspecto triste como os desertos em que vegeta. O sumbaré, especie de batata fibrosa, coberta de uma casca amarellada e que fornece magnifico grude aproveitado nas artes.

Perto dos picos ha pontos despidos de vegetação, com a rocha subjacente a descoberto e onde apenas se encontram lichens e musgos.

Como uma ampla linha de separação que se estende de noroeste a sudoeste e a perder de vista, lá está o chapadão coberto simplesmente de relva e de raros arbustos de mui pequena altura, extremamente ramificados desde a base e linhifeitos apenas no centro.

O disco do sol já se elevava bem acima do horizonte quando nós chegámos á base do mais alto dos picos isto é— aquelle que parece ficar á direita a quem partindo de Perynópolis se dirige para elles. E' tal a impressão que o viajante sente ao aproximar-se d'esses montões de pedras que dir-se-ia ter á vista as famosas pyramides do Egypto. Até o colossal obelisco de Luqsor que Mahomet-Ali fez transportar em um vapor especial de Thébas para a França, e que admirei na praça da Concordia em Paris, encontra aqui poderosos e toscos rivaes, obra exclusiva da natureza.

A ascenção d'este pico se effectua pelo seu flanco noroeste. Afim de começar a subir, prendi pelo cabresto o animal e parti a pé, transpondo penedos, galgando eminencias e firmando-me com toda a cautela, por causa do vento atroz que lá soprava.

Subindo sempre não tardei encontrar obstaculos que vencia corajosamente, e quando menos esperava, eis-me mettido como n'uma bacia, diante de um lanço de pedra tão alta que a não pude alcançar com os pés. Dos companheiros um unico seguia-me mas ainda muito abaixo do ponto em que então me achava. Era o doutor Jayme que parecia disposto a disputar o pleito, desenvolvendo toda a presteza.

E eu mettido n'aquelle encalhe!

Empregando o maior esforço consegui felizmente sahir d'alli e galgar o abrupto rochedo o que me custou uma quéda e dous ou tres arranhões, além d'um rasgão nas calças. Continuando a subir ora de joelhos, ora de rastos como o mais contrito peccador, fazendo o possivel de não olhar para baixo, senti-me dentro em pouco exhausto de forças, cambaleante e prestes a cahir alli mesmo mais morto que vivo. Sentado n'uma lage, descansei por alguns momentos e sacando o frasquinho do saboroso cognac, levei o gargalo á bocca ingerindo um trago.

O doutor Jayme embora bem distanciado continuava a subir, agarrando-se de espaço a espaço ás anfractuosidades das rochas. Cada vez mais o espectaculo augmentava de imponencia e amplos, dilatados horizontes ficavam a descoberto. A fumaça das queimadas estendia-se por toda a parte, e o sol escoava se tão pallido que parecia coado pelas brumas que mal se distinguiam ao longe no espaço e mal tingindo com a sua dourada luz a paysagem desataviada dos desertos.

A certa distancia corria um regato bordado de verde vegetação, cujas aguas estendiam-se do sopé de uma encosta ao de outra, diminuidas então pelo rigor da estação.

De posse das forças continuei a subir ora com mais, ora com menos difficuldade, e foi só depois de haver despendido inteiramente as forças, que consegui galgar em fim o ultimo degrão da rocha bruta e achar-me no cume do altanoso pico.

A minha fraqueza era tão grande que em vez de apreciar logo o vasto panorama que se desenrolava diante dos olhos deixava-me assentar primeiramente quasi desfallecido sobre o rochedo, até poder de novo respirar como de costume.

A qualidade da pedra de que é formado o pico, chamou-me a attenção. Comquanto a superficie apresente-se ennegrecida pelo tempo e coalhada de lichens e musgos, o interior é de bellissima côr branca ligeiramente amarellada, possuindo esta pedra talvez a consistencia, dureza e belleza do marmore de terceira qualidade. Pouco abaixo do cume achavam-se algumas

enormes lascas, alli cahidas e depositadas provavelmente durante as grandes tempestades e trovoadas que precedem os desmoronamentos.

Voltava ao alto quando o doutor Jayme galgava tambem por outro lado o cume do pico, não sem uns quinze minutos de atraso. N'este momento procurando o flanco de noroeste vi que os mais companheiros apesar de fortes e corajosos, estavam ainda pouco acima da base, subindo com uma lentidão incrivel e descrevendo innumeras curvas.

— Hurrah! Exclamou arrebatado o doutor, de pé e firme como uma estatua sem mostrar temer as commoções vertiginosas, que se experimentam no local ingreme de tão alto pedestal.

O cume do pico, formado por enorme pedra apresenta uma plataforma de sessenta pés em quadrado. A vista que se frue d'aquella enorme altura dous mil metros(?) sobre o nivel do mar, causa uma commoção inexplicavel em nossa alma.

A uma banda campos e desertos salpicados em espaçosos intervallos por pequenos caãpuams ou ilhas de matto ou cortados de extensas filas de buritys, que em zig zags acompanham as sinuosidades, de um ou outro rio, de um ou outro corrego; a outra banda, florestas virgens, pequenos areaes, morros escarpados apresentando configurações estranhas, vargedos, brejos, pantanos, carrasquenhos, lagoas, rios, cascatas, monumentos brutos como a natureza creou e canservou atravez do tempo na passividade organica da ordem universal.

Alli temos duas nascentes importantes á vista, cujas aguas comquanto visinhas ao brotar do solo, separam-se, cada qual para seu lado, uma procurando o sul, outra o norte, augmentando ambas de volume até tornarem-se dois caudalosos rios, que são: Tocantins e o Prata.

Engrossada, uma tem o nome do rio Corumbá, cujas aguas correm para o Prata; a outra, ribeirão do Inferno que depois de se unir com os rios das Almas, Maranhão e Uruhu toma c nome de Tocantins o grande tributario do Amazonas.

Ha sensações tão agradaveis que só as póde sentir aquelle que as têm experimentado. Assim longe do murmurio das grandes cidades onde impera a vida e o movimento, rodeado de desertos, sem uma casa ou choupana á vista, que denote a entrada da civilisação, tendo apenas a descoberto a natureza em pleno dominio de seus arcanos, uma pessoa sente-se commovida e preza pela vertigem do aniquilamento. Diante da lei da evolução na ordem physica, a ideia só tem um alvitre a tomar para conhecimento da grande obra — desprezar os dogmas absurdos que conturbam o espirito e que brotaram nas cabeças de certos homens, como os tortulhos da noite para o dia á superficie da terra, e abraçar a sciencia que muito explica já, baseiada em provas experimentaes.

Sentado na pedra com as pernas crusadas á oriental em attitude de contemplação, ouvi repentinamente chamar pelo meu nome e ergui-me com presteza.

Era o doutor Jayme que apontava-me ao longe alguma cousa semelhante a um risco branco quebrando a belleza desataviada dos desertos. E isto não era nada mais nada menos que o simples muro de um cemiterio, erguido em uma collina nos arrebaldes da villa de Corumbá a quatro leguas distante de nós.

De tudo que nos désse uma lembrança dos centros povoados, só isso tinhamos á vista, como uma nota triste a quebrar o tom alegre do mais bello trecho musical. Só depois de muito tempo é que os mais companheiros conseguiram chegar ao cume do pico!

O doutor Vicente estava contrariado e custava-lhe tantō a ascensão que jurava á luz do sol nunca mais se metter em taes apertos. Ha lá cousa que pague o bem estar e a tranquilidade de espirito? pensava elle; não seria mais preferivel o conchego do lar, as horas tranquillas que passava na sua casa da cidade, recostado na rêde a fumar um cigarro, a ler e a palestrar que tudo isso?

Se o passeio era hygienico e instructivo o que não ousava

negar, era comtudo arriscado, cheio de peripecias e trabalhos. Mas como fosse só uma vez, ora adeus, canellas ao vento, e conformava-se com as cousas, com os companheiros e... o remedio era preparar pernas para a descida que a subida estava feita.

Retomando a posição de ha pouco o meu pensamento voou com a velocidade do raio, e fixou-se repentinamente despertando-me de novo uma ideia, que alimentara antes e para cuja execução me prevenira.

Aquelle pico, um dos mais elevados do Brazil, apenas havia sido visitado até essa data por limitado numero de pessoas e era eu por consequencia um dos raros forasteiros que o hão galgado e talvez um dos poucos que lhe têm pisado o cume; portanto tornava-se como é moda em todo o mundo e em todos os tempos, deixar o nosso nome gravado n'aquella pedra, que pela posição em que se acha talvez não resista por muito tempo a continuas tempestades.

Isto é uma mania de viajante e como muitas vezes a moda obriga, lá me agachei de ferro na dextra, para fazer a inscripção na pedra—*vanitas vanitatum*; mas oh decepção, pareceu-me ser mais facil quebrarem-se alli dez puas, que abrir o mais pequeno traço n'aquelle corpo, cuja duresa e solidez repelliram logo os primeiros golpes sem que um d'elles deixasse a minima móssa.

Que pedra ingrata! Não se dignava receber a honra que lhe davamos, depois de nos receber em seu dorso!

Isto não podia ser. Tirei o chapeo, o casaco, puz mãos á obra e felizmente apesar de imperfeita, a inscripção lá ficou.

Se a ascensão fôra difficil, que seria voltar estando as forças meio esgotadas?

Só o lançar os olhos por aquellas rochas abaixo, faria desanimar qualquer outro menos resoluto. Bastaria o resvalar d'um pé para a descida ser feita aos trambulhões e uma pessoa não ter tempo de exclamar—«cepit finis».

O primeiro a descer fui ainda eu, seguido de perto pelo

doutor Jayme que ora se distanciava, ora se esforçava por alcançar a dianteira.

— Não é nada, dizia-lhe. Quero-lhe mostrar meu caro doutor, que tambem ha cariocas da pelle do diabo.

Atraz do doutor, vinha o escrivão do O' com a lingua de fóra, suando em bica e furioso por não haver encontrado ao menos o mais ligeiro rasto de animal bravio.

O doutor Vicente e o pintor seguiam na *bagagem*, descendo de costas e agarrados com unhas e dentes ás pedras e aos despojos ocrosos, espalhados entre as lages.

Nada ha de mais prudente do que olhar durante a descida sómente para o terreno que pizamos, e foi isto o que tratámos de fazer afim de não cahirmos accommettido d'alguma vertigem, o que é susceptivel de acontecer.

Dentro em meia hora estavamos de novo na base do pico o que significava d'esta acharmo-nos livres, pois d'alli em diante poderiamos seguir a cavallo.

Meu desejo era fazer a ascensão dos outros dois picos, mas sentia-me tão fatigado que desisti do temerario plano, para subir unicamente ainda ao terceiro, isto é, aquelle cuja subida é assim mesmo mais difficultosa. Apenas o doutor me acompanhava, resoluto e destemidamente.

Enchemos de novo o frasquinho de cognac e esperámos os *bagageiros* que contornando o pico não davam signal de si. Faziam uma descida lenta, preguiçosa, em que desenvolviam um cuidado maximo como quem caminha ao encontro de um abysmo ou teme as consequencias fataes de uma quéda.

N'este interim, nós que não perdiamos um momento, explorámos o mais possivel as proximidades do pico, penetrando ora em furnas sombrias como a noite, ora galgando eminenas aos abraços com a pedraria, e as plantas quasi seccas que se esphacelavam a cada momento, e punham ao léo a confusão estapafurdia de seus esqueletos. Umas ultimas folhas, derradeiros despojos que lhes deixára a estação, voavam ao longo dos flancos e das encostas, esparsas, onde o vento

forte e cada vez mais inquieto as abandonava por instantes, para de novo as arrastar a mais longiquas paragens.

Levaram quasi uma hora os dois companheiros a chegar. O doutor Vicente parecia consolado, visto achar-se em terreno mais firme e seguro; quanto ao pintor, secundava-o, convicto de que devagar se vae ao longe.

Sem perda de tempo montaram de novo a cavallo, e precedidos de José do O' separaram-se de nós, promettendo esperar lá em baixo nas adjacencias de um corrego.

Quanto a mim e ao doutor Jayme, eis-nos a caminho do outro pico. Chegados á base, isto é, até onde o terreno permittia ir-se montado, prendemos os animaes e começámos a ascensão do morro, que por ser dos tres o mais a pique, tambem é o menos visitado. Talvez nem meia duzia de pessoas tenha lá ido, conforme informarem-me depois. Subimos.

A certa altura, vencidos mil obstaculos, e tendo ido de nariz ao chão por mais de uma vez, chegámos a respeitavel distancia e parámos para tomar folego.

Este pico apresenta quasi a mesma configuração do primeiro visto ao longe, mas é sem duvida de mais trabalhosa ascensão, porque muitas vezes tivemos de o contornear, esquadrinhando-o em volta para nos elevarmos por elle acima, no que despendiamos rapidamente as ultimas e derradeiras forças.

Continuando a subir, dentro em quinze minutos achámonos ao redor de uma vasta e enorme pedra, a qual constituia por assim dizer, o cume do pico. Rodeamol-a sem encontrar possibilidade de a galgarmos, quando um expediente foi posto em pratica. Consistiu em apanhar-se uma grande lasca de pedra, e fazer d'ella um degrau ficando assim preenchida a lacuna que alli havia. Em todo o caso não foi sem difficuldade que conseguimos galgar o immenso rochedo, o que nos custou mais alguns arranhões.

—Hurrah por nós! Exclamou o doutor.

Collocado no ponto mais alto, soltei egualmente um grito

e erguendo o braço deixei fluctuar n'aquella immensa altura, o meu lenço de sêda encarnado que o vento ameaçava carregar a todo o momento, taes as lufadas que tive de sustentar. Tinhamos os companheiros de vista. Pela distancia José do O' que ia lá muito em baixo, parecia-nos do tamanho de um cabrito. Ia de espingarda ao hombro e sacudindo os braços.

Se acaso nos ouviam os gritos, os escorraçados transfugas, respondiam-nos apenas por acenos, sem voltarem a cabeça para traz, convulsivos ainda, marchando acceleradamente como as rezes que fogem do córte, ao farejarem a sangueira do açougue.

Alguns minutos se passaram, durante os quaes o amavel doutor Lúlú não cessou de esclarecer-me, descrevendo-me os pontos que tinhamos á vista, que traduziam uma fiel copia dos de ainda ha pouco.

O doutor Jayme, que passo embora tardiamente a apresentar ao leitor d'estas ligeiras notas, é filho de uma distincta familia goyana, cujos traços physionomicos encerram de avós a netos o cunho de uma semelhança inapagavel. E' bacharel pela Academia de S. Paulo. Pareceu-me ser companheiro firme, de modos ás vezes brandos, genio alegre, um pouco teimoso e desconfiado e ancho em dignidade. Affeito já a usos differentes dos de sua terra, mostrava-se sempre prompto a servir o proximo. Como não podia estar parado, procurava cá e lá pedras soltas, e devertia-se vendo-as rolar da cumiada, a descreverem curvas, n'uma velocidade de pasmar, baterem de encontro a outras e multiplicarem-se em lascas e fragmentos. Uma vez a pedra que escolheu era demasiadamente pezada, para que, sósinho desse-lhe um impulso tal, que a projectasse no espaço, e foi necessario ajudal-o na tarefa. A pedra rolou então, mas foi tal o ruido que produziu durante o trajecto levando outras encontradas na passagem, que o pico pareceu estremecer na sua base, deixando-nos terrorisados com tamanho estrondo.

Como os mais, este pico é formado de quartzo branco. A verdadeira altura d'elles é ainda hoje ignorada e não sou eu

quem possa fornecer ao leitor, dados seguros a esse respeito, porque me faltavam não só os instrumentos adequados, como os conhecimentos necessarios para lograr bom exito, se bem que isto esteja ao alcance de qualquer entendedor.

Um ex-presidente de Goyaz, em visita que fez a esses picos, munido simplesmente de um aneroide, pretendeu trazer alguns esclarecimentos, que em todo o caso foram desprezados, porque não tendo elle nivellamento de outro ponto, fugia-lhe assim a base de qualquer resultado. Todavia disse-nos o doutor Jayme que um outro cavalleiro, o Dr. Moraes Jardim, (engenheiro goyano e auctor de um mappa de Goyaz) mais bem fundado, affirmára que a altura do mais alto dos picos, era de 2:000 metros. Estando por consequencia o Itatiaya (na Mantiqueira) a 2:996 metros sobre o nivel do mar não é nenhum dos tres picos da Serra Dourada, o mais alto do Brazil como varias pessoas pretendem. No louvavel intento de nas minhas apreciações expender-me de fórma real e concisa, só desejo ministrar ao leitor tudo que fôr-me possivel annotar sem prejuizo da verdade.

Depois de meia hora de estada no alto pico, começámos a descida, que tratámos de effectuar pelo seu flanco de sudoeste. O doutor precedia-me, descendo animosamente os visos penhascosos, fazendo prodigios e sem lhe dar cuidado e nem a mim que o imitava, o perigo a que nos expunhamos, de escorregarmos, perdermos o equilibrio, e rolarmos de costas por alli abaixo até á base, onde chegariamos sem duvida aos pedaços.

Agarrado ás anfractuosidades dos rochedos, parava de instante a instante, para recobrar alento, e foi n'uma d'estas paradas e já a meio da viagem, que Luiz Jayme estacando de todo subitamente, poucos passos adiante, chamou pelo meu nome com insistencia.

Alguma cousa grave se passava que lhe attrahia assim attenção.

—O que temos de novo? gritei-lhe.

—Uma caverna de onças. Respondeu.

Tomei por gracejo.

—Uma caverna de onças! Ora deixe-se d'isso, amigo.

E retorquiu.

—Pois se duvida, approxime-se e veja.

Com effeito, approximando-me, convenci-me logo da dura verdade.

.Formada por uma agglomeração desordenada de pedras sobrepostas, abria-se diante de nós espaçosa caverna, cuja entrada apenas daria com pequena difficuldade, ingresso a um homem.

Logo n'essa entrada de fórma triangular, haviam vestigios frescos, que demonstravam ser a gruta habitada por esses animaes ferozes, e lançando-se um olhar investigador mais a dentro, distinguia-se não só grande abundancia de esterco menos recente, como até visiveis rastos de medonhos cangussús ou talvez sussuaranas. Ao fundo abria-se um acanhado buraco pelo qual lançando uma pedra, sentimol-a rolar, produzindo um ruido demorado e soturno.

O doutor contrariado fez-me ver a imprudencia e convidou-me a desistir de qualquer plano de ataque.

Realmente o lance era arriscado, nós tinhamos ambos uma unica arma — o punhal. E quem nos diria que em vez de um tigre, tivessem alli seus penates, quatro, seis ou mais?

Descemos pois depressa e com tanta precipitação o fizemos que o doutor não tardou a escorregar e cahir de costas pelo lagedo abaixo.

—Não é nada, disse elle, levantando-se.

Dentro em dez minutos e livres de perigo chegámos á base do pico. O conteudo do famoso frasquinho estava extincto, mas o amavel companheiro que levava uma boa porção na garupa, tirou a garrafa do alforge e renovou-o promptamente.

Sem demora montámos a cavallo e partimos. Em poucos momentos cortavamos a larga marcha o chapadão, que se es-

tendia interminavel á nossa direita e penetrámos no caãpoam seguindo os rastos dos outros animaes.

Mais dez minutos de marcha e eis-nos com os companheiros aos quaes contámos logo o terrivel achado que fizeramos. O doutor Vicente ouvia-nos admirado; o pintor, esse ria-se e José do O' mostrava-se arrependido de ter voltado, porque se lá estivesse:

— O bicho havia de sahir e morrer, dizia elle.

Seu mais ardente desejo, seria lá voltar, de cujo intento nós o dissuadimos, e apenas acabámos a refeição montámos de novo a cavallo e pozemo-nos a caminho.

Comquanto o terreno fosse agora menos elevado, um vento impertinente soprava sem cessar.

Ao subirmos a morraria da vespera, o pintor entendeu que o melhor era caminhar a pé e apeou-se.

Quando nos achámos n'um alto fronteiro aos picos pedi aos companheiros meia hora de descanso para elles, e galgando accessivel rochedo tirei a carteira do bolso e fiz a lapis o debuxo da gravura que orna o frontespicio d'esta obra.

Depois partimos.

Estava deliberado que passariamos pela cascata do Lazaro e abandonando o caminho, rompemos por uma serraria verdadeiramente medonha, precedidos do escrivão que nos servia de guia.

Eis o que temos á vista:

Planaltos e bocainas escarpadas, cobertas por infesada vegetação, onde o fogo não chegara com a sua acção destruidora.

Afóra a canella de ema e a cabeça de frade, alguns outros arbustos cobrem em grandes intervallos a superficie do solo tanto quanto as fragas lhe não impedem o desenvolvimento. Numerosos pés de mangabeira — Hancornia Speciosa — ahi abundam.

De vez em quando um ou outro burityzal, isolado a quebrar a aridez d'essas paragens solitarias e sombrias.

Ao chegarmos perto de uma gróta, tentámos abrir passagem atravez do matto, mas este de tal fórma emmaranhado, interceptou-nos o transito, estendendo-nos as pontas de um *tabocal* medonho. Diante d'essa barreira, qual fortaleza invencivel, não houve expediente a seguir senão retroceder subindo-se a uma eminencia e descendo-se ao brejo, que para atravessarmos foi necessario todos nos apearmos.

D'ahi em diante o terreno de máo que era tornou-se pessimo. Dir-se-hia que nós em demanda do rio do Inferno, batiamos ás portas do purgatorio.

Ao voltearmos certa elevação penhascosa, o ar estava impregnado de máo cheiro que exhalava o cadaver de uma rez insepulta á sombra de um cajueiro, sobre o qual esvoaçava um bando de famintos urubús, attrahidos pela presença da carniça.

Levámos os lenços aos narizes e apesar das escabrosidades do solo, apressamos o passo aos animaes.

Era cada vez mais triste e impressionavel o aspecto do terreno e á proporção que desciamos numerosos penhascos iam ficando a descoberto.

Depois de uma hora de trabalho e de sustos, durante a qual nos tivemos de apear successivas vezes, escorregando a todo o momento e apanhando contusões, chegámos emfim á margem do famoso ribeirão, cujas aguas corriam encachoeiradas á sombra de frondosa vegetação.

A cachoeira do Lazaro ficava ainda distante e como alguns dos animaes apresentassem indicios de frouxidão o pintor Theodoro e o rapazito Jeronymo resolveram esperar-nos n'esse ponto, partindo nós em direcção á mesma.

Como já disse estes sitios são deshabitados e mui pouco conhecidos de fórma que as mais das vezes, lutamos com difficuldades para obtermos passagem atravez dos mattos e taquarás, ou passarmos a pé os terrenos pantanosos dos brejos.

Por volta das duas horas da tarde tinhamos á vista a cachoeira de Lazaro. Outra obra admiravel.

No alto a montanha coberta de arbustos e parazitas, adianta-se em plano inclinado e do vertice se desprende a cascata que vem morrer em um fundo cavado pelo liquido e de onde corre espumante o ribeirão do Inferno. A agua cae de uma altura de sessenta metros, provocando ao longe a admiração do viajante.

Comquanto mais alta e de maior volume esta cascata, não offerece confronto com a da Opera, cuja fórma e belleza locaes são dignas de nota como já vimos. Ha comtudo n'ella muito a admirar e para isso torna-se forçoso escolher um ponto de onde com um unico golpe de vista, lhe possamos apanhar as successivas quedas d'agua que apresenta.

O escrivão apenas lá chegou, descobriu rastos de capivara e jurava pelos seus deuses, dar-lhes caça na primeira opportunidade; e não havia elle acabado de fallar quando uma perdiz occulta por uma mouta, ergueu rapidamente o vôo e sumiu-se entre o matto.

—Que diabo!

O cumulo do *caiporismo*, pois a caça parecia rir-se do caçador.

Em pé, ambos de frente para o lago, os doutores Jayme e Vicente admiravam as aguas espumantes em sua descida ininterrupta, sem repararem nos cavacos de José do O'.

Por um lado ao fundo da cachoeira, o lago descortina-se scintillante e claro sob a luz do sol, que lhe bate em cheio nas aguas inquietas e agitadas; por outro, espessa folhagem o sombreia, e numerosos representantes das orchideas descobrem-se a nossos olhos; milhares de flôres lindas e bellas, cada qual com um só estame, pendentes de frageis galhinhos, balançadas por uma aragem continua.

A familia das orchideas é das mais numerosas do reino vegetal e uma das que mais prende a attenção do viajante estudioso, pelos processos que a natureza usa para a fertilisar.

A fecundação directa conhecida em quasi todas as especies vegetaes, é facto excepcional nas orchideas e pela sua

estructura dá-se que o pollen é transportado por insectos de umas flores para as outras.

A baunilha pertencente á mesma familia, apresenta uma formação notavel na flôr, pela união dos estames ao pistillo. N'estas paragens existem algumas especies e nós as admiramos pelo seu magnificente adorno floral. Habitam as frestas dos rochedos e estendêm-se sobre as arvores como verdadeiras trepadeiras.

Em Perynópolis usam a baünilha de infusão na aguardente e as confeiteiras servem-se d'ella em seus confeitos.

O estudo das plantas é sem duvida um d'aquelles a que se deve ligar particular attenção, e a flora brazileira offerece aos amantes da sciencia, vastissimo campo para investigações.

Uma variedade incalculavel de flôres esmaltam e matizam estes campos, dando-lhes em certas quadras do anno um aspecto soberbo e pittoresco.

Flôres que cultivadas seriam o enlevo do jardineiro e inspirariam os ternos cantores, pelos seus perfumes inebriantes e pelas suas côres resplandecentes.

Infelizmente não consta que em todo o estado goyano exista um jardim, quer seja publico ou mesmo particular. Pequenos canteiros em volta das habitações e nada mais.

As praças ou largos, mesmo as da capital goyana, jazem em vil abandono, não merecendo das camaras municipaes a menor attenção, porque é forçoso dizer, os individuos que quasi sempre compunham estas antigas camaras, eram sujeitos pouco versados, sem iniciativa, faltos de pratica, nada conhecedores d'estes e de outros melhoramentos, e refractarios a tudo que diz respeito a embelesamento d'uma cidade.

Quando algum mais adiantado se atreve ainda hoje a propagar a vantagem de certos melhoramentos, é logo acoimado e citado como usurpador e esbanjador dos dinheiros publicos.

D'esta analyse resulta que ha falta de homens energicos e senhores de si, que façam, embora, o que o povo não

quer, mas em beneficio d'esse mesmo povo, que infelizmente pelo atrazo em que vive, não sabe, nem póde desde logo distinguir e avaliar os resultados a auferir das medidas postas em vigor.



Deixando a cascata do Lazaro, voltámos ao encontro dos companheiros.

De todos, o que se mostrava mais tristonho era o pintor, a quem o animal por frouxo, fazia descer e subir montes e valles a pé.

Muitas vezes as ladeiras eram tão ingremes e os barrancòs que cortam os morros tão profundos, que só com voltas e numerosas curvas, podia-se abrir caminho praticavel atravez de tão pavorosos desertos. Occasiões houveram, que abrir passagem pelos mattos e taquaraes, nos pareceu mais difficil do que encontrar o x do mais intrincado problema. Todavia antes da noite estavamos de volta a Perynópolis.



# Terceira Parte

O Corumbá.—Excursão á gruta do Calixto.—O buracão.—A lagôa do O'.—A cidade de Luziania.—Uma tentativa de morte.—Volta a Perynópolis.—A romaria do Barro Preto.—Bomfim.—Festas e mais festas.—Regresso ao Paranahyba.



Em direcção á villa de Corumbá parti a 28 de outubro de Perynópolis, cuja distancia se vence facilmente em poucas horas. N'esta extensão ha apenas um sitio.

Fazendo seguir as azemalas bem cedo, fui chegar ao Corumbá pela bocca da noite, sendo recebido pelo coronel Luiz de Campos Fleury, uma das influencias politicas locaes e que me convidara para alli ir no exercicio de minha profissão.



A villa do Corumbá collocada em melancolico local é uma povoação sofrivel, mas as suas casas permanecem quasi sempre fechadas e servem de abrigo aos morcegos, corujas e outras aves nocturnas, durante grande parte do anno. Alli hospedando-me n'um predio cujos proprietarios eram fazendeiros e que não iam á povoação havia tempo, tive o dissabor de passar as primeiras tres noites em claro e preso de um tormento atroz.

Terrivel comichão produsida por uns pequeninos insectos que á primeira vista suppuz ser piolhos de andorinha ou de corujas, mas que afinal disseram-me ser de gavião. Quem descobriu esta foi Zequinha, rapaz meiapontense que andava em minha companhia. Subindo ao telhado deu com um ninho d'essas aves de rapina e destruiu-o em poucos minutos.



Corumbá está situada em terreno elevado e é banhada pelas aguas do rio do mesmo nome, que faz barra com o ribeirão da Bagagem nas proximidades da povoação.

Compõe-se de quatro ruas e varias travessas mais ou menos edificadas. Tem algum calçamento feito sem methodo, notando-se a falta de escoadores, de forma que as aguas o destroem em pouco tempo. O terreno local é accidentado e pedregoso.

Existem alli seis lojas de fazendas, seis tavernas e alguma tascas de somenos importancia. O povo corumbaense é doci affavel e amigo de servir. Os fazendeiros e lavradores do municipio, são bastante hospitaleiros e agradaveis.

E' para lamentar-se haver falta de escolas boas, particulares, onde a mocidade se eduque, assim como é para lamentar o pouco caso que têm os paes na educação de seus filhos, os quaes crescem muitas vezes em plena ignorancia, sem nenhumas noções de civilidade, no meio brutal em que vivem.

O municipio de Corumbá é sem duvida um dos primeiros de Goyaz. Entre a população que não é pequena relativamente, ha numerosos lavradores de importancia, os quaes plantam café e dedicam-se á creação das raças bovina e muar em pequena escala.



Depois de uma estada lá de alguns dias, combinára com varios companheiros um passeio a certa gruta distante d'alli, cerca de nove leguas.

Havendo-nos munido dos objectos necessarios, partimos em um dos ultimos dias de outubro.

Quatro leguas adiante da villa nas proximidades do ribeirão da Ponte Alta, havia um morador de nome Ismael, descoberto um mez antes, uma mina de ouro, conservando até então a maior reserva e sigillo sobre o local onde apanhara as primeiras folhetas, que então andavam nas mãos dos commerciantes sertanejos, no numero dos quaes se póde incluir o padre Simião.

Varios mineiros já se haviam estabelecido por lá, na espectativa de passarem a perna ao feliz descobridor, mas ate essa occasião só a esperança animava os cubiçosos aventureiros.

O caminho pelo qual seguimos é muitas vezes marchetado de enormes e bellos crystaes e foi com grande prazer que por mais de uma vez saltei da cavalgadura para colher e colleccionar os mais lindos que me feriam a vista, á luz do sol do meio dia.

Um dos companheiros, e de nome José Gomes conhecedor

d'aquelles sitios servindo-me de guia levou-nos atravez do campo, até um ponto em que as aguas do ribeirão rolavam á sombra de frondosa vegetação.

Lá chegados prendemos os animaes e embrenhamo-nos rio acima, até que nos vimos em face de uma bellissima cascata, cuja agua cahia esparsa do vertice até á base no angulo direito, descortinando-se á esquerda gigantescos penedos divididos e planos sobrepostos pela natureza.

Passados alguns minutos de contemplação, voltámos ao sitio onde haviam ficado os animaes e continuámos a viagem atravez dos campos desertos, para chegarmos ao sitio do velho Fabião (Areias) por volta das seis horas da tarde, onde obtivemos uma boa pousada.

Muito antes do meio do dia seguinte, depois de boa marcha parámos no sitio d'um tal Calixto, o morador mais proximo da gruta, pois a sua casa dista apenas dous kilometros da mesma. Emquanto almoçámos proporcionou-nos aquelle senhor, algumas explicações que provocaram em mim bastante interesse. Além de outras cousas assegurou-nos que até áquella data pessoa alguma attingira o fim da gruta sobre a qual correm mil versões, assim como sobre o *buracão* e a *lagôa* que ficam a poucos kilometros de distancia da mesma.

Um outro sujeito que alli acabava de chegar e morador para os lados do Facão, não podia comprehender como só a passeio se arriscava a gente a penetrar n'aquelles subterraneos e levava sua mal pensada desconfiança a ponto de se convencer que a nossa ida alli só tinha um fim — a exploração de ouro. Depois de muito nos rirmos conseguimos do sr. Calixto, a nosso pedido, um rapaz que se dizia conhecedor de tudo aquillo, para nos servir de guia. Chamava-se Deodato e tinha uns ares de pateta.

Perderamos já de vista o sitio do Calixto, quando ao pen trarmos n'um campo, elle exclamou apontando ao longe.

— E' lá ! E' lá !

— E' lá o que ?

— A lapa.

E acrescentava que era um perigo, ir-se uma pessoa metter n'aquelles antros desarmada. Felizmente achava-me armado com rewolver e punhal.

Chegados á borda do matto, prendemos os animaes pelos cabrestos, acautelámos roupas e arreios, tomando a direcção que o guia levava. Após alguns minutos de avanço, conseguimos a custo abrir caminho praticavel a facão entre os mattos, e parámos a um aceno do guia que se mostrava esquecido do lado em que ficava a verdadeira entrada da gruta.

No solo mais ou menos escorregadio e cada vez mais accidentado, descobriamos pisadas de animaes bravios.

Subindo até certo ponto démos com um vasto pateo fechado ao centro por enormes penedos, que rodeamos de uma entrada a outra. Ao fundo d'este pateo mais ou menos illuminado pela luz do dia, descobrimos duas fendas escuras, medonhas, cada qual offerecendo perigosa e enigmatica descida.

Um dos companheiros chamou a nossa attenção, apontando a espinha de uma serpente, até então quasi occulta por uma lage, que retirámos do seu logar. Este facto foi o bastante para espalhar o terror entre nós e ficarmos sem saber se deveriamos ou não descer áquellas profundidades.

O guia nada sabia explicar sobre a verdadeira entrada da caverna. Iriam ambas dar nos vastos salões subterraneos de que me haviam fallado? Quem nos diria que uma d'aquellas entradas podesse offerecer descida segura?

Passada uma hora despendida em considerações só eu e o Gomes nos decidimos a penetrar em uma d'ellas, depois de accendermos um archote e nos pormos descalços como medida preventiva. Desciamos agarrados ás protuberancias das rochas istosas, entre duas paredes que ora se alargavam ora se eseitavam demasiadamente, obrigando-nos a uma gymnastica ra de todas as regras, sem muitas vezes termos um unico nto de apoio, no pequeno espaço aberto entre as mesmas, s sim o fundo escuro e sombrio que se perdia sob nossos

corpos, prestes a serem n'elle despenhados ao mais simples descuido ou escorregão.

A fumaça do archote promettia asphixiar nos, mas não nos faltava força, nem coragem.

Descemos sempre e continuámos a descer e nada de terreno firme, nada de salões. A uma profundidade de trinta metros no interior da caverna, parámos para admirar uma arcada sustentada por enormes stalactitas, que brilhavam á luz do archote. Jose Gomes lançando mão de um pedaço de granito bateu n'ellas, e essas pancadas produziam uns sons metalicos, que echoaram ao longo d'aquelles desertos subterraneos. Imitando-o senti prazer em tirar assim d'aquelles blocos de cal, varios sons, que eram ouvidos pelos mais companheiros lá em cima no vasto pateo onde haviam ficado.

O sitio ahi era surprehendente e de lá resolvemos voltar acima, porque visto estava que nos enganaramos. O certo é que se a descida foi perigosa a subida não o foi menos.

Esperando-nos afflictos, os companheiros estavam todos sentados e riam-se a valer quando nos viram d'alli sahir immundos e sujos de terra. Eu que não descansava deixei-os cada qual no seu logar, e tratei de explorar melhor as visinhanças da gruta. Galguei a serra, deixei-me escorregar sobre as lages, remechi, procurei e nada.

Ao metter a cabeça n'uma fenda que apesar de apertada na sua bocca, parecia offerecer melhor ingresso interiormente, uma enorme coruja, d'essa especie chamada *macăuam*, levantou o vôo e desappareceu como por encanto.

Voltando ao pateo convidei os companheiros, convencendo-os de que deveriamos descer pela outra fenda e para animal-os, introduzi-me primeiro com um archote na mão.

Sem demora, quando procurava-me firmar para descrev uma curva, senti fugir o terreno sob os pés e o meu corpo r lou por alguns segundos. Zequinha que seguia-me cautelos mente, tratou de accender phosphoros, porque o archote

apagara e com muito custo, para lhe não succeder o mesmo examinava o terreno a pizar.

Afinal eis-nos em um salão não muito vasto, mas singular. Ao fundo brilham as stalactitas dispostas sob varias e exquisitas fórmas. Amplo altar parece occupar grande espaço do salão subterraneo, cuja altura é de septe metros.

A luz dos archotes diminuia á proporção que penetravamos n'estas profundezas. Uma sêde incrivel nos abatia, e foi com bastante satisfação que pareceu-nos vêr pingar agua do tecto da gruta.

—Agua, agua. Temos agua!

O Gomes foi o primeiro a se preparar para bebel-a, mas oh maldito engano. O pobre rapaz depois de apalpar a pedra onde parecia espalhar-se o precioso liquido, soltou uma praga e deixou que outro lá fosse como elle besuntar os dedos.

—E' «sujeira» de morcegos, dizia Zequinha apontando a rir para a abobada, onde talvez mais de quinhentos d'esses bichos se apinhavam, formando uma bola grande e escura.

Sahindo d'alli continuámos a descer a caverna ligeiramente.

Já esfalfados e depois de me introduzir em varias passagens apertadas, fomos de novo dar comnosco no salão dos morcegos. Estava pois claro que ainda d'esta vez não haviamos penetrado na grande gruta. O recurso foi retroceder.

Todos nós estavamos arranhados e tinhamos despendido grande parte das forças. A sêde nos flagelava.

Chegados ao pateo parámos para descansar.

— Irra! Esclamava um. Nunca mais.

Nada que isto não trazia graça alguma. Que se tinha agora de ver com moradas de corujas e morcegos? Andar uma pessoa riscando a vida sem saber porque, nem para que? Que levasse o diabo taes passeios. Ora bollas! Zequinha ria a bandeiras despregadas.

Passada meia hora o Gomes que havia sahido em busca de agua, gritou-nos da base da serra.

— Vamos. Elle nos chama, alguma cousa succede.

Os gritos succediam-se.

Que seria? Ter-se-hia encontrado com alguma féra ou descobrira agua? Nada d'isto, nem uma nem outra cousa. O Gomes conseguira descobrir o que o guia não conseguira.

Era a entrada da verdadeira e vasta gruta.

Não havia mais duvida ella alli estava, estreita, acanhada, sob os nossos pés.

— Descemos ou não?

— Certamente, respondi.

Largando o cazaco, principiei a descida na caverna e os companheiros fizeram a mesma cousa.

Teriamos descido uns dez metros quando um espaço enorme, escuro, medonho se dilatou diante de nós. O imperio das trévas, medonho, horrivel!

Os fachos tinham se apagado, mas como sem claridade não se via cousa alguma, fil-os accender novamente e á luz dos mesmos a qual era pouco sufficiente, aquellas excavações tenebrosas, sulcadas de stalactitas e stalacmitas, apresentavam o aspecto de um recinto mortuario. Houve um momento em que o quadro se emmoldurou negramente.

Zequinha que ia uns seis passos em avanço, gritou por soccorro e ao mesmo tempo vi que um animal ligeiro como gato saltou-lhe em face.

Era uma onça.

— E' onça! E' onça!

Estes gritos de horror echoaram de um modo estranho, provocando a quieta placidez d'aquelles sitios.

Empunhando o rewolver na mão direita e o archote na esquerda, adiantei-me para defendel-o da fera, mas felizmente esta por prudencia esgueirava-se com a rapidez do raio par o interior da caverna, deixando-nos apenas apprehensivos receiosos de alguma incidia.

— Não é nada e vamos até onde nos não faltar o ar.

A' proporção que nos embrenhavamos por essa vast

passagem subterranea, maiores eram as bellezas que n'ella encontravamos.

A' luz do meu archote descobrimos uma entrada formada



Na gruta — E onça ! É onça ! (Pag. 128)

entre paredes de calcareo e granito, cuja côr apresentava soturno aspecto. Entrando-se por ahi penetramos n'um vasto salão de quinze metros de comprimento, sobre septe de largo e seis de

alto, de cujo tecto abobadado reluzem á luz dos archotes, as stalactitas d'elle pendentes, das quaes cahem constantes pingos d'agua insufficiente para nos matar a sêde.

O aspecto triste do sitio, a humidade das paredes, a frieza dos seixos esparsos como blocos de gelo, tudo nos trazia á lembrança as regiões do Spitzberg.

Ao centro do salão a configuração das stalacmitas agglomeradas, formando um só corpo, nos fazia lembrar da imagem grotesca do deus Quanou, com os seus numerosos braços, divindade adorada pelos celestiaes habitantes do Japão.

Na recta da entrada descortina-se um outro salão pouco menor, delimitado ao fundo por uma serie continua de stalacmitas. Nas paredes destacam-se figuras extravagantes, escavadas aos poucos pela acção da agua filtrada do tecto.

Ao deixarmos este compartimento, seguimos de rastos, despendendo forças e tempo, por uma rampa escorregadia até que penetrámos na principal passagem, cuja largura e altura são muitas vezes assombrosas.

Já podiamos ter percorrido a extensão de meio kilometro sob a terra, quando um grito alegre retumbou em taes profundidades.

—Agua!

O facto era real. Um regato ou arroio formado pelas aguas das chuvas que penetram na gruta, corria a nossos pés, engrossando á proporção que seguiamos para o interior. A' nossa direita uma magnifica fonte se descobria nas fendas das paredes, denunciada por um murmurio vago e compassado.

A agua era excellente. Foi um fartão para nós, mortos de sêde.

Continuando-se a penetrar no interior da caverna, distinguimos dentro em pouco o rasto do tigre que alguns momentos antes tentára accommetter Zequinha, e numerosos outros rastos nos indicavam a passagem por alli de um bando de catitús.

Pouco a pouco a passagem vai-se estreitando, até subdivi-

dir-se. O fim da gruta, foi o que nos pareceu logo impossivel alcançar.

—Faltar-nos-ha o ar, dizia um.

—Apagar-se-hão os archotes, dizia outro.

O caso é que se não fôra a vontade de voltar dos companheiros muito adiante me atiraria.

Ignoro quem primeiro descobriu esta gruta, mas é certo que bem poucos a tem visitado. De Goyaz consta-me apenas lá ter ido o major Ignacio Leal, um admirador do bom e do bello.

Só um poderoso fóco electrico poderá illuminar aquella monumental obra da natureza, e descobrir os bosquejos traçados nas paredes crystalino-calcareas pela acção da agua.

Já nos iamos despedir da formosa gruta, quando os nossos olhos então mais affeitos, começaram a destacar a entrada de um repartimento, onde o visitante se extasia diante das curiosas agglomerações de stalacmitas e stalactitas, que se apresentam debaixo de varias fórmas, ora semelhando pães de assucar, columnas jonicas, castiçaes, altares, ora dentes de piranhas, figuras phantasticas, etc. A existencia d'estas massas, prova a abundancia que alli deve haver de salitre e cal.

Meia hora depois estavamos nós fóra da gruta, e rompendo o matto, não tarde démos com o sitio onde haviam ficado os nossos animaes.

Da gruta tratei de conservar por lembrança um fragmento de stalactita, duas pedras triacontaédricas e um xilotitho.

O guia Deodato então levou-nos ao «Buracão», e a uma lagôa, a meia legua de distancia. Dir-se-ha que os segredos subterraneos d'estas paragens são infinitos. A cada passo a terra nos offerece apertadas e estreitas boccas, occultas pela espessura dos mattos.

O tal buracão não é mais do que uma enorme cisterna aberta em pleno campo, obra exclusiva da natureza, pois seria difficil conceber que fosse cavada por mãos humanas.

Com a nossa approximação, um bando de periquitos levantou de lá o vôo. Nas paredes haviam colmeias de uma abelha conhecida por *arapoá*, e muitas d'ellas nos accommetteram á chegada, introduzindo-se nas roupas e cabellos.

A largura circular do profundo poço é de 20 a 30 metros, e a profundidade calculadamente é difficil avaliar. Para se poder chegar á borda, torna-se forçoso caminhar de rastos usando toda a cautela. A principio a vista nada alcança, porém firmada aos poucos, descobre-se a agua e larga entrada ao fundo do abysmo, o que assignala a existencia de uma vasta lagôa subterranea.

A direcção da gruta é a mesma do buracão; não ha pois que duvidar na relação que póde existir entre si.

A lagôa collocada em direcção opposta, é um ponto deveras curioso por todos os motivos. Não tinha nome quando a avistei, por isso resolvi dar-lh'o denominando-a lagôa do O pela sua configuração.

Esta lagôa é formada por aguas subterraneas, e segundo me informaram depois—no tempo das chuvas diminuem, augmentando comtudo no da secca. Seu aspecto é deslumbrante e faz-nos lembrar uma d'essas praças antigas onde se debatiam os gladiadores romanos.

Oval como um O, o terreno eleva-se todo por egual em volta d'ella, notando-se apenas uma depressão pela qual nós penetrámos para a admirar. Sua agua é salobra, morna e de mau gosto. A' superficie surgiam alguns kágados e varios passaros aquaticos vagueavam em sua redondeza.

Dizendo-se adeus a tão singular obra da natureza, partimos saudosos do sitio, seguindo em direcção á morada do Calixto, onde chegámos debaixo de chuva pouco antes do anoitecer.

Alli mesmo na saleta do bom homem, estabelecemos o nosso pouzo. Zequinha parecia bastante fatigado e dava graças a Deus de não ter ficado nas garras do tigre.

A's seis horas do dia immediato, partimos de volta de tão deleitavel e instructivo passeio.

Percorridas duas leguas, parámos na casa de um lavrador que nos offereceu almoço, constante de ovos fritos e palmitos de guariroba.

Gomes e seu companheiro, que se haviam demorado, chegaram e partiram, de fórma que, quando nós continuámos a viagem, já elles levavam um bom avanço, mas pouco adiante avistámos os seus animaes n'um alto, e depois não tornámos a pôr-lhes as vistas senão no Corumbá, tres horas apoz a nossa chegada.

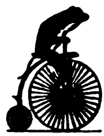
Ainda durante a minha estada n'este logar, tive occasião de visitar outros pontos do municipio.

A 19 de dezembro chegou alli o doutor Zacharias Monteiro juiz de direito interino da comarca, que foi prezidir o Jury e que me convidou para durante a sessão occupar o cargo de promotor ad-hoc cuja honra declinei, acceitando porém a de defensor. Felizmente tive a alegria de ver o meu constituinte absolvido unanimemente, e foi com pesar que vi-me obrigado durante a defeza a exigir a apresentação ao tribunal de uma monstruosa corrente que trouxe ao pescoço dentro da enxovia durante sete longos mezes, esse desgraçado, menor de vinte annos e cuja causa em boa hora foi-me dado patrocinar.

Todo o crime d'este pobre rapaz consistia no furto de um cabresto, e que embora insignificante como vemos, não tinha por si a menor prova contra o accusado a não ser a perseguição que lhe moviam.

Com certeza, valeu a illustração dos jurados que formaram o conselho e que soube escolher, o que é bem difficil n'estas localidades centraes, onde a sorte de qualquer infeliz está sempre na vontade do primeiro mandão. Ninguem ima-

gina o que seja um jury no interior de Goyaz, Minas e outros estados...



Foi em Corumbá no dia 5 de dezembro que tive noticia dos acontecimentos de 15 de novembro no Rio de Janeiro e que deram logar á proclamação da republica. Cheio de alegria por vêr a patria livre, montei a cavallo ás cinco horas da tarde e depois de percorridas quasi quatro leguas por invios caminhos, ás oito horas da noite entrava em Perynópolis, cujo povo tendo á frente uma banda de musica, authoridades, juizes e outras pessoas gradas, festejava o grande acontecimento.

Sem ser esperado, mas conhecido como era, quando a corporação terminou a marselheza em uma das ruas, dirigi a minha humilde palavra ao povo, terminando por tres vivas que foram correspondidos pela multidão.

O povo agglomerava-se n'esta occasião em frente da casa do com. Barbo, cujo vulto se distinguia n'uma das janellas em attitude de... adherencia. Ainda ha bem pouco, com a subida dos liberaes, participara aos chefes (pela 8.ª vez?) volver ao seio do partido e agora ia o doutor Natal ser prevenido que S. Ex.ª dava entrada pela primeira vez no partido republicano, e que amante de nomes vetustos e de fama acabados em *folis*, mudaria talvez o seu nome quasi barbaro, por exemplo para — Mephistofolis.

Durante o trajecto pelas ruas da cidade, fallaram ainda os doutores Zacharias e Luiz Jayme, o qual destruiu com eloquentes palavras, o que a respeito da transformação politica, dissera pouco antes o bacharel G... conhecido por doutor Borracha, o promotor ou juiz mais desfructavel e pedante que ha pisado as terras goyanas.

Em Corumbá igualmente os cidadãos João Vicente, padre

João Marques e os Fleurys festejaram o grande acontecimento. Assim mostrou este bom povo que sabe ás vezes ser patriota, sentindo orgulho de ver o paiz caminhar progressivamente.

Voltando ao Corumbá alli me demorei por algum tempo, apesar da nostalgia que de mim se apoderou em face da insipidez local.

Um espectaculo d'esses a que estão affeitos os viajantes sertanejos, deu-se em um dos ultimos dias de novembro e que por me haver olvidado de relatar ha mais tempo, faço-o aqui.

Foi o apparecimento n'essa villa de oito indios da tribu dos Caraós que estavam de passagem para a sua aldeia nas margens do rio do Somno ao norte do estado.

Haviam-se *arranchado* junto ao cemiterio, onde passaram a noite.

Logo no dia seguinte pela manhã, percorreram a povoação tirando esmolas, ou por outra exigindo dos negociantes quanta cousa viam.

O chefe fallava mal o portuguez e parecia mestiço, ao passo que os outros apresentavam a pelle bastante bronzeada e pouco ou nada percebiam da nossa lingua. A parte inferior das orelhas d'esses indios era aberta formando uma arcada. Andavam quasi nús.

Ás tres horas da tarde partiram, deixando-nos ingrata lembrança do seu repellente aspecto.

Da villa do Corumbá partimos em excursão pelo seu municipio, visitando varias fazendas e sitios, e tomando depois a direcção de Luziania (Santa Luzia) pousámos uma noite na

*Rosa Santa* onde residem os cidadãos João Parente e Joaquim Dutra.

Do Corumbá á Luziania a distancia é de vinte leguas.

No municipio do Corumbá ha lavradores que plantam trigo, batata ingleza e fabricam optima manteiga, a qual segundo me pareceu, nem os proprios fabricantes sabem apreciar. Elles usam a manteiga derretendo-a no café. Que extravagancia!

O pão que se fabrica tanto aqui como em todo o estado é mal preparado. Quasi sempre cru e sem codeas. Por estes pontos pouco ou nada entendem de arte culinaria. Ha pouco gosto para tudo.

Os paes não curam da educação de seus filhos, e conheci lavradores e homens que passam por terem fortuna, que não assignam um unico jornal. As noticias politicas chegam-lhes estropiadas, falsas, e conforme a feição que lhes offerecem os embusteiros. As conversas versam ordinariamente sobre lavoura ou creação, e não se ouve fallar n'outra cousa.

Deixando na manhã seguinte a *Rosa Santa*, galgámos o chapadão que lhe fica de ilharga, e apoz cinco horas de marcha chegámos ao sitio de Antonio da Silva Lima, o homem mais barrigudo e tagarella que conheci em taes alturas. O Pança como o chamam, cousa que elle aprecia, pertence á familia dos Limas, uma grande irmandade que habita todo o bairro denominado Barreiros. E' um sujeito agradavel, ancho de sua honradez, ameno e cavalheiro no tratar.

Dos Barreiros seguimos em demanda do rio das Areias, que separa os dois municipios, e onde existe uma boa ponte.

D'ahi ao Descoberto, unico ponto povoado a duas leguas e tres kilometros, que com mais nove até á Lagoinha, perfaz o numero de cinco que vencemos n'este dia. No Descoberto parámos á porta do rancho de um sujeito todo mettido a devoto e que não tardou a mostrar-nos um *altar*, no qual disse-me costumar alli dizer missa o padre Simião, quando succedia por lá passar em mascateação de fazendas, pois esse padre, como já disse, é tambem negociante.

Ultimamente constou-me estar sem as ordens, pelo motivo de ter comprado e offerecer á venda com bom lucro, uns folhetos da religião protestante.

Este facto prova, se verdadeiro, simplesmente a sua superioridade de espirito.

Deixando os camaradas e cargueiros, partimos adiante, quando depois de hora e meia de marcha, sem avistármos uma unica habitação, chegámos á fazenda de fulão Corumbista, cujos filhos receberam-nos no curral, onde davam sal ao gado, mandando buscar café que ahi mesmo nos foi servido. Pareceram-me ser uns rapazes deligentes e trabalhadores.

Logo depois chegou o pae, que perguntou-me quem era e para onde ia, offerecendo-me seus prestimos que agradeci. Dignou-se então o bom velho offerecer-me a sua companhia até meia legua de distancia d'alli, parando n'um logar em que medonho reptil enroscado na entrada de um buraco de tatú parecia espreitar o primeiro que passasse, para a elle se atirar em firme e seguro bote.

—Um jararacussú, disse o velho.

Ao mesmo tempo apontando a sua arma fez fogo, quando a serpente apenas ligeiramente ferida, pareceu em uma reviravolta desafiar o seu perseguidor. N'este comenos tirei o meu rewolver, pregando no bicho tres descargas que o deixaram morto.

Assim nos separámos então.

Dentro em meia hora avistávamos as primeiras lavras da Luziania, ainda a duas leguas da cidade do mesmo nome, e fizemos pouzo na choupana de uma bôa mulher, que nos offereceu um repartimento para deposito de nossas cargas e arreios.

Na manhã seguinte, ás nove horas, entravamos na cidade e Luziania, hospedando-me em uma casa que o senhor Mo'esto Machado nos alugou á praça da Matriz.



Santa Luzia, ou por outra Luziania, como alguns mais bem entendidos querem, cujo local foi descoberto em 1746 por Antonio Bueno de Azevedo, dista da capital goyana cincoenta leguas e quatro kilometros.

E' uma *cidade* verdadeiramente sertaneja, de casas apenas barradas ou mal caiadas, muito pouca pintura, pouco gosto artistico nas construcções, principalmente nas modernas, separadas umas das outras por largos claros, occupados por taipas, com as suas ruas tristes, e apenas concorridas em occasiões de festas, quando o governo municipal ou os proprios moradores se resolvem a limpal-as do matto, que muitas vezes as torna intransitaveis.

O centro da *cidade* é o largo da Matriz, praça espaçosa edificada em terreno accidentado, cujo templo recebe todas as manhãs os primeiros raios do sol nascente.

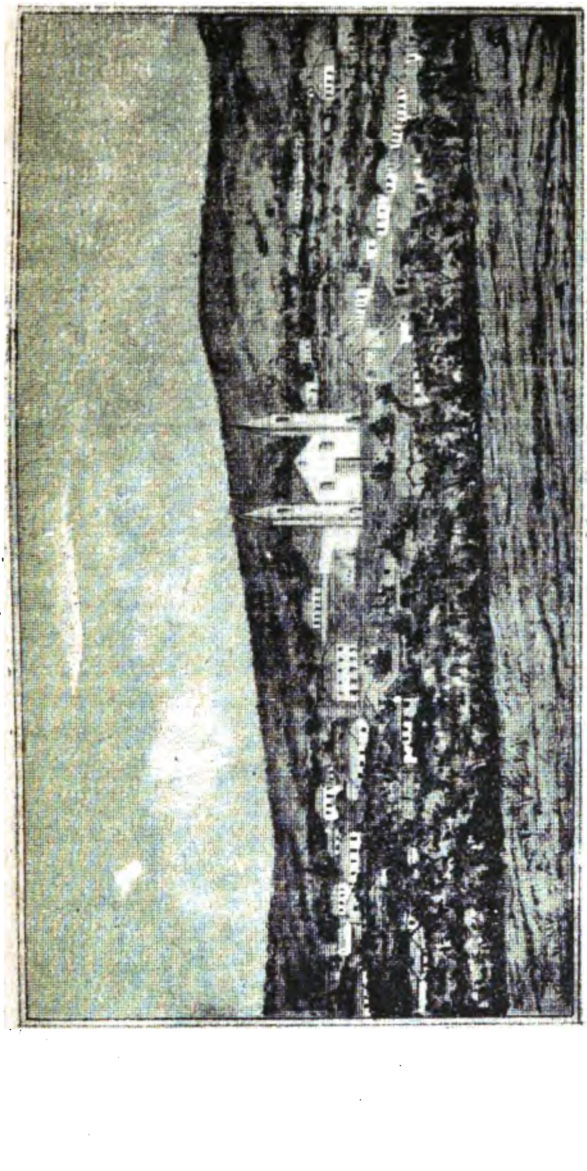
D'ahi partem as principaes ruas que são a do Rosario, Cadeia, Jambreiro e Cotta.

Luziania tem uma população de mil oitocentos habitantes, não incluindo a do municipio que é numerosa.

Tem ao todo dez sobrados, trinta e tantas casas assoalhadas, sete ruas, varias vielas e tres praças. Ha alli tres egrejas, dez lojas de fazendas, quasi todas com pequenos sortimentos, tres casas de molhados, varias vendolas, duas boticas, tres sapatarias, duas officinas de ourives, tres de carpinteiro, duas de ferreiro e duas escolas publicas.

Encontra-se tanta pobreza como em Perynópolis, porém povo de Luziania é mais caridoso e um pouco menos ag rado ao dinheiro.

A industria como em quasi todas as cidades sertanej ressente-se de cultivo.



Cidade de Luziania (Goyaz)

Assim como Perynópolis tem nome pelos seus cigarros, Luziania é citada pela optima marmelada que lá se fabrica o que constitue um dos seus principaes productos de exportação. Em um dos seus livros de viagem, disse o Dr. Virgilio Franco que a marmelada d'ali é a melhor do Brazil.

O povo luziano é agradavel e hospitaleiro, sabendo tratar o hospede com respeito, amizade e acatamento, sem prevenção e estultos escrupulos como em outras localidades.

Nas povoações em que o pessoal é mesquinho, as artes não florescem, as industrias morrem embryonarias e o estrangeiro foge espavorido.

Nos arredores de Luziania até largas distancias o terreno apresenta ainda hoje a prova de que ha um seculo, alli só se cuidava em extrahir ouro, e muitas foram as arrobas do precioso metal que de lá sahiram. Poucos agora são os que se entregam a tão pesado e espinhoso serviço.

O commercio da Luziania é fraco, devido em grande parte á quieta placidez a que se entregam os negociantes d'alli, que só abrem as portas de suas lojas quando o freguez n'ellas bate. No emtanto ha uma ou duas casas bem dirigidas e onde se vende bastante e se trocam mercadorias pelos productos extrahidos no municipio taes como, a borracha de mangabeira, os crystaes de rocha etc.

Nós conhecemos n'este estado homens fortes e sacudidos que aproveitando o credito de que gosam, deixam-se explorar tristemente sem se lembrarem que fallecendo, têm que legar ás viuvas a mais triste e lamentavel miseria. Compram de *cometas*, agentes viajantes de casas commerciaes do Rio de Janeiro e S. Paulo a largos prazos, dois ou tres contos de fazendas e miudezas de custo ou principal elevadissimo, espalham-nas em prateleiras, sem methodo nem disposição e se dos ou deitados (!) ao balcão algumas horas, com as po entre abertas passam o dia na palestra, vendendo fiado a t e a direito, e sem se recordarem que estão cavando o tum commercialmente fallando.

N'este estado a confiança e boa fé são tantas, que quasi sempre effectuado qualquer negocio, o recibo torna-se uma formalidade sem importancia, quando o devia ser.

D'ahi as consequencias fataes...

Viuvas de homens que em vida passaram por bem arranjados, ora em completa pobreza como o temos visto. Para prova podiamos transcrever aqui o annuncio que no «Publicador Goyano» fez certo padre do Bomfim, o qual declarava que por estar velho e contando mais dia menos dia baixar á sepultura, desejava fazer publico que nada devia a pessoa alguma até aquella data; podendo aliás quem por ventura se julgasse seu crédor, apresentar-se n'um prazo estabelecido, para que *depois de sua morte não succedesse o mesmo qne a outros tem succedido.* Em Luziania conheci mais uma viuva carregada de filhos, mulher de muito boa fé e inexperiente, cujo marido negociava a credito e que teve o desgosto depois da morte d'elle de vêr até a sua machina de costura, a sua thesoura e os seus proprios arreios de montar, irem á praça para pagamento aos credores do finado.

Isto que ahi fica, dá-se não só em Luziania mas em quasi todas as povoações sertanejas, onde cada qual trata de *comer* o que póde, com o minimo trabalho possivel.

Todavia apesar de tanta infelicidade não ha, nem na propria capital goyana, um asylo para o recolhimento d'essas victimas da sorte e da ganancia estranha.

Ninguem pensa n'isso. Nem o proprio clero que trata de encher as sacolas para as despejar na burra do egoismo, que ultimamente se mette na politica em nome de Deos, porque as congruas lhe fugiram. Bem entendem elles que nem a Deos se deve servir de graça.

N'este ponto elles pensam bem, que por milagres não se ›era. Todavia unidos aos frades já fundaram lá um collegio ›igido pelas pequenas da santa caridade, que hade produzir ›ez os resultados que em Lisboa tem produzido o celebre ›gio das Trinas.

Houve comtudo em Luziania um homem intelligente, um espirito forte que soube chamar a si algumas dezenas de creanças desamparadas, para lhes dar lar e instrucção, e que apesar d'isso não deixa de ter soffrido as diatribes dos invejosos.

A tres leguas da cidade e a um kilometro da margem esquerda do rio Corumbá, existe a colonia Blaziana de que é director o capitão Joseph de Mello Alvares, que dignou-se receber a nossa visita no dia 6 de maio. N'esta colonia orphanologica ensina-se a cultivar a terra, e as creanças recebem as primeiras noções de agricultura depois que sabem lêr corretamente.

Não é só o asseio, a symetria na disposição das plantas, a ordem e boas maneiras dos orphãos, que nos enlevaram; juntemos a isto a amabilidade e boa vontade do director e de sua familia para com os hospedes.

Esta colonia tem sido visitada por varios homens notaveis dos que tem governado e visitado Goyaz, e todos creio, admiram a actividade e profficiencia com que dirige a mesma o seu illustrado director.

O capitão Joseph de Mello Alvares o homem mais entendido em agricultura e economia rural n'este estado, é socio de varias sociedades scientificas, e um dos correspondentes da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Vejo-me agora obrigado a relatar um incidente que se deu comigo, durante minha estada em Luziania. Foi uma tentativa de morte de que fui victima.

A este respeito bastar-me-ha transcrever o historico do cto, como fiz publicar em varios jornaes goyanos.

Eil-o:

Afim de orientar o publico sobre o facto criminoso de que ia sendo victima no dia 28 de março, e destruindo quaesquer falsos commentarios a tal respeito, apresso-me a relatar a verdade de tudo, como mais ou menos consta do termo de declaração, tomado na delegacia de Policia d'esta cidade.

Tendo aqui vindo no exercicio de minha profissão a convite do distincto cavalheiro Joseph de Mello Alvares, achava-me na noite de 27 em sua casa, onde se jogava o voltarete e de onde sahi ás dez horas na companhia do doutor Augusto Delgado, juiz de direito da comarca, que era meu visinho.

Despedindo-me d'elle entrei em minha casa, quando fui avisado pelo meu afilhado, de que a porta da rua aberta, então, ficára fechada por se acharem fóra da cidade os camaradas occupados no campeio.

Na persuasão de que pessoa estranha alli penetrara, dirigi-me logo pelo corredor para a varanda, quando notei que um individuo fugia precipitadamente por uma janella. Pulando tambem, divisei logo a pequena distancia o sujeito que persegui ainda até meio do quintal, ao tempo que o ladrão galgando a taipa dos fundos, conseguia dar ás de villa-Diogo.

Mais tarde fui informado por José de Mendonça Roriz, meu visinho, de que um individuo conhecido por Francisco Satyro, gatuno conhecido, estivera rondando ás nove horas da noite a frente de minha casa, e na espectativa de prendel-o na seára alheia, velei até alta noite estendido sobre um muro, que por mal dos meus peccados desabou á uma hora da madrugada, felizmente sem que soffresse a menor contusão.

Sendo frustrado o meu plano e já olvidando o acontecido dirigia-me no dia seguinte 28, por volta das dez horas da manhã para casa do capitão Mello, completamente desarmado, ando, encontrei-me com um individuo que logo reconheci o tal Satyro da vespera, e que conduzia pelo cabresto ıa egua.

Sem mais demora enfrentei-o, censurando, no intuito maesto de aconselhal-o a não repetir a visita, pois sendo elle

gatuno conhecido e tendo já cumprido pena na cadeia de Goyaz o seu fim não seria outro senão o roubo.

Ouvindo isto Satyro que parece estava já bem prevenido, lança mão de uma faca para ferir-me, o que não consegue. Perdendo a esperança de atracar-se comigo, lança mão de uma garrucha e dispara-me dois tiros, quasi á queima roupa escapando ainda de ser morto pelo sicario que acto continuo poz-se em fuga, perseguindo-o ainda até o logar denominado —Tres bicas.

Apenas uma bala atravessou-me o casaco, graças ao acaso.

E' necessario notar, que esta tentativa de morte deu-se em plena rua e a dez passos de distancia da casa em que residia o distincto magistrado doutor Augusto Delgado, Juiz de Direito, o qual, retirou-se tres dias depois para S. Paulo e que mesmo assim antes de partir, deu as providencias precisas para animar as authoridades no cumprimento do dever. Infelizmente em Luziania, não existia um unico soldado!

Que lastima!...

Comquanto processado e pronunciado como incurso no artigo 193 do codigo criminal, até á minha partida d'alli, não havia sido capturado. E' de justiça dizer que a população inteira pedia punição para o culpado.

N'estes centros ha numerosos assassinos e ladrões, os quaes tem o cynismo de passearem nas povoações, porque sabem quão fracos são os elementos de que dispõem as authoridades sertanejas.

Por esta occasião varias pessoas gradas do logar, assignaram um pedido para o Governador do Estado ordenar a ida para alli de uma escolta, mas nada infelizmente obtiveram.

Luziania está proxima á cidade de Paracatú de Minas e entre uma e outra, na serra dos Crystaes ha tambem mui criminosos foragidos.

A freguezia de Luziania n'esta occasião achava-se desp vida de parocho e notando-se a falta que alli fazia um pad docil e meigo, cheguei a escrever a um conego em Goy

mas embora o pedido caso satisfeito fosse de proveito geral, como outros que por vezes tentei nas mais localidades, não foi attendido.

No estado de Goyaz, desde que uma pretensão em beneficio publico, não proceda d'um mandão politico, nunca consegue o seu *atrevido* author merecer a delicadeza de uma desculpa propria de todo aquelle que se julgar educado e polido.

Nota-se uma falta de franqueza no procedimento de cada um, e o receio de assumir-se a responsabilidade pelo medo de acção. Elogia-se face a face, para ridicularisar pelas costas ou o que é mais vil na auzencia.

No visinho estado de Minas succede a mesma cousa.

Quando o individuo em questão, se distingue pela sua actividade e intelligencia dos que navegam nos mares da inercia soffre logo o menoscabo d'esses invejosos e egoistas, fanfarrões de aldeia.

Alguns até filhos espurios de D. Juans de passadas eras, usando illegalmente de sobre-nomes e titulos que não possuem chegam a provocar a paciencia dos homens sisudos, tomando ares orgulhosos, e forjando tricas e enredos com o fim de fazerem figura, diante da phalange de imbeceis e parvos que lhes fazem roda.

Tanta confiança tenho na convicção com que me expendo que vou transcrever para exemplo, os versos que em 1884, quando ainda achava-me pouco affeito á vida sertaneja, e em Uberaba, dedicou-me o gentil cavalheiro Lafayette de Toledo no seu jornal «O Volitivo». Eil-os:

«E' costume, carissimo Oscar, do povo idiota, ignorante, quando vê um rapaz se illustrar pela imprensa, chamal-o pedante. E isto (dizem) é quando o tagante, não póde no coitado mpregar! Sentido! não te vás offegante, á liça escabrosa atir. E' preciso ter senso, ter cálma, para no sertão, ganhar-se palma, d'esta lucta de espinhos e de ais! Por isso (quem te onselha, amigo, quasi tomou o *cacete* inimigo!) prudencia, rudencia de mais!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Tomando um novo arrieiro para a minha comitiva voltei a Perynópolis onde cheguei a 13 de maio.

Foi durante esta ultima estada alli, que teve lugar a installação do «Club Litterario 5 de septembro» do qual ufano-me de tér sido socio fundador.

Na primeira sessão foi eleita a directoria que ficou assim composta:

Presidente, Pedro Ferreira—Secretario, Henrique de Sá—Thesoureiro, Diocles Barbo.

Na segunda sessão em que se discutiu a approvação dos estatutos, propuz varias emendas, duas das quaes foram acceitas.

O secretario do club lembrando-se do meu humilde nome, propoz para que me elegessem orador do mesmo, cuja honra declinei por motivos superiores á minha vontade.

Quasi todos os membros do club eram alumnos maiores, do collegio Perynopolitano. Pedro Ferreira é um rapaz sério e modesto, amigo dos livros e dos mestres, e que em pouco tempo conseguira prodigios. Henrique de Sá, talvez o rapaz mais laborioso e que mais promettia entre os jovens perynopolitanos. Diocles Barbo, typo sympathico e moço attencioso, tão economico e agarrado ou mais ainda do que o proprio pae. Foi por isso que d'elle se lembraram para o cargo de thesoureiro.

Igualmente d'esta vez, tendo de serem julgados perante o jury varios cidadãos indigitados como auctores do assalto, damno e incendio, que se deu nas Lavras do Abbade em 24 de março de 1887, fui convidado para fazer a defeza de sete réus e acceitando-a, consegui obter-lhes a absolvição unanime. No dia immediato os ex-réus precedidos de grande multidão da magnifica corporação musical de que é director o distinc *maestro* Antonio Nascimento, vieram a minha casa agradece me, trocando-se então varios brindes, e orando os cidadãos Dr Jayme e João Brandão, vigario Nascimento e outros.

Eis aqui tambem o agradecimento que me foi dirigido:

«Nós abaixo assignados tendo sido absolvidos pelo jury de Perynópolis, e livres de toda a culpa no processo que corria contra nós e outros já julgados, por causa dos factos criminosos occorridos nas lavras do Abbade, nas manhãs de 22 e 24 de março de 1887, vimos expontaneamente agradecer ao benemerito cavalheiro Oscar Leal, o grandioso acto de philantropia que praticou, deffendendo-nos sem acceitar a minima remuneração, e tornando patente em eloquente discurso, a fragilidade das provas consubstanciadas em tão ruidoso e memoravel processo.

Outrosim, agradecemos igualmente ao distincto Dr. Continentino, Juiz de Direito e Srs. jurados, a justiça que nos fizeram.

Perynópolis, 18-6-90.

Benedicto Antonio da Abbadia, Benedicto Gomes da Silva, Paulo Gomes da Silva, Umbelino da Costa Carvalho, Theodoro José de Sá, Francisco do Morro, Joaquim Pires da Penha.

Comquanto não seja uma festa tradicional como é a do Moquem, a romaria do Barro Preto (Trindade) é hoje a mais popular e concorrida do estado goyano.

Não como romeiro, mas sim como simples curioso, parti com destino ao tal arraial no dia 29 de junho do mesmo anno, 1890, afim de lá seguir para outros pontos em que me fazia sperar.

A distancia é de vinte e seis leguas, repartidas pela seguinte maneira:

1.° pouzo no sitio de Manuel Fernandes, 2 leguas; 2.° no ıpivary onde residia o meu finado amigo Thomaz d'Aquino,

2 e meia leguas; 3.° Joaquim de Araujo, 5 e meia leguas; 4.° Vicente Gonçalves, 6 leguas; 5.° Gameleira, 5 leguas; 6.° Barro Preto, 4 leguas, o que tudo perfaz as 26 ditas.

Joaquim de Araujo é o nome de um bom velho fazendeiro, que prodigalisou-me immensos cuidados durante as horas que estive em sua casa, pois tendo-me affastado da comitiva, n'esse dia andei perdido até á meia noite, hora em que felizmente lá cheguei. Offereceu-me carne de porco em quantidade, café, milho para os animaes, e outras cousas sem acceitar a minima remuneração.

Chegado ao tal Barro Preto, tratei logo de arranjar casa e pasto para os animaes. Centenas de barracas haviam sido construidas para alugar, e quasi todas estavam já tomadas. Haviam apenas tres casinhas vazias, uma das quaes aluguei.

N'este dia, ante-vespera da famosa festa, já o pequeno arraial apresentava um aspecto soberbo, pelo movimento e animação que augmentava de hora a hora, com a chegada de centenas de romeiros, alguns dos quaes residiam a mais de cem leguas d'aquelle lugar. No domingo porém tudo redobrou.

Havia gente de todas as classes, e este pessoal o dividirei pela seguinte fórma: Em primeiro logar os curiosos a cujo numero pertenço sempre em taes occasiões, em segundo os devotos, em terceiro os negociantes e especuladores de todo o genero, jogadores, etc.

Alguns negociantes de Perynópolis alli se achavam e entre elles dois ou tres qne passam lá o anno ás moscas, encontravam alli resultado tal, que bem se póde tomar por compensação correspondente ao tempo perdido.

Calculo sem exagero em quinze mil pessoas que ao todo para alli haviam ido de varias localidades.

Durante esta festa assistimos a verdadeiros actos de fan tismo ou bestealismo—mulheres que se arrastam de joelho que carregam pedras á cabeça e tanta cousa semelhante, q nem a pena vale mencionar.

O mais engraçado é que esta capella, talvez a mais rica de todo o estado, como deve ser, não possue nem ao menos um orgão, pois lá dentro o unico instrumento que existe é um realejo! Um realejo n'um templo! E' duro dizel-o mas é a verdade.

Uma festa que deve pelo menos produzir annualmente de dez contos para cima, é no entanto citada ao viajante pelo simples facto de reunião e nada mais. Não ha um fogo de artificio, uma representação publica, um motivo de attracção por mais simples que seja, promovido pelos encarregados da arrecadação, que são como quasi sempre se vê n'este estado homens sem iniciativa, sem conhecimento pratico das cousas.

Os proprios musicos são obrigados a permanecer de pé no meio da praça ou aliás sentados na relva, cobertos de poeira, por ser o que ha com abundancia n'essa epocha de escassas chuvas.

Bandeiras, galhardetes, kermesses, coretos, nada d'isto existe. Creio mesmo e não andarei errado em dizer que talvez nenhum dos taes encarregados, nem mesmo o thesoureiro, saiba o que é um coreto!

E saberá senhor thesoureiro do Barro Preto?

Deixe o diccionario tranquillo no seu logar entregue ás traças, e dê o senhor volta ao miolo, porque se sabe não tem motivo para o não construir.

Não ha dinheiro? São poucos os papalvos que annualmente lá vão deixar os seus cobres? E para que serve esse dinheiro senão para fazer-se a festança, em honra do santo ou da santa milagrosa?

Ora valha-os Deus.

Até alta noite, só se ouvia ao longo da vasta praça, as vo-s dos fieis que em grupos se arrastavam de joelhos ao re-r da igrejinha. Nunca ouvi cantares e vozes tão ratonas como sta occasião, e se tivesse alli um phonographo havia de zel-o até cá, para os amigos ficarem embasbacados, ao ve-n como são tristes e singulares os cantos religiosos do ser-

tão. E quando acompanhados pela voz de algum frade dominicano...

Na boa roda, isto é em algumas casas de familia, cantava-se tambem modinhas ou modas, cantigas simplesmente que relembram o genero mesto e lyrico de seus auctores. Lá vae uma amostra para o leitor fazer uma idéa da vida sertaneja:

Oh Liria querida
Do meu coração
Volve teus *olho*
Prestae-me attenção.

Ah dos céus, escuta
Os *meu gemido*
A dôr da saudade
D'um peito offendido.

O *s* das palavras finaes nunca é pronunciado.

Outra:

Acorda meu bem accorda
Deixa de tanto dormir *(bis)*
Vem tu mesma, a porta abrir.
Etc.

Ainda outra muito apreciada e que ouvi cantar alli com tres musicas differentes:

O tempo estraga e consomme
Da propria pedra o lettreiro,
Só não estraga nem consomme
O amor que é verdadeiro.
Ah mamã, ai mamã,
O amor que é verdadeiro.
Etc., etc.

Ora como o leitor vê, todo este lyrismo é velho, carı choso, mas pelas cidades goyanas a Lyria querida o Aco da meu bem, e o Amor verdadeiro, são sempre cousas ı vas e por isso ninguem se espantar deve, ao saber que alguns pontos como Perynópolis, por exemplo, os casamenı

se fazem com módas, os baptisados, as festas de S. João e Santo Antonio com módas, as manifestações politicas com módas, e tudo, tudo, nada se faz onde a endiabrada móda não penetre.

E tem graça depois de ouvir o Chico ou o primo da Candinha cantar:

Ah Mariquinha, meu bem
Meu anjo, meu coração...

ouvir outro em remate gritar:

Viva o general Deodoro!

Só faltava a móda entrar nos enterros. E quem sabe...

Em Perynópolis tambem apprendi a cantar módas, e por signal fui tão mau cantor, que vi-me obrigado a abandonal-as e em seu logar cantar a «Divina Florentina» do Boccacio, ou outra cousa qualquer. Taes parodias arranjei, que até hoje consta-me, não ha pequeno ou creança por lá, que não cante o Fi, ro, li, ro, li.

Nas módas a pronuncia arrebata, e se podesse merecer a honra, dava a alguns um conselho, recitem em vez de cantar, recitem isto por exemplo, que por bem calhar, não ha o perigo de errar:

«Procuro ver-te meu olhá não póde
Pra mode estares de mim ausente,
E a maga horrive que meu peito rege,
Tanto me affrege que mi dóe o dente.

«E ainda em riba que a vida é breve
Agente veve padecendo só,
A mode qu'isto não é viver á vida
Havera ser um existi sem dó.

«Fomos um dia de verão ethereo
Ao cemiterio as catacumbas vêr,
E o boyota junto a mim aneixo
Nem o meu seixo respeitou sequer.

«Depois solita mi deixou no campo
Eu c'um grampo quiz matar-me, oh sim,
Eu c'uma gruvata de retroz trucido...
Mas quá, a vida não estava em mim.

«Agora, agora, em continua guerra
Semos na terra um amor, oé!
Pois elle um dia não mi chamou de sapa
Me deu um tapa e m'arrumou cu pé!!

Que diz a isto, Sr. Thomaz Ribeiro?

Voltemos porém ao Barro Preto, um logar que devia antes ter o nome de *Agua suja*. Realmente nunca bebi agua tão ruim, como a que alli encontrei, e que mesmo assim era preciso mandar buscar ao corrego das Bruacas, a meia legua de distancia em burros e odres de couro cru.

N'estas emergencias valia-nos a cerveja do Nicolau e do João Elias, o primeiro dos quaes, um francez que não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, mas que se celebrisou por ser o primeiro fabricante do genero no Estado.

Chama-se Nicolau Joseph, ou vice-versa, mas seja como fôr, um dos nomes serve-lhe de sobredito.

Apesar da influenza, da falta d'agua, de attractivos, e de tudo, a festa continuou entre a admiração dos devotos e a alegria dos negociantes que vendiam muito e para todos. Ali á direita estava a magnifica loja dos Jaymes de Perynópolis, em cujo balcão se via a figura do sympathico amigo Felix Jayme; no canto a dos irmãos Pinas, dois meiapontenses bem agarrados ainda aos usos dos tempos idos; mais além o João Avila e o Cunha (rapaz d'além mar que deseja não ser mas é homem do mundo!); o Jeronymo de Sequeira, que gosta muito de ganhar mas pouco de gastar; o Olegario com a sua adega

o Felicissimo da Bellavista a vender vinho Figueira que nunca passou pela Foz; o José Pereira (sem saias d'essa vez); e lá no caminho do cemiterio o Néco (sachristão) pallido, cadaverico, a querer-se desfazer ainda n'esta festa, de um sortimento do tempo de S. Thomé dos côcos!

Fosse lá como fosse, boa ou má, para rapazes que se presam, uma festa em que se encontram antigos conhecidos, não póde terminar assim sem mais nem menos e com o auxilio do amavel Joaquim Marques, que foi o melhor santo que encontrámos, e mestre de uma banda musical que alli havia, organisámos um estrondoso can-can, o que fez crer a todos que dos romeiros nós fomos os unicos que estivemos *na ponta*! Um *jardim Mabile* no Barro Preto!

Isto sim, era outra cousa, que lá felizmente não tivemos módas. Fazia gosto vêr o alferes Narciso a marcar, o Aranha a tagarellar, o Sinfronio a coçar-se, o João da Cunha a endireitar a gravata, o commendador Mephistofoles a metter o nariz de longe e dizendo: «Está muito *bão!* Está muito *bão!*»

Quanto ao bello sexo, apenas posso dizer que Goyaz e Morrinhos foram bem representados. No meio finalmente de uma alegria infernal, terminou o famoso baile quando os primeiros raios do sol se distinguiam no horisonte.

Eis chegado o dia das despedidas e acabada a singular festa.

O conego Marinho, tinha terminado o seu ultimo sermão, prégando contra o casamento civil, cuja consequencia é a falta de cobres, e um padre que é um homem como os outros, precisa de dinheiro para viver folgada e milagrosamente — *That is the question*. O conego Marinho pareceu-me um extrenuo deffensor dos direitos da igreja.

Os padres goyanos são quasi em sua totalidade homens offensivos, verdadeiros servos de Christo e incapazes da andesa selvagem do mal.

Alguns ha que poderiam bem ser citados como indiffentes.

Partimos pois na quarta feira, do famoso Barro Preto em direcção ao Bomfim, cuja distancia é de 20 leguas.

Logo adiante encontrei-me com a comitiva dos Srs. Cotta,




Um can-can no Barro Preto (Pag. 153)

Duarte e Moraes de Luziania, e na companhia dos Sr Duarte e Aprigio continuámos a viagem. A's quatro horas tarde passámos pelo arraial da Campininha, o logar mais

significante que conheci em todo o sul de Goyaz. E' uma povoação embryonaria, todavia dizem-me ser localidade de prospero futuro pelas magnificas terras das suas redondezas.

Comquanto o arraial da Campininha ou Campinas seja habitado, creio que a população dormia áquellas horas ou aliás é muito cazeira, porque não vi ninguem na rua. Mas para mostrar que «ninguem» é pêta, vou confessar que vi e ouvi uma pessoa.

Foi a Balbina, a Tiquita do Bomfim.

Era uma romeira que alli se achava de falha por se ter sumido o seu cavallo. A Balbina fabrica optimos cigarros, falla que é um Deus nos acuda, tem uma voz *maviosa* e... lá me ia esquecendo... canta módas. E' mulher de cabellinho na venta mas muito delicada...

A's seis horas da tarde fizemos pouzo á beira de um corrego. Alli se achavam já nada menos de sete comitivas e seis pessoas atacadas da influenza.

Passei a noite na barraca, e no dia seguinte percebi que a molestia havia tambem tomado conta de mim.

No pouzo seguinte — Alzira — senti-me bastante mal, e sem querer usar de remedios em viagem, por falta de commodidades, limitei-me a agasalhar o melhor possivel e dormir.

Felizmente na manhã seguinte, julgando-me melhor, montei a cavallo e sem parar um momento que fosse, venci a distancia de seis leguas até casa de um tal Antonio de Padua onde tive uma mesa, para sobre ella estender o meu leito e passar a noite melhor, do que na barraca de campanha.

A 12 despertei com os gritos que dava a minha arara, que mais madrugadora que nós, pedia para a soltarem fóra do rancho. Zequinha despertou n'este dia tambem atacado da influenza; Moysés e Elesbão, arrieiro e cosinheiro egualmente se queixavam de dôres nas articulações. Eu ainda não estava restabelecido, e só a arara parecia livre do terrivel mal que da Europa passou aos sertões do Brazil.

Vi comitivas inteiras atacadas da molestia, sem que um podesse acudir aos outros.

Apesar de tudo, depois de ligeira refeição puzemo-nos a caminho, e ás duas horas da tarde eis-nos na cidade do Bomfim.

Bomfim, logar povoado em 1774 por aventureiros e mineiros, é hoje uma cidadesinha notavel pela disposição de suas ruas e magnifico local em que está edificada, o que nos faz lembrar da Franca de S. Paulo, com a qual se parece alguma cousa.

Se não fosse a falta de vida e o pouco movimento que alli se nota, seria sem duvida uma das principaes cidades goyanas.

O centro da cidade é o largo do Rosario, onde existe o respectivo templo cujo aspecto nos pareceo melhor que o da Matriz, edificio mal construido e de nenhuma vista.

O povo do lugar é bom, agradavel e distingue com affabilidade os forasteiros que o procuram.

Ha alli dez lojas de fazendas, varias tavernas, um salão de bilhar, um bom rancho, duas officinas de ferreiro, duas de ourives etc.

Na praça do Rosario existe um chafariz (sem agua) cercado de pilares.

N'esta occasião a intendencia municipal e cadeia, funccionavam em casa alugada para tal fim.

A escola publica do sexo masculino era dirigida pelo amavel senhor Herculano de Sequeira.

Durante minha estada no Bomfim, eu, que dia a dia sentia-me mais fatigado pela monotonia local e pelo pouco movimento que notava, fiquei espantado quando com a chegada de dous frades dominicanos, vi surgir em todas as janellas e portas, moças e velhas e em quantidade tal que causou-me espanto.

— Chegaram os padres santos, diziam ellas.

Que regalão!

E que diziam os *padres santos*? O Frei Manoelsinho das cinco chagas?

No pulpito berravam em máo portuguez contra o casamento civil e contra os actos do patriotico governo provisorio e no confessionario pediam e aconselhavam as jovens bellas e ricas, que se recolhessem ao collegio das freiras, que chegou-se a fundar pouco antes em Goyaz...

Falla-se no estado goyano contra os turcos, fazem-nos pagar exorbitantes impostos, a esses pobres bohemios que soffrem os ardores do sol, viajando a pé leguas e leguas, para vender por pouco mais de nada as bugigangas que carregam ás costas, e para esses frades espulsos da culta França, que com a capa da religião vão dominando ponco a pouco o povo credulo e papalvo, não ha um imposto, não ha nada!! Reparae bem que isto vê-se só em Goyaz e em parte de Minas.

Vá um de nós viajar por estes sertões sem estar prevenido de viveres, que muitas vezes não obterá uma gallinha por dinheiro algum, ao passo que se fôr para um dos taes padres santos o roceiro por mais pobre que seja, é capaz gratuitamente de lhes fornecer boa mesa, boa cama e até boa... Ora adeus todo o mundo sabe do que se passa em casa do visinho. São uns pandegos os taes dominicanos e verdade é que são quasi todos intelligentes, mas com poucos recursos para

fazerem uso de uma lingua que lhes é absolutamente estranha. Muitas pessoas vão ouvil-os por divertimento.

E tudo isto redunda em prejuizo da propria religião. Bem dizia *Diderot*:

«A religião de Jesus Christo annunciada pelos ignorantes, fez os primeiros christãos.

A mesma religião prégada pelos sabios e doutores não faz hoje sénão incredulos.»

Contaram-me um facto que vou relatar, a respeito d'um dominicano que tendo pousado em certa cabana se viu no dia seguinte a pé porque o animal se extraviara.

Foi assim que sahindo o frade de cabresto na mão em busca do burro, encontrou-se no cerrado com um individuo a quem interrogou d'esta fórma:

—Senhorre no vio mio burro, non?

O roceiro respondeu:

—Eu vi um burro russo da outra banda.

—No, no, russo non, brasileiro même, cria de Campe Belle.

Que pandilheiros!

Como disia, a chegada dos frades deu logar a que as janellas e portas das casas do Bomfim, se escancarassem deveras, e as velhas feias e beatas, assim como as moçoilas bonitas e sympathicas surgissem a nossos olhos, o que na realidade nos impressionou.

Uma cousa bastante original que notei em Bomfim, foi o habito em que estão certas mulheres, de fazerem chale de uma saia branca, e cobrirem com ella as costas e parte da cabeça!

Segundo é moda n'esta terra assim como em Perynópolis as meninas usam calça e os vestidos são compridos. Assim não é raro julgarmos que uma menina de oito ou dez anno pareça uma mulher feita, por causa do vestido enorme que lh esconde até os pés.

E'uso no Bomfim como em muitas localidades goyana certos individuos pagarem promessas religiosas á custa alheia

Se a promessa consiste em mandar dizer uma missa por exemplo, e não têm o dinheiro para dar ao padre, toca a pedir a um e a outro em plena rua e de salva na mão.

São usos! Houve, um padre, vigario de uma freguezia em Minas que annunciou pouco antes o preço das missas na Gazeta de Uberaba!

Deixando o Bomfim segui em direcção á Bella Vista, onde havia por essa occasião a festa do Divino. O que são estas festas já o leitor deve saber. Missa *cantada*, foguetes, fogueira, mastro arriba e meia dusia de musicos a tocar pelas ruas. Em remate, o festeiro que toma o titulo de Imperador convida o povo a provar uns confeitos e a beber um pouco de vinho (branco) e está acabada a festança depois de ser saudado aquelle, cuja sorte designou para festeiro no anno seguinte.

Como n'estas occasiões uma pessoa, o que quer é divertir-se, lá engendrei uma, que não esteve má. O coronel Canedo tinha um troly, carro de quatro rodas o unico que vi n'estes centros, e pedindo-lhe permissão enfeitei-o convenientemente, cobri-o com tolda vermelha e convidei o Imperador e o vigario a entrarem n'elle para acompanharmos os foliões, que de bandeja nas mãos fasiam a collecta do costume. Fiz-me cocheiro, guiei as mulas e como a influenza reinava no logar, creio dever ao suador que tomei o ter evitado a repetição.

Ser cocheiro de um Imperador n'estes tempos democraticos... E' preciso porém notar que este Imperador era um sujeito bastante modesto como vamos vêr. Vestia calça de riscado, casaco de panno preto, chapéo mole, desabado e nos pés usava simplesmente uns chinelos ou sapatos á moda local. Não trasia condecoração alguma. Era um typo de modestia.

O vigario que ia a seu lado vestido de batina, não parecia confiar muito na minha experiencia e agarrado ao encosto do carro, quando avistava uma ponte ruim ou um rego atravez das ruas, pedia logo que parasse e saltava assim repetidas vezes, até que afinal encheu-se de coragem e disse no fim do passeio com toda a resolução:

— Não salto mais, succeda o que succeder.

Foi um festão.

O Manoel dos Reis foi quem mais se riu.

Durante estes dias o coronel Canêdo não deixou-me sahir de sua casa, e lá hospedado mais uma vez tive ensejo de apre-



O senador Antonio Canedo

ciar as bellas qualidades que o exornam. Pelo seu trato amen a franqueza natural, Canêdo é um dos goyanos mais popu' res que conheço.

Em casa do senador Canêdo achava-se tambem hospeda

entre outras pessoas um sujeito muito conhecido n'estas paragens, e que se não pesa uns cento e cincoenta kilos dos pés á cabeça pouco lhe hade faltar. E' o Vicentão, typo que já devia ter pedido um lugar na sociedade dos Homens gordos que ha na America do norte. O Vicentão é um bom homem e confesso haver sympathisado com elle. Se tivesse o seu retrato dava-o aqui, mas infelizmente não o possuo.

Para se obter um retrato ou alguma vista d'estes pontos, é com a maior difficuldade possivel e más photographias, salvo retratos tirados fóra do estado. Os photographos que por alli andam são raros e não possuem machinas e objectivos bons e nem seus ateliers volantes são feitos de harmonia, a concentrar uma luz apropriada, que exerça acção satisfactoria nos saes de prata.

Verdade é que rasão elles têm, e de sobra, para não empatarem grande capital, do qual não tiram senão pequenos lucros, pela falta de gosto, que existe em varias cidades goyanas.

A unica arte que tem progredido mais ou menos é a de ourives, mas os senhores ourives d'estas bandas são feitos a martello — sem mestre.

Um sujeito que em Bella Vista chamou-me deveras a attenção, foi o velho Silverio Lemes, nome conhecidissimo e que anda na bocca de todos os fumantes.

Silverio Lemes é o primeiro fabricante de fumo (tabaco) do Brasil, não pela quantidade, mas sim pela qualidade. E' tal o capricho que desenvolve, que em sua faina tem merecido até hoje uma fama de arripiar cabellos aos invejosos.

Este fumo cuja qualidade deve sua primazia ao fabrico e ao terreno especial em que é cultivado, chega a obter um preço excepcional.

Estudada bem a cousa, creio não ser exagero diser, que o tabaco Silverio Lemos é o melhor do mundo.

Deixando a Bella Vista segui em direcção a Paracanjuba, de que já fallei ao leitor e onde demorei-me de falha apenas dois dias. Estava tambem em festas este lugar.

Seguindo viagem fiz pouso no sitio de Joaquim de Sousa, tres leguas além, onde encontrei-me com o sr. Josué de Campos, professor publico em Morrinhos e que seguia para Luziania.

Foram tão justas as queixas apresentadas, que não posso deixar de expender o meu juizo sobre ellas. Trata-se dos vencimentos que percebem n'este estado os professores publicos, pois na verdade é relativamente muito mal pago o professorado, e bem me disse em certa occasião o Herculano de Sequeira do Bomfim:

— Veja, meu caro senhor. Estou criando cabellos brancos em aturar esta meninada, durante oito horas no dia, para ter o ordenado de seiscentos mil réis annuaes, ao passo que um promotor publico leigo, percebe nada menos de um conto e seiscentos durante o mesmo tempo, para estar de braços crusados, tão a tôa, vê o senhor, que nem ao menos ha aqui uma cadeia. Se não ha criminosos, como terá o promotor serviço? Ora adeus.

No Estado de Goyaz ha alguns professores habilitados é verdade, mas tambem ha outros que... benza-os Deus. E as professoras, n'essas não fallemos. A ignorancia póde fazer cara feia, julgando-se offendida.

A educação da mulher em Goyaz é cousa em que ninguem cogita. Lêr um pouco e mal, fazer crochet, esperar o casorio ou ficar para tia...

Isto tudo só por culpa dos paes e pela persistencia d'estes em imitar os usos de seus antepassados. Sigam os conselhos de madame de Stael, que julga as mulheres aptas para todos os arrojos do engenho humano, o que é uma verdade.

Sabemos que muitas senhoras tem sido nomeadas para occupar o cargo de agentes de correio, mas no estado goyano, ellas figuram *in nomine* apenas. São sempre os irmãos e os maridos que fazem o serviço nas agencias, o que é uma vergonha.

Uma excepção abro para a regra, pois a senhora D. Rosalina Ribeiro, agente do correio em Morrinhos, cumpre fielmente o seu dever, e é a unica que nos dá o prazer de provocar-nos um sorriso, no recebimento de nossas correspondencias.

Um bravo a essa obreira do progresso.

A 12 de agosto cheguei a Morrinhos.

E' realmente necessario confessar que com a aproximação das vias-ferreas e a inauguração do telegrapho, Morrinhos tem melhorado alguma cousa, de modo que sentimos logo o effeito da troca de costumes, em que vão cahindo seus habitantes. Ha alli rapazes alegres, moços distinctos pelo trato e que sabem receber o hospede, na frente dos quaes se acha o sympathico Galdino Marquez.

Tendo chegado ao anoitecer a Morrinhos, fui surprehendido por elle, que em companhia de seus amigos dirigiu-se á casa em que me hospedara, e ahi deleitou-nos os ouvidos com magnificas peças de musica. Uma orchestra magnifica. Ao viajante moço direi — sempre que chegar a Morrinhos, procure o Galdino ainda depois de velho, e conhecerá quem é mais facil morrer de somno ao lado dos companheiros do que affastar-se d'elles.

Achava-se n'esta occasião em Morrinhos dando sorte, o tal bacharel que encontrámos em Perynópolis, de onde sahiu com bastante pesar segundo informaram-me, depois que recebeu e leu o pedido das *donzellas* e *moças* do lugar em que elogia-

vam-lhe os dottes phisicos, e de espirito, desejando a sua continuação no cargo.

Esse pedido foi redigido por alguns amigos como troça e que depois luctaram com serias difficuldades, para convencel-o a que devia seguir o seu destino.

Em Morrinhos aventurando-se a uma satisfação, teve o dissabor de ouvir face a face algumas verdades pouco doces.

De Morrinhos partimos em direcção ao Paranahyba, onde nos deviamos prevenir de tudo quanto fosse necessario, para a nossa travessia pela parte mais deserta do estado goyano.



# Quarta parte

Do Paranahyba á terra das Aboboras.—Uma noite horrivel.—Rio Verde.—As torres do Rio Bonito.—Na serra do Cayapó.—O Jatahy.—Oitenta e cinco leguas de sertão.—Os Bahús.—Indios canibaes.—Os queixadas.—Peripecias.—Chegada ao Coxim.

A DEZ de outubro, depois de algum descanço no Ritão, parti do Paranahyba em direcção ao Rio Verde. Percorridas tres leguas sem avistarmos um unico habitante, encontrámos afinal alguns carreiros de pouzo, perto do corrego denominado—Ponte funda, que nos disseram, estarmos a duas leguas ainda distantes do primeiro morador.

Esperando a comitiva que estava em atrazo, não tarde ouvi o grito da minha arara azul, que seguia sobre a carga de uma das mulas.

Passado o corrego e apesar das muitas encrusilhadas, chegámos felizmente ao sitio d'um tal Mizael, em casa de quem obtivemos pouzada.

Depois da ceia, tratei de procurar o leito e já havia conciliado o somno, quando por volta das onze horas fui despertado pelas pancadas, que davam do lado de fóra em uma das portas. Abrindo-a o dono da casa, vi entrar dois negros, travando-se o seguinte dialogo:

—Ah és tu Moysés? Entra.

—Boa noite, respondeu o preto.

—Que andas fazendo a estas horas pela estrada?

O creoulo gaguejou um pouco, olhou para o meu lado e respondeu:

—Andei... campeando umas vaccas todo o dia, n'esses cerrados.

Ao mesmo tempo viva desconfiança nutri, e fazendo reflectir a luz da vella, que estava ao lado da cama, sobre elle, deixei-me ficar na sombra.

O creoulo tirou um cigarro, piscou o olho para o companheiro, que a seu lado permanecia calado e riscando phosphoros repetidamente, embora o cigarro já estivesse acceso, deitava-me olhares a furto como se quizesse reconhecer-me.

Deitado de lado e com o rosto meio occulto, estudava-lhe os movimentos, de rewolver nas mãos, até que o dono da casa tornou-lhe a perguntar:

—De quem são essas vaccas que você procura?

—São... foram... são d'um homem ahi d'esses fundos.

—Ora esta! Exclamou o dono da casa.

Como este nutrisse afinal a mesma desconfiança que eu nutria, voltou-se para mim dizendo:

—Ainda ha pouco quando cheguei da roça, contou-me a

mulher que por aqui passou hoje um sujeito, que pelos modos e perguntas parecia criminoso.

O creoulo arregalou os olhos e indagou com viveza:

—Para onde iria elle?

—Aqui não está.

Soltei uma gargalhada e erguendo-me deixei o rapaz encarar-me á luz da candeia.

—Mas... disse o preto, enganei-me.

—Exactamente, lhe respondi.

—Esta é bôa. Eu que julgava ter o criminoso nas unhas e tomei o senhor por elle...

—Acontece... e as vaccas?

—Quaes vaccas, nada. Quero é dar ainda esta noite com esse ladrão do diabo.

O negro fez gesto de despedir-se e sahiu.

O criminoso que o preto Moysés procurava, era um rapaz ruivo de vinte annos, chamado Samuel Vieira e que havia morto para roubar n'uma estrada em Uberaba, a Adriano Mendes, deixando ferido tambem a um companheiro.

Samuel passára n'esse mesmo dia de manhã o rio Paranahyba, e caminhando sem cessar até de tarde, foi pouzar em casa d'um tal Chico Pereira, duas leguas adiante, onde Moysés o prendeu ás seis horas da manhã seguinte.

N'este acto negou ser o criminoso que procuravam e deu outro nome, conseguindo assim que o delegado de policia local o Sr. Damaso Marquez, levasse a sua ingenuidade a ponto de o soltar.

Mais tarde durante minha jornada fui tendo noticia da passagem do tal individuo, cuja audacia era tanta que no Coxim intitulou-se medico, deu o nome de Astor e fez applicações as mais singulares nos doentes que o procuraram. D'ahi seguiu em direcção ao Paraguay pelo Campo Grande e constame que descendo o rio da Prata, partiu com destino ao estado do Rio de Janeiro.

O nosso segundo pouzo, depois que partimos de Santa

Rita, foi na fazenda das Salinas, pouco acima da margem direita do rio Meiaponte, que n'esse logar offerece um bellissimo vão e encantadora perspectiva.

Das Salinas alcançámos a nove, a fazenda de D. Carolina, uma boa senhora que teve a infelicidade de ficar viuva, por uma fórma bastante tragica e commovente. Seu marido achava-se uma noite na pequena sala de casa, quando recebeu no rosto toda a carga de uma espingarda que, feroz assassino lhe desfechou traiçoeiramente pela fenda de uma janella.

Pronuncia-se alli o nome do malvado, sabe-se onde elle se acha refugiado no estado de Minas, fez-se processo, mas a verdade é que até agora a justiça dorme sobre os autos.

A dez continuámos a viagem, e agora em vez de cerrados continuos, lindissimos campos e paysagens deslumbrantes nos encantam a vista.

Verdejantes cabeceiras e burytisaes, vamos deixando á esquerda sempre, até chegarmos ao sitio do Pereira, que na occasião se achava ausente. Recebeu-nos sua mulher que logo pediu-me para ensinar-lhe o tratamento de varias molestias depois do que, levou uma hora contando-me a historia de seus paes e avós. Entre outras cousas disse-me, que seu pae no anno dos carrapatos, perdera mais de quatro mil rezes em viagem para Minas.

A onze continuámos, fazendo a marcha de quatro leguas em cujo percurso não encontrámos uma unica pessoa e nem moradores.

O nosso pouzo foi essa noite no sitio denominado Pontal, onde moravam dois roceiros, que nos offereceram o paiol do milho para pouzarmos, visto não possuirem melhor agasalho.

Seriam nove horas da noite e tinhamos nós acabado de ceiar, quando repentinamente passámos pela sensaboria d vêr o paiol desabar e vir o tecto sobre nossas cabeças.

Felizmente tudo ficou em sustos e pequenas contusões. minha arara azul que ainda a essas horas se divertia ao lad do fogo, depenicando uma banana, abriu as azas, soltando es

tridentes gritos e saltando para os hombros de Zequinha que *cochilava* d'esse lado.

Moysés e Elesbão, ajudados por um dos moradores, trataram de levantar a uma banda o tecto do rancho, applicando duas estacas.

Sobre montões de espigas de milho, mandei estender um ligal, sobre este o meu colxão, deitei-me e... dormi.

Na manhã seguinte, Moysés depois de ir ao encosto, voltou participando-me não ter encontrado mais do que seis mulas, faltando outras seis e dois cavallos.

Uma vez almoçados fomos todos para o campeio, ficando Zequinha apenas para tomar conta dos nossos trens e cargas.

Ao atravessar um lamaçal fui mordido no pé esquerdo por uma cobra jararaca, e foi com grande esforço que voltei ao acampamento. Prevenido como sou, curei-me, applicando o permanganato de potassa em injecção sub-cutanea, com uma seringa de Pravaz.

Passava já do meio dia, quando conseguimos reunir todos os animaes e partir.

N'este tempo os campos estavam cobertos de fructos, cajús principalmente, que nos divertiamos em apanhar.

Alguns veados ligeiros e ariscos atravessavam a estrada em vertiginosas carreiras. A minha besta russa é que não deixava de se assustar com isso e velhaqueava a valer.

Estas paragens são completamente desertas e quanto mais nos aproximamos do rio dos Bois, maior explendor nos apresenta a flora e fauna locaes.

Quasi sempre a vegetação mostra-se fraca nos altos, ao passo que nos sitios baixos ou no sopé dos montes é explendida.

Em alguns pontos nota-se vestigios de lagôas desapparecidas e algumas existentes tendem a desapparecer, pelo desenvolvimento dos carex, dos juncos e de outras plantas aquaticas, cujos despojos tem elevado os seus fundos.

Numerosos fetos se destacam a cada passo, estendendo-nos seus longos penachos, tão graciosos e tão verdejantes.

A's quatro horas da tarde chegámos á margem esquerda do tal rio, que debalde procurei passar a váo.

O sitio pareceu-me pouco transitado, mas no entanto descobri uma canôa virada no alto do barranco e dois remos a uma banda, semi-occultos pela folhagem. Tentei lançal-a ao rio, mas impossivel. Uma immensidade de carrapatos cobria-me logo a roupa.

Pouco depois chegava a comitiva.

Moysés descendo o barranco, voltava certo de que o rio não offerecia váo. A situação complicava-se, pois não podiamos de fórma alguma pouzar alli sobre um terreno humido e sombreado por espessa matta onde abundam animaes bravios.

N'este ponto o rio dos Bois offerece enorme largura e grande profundidade como verificámos. Suas aguas estavam turvas com as primeiras chuvas.

Approximando-se a noite, era forçoso ou passar o rio ou voltar d'alli.

Que fazer?

Dos camaradas nenhum sabia remar, apenas eu entendia pouco da materia.

Mais uma vez enchi-me de coragem e resolutamente bradei para a minha gente.

—Cargas em terra.

Tirei o casaco, e de calças e mangas arregaçadas ajudei os arrieiros a livrar os animaes de quaesquer arreios que os impossibilitasse de nadar, e isto feito démos com a canôa n'agua. Mas oh desconsolo! A canôa estava fendida.

—Não é nada, disse, tragam um trapo.

Com elle tapei as fendas como poude, o que todavia nã impedia a agua de continuar a entrar.

A primeira passagem era duvidosa, por isso resolvi entra na canôa unicamente com Moysés. Eu remaria e elle devia se-

gurar o Penacho pelo cabresto, isto é, o mais velho dos burros.

Era uma experiencia.

Entrámos no barco cuja agua o Elesbão acabava de alijar fóra.

Uma vez lá dentro gritei para terra:

—Toca o Penacho.

Dentro em pouco estavamos no meio do rio e o burro velho nadava a valer. Remava com as mãos ambas seguras a um só remo, servindo-me d'elle ás vezes como se fôra lème por causa da correnteza.

Tres minutos depois chegámos ao barranco fronteiro. Era tempo. O Penacho estava exhausto e parecia prestes a afogar-se.

Soltámos o burro e preza a canôa fomos explorar o terreno. Havia ali um rancho de capim, o que indicava ser aquelle sitio frequentado por caçadores. Demais grande quantidade de ossadas cobriam o solo, ossos de antas, porcos do matto, capivaras, macacos, tamanduás etc.

Com a aproximação da noite aquelle lugar apresentava um aspecto lugubre e selvagem.

Voltando á canôa, o Moysés agachado, mostrava as pernas dizendo afflicto:

—Estamos perdidos patrão com esta bicharia, e logo senti como um formigueiro pelas pernas acima.

Era o pulvex-penetrans, vulgarmente conhecido por bicho do pé. Um bichinho microscopico da familia das pulgas que se nos introduz na pelle rapidamente, onde deposita os ovos e nos faz soffrer mil torturas. O peior é que d'esta vez não era um, nem dois, mas sim bichos aos milhares e uma infinidade [de] carrapatos e rodoleiros de todos os tamanhos.

Não tinhamos tempo a perder e nem havia remedio senão [so]ffrer, por isso soltámos a canôa para voltar ao lado opposto [on]de os companheiros nos esperavam anciosos.

Aproveitando ainda o declinar do dia, mandei soltar n'agua

mais seis animaes e remei de novo sem cessar com toda a força, para não rodar com a corrente. Mais uma vez feliz, os animaes ganharam com pouca difficuldade o lado opposto. Porém agora tinhamos um grande impecilho em nossa frente. Era a noite que ahi vinha com todo o seu cortejo de horrores n'aquellas selvaticas paragens.

Em mais duas viagens passámos os ultimos animaes.

Estava exhausto, mas que fazer senão passar tambem os companheiros e uma parte das cargas? Ali na matta não podiamos decididamente ficar. Deixando Moysés na margem direita, voltei só á esquerda e ordenei que fizessem fogueiras d'um e d'outro lado. D'esta fórma consegui o que desejava travando viva lucta com a corrente ameaçadora do rio, e morto de fadiga voltei ainda uma vez á margem esquerda para apanhar uma bruaca com mantimentos e o meu colxão de viagem.

Eram onze horas da noite.

Quasi a meio do rio devido a um falso movimento, senti a canôa virar-se, o remo fugir-me das mãos e a frieza da agua em um rapido mergulho, produzir-me um enervamento geral.

Naufragara.

Voltando á tona, os meus olhos perceberam aos lados, dois pontos luminosos que me serviam de balisas. Em um esforço supremo, nadei, alcançando a canôa virada que rodava impellida pela corrente.

Os companheiros em terra nem sabiam o que se passava a meio do rio, onde em plena escuridão boiava meu corpo enfraquecido pela lucta.

Quando alcancei a canôa, cavalguei-a e remei com as proprias mãos em direcção á margem direita. Com muito custo, dez minutos depois percebi que me avisinhava de terra mas. muito abaixo do porto cuja fogueira não mais avistava.

Despedi então um grito de soccorro com toda a força meus pulmões, cujo echo se foi perder nas desconhecidas p ragens que me rodeavam. D'ahi a pouco o reflexo de um f cho illuminou a floresta que orlava o rio, e n'este momer

senti a cabeça roçar no ramo de uma arvore, cujas ramagens beijavam o lume d'agua. Deitando as mãos ao galho, esperei.

Estava salvo por assim dizer.

Atravessando o matto Zequinha corria em meu auxilio.



J. Jayme de Sá
(Zequinha)

De galho em galho e ramo em ramo, fui-me arrastando até alcançar o barranco que galguei com immensa difficuldade, seguro a uma corda cuja ponta elle atirou-me depois de amarrar a outra extremidade, ao tronco de uma arvore.

Meia hora depois estava fóra da matta, em um sitio limpo e gramado, rodeado em parte por vasta lagôa.

Chegando ahi ordenei ao Moysés que trouxesse com os outros, tudo para ali e soltasse os animaes, peiando apenas o cavallo que servia de madrinha.

Tinhamos que passar a noite ao relento e abrindo um ligal, mandei preparar um tosco leito, emquanto esfregava todo o corpo com aguardente, receioso das febres que alli costumam reinar.

Nós estavamos sem jantar e sem almoço até áquella hora, mas não pensavamos mais em tal cousa e até já passava pelo doce prazer de uma madorna, quando fui despertado por Elesbão que acabava de tirar a panella com arroz do lume e chamava-me para ceiar.

Este meu cosinheiro era um prodigio. Bem pouco se parecia com o famoso Vatel.

Umas vezes esquecia-se de pôr sal na comida, outras dava-me tudo de salmoura.

D'esta vez o arroz e a carne pareciam ter sido preparados com agua do mar.

Assim apenas acabamos de comer, bebemos cada um, quatro ou cinco canecos d'agua e fomos dormir.

A nossos pés ficava uma fogueira.

Era hora e meia da madrugada.

Tinhamos felizmente ainda algumas horas de descanso. Zequinha é que se mostrava triste por ter esquecido a arara no matto, com receio de não mais a ver.



A's primeiras colorações do horizonte despertei. Parecia estar sob a influencia de grave molestia, pois doiam-me as articuções, tinha as mãos calejadas, o corpo moido e pesado e uma forte dôr de cabeça, não me deixava mover bem os olhos para onde queria.

A primeira cousa que fizemos foi procurar os animaes, que logo encontrámos perto do acampamento.

O sitio era completamente cercado de agua e brejos por todos os lados.

A vinte passos d'alli descobri as pégadas de enorme anta que havia passado durante a noite.

Zequinha apenas de pé foi seu primeiro cuidado ir em procura da arara, e tão feliz que voltou trazendo-a.

Fazia vinte horas que a pobresinha estava sem comer, de maneira que do resto de arroz salgado da vespera, deu ella cabo em poucos instantes.

Depois de havermos nós tomado café, partimos para o por afim de passarmos os trens que haviam ficado da outra banc

Zequinha incumbira-se de estender as roupas ao sol e rumar certos trens, emquanto Elesbão nos promettia prepa um almoço menos salgado que a ceia da vespera.

Chegados ao porto soffremos novo assalto dos bichos de pé e rodoleiros. Uma verdadeira praga.

D'este lado do rio havia uma outra canôa presa ao barranco, mas que estava com grande quantidade d'agua dentro. Alijada esta fóra, entrámos n'ella e partimos usando sempre da maxima cautella.

O rio que ao anoitecer parecera feio e horroroso, tinha de manhã um aspecto imponente.

Os primeiros raios do sol douravam as aguas que corriam sem produzir o menor rumor apesar de seu volume. Bandos de patos bravos levantavam o vôo sentindo a nossa aproximação e dezenas de outras aves rompiam os ares.

Os nossos trens constantes de cargas e arreios estavam tal e qual os haviamos deixado, envoltos por dous ligaes de couro crú. Em tres viagens passámos tudo e ás nove e meia chegavamos de novo ao arranchamento, cujo sitio deixámos de vez por volta do meio dia.

Certos do caminho por não haver mais do que um unico e este mesmo mal trilhado, partimos. Numerosos rastos de antas sulcavam a areia e mais numerosos principalmente nas proximidades das cabeceiras e cerradões. Ha muito tempo que não viamos uma d'essas aves grallipedes chamada ema, por isso foi com alegria que avistámos embora á distancia um bando d'ellas.

A's duas horas da tarde chegámos a casa do Leopoldino o morador mais proximo do porto do rio dos Bois, duas leguas distante do mesmo.

Resolvi lá pouzar, pois impossivel me era continuar a viagem n'esse dia, doente e enfraquecido como me achava. Chegado alli fui sabedor de que não é costume sem pratico ou guia passar-se o rio, cuja travessia é bastante perigosa.

A 15 continuámos a viagem que de vez em quando era interrompida pela grande difficuldade que encontrámos no caminho mal trilhado que seguiamos. A's quatro horas entrámos na estrada grande que vae do rio Verde ao porto de S. Jero-

nymo no Paranahyba, e quarenta minutos depois chegavamos ao sitio de um morador, conhecido por Zeca Martins.

A comitiva só por volta das oito horas da noite é que chegou e debaixo de chuva.

Acossados por forte tempestade, os arrieiros viram-se em verdadeiras collisões para cercar os animaes, apoz uma descarga electrica que rebentou proximo d'elles.

Guiado por informações, no dia immediato procurei o sitio de fulão Agostinho, onde devia pouzar n'essa noite, e ás tres horas da tarde lá cheguei. D'ahi ao Rio Verde restavam apenas seis leguas e de Morrinhos até alli com volta por Santa Rita, a distancia é de sessenta e duas leguas.

Uma das cousas que mais prende a attenção do viajante é sem duvida o agrado d'um rancheiro ou do dono da casa onde se acha de pouzo. Ora não são todos que pensam da mesma fórma, quanto ao tratamento que dispensam a seus hospedes. Quasi sempre os maus, são aquelles que propositalmente se collocam na beira da estrada, com um fim unico — a exploração, e uma exploração como já tenho dado a entender ao leitor, ridicula, mesquinha, porca mesmo. Assim é que muitas vezes por força de experiencia, procurava como então pouzar fóra da estrada.

De Morrinhos ao Rio Verde não encontrei melhor pouzo, mais agrado, nem mais cavalheirismo, do que em casa d'este cidadão, cuja familia foi prodiga em servir e agradar-me.

E' pois ainda debaixo de saudosa lembrança, que recommendo ao leitor procurar a casa d'este bom homem, caso um dia se aventure a percorrer essas remotas terras.

No dia seguinte só por volta das dez horas do dia, se dignou o bom Agostinho deixar-nos sahir de sua casa.

Tres leguas além passámos a váo o rio S. Thomaz, affluei do Paranahyba. Suas aguas correm encachoeiradas forma- ás vezes agradaveis espraiados. A's quatro horas da tarde c gamos a um sitio abandonado (tapéra) já proximo á cidade Rio Verde. Ahi fizemos pouzo sob enorme gamelleira e ant

de chegar a comitiva, mandei Zequinha á povoação indagar de um amigo se havia casa vasia para alugar.

Soltando a minha mula russa, para que podesse livremente espojar-se, estendi a capa ao sol e sentei-me á sombra da arvore.

Assim decorreu algum tempo e bem á bocca da noite chegou a comitiva e ao mesmo tempo Zequinha que voltava da cidade dando-me a má noticia, de não haver alli casas desocupadas e participando-me terem varias pessoas mandado-me offerecer as suas por obsequio, para os dias que quizesse. Trouxe-me tambem a correspondencia que para mim encontrára na agencia do correio e um delicado cartão do Sr. Francisco Jacintho, no qual este amavel cidadão apesar de não conhecer-me pessoalmente, visitava-me, enviando seus cumprimentos que depois agradeci.

A noite na tapéra á sombra da frondosa gamelleira, foi magnifica. Espaço limpo e estrellado, branda aragem e depois uma manhã bastante fresca, apesar de nos acharmos em meiados de outubro, um dos mezes de maior calor nos sertões goyanos. D'ahi em diante o tempo conserva-se mais fresco, com as continuas chuvas que sobrevem.

D'esta fórma e em completa ordem, entrei na cidade pela manhã de 17, indo para casa de um amigo até apparecer uma para alugar. Eis-nos pois na terra das *aboboras* e n'um dos pontos mais ao sul de Goyaz, a noventa leguas de distancia de Uberaba.



Se antigamente houve n'este logar algum deposito de aboboras ou se ellas eram alli plantadas em larga escala, é o que ignoro, mas verdade é que o Rio Verde de hoje, chamou-se outr'ora *Aboboras* como a Formosa chamou-se *Couros*,

como Perynópolis chamou-se *Meiaponte*, e como ainda ha uma cidade chamada *Santa Luzia*, e um rio denominado *Bois!*

A cidade do Rio Verde compõe-se apenas de uma rua bastante extensa e sem nome, de duas outras de somenos importancia e de uma praça pouco edificada onde está a matriz e a cadeia. A matriz é um templo mal construido, pequeno e sem nada de notavel. O predio chamado—Cadeia é de sobrado e n'elle funcciona o jury e intendencia municipal.

As obras d'este edificio estavam ainda em parte por acabar, segundo o systhema usado pelo sr. A., o homem que mais casas tem começado a construir no Rio Verde.

As casas d'alli são em geral mal construidas e muito mal divididas interiormente e a argamassa das paredes é feita com excremento de gado!

O Rio Verde conta seis lojas de fazendas, sendo a maior e mais sortida a do capitão Ricardo Pinto, (hoje fallecido) e uma botica dirigida pelos amaveis cavalheiros Rogerio Cotrim e dr. Seabra.

Tem mais seis tavernas, quatro officinas de carpinteiro, uma de alfaiate etc.

Os generos são caros e quasi sempre de má qualidade, até a propria carne do gado, que é abatido sem exame e fóra mesmo das vistas de um encarregado pela Intendencia municipal. Durante minha estada alli o café era vendido á rasão de trinta mil réis por arroba, o tabaco (fumo) vinte, uma garrafa de cachaça, mil réis, o arroz dezoito mil réis o alqueire e tudo o mais n'este gosto.

Ha pouca industria, porém é preciso que se diga, o Rio Verde é no estado Goyano um dos principaes pontos de renda e um dos logares onde corre mais dinheiro. As artes encontram alli franca coadjuvação.

A maior riqueza do municipio está na creação de gado que exporta annualmente de dez a quinze mil cabeças. N'esta quadra do anno nota-se grande movimento de boiadeiros, quasi todos residentes nos visinhos estados de Minas e S. Paulo.

Uma das principaes familias do lugar é a Leão Valeriano fazendeiros importantes, creadores de gado.

Depois das vendas de primeira qualidade costumam alguns creadores mandar o refugo, como chamam, para o sul de Matto Grosso, que é vendido no Paraguay. Devido a esses negocios é que existe no Rio Verde e em toda a comarca, uma grande quantidade de prata estrangeira, (moedas argentinas e paraguayas).

No municipio do Rio Verde e em geral n'estas bandas a tranquilidade publica, anda sempre alterada e não raro é o dia em que nas povoações se não dêm desordens, conflictos, furtos e mortes. O proprio delegado de policia disse-me, alli haver para mais de cincoenta criminosos fugidos de varios pontos dos estados visinhos e infelizmente era certo que a auctoridade não dispunha de força policial, porque a não havia em todo o estado.

Exerce alli o cargo de promotor publico ha dezoito annos o velho major da guarda nacional José Vicente da Silva.

O vigario da freguezia, padre Sousa, é um sujeito systhematico que trata a todos cortezmente, dando provas da superioridade de seu espirito. Tem por divisa — crêr que os mais mentem muito, porque elle mente pouco. São manias!



N'estes centros encontra-se individuos que apesar de bem apessoados e senhores de bellissimas qualidades, são tambem pouco escrupulosos e dotados de supina ignorancia. Certo dia fui alli procurado por um d'esses sujeitos, homem de fortuna, bem collocado, que ignorando varias particularidades sobre uma questão de cedulas debatida em Goyaz em 1885 e na qual apparecera por equivoco o meu nome, aventurou-se a fazer-me uma proposta, tão vantajosa, que por outro qualquer, seria talvez immediatamente aceita.

Como nem todos estão ao par dos enganos de que cada qual é ás vezes victima, e tendo sido essa questão pouco airosa para o seu auctor, conservei o attestado que abaixo faço inserir, para o qual chamo a attenção dos que não me conhecem do perto. Por elle se vê que apesar de tardios incommodos, são tantas as Marias na terra, que não devemos confundir as boas com as más.

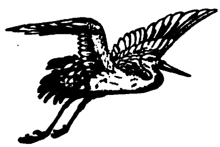
«Attesto que o senhor Oscar Leal, durante o tempo que residiu n'esta capital, teve comportamento exemplar e soube captar sympathias em geral, etc., etc.»

Goyaz 22 de março de 1885.

O chefe de policia
*Dr. Jacome Martins Baggi d'Araujo.*

A firma foi reconhecida.

Ahi fica a resposta que prometti dar um dia áquelle senhor, cujo nome calo por dever.



A 15 de novembro 1.° anniversario da proclamação da republica, estando ainda no Rio Verde, dirigi-me a varias pessoas e consegui festejar a grande data com uma passeata e *marche aux flambeaux*, que teve lugar na mesma noite, estando a frente das principaes casas illuminadas. Varios cidadãos dirigiram n'essa occasião a palavra ao povo e entre elles, o cidadão Nelson Ribeiro, rapaz mineiro que lá tambem se achava.

Assim não passou desapercebido tal dia, até mesmo no sertões do Brazil, porque mais vale a boa vontade e patric

tismo de uns, do que a indifferença e falta de patriotismo de centenas de ignorantes que por toda a parte pullulam.

Durante o passeio da alvorada, bandos de negras e caboclas, cercavam nos para beijar o estandarte da Republica por nós conduzido, e que julgavam ser a bandeira do Divino!

Um negociante appareceu-nos á porta em seroulas como era seu costume, dando vivas, e o padre vigario mostrou-se crente de que a maior parte de seus parochianos sabe tanto de religião como elle de grego.

A 7 de dezembro parti em direcção ás Torres do Rio Bonito que fica a trinta leguas de distancia, em pleno sertão e n'um dos extremos pouco povoados de Goyaz.

Campos e cerrados sulcados de espaço a espaço por altos cupins, é o que tivemos á vista durante uma extensão de tres leguas, até fazermos pouso na margem esquerda d'um ribeirão denominado Verde, e que não psssa de um affluente do verdadeiro Rio Verde que nos vae ficando á direita, algumas leguas de distancia.

Esta estrada até o Rio Bonito é quasi deserta, e torna-se necessaria toda a cautela por causa dos indios coroados que costumam matar e saquear as suas victimas. Esses indios são anthropophagos e numerosos casos ouvi contar, que provam a sua ferocidade. Apesar d'isso, no dia seguinte uma vez almoçado deixei a comitiva entregue ao meu arrieiro Izidro e parti adiante.

Logo n'uma campina avistei uma manada de veados que nem tempo deram-me para os mimosear com uma bala.

O terreno continuava quasi sempre plano e apenas accidentado á direita e á esquerda nos cursos dos corregos e ribeirões.

Campos cada vez mais lindos.

A's tres horas da tarde depois de vencidas quatro leguas, encontrámos tres carros puchados cada um por vinte bois. Essas

pesadas machinas do sertão, especie de casas ambulantes, servem ao sertanejo para o transporte de cargas e pessoas, de um ponto para outro.

Disse-me um dos carreiros que a fazenda de Honorio Leão estava apenas a duas leguas de distancia, pouco adiante do ribeirão Monte Alegre, que apesar de procurar não encontrei no mappa goyano. Em toda esta extensão, nove leguas, não ha um só habitante, foi pois cheio de contentamento que cheguei ao sitio do sr. Leão, cavalheiro que apesar de sertanejo, trata magnificamente bem a seus hospedes.

Queixou-se-me elle muito da falta de tranquillidade que alli reina, por causa dos indios e dos assaltos que se tem dado nas suas visinhanças, onde pouco antes haviam flexado e morto um preto e varios animaes. A comitiva chegou duas horas depois de mim. Izidro havia cahido do burro que montava n'esse dia e Moysés soffrera outro tanto.

Só Elesbão e a arara haviam chegado bons. O primeiro tratou logo de accender lume e cuidar das panellas, ao passo que aquella, verdadeira amiga do cosinheiro, cercava as *bruacas* gritando-lhe bem aos ouvidos — arara está com fome, arara quer comer.

A dez partimos de novo.

Sempre adiante, quando encontrava alguma encrusilhada, mandava Zequinha tapar o caminho com ramos quebrados, para que os da comitiva não errassem, tomando outra direcção.

Tinhamos á vista campos como os antecedentes e poucos mattos.

Percorridas tres leguas chegámos a um sitio, á margem direita do rio Montevidio. O seu dono era um velho conhecido por *Bem*, bom sujeito e que se mostrava amigo de servir.

Vendeu-nos um carneiro, mas muito admirado, sem saber que pretendiamos fazer do pobre lanigero, pois não lhe constava que a carne d'esse animal fosse comestivel. Creava-os apenas para tirar-lhes a lã.

A casa do Bem, é como quasi todas as d'estas paragens,

uma especie de curral coberto de palha, tendo divisões de varas interiormente, n'uma das quaes ha o deposito de milho, chamado paiol, servindo outras para depositos de mantimentos e habitadas pelos moradores respectivos.

O Bem era um sertanejo agradavel e que me perguntava interessadamente, se o governo da republica ia mesmo crear um imposto territorial. Parecia afflicto com isso e perguntava-me que fim havia levado o ex-imperador, que julgava ter sido dono geral de todas as terras devolutas existentes no paiz e que segundo o seu entender, passaram ás mãos do general Deodoro.

Na quinta feira 11, partimos depois de um almoço explendido em que o Izidro tomando o logar de Elesbão, deixou-nos demonstrados os seus conhecimentos culinarios.

Logo adiante passamos a váo o rio Montevidio, cujas aguas formam abaixo da passagem repetidos saltos, divididos por uma ilhota central. Este rio é um dos principaes affluentes do Rio Verde, com o qual faz barra poucas leguas adiante do sitio em que nos achavamos. A poucas leguas á nossa direita, existe sobre este ultimo rio, uma ponte de pedra natural e sob o leito encontra-se uma bella gruta, já visitada por alguns viajantes.

A's 4 da tarde chegámos ao sitio do João Zico, um irmão do Bem, e em casa de quem tivemos de pouzar.

Estes moradores, comquanto donos de numerosas cabeças de gado, vivem n'umas choupanas mal construidas e nas quaes não existe o menor conchego do lar domestico.

No dia seguinte eis-nos a caminho, o mais cêdo possivel. A estrada continua deserta, e alguns mattos orlam-na interrompidamente, sendo que os campos se nos apresentam sulcados por numerosos representantes d'uma palmeira anã, que tem o nome de Indayá. Nem viva alma avistámos durante a viagem, que afinal ia-se tornando insipida.

Já pela tarde passámos a dez passos de uma choupana

abandonada, onde pouco antes habitou um velho lavrador, d'alli rechaçado pelos selvagens.

Contaram-me a scena que lá occorreu e que é deveras pungente.

Estando n'uma occasião o pobre homem a trabalhar na roça, com um casal de netos menores, mandou pelo correr da tarde, as creanças para casa, e seguindo pouco depois encontrava a menina morta a flechadas e já com o corpo em parte retalhado. Levando o cadaver para a choupana, partiu o desventurado em busca do netinho, mas não mais o encontrou, porque os indios conduzindo-o para o matto, o assaram e comeram.

Haviam os selvagens corrido quando avistaram o velho com uma espingarda ás costas, arma de que têm um medo terrivel e é por isso que muitas vezes vemos, quatro ou seis cidadãos pôrem em debandada centenas dos cobardes habitantes das selvas.

Comquanto avisado do perigo que corria, viajando só atravez d'estes desertos, não sentia o menor receio e seguia sempre adiantado da comitiva, acompanhado simplesmente de Zequinha, que mostrava-se impassivel diante de tudo.

Um momento houve, que parando repentinamente, apontou para a areia do caminho, dizendo:

—Veja estes rastos. Não são de indios mas...

—de tigres, completei.

Na verdade alguns rastos de tigres sulcavam a estrada, porém felizmente dentro em pouco deixavamos a matta e pizavamos terreno descoberto.

Apoz seis leguas de marcha, chegámos a uma grande fazenda de crear, pertencente ao cidadão Bento Borges, que nos hospedou magnificamente.

Era esta a melhor fazenda que tinha visto desde Morrinhos até alli.

Os poucos e afoutos moradores d'estes centros, dão-se apenas á creação do gado vaccum. Quanto a lavoura, plantam ape-

nas milho, arroz, feijão, mandioca e tanto quanto chegue para o consumo.

A viagem de sabbado foi em parte explendida e em parte triste e trabalhosa.

Das fazendas de Bento Borges e Antonio Caetano á villa do Rio Bonito, a distancia é de dez leguas, e em toda esta extensão não existe um unico habitante.

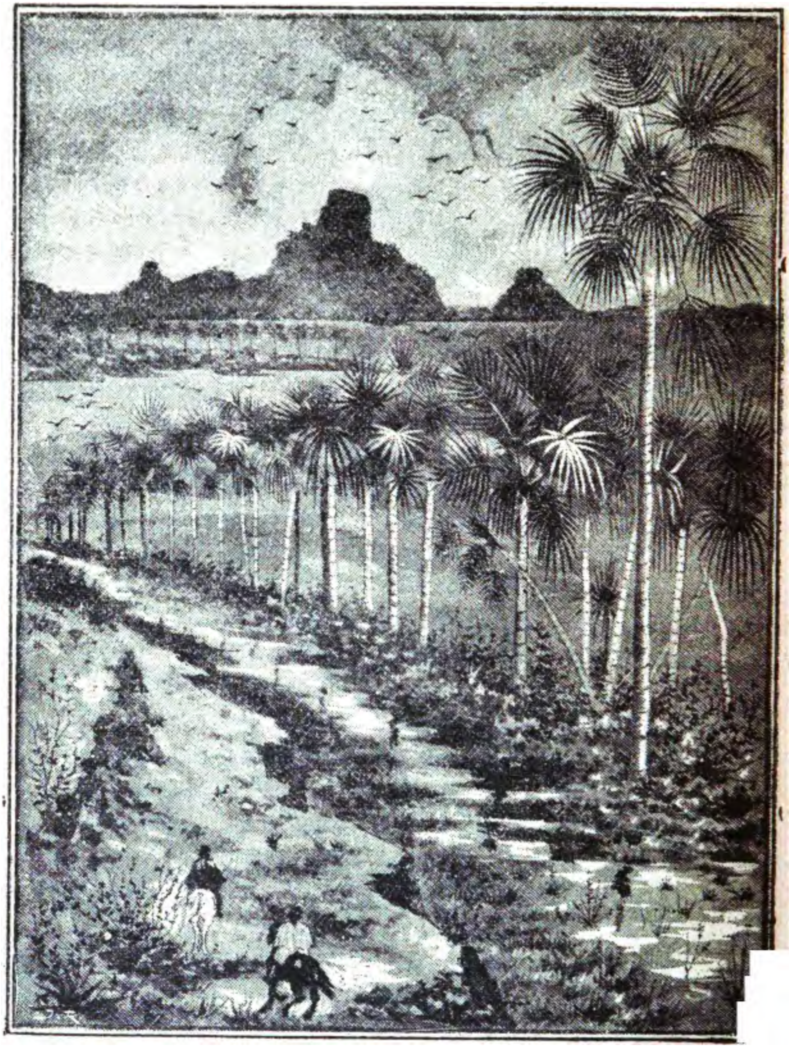
O terreno de certa altura em diante, principiava a mostrar-se montanhoso, até que tivemos de descer a serra do Cayapó que não é outra senão a mesma serra Dourada, que atravessa o estado goyano, formando varias ramificações. E' um grande defeito este e que só serve para atrapalhar o estudo da chorographia de um paiz. Os proprios rios têm em seus cursos varias denominações.

A's duas horas da tarde eis-nos no alto da serra, n'um d'esses pontos em que o viajante se extasia, deslumbrado pela nua belleza dos panoramas que se desenrolam diante de si. As bellezas naturaes de Goyaz são tantas, quantas as pessoas que as ignoram, por falta de quem as torne conhecidas. Penhascos e rochedos apresentando notaveis configurações destacam-se cá e lá a leguas e leguas de distancia e á proporção que descemos novas bellezas nos incendeiam a vista. Alli estão duas nascentes importantes, cujas aguas correm em direcções oppostas, para de novo se unirem a mais de cincoenta leguas de distancia. Essas nascentes são as dos rios Bonito e Cayapózinho (antes fosse—*cayapó-mirim*) que mais além unidos ao Cayapó (assú) fórmam o magestoso Araguaya, o grande tributario do Tocantins.

Na descida da serra a estrada é escoltada por uma lindissima fila de buritys, de cujas palmeiras soltam o vôo bellas araras de uma só côr azul escura.

Uma legua abaixo entrámos em espessa floresta onde Zequinha que ia na frente, descobriu o maior bando de macacos que tenho visto. Talvez passasse de um cento.

Mais adiante chegámos a um sitio triste e soturno, onde



Na serra do Cayapó (Pag. 185)

havia uma cruz de madeira erguida em memoria de um infeliz homem, que lá foi assassinado annos atraz. Chamava-se Salomão, e disseram-me que o principal movel do crime foi o roubo.

A opinião publica aponta claramente os auctores d'esse vil attentado, ao mesmo tempo que lhes estende as mãos, mas o certo é que se a justiça dos homens é absurda, muitas vezes o tempo em sua acção lenta, hade apontar-lhes o castigo para vermos esmagados os monstros que ferem as leis sociaes.

Proximo ao local, pensava eu na sorte d'esse desgraçado, quando minha attenção foi despertada por uma d'essas coincidencias que não sabemos definir, atravez do incomprehensivel. Bem fronteira á cruz erguida por mãos humanas, no lado opposto do caminho, havia uma outra, obra exclusiva da natureza.

Era formada por duas arvores, uma das quaes depois de ter crescido direita até certa altura, dobrou-se formando com a visinha a mais perfeita cruz que possamos contemplar.

Se tu vil e cobarde assassino do inditoso Salomão, tiveres noticia d'isto, corre lá e vê se comprehendes melhor do que nós, esse mysterio da natureza!

E' n'um estado como Goyaz, cujo povo se distingue pela superioridade de seu espirito e pela bondade de coração, que se dão crimes tão repugnantes! E' assim que termina a vida um pobre e honrado cidadão, que longe da sua terra, dos parentes e dos amigos, vae no paiz estranho distinguir-se pelo trabalho?!

Bastante impressionado parti d'esse lugubre logar, que se acha perto de um corrego denominado *Cava funda*.

O terreno continua irregular, cortado por bellos burytiaes.

Vencidas sete leguas parámos no sopé do monte, soltámos bestas e aguardámos a chegada da comitiva. Cansados de perar e receiosos de que talvez não chegasse, por ser grande

a marcha para os animaes de carga, tornámos a arreiar as nossas mulas e partimos novamente.

Não parecia prudente ficarmos nós dois alli n'aquelle deserto, e tal resolução custou-nos algumas horas bem amargas como vamos vêr.

Já pela bocca da noite passámos o sitio denominado *Dois portões*, ao alto da montanha. A estrada ahi segue entre duas series de assombrosos penedos, que a tal hora causam horror ao viajante, e continua em zig-zags até entrar no cerrado, onde fomos surprehendidos por medonha escuridão. Durante uma hora descemos sempre e depois de regular marcha percebemos estar fóra da estrada. Rodeando um caãpuam, ganhamol-a de novo, mas logo adiante transposto o corrego e avistando-se um fogo ao longe, como não descobrissemos caminho em tal direcção, tomámos ao acaso atravez do cerrado. De repente achei-me n'um espaço livre, e desconfiado, apertando as rédeas á mula, accendi um phosphoro, á luz do qual descobri estar a dois passos de um fosso de incalculavel profundidade!

Perdidas as probabilidades de chegarmos á casa de algum morador, se é que o tal fogo fosse real e não uma illusão d'optica atravez da obscuridade, voltámos ao alto da chapada ao encontro da estrada resolvidos a não mais d'ella sahir.

Uma hora de marcha decorreu ainda.

Chegámos a uma matta onde a estrada se escondia na mais profunda escuridão. Muitas vezes os ramos das arvores nos feriam os rostos, todavia, passo a passo, como o cégo que apalpa com a ponta do bordão o caminho que vae pizar, assim seguia eu fiado no instincto da minha mula russa. Apoz dez minutos de marcha, ella parou subitamente.

Um esbranquiçado divisei a meus pés. Era agua.

Accendi alguns phosphoros, mas a luz por insufficie[illegible] pouco ou nada adiantou. Seria um lago ou um rio?

Apeiámos-nos.

As nossas bestas estavam mortas de cansaço e desejosas de se espojarem.

Luctando com as trevas entrei no matto em procura de lenha, e accendi fogo á beira d'agua. O meu relogio marcava meia noite.

—Um rio! Exclamou Zequinha, apontando-me uma canôa que se achava presa na outra margem.

A presença d'essa canôa acabou quasi por nos convencer, de que tinhamos irremediavelmente de passar alli o resto da noite. Claro estava que a passagem de váo era incerta e temerosa.

O tempo ameaçava chuva. Nuvens negras invadiam o espaço, e uma aragem impertinente varria as copas das arvores. Triste situação a nossa.

Felizmente tudo tem o seu termo e quando ha coragem o homem vence, para não ficar vencido.

Mandando Zequinha atiçar bem o fogo, montei de novo, e fiz a mula entrar n'agua.

Dois minutos de duvida se passaram, dois minutos de afflicção.

O leito do rio era de areia.

—Magnifico váo! Disse da outra margem, chamando pelo rapaz, visto não correr perigo a sua passagem.

Com as voltas que deramos até aquelle ponto, deviamos ter caminhado muito, vencendo pelo menos uma extensão de doze leguas n'esse dia e sempre sem encontrarmos viva alma.

Lembrando-me da consulta que fizera ao mappa pela manhã, certifiquei-me de que tal rio não podia ser outro senão o Bonito. Em vista d'isso a villa não devia achar-se a grande distancia.

Mais tranquillo segui de novo. A mula de Zequinha, estava quasi frouxa, e elle cançava-se de esporeal-a.

Ao passarmos o matto que margeia o rio, e apesar da escuridão, distingui um curral onde havia gado.

Isto nos fez outra vez cobrar animo.

A poucos passos adiante divisámos uma casa, e os cães d'alli principiaram a ladrar. Por causa d'elles apeei-me com toda a cautela e bati a uma das janellas.

Ninguem veiu abrir, por isso repeti as pancadas até que uma voz fanhosa se fez ouvir do lado de dentro.

—Quem está ahi?

—E' gente de paz que pede pouzada.

Accendi um phosphoro. Um negro velho de espingarda nas mãos appareceu timidamente a uma das janellas.

Logo que me viu desculpou-se, dizendo haver cuidado serem indios que pretendiam assaltar a habitação, e correu a chamar o dono da casa que por sua vez apparecia tambem armado com uma garrucha.

Tranquillisado o sr. Francisco Primo, tal é o seu nome, correu a buscar uma luz e comprehendendo os nossos incommodos, offereceu-nos franco agasalho em sua casa.

Estes moradores têm rasão de andarem prevenidos, tantos são os factos occorridos com os indios, que apesar do destacamento militar, que estacionava a trinta leguas de distancia na margem direita do Araguaya em Macedina, vêm aos bandos de tempos a tempos praticar toda a sorte de depredações.

No dia seguinte á uma hora da tarde, chegava a comitiva e unido a ella, meia hora depois entravamos na villa. Uma vez lá, procurei o promotor publico cidadão José Vicente Filho, para quem levava carta de recommendação.

A' falta de casas boas, hospedei-me com elle no pavimento superior do edificio da cadeia, sendo o meu commodo a sala secreta do jury, cujas paredes estavam furadas por grossas balas.

N'este mesmo commodo residira pouco antes o ex-juiz m nicipal do lugar, o doutor Carvalho Ramos, poeta bahia que afinal sentiu-se cansado de aturar a monotonia local, contemplar o celebre gigante de pedra que fica á vista d povoação.

Era a terceira vez que me hospedavam em casas de camara e cadeias, e vamos e venhamos, antes n'ellas do que nas *tapéras* que muitas vezes nos viamos obrigados occupar.

A villa das Torres do Rio Bonito (outr'ora arraial do Cayapó) acha-se collocada em um pittoresco planalto, de onde se desfructa bellissimos panoramas, lindas paysagens compostas de vargedos e cerrados a uma banda, penhascos e serras de configurações singulares da outra.

O pico denominado gigante, compõe-se d'uma pedra enorme, que tem mais ou menos a formatura de um colossal rosto humano visto de perfil a meio do morro, e que pela sua exquisita configuração nos parecia uma fortaleza sulcada de torres. E' deveras obra natural, digna de nota.

Esta villa conta poucas casas cobertas com telha. Tem uma população de quinhentos habitantes, entre os quaes ha alguns fazendeiros e creadores importantes do municipio e que alli residem durante parte do anno.

Os melhores edificios são a cadeia e intendencia, a matríz, templo pequeno mas bem collocado. Ha tambem uma capella de S. Miguel e uma outra menor no cemiterio local.

Necessario é lembrar que o Rio Verde comquanto cabeça de comarca, possue o peior cemiterio e o mais feio templo que n'ella existem.

Na estrada nova (em parte) que liga esta villa, á cidade do Rio Verde, existe agora uma ponte construida no corrente anno, pelo sr. Angelino de Rezende a mandado do governo estadoal.

O commercio do Rio Bonito é insignificante e reduz-se a duas lojas mal sortidas e algumas vendolas. Tem uma botica pertencente ao laborioso e agradavel cidadão Herculino Leal.

Como em toda a comarca, tudo alli se obtem por altos e

excessivos preços, e às vezes com grandes difficuldades. O povo é bom e hospitaleiro.

Quanto ao local em que se acha collocada esta povoação, é o mais bello que se póde imaginar, e se no futuro o progresso penetrar em tão remotas terras, o Rio Bonito, que outr'ora se chamou Cayapó, será talvez por este motivo, a mais attrahente cidade goyana.

Durante minha estada alli, que foi apenas de cinco dias não poude avaliar bem dos usos e costumes, e nem havendo n'esta occasião padre no lugar, pela falta de missa, não me foi dado tambem conhecer em peso o bello sexo, nem apreciar os trajes e gosto.

Entrei na igreja uma vez e notei que o edificio comquanto de tão má construcção como todos os seus congeneres do sertão, era superior ao do Rio Verde. Os homens ricos do Rio Verde pouco se interessam pelos melhoramentos da sua terra, o que é para lamentar. Menos egoismo e melhor pensar, eis o que alli se torna preciso. Se são catholicos cotizem-se e façam construir um templo decente, e se o não são, deitem abaixo a tosca casinhola, que jáz collocada de mais a mais n'um sitio, que bem denota a pouca sagacidade de quem alli a mandou edificar. Se são respeitadores dos mortos, construam um cemiterio, bem murado e zelado, onde as sepulturas não sejam profanadas pelos burros e cavallos que em torno d'ellas vão pastar.

O que digo creio estar no conceito publico.



A 17 do mesmo mez parti em direcção ao Jatahy, a ulti[illegible] povoação que existe ao sul de Goyaz.

O nosso pouso foi aquem do Rio Bonito cinco leguas, [illegible] sitio das Tres pontes.

Tanto de boa teve a viagem d'esse dia, quanto de má foi para nós a do dia seguinte.

Deixando as Tres pontes apoz tres horas de marcha chegámos ao sitio do sr. Martinho da Luz, cuja mulher nos offereceu magnifica merenda. Uma vez certos do caminho seguimos de novo. Adiante passámos o rio Claro que nos deu váo com alguma difficuldade e depois de passarmos tambem um ribeirão, cujas aguas correm á sombra de frondosos arvoredos, desde então principiou o nosso maior incommodo, com a subida da serra do Cayapó. Para a galgarmos foi necessario apearmo-nos repetidas vezes e numerosos foram os sustos e apertos em que nos vimos. O meu cavallo de passeio que ía solto, rodou por uma ladeira, mas com tanta felicidade que apenas apanhou algumas escoriações. Izidro, esse levara uma temivel quéda que o fez continuar d'alli em diante a viagem a pé.

Chegados ao alto da serra fômos recebidos por uma nuvem de mutucas, (especie de moscas) que se agarravam ás orelhas dos animaes, sugando-lhes o sangue e pretendendo fazer outro tanto comnosco.

O caminho que mal se descobria atravez a relva ou o capim verde dos campos, margea desde o alto uma vertente durante duas leguas.

Copiosa chuva cahia sobre nós, quando ao aproximar-nos d'um matto, nossa attenção foi despertada por um bando de queixadas (especie de javalis do Brazil) que atravessavam o cerrado.

A's 6 horas chegámos a casa d'um morador que nos offereceu agasalho.

Ahi obtivemos para comprar, milho, leitoa e outras cousas de que sentiamos falta. A dona da casa e suas *mimosas* filhas presentearam-nos com ovos e fructas. Queixou-se-me ella de que as raparigas andavam doentes e tinham o costume de comer terra, por cujos motivos apresentavam as feições des-

nudadas. Este appetite é despertado por certa doença do figado, commum nos sertões do Brazil.

Durante essa noite choveu copiosamente, e tanta agua cahiu pela manhã, que só d'alli podemos partir por volta do meio dia, depois de enxuta alguma roupa dos camaradas. Valeu-nos a distancia que foi pequena, até á fazenda do capitão Seraphim de Barros, que não deixou-nos por fórma alguma continuar debaixo de chuva a viagem n'esse dia.

Esta fazenda é a mais importante que conheci em todo o estado de Goyaz.

Numerosos curraes a centralisam, que servem para a apartação do gado e no meio d'elles ergue-se o vistoso edificio em que residia o amavel cidadão, que tantas provas deu-me de seu ameno modo de tratar as pessoas que têm a felicidade de alli chegar.

O commendador Seraphim de Barros é mineiro, muitissimo laborioso, alegre, prompto para servir, e um amigo em quem nos devemos confiar.

N'esta occasião mostrava-se abatido, com o fallecimento de um velho artista portuguez, de nome Miranda, e lamentava a falta que o mesmo fazia em toda a comarca, onde deixou notaveis obras de carpentaria, bem longe de serem imitadas pelos seus collegas goyanos.

Apesar das instancias do agradavel cidadão, continuámos a viagem á uma hora da tarde do dia seguinte.

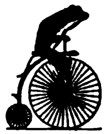
O terreno d'ahi em diante é arenoso. A's 4 horas chegámos ao sitio do cidadão João Carneiro de Mendonça, para quem eu levava uma carta de recommendação e em cuja casa tivemos de pernoitar.

Aproveitando a amavel companhia de João Carneiro e de Maximino, seu genro, passámos até tarde da noite em bc palestra.

Os indios em correrias tambem por alli haviam fe das suas, matando um preto campeiro e praticando outros de sacatos.

Segunda feira bem cêdo, pozemos-nos a caminho aproveitando assim a fresca da manhã. Chegados á ponte do rio Paraizo, vimos sobre a cancella que a fecha, uma cruz e mais tarde soubemos que ella assignalava o assassinato de um dos operarios, commettido pelos indios, durante a sua construcção.

Vencidas cinco leguas chegámos felizmente á villa do Jatahy, tomando para me hospedar com a comitiva a melhor casa que havia disponivel.



O Jatahy comquanto seja uma povoação tão recente que ainda tem a ventura de abrigar vivos os seus fundadores, é hoje uma villa notavel pelos seus edificios publicos e particulares, construidos por mãos habeis, e pelo magnifico local em que se acha situada. E' a ultima povoação que existe n'esta banda de Goyaz.

Devido aos importantes creadores que a circundam, Jatahy progride sensivelmente, sem necessitar de pedir protecção aos cofres do estado, que no entanto se locupletam em parte com o seu auxilio.

O Jatahy compõe-se de uma rua e duas praças, que apresentam movimento unicamente, durante as festas religiosas ou populares.

Ha alli seis boas casas de fazendas, varias tavernas, duas officinas de ferreiro, tres de carpinteiro, duas escolas publicas (fechadas n'essa occasião).

Comquanto existam alguns edificios regulares, o interior d'elles apresenta triste aspecto, pois a respeito de ornamentação nada se vê. Não ha moveis feitos com gosto e capricho. Apenas grandes mezas e bancos de cedro sem polimento ornam as habitações.

Comquanto menor que o Rio Verde, é superior por varios

motivos, pois os homens ricos do Jatahy são mais patriotas e comprehendem melhor o alcance das cousas.

Durante minha estada n'este logar, auxiliado pelos cidadãos Martinho Marra, A. Maromba e Dino, fundei uma sociedade dramatica e levámos á scena, em um theatro construido para esse fim, um drama e varias comedias, nas quaes fizeram sua estreia duas jovens jatahyhenses, Prudenciana e Vicencia, a primeira das quaes pelo papel que lhe coube, revelou-se logo um talento dramatico de magnifica plana. Pena é que o meio em que vive, não contribua para a manifestação da sua intelligencia.

O povo do Jatahy é alegre, hospitaleiro e agradavel e d'elle só conservo saudosa lembrança.

Com excepção de duas ou tres familias mais reconcentradas, as outras vivem unidas e durante noites consecutivas a dansa constitue o divertimento, a que mais se entregam os moços e até os velhos. Talvez pelo motivo hygienico originado no exercicio é que têm uma saude de ferro.

Como convidado tomei parte em algumas reuniões e notei que na dansa não ha methodo nem estudo. O marcante em vez de seguir os preceitos da arte, metamorphoseia banalmente as partes de quadrilha, de modo que um hospede é obrigado a fazer-se de automato para acompanhar os mais até final. As quintas partes, duram quasi sempre muito tempo e o unico instrumento possivel de sujeitar-se a tal esfrega é a *sanfona* alli muito usada.

O francez da marca é puramente macarronico e adubado com algum portuguez encaixado a martello.

Em todo o caso as festas de qualquer natureza, apresentam alli como nas povoações proximas, o cunho de uma fórma que pouco se approxima dos velhos costumes coloniaes, ainda em vigor n'outras localidades do estado goyano.

Os paes acham muito natural o exercicio da dansa, e muitas vezes os vimos ao lado dos filhos, divertirem-se e folgarem alegremente.

Que diriam elles se soubessem que em outros logares do estado, a dansa é considerada um divertimento immoral.

Em certa cidadesinha eu proprio ouvi á porta de uma casa onde se dansava, o seguinte dialogo travado entre dois typos que passavam por serem influencias locaes:

—Vês, dizia um, como está a nossa terra?!

—E' uma desgraça, meu compadre.

—Pois até a filha do senhor major já está dansando?!

—Tem razão. Uma menina que ainda podia vir a casar! Que pena!



Durante minha estada no Jatahy, devia ter logar a eleição dos candidatos á camara do estado.

No numero dos apresentados pelos seus partidos, haviam alguns que podiam quando muito representar um eleitorado composto de orelhudos como vamos vêr. O presidente da Intendencia vendo que não fôra possivel constituir-se a meza até á hora marcada, no dia designado, como determina o art. 22.º do regulamento eleitoral, declarou não haver eleição.

Um grupo de opposição ao governo composto apenas de cinco individuos, entre os quaes figurava um orelhudo conhecido por Fenelão, sujeito tido como louco no logar, e cujo sobrenome não passa como vamos vêr, de um achado em alfarrabio de auctor francez, dirigiu-se para a sala onde teve logar a representação dramatica n'essa noite, e ahi representou uma farça comico-politica, na qual figuravam como comparsas, alguns analphabetos e beocios, arvorados em eleitores, que nem sabiam o que alli iam fazer, levados a cabresto. Os pobres diabos prestavam mais attenção ás figuras que ornavam o panno do theatro, do que nos patrões politicos.

Em um aperto horrivel o *Fenelão* (Cabeça tonta) como o

chamavam, raspou-se d'alli para com a admiração de alguem, fechar-se n'um quarto proximo. Só o Dino póde mais tarde informar-nos o aperto que o Cabeça tonta soffrera, o que valeu-nos boas risadas.

Esse sujeito não era natural do estado goyano e só por uma ideia mal suggerida, é que chegou a ser apontado para candidato á representação estadoal.

Não sabemos o seu verdadeiro nome, consta-nos sómente que tem ás vezes manias levadas da bréca.

Ora imaginem, uma occasião, pensou elle comsigo que um homem para chegar a ter fama, precisa possuir assim um nome enthusiastico, e approximando-se de uma estante onde haviam alguns livros maltratados pelo tempo, leu entre outros o titulo d'um que dizia:

TÉLÉMAQUE

DE

FÉNELON

—*Telemáco*, disse comsigo, deve ter sido o auctor do livro, e *Fenelão*... o Fénelão serei eu agora, porque esse com certeza já morreu.

Adoptando a resolução que tomára, fez logo constar que elle era o Fenelão, mas o povo da localidade pouco propenso a banalidades, continuou a chamal-o — o Cabeça tonta.

Indignado com o procedimento de seus conterraneos, disse-lhes adeus um dia e levantou o vôo com destino a esse canto de Goyaz, onde o encontrámos com ares de grão senhor.

Voltando á sala onde se achavam reunidos os taes or-lhudos, o Fenelão empertigou-se, franziu as sobrancelhas, p diu a palavra, e em tom estudado principiou assim o seu p ramidal discurso:

—«Senhores: Isto é uma immoralidade muito immora. sem moral, e eu prutesto com todos os correlhujunarios, co

tra o acto imbrilhante do coroné presidente das meza eleitorá, fichando a sessão antes de abrir ella.

Isto senhores, foi fazido tudo por orde do douctõ Bulhão e do douctõ Natal, um home que tevé o descaramento de dizê que era repubricano antes da repubrica..................

Os orelhudos—Apoiado!

Um outro—Isto é que é fallá. Bravo sinhõ Cabeça tonta! Bravo!»

Um dos candidatos a uma cadeira na assembléa goyana, era o Sr. Herculano Carneiro, residente no logar e que apezar de pertencer ao partido da opposição, como dissidente não compareceu alli, no que ao menos d'essa vez parece ter andado bem.

Realmente a politica sertaneja prima quasi sempre pelo desfructo. Entende meia duzia de individuos que o melhor meio de se salientarem no lugar em que vivem, é envolverem-se n'ella e sem cultivo de idéas, nem estudo de principios, alistam-se em qualquer partido desde que este esteja em opposição.

No Jatahy assim como nas principaes localidades goyanas não existem medicos, porque com excepção dos poucos filhos do estado, nenhum outro se tem querido aventurar a tão remotas terras, onde o curandeiro e o charlatão são devidamente apreciados pela maioria do publico, que falla d'elles pelos cotovellos, ao passo que simulando graça, lhes rende homenagens de face a face.

E' bastante curioso ver-se esses curandeiros vulgares que infestam o estado, como se apresentam, os seus modos e maneiras, e sobretudo as palavras que empregam sem sentido no calor de uma conversação, phrases que peccam pela desconcordancia, para se julgarem comprehendidos quando ninguem os comprehende.

O homem intelligente, delicado, tratavel, tenha embora mil dotes de espirito é sempre pouco acceitavel desde que não seja de duas uma, ou magistrado ou politico. Goyaz ainda está muito longe de saber prestar tributo ás artes e ás sciencias, e quem quizer que experimente e verá.

Tendo terminado a minha visita aos diversos pontos do sul de Goyaz, pensei então em voltar ao Rio de Janeiro.

Do Jatahy a Uberaba a distancia é de cento e dez leguas, por máos caminhos, lugares pestiferos, onde reinam as febres intermitentes n'este tempo das chuvas.

Indeciso e sem saber que resolver, veio em meu auxilio o sr. José Parassú, que convenceu-me em poucas palavras, como melhor resolução seguir d'alli para o Coxim, onde tomaria um barco que me levasse até o rio Paraguay em Matto-grosso, de onde depois facil é tomar qualquer destino.

A distancia entre o Jatahy e o Coxim é de noventa leguas, terreno de certa altura em diante completamente despovoado e infestado de selvagens, mas que quasi nunca atacam os viajantes.

N'essa estrada apenas se encontram carreiros que demandam o Coxim em busca de sal, e raros cavalleiros n'ella transitam.

Tendo despedido o meu empregado Moysés, tomei ao serviço um outro de nome Sant'anna, que me indicaram como magnifico guia, e depois de bem prevenido com o que podesse ser preciso durante essa longa travessia, parti pois do Jatahy, passámos o rio Claro pouco adiante, e vencendo a distancia de onze leguas em duas marchas, chegámos ao lugar denominado Cervo, onde a comitiva ficou em descanso durante quatro dias.

Do Cervo procurei a fazenda de D. Barbara, para quem levava uma carta de recommendação do commendador Sera

phim, mas infelizmente e apesar de lá pouzar, não tive o prazer de vêr essa senhora.

No dia seguinte partimos ao amanhecer, só parando em baixo de uma serra, para darmos descanso ás mulas e fazer-se o almoço. Continuando, ás 3 horas da tarde chegámos á fazenda de José Parassú, que nos recebeu com agrado e nos ministrou todas as informações necessarias.

Joaquim Villela era o nome do antigo dono d'essa fazenda que foi morto pelos selvagens quatro annos antes. A viuva d'este, é agora esposa de José Parassu, um bahiano corajoso e activo, senhor hoje de boa fortuna. Parassú era antes conhecido em Cuyabá, como um magnifico cantor de *modas*.

Estando pois resolvida a minha viagem para Matto-Grosso alli negociei e vendi ao mesmo, e ao cidadão José Villela os animaes, arreios e mais objectos pertencentes á minha comitiva, com a condicção expressa de ser tudo entregue no Coxim, ponto de embarque.

Da fazenda do Parassú fomos em trez dias ao sitio de Francisco Severino, o ultimo habitante d'aquellas paragens.

Até ahi a viagem correra explendida, e de vez em quando auxiliado pelo meu cão perdigueiro o Melão, matava uma ou outra perdiz, entre as muitas que elle levantava na macega dos campos. O Melão, era um cão intelligente e que fóra da sua especialidade, sabia levantar toda a especie de caça. Fôra-me offerecido por um filho de João Carneiro. Uma vez vi-o quasi morto nas garras de um tamanduá bandeira, que matei a tiro em espesso cerrado.

Perto da fazenda do Severino passámos a váo o Rio Verde e que com tal nome era o septimo, que ficava conhecendo em territorio goyano.

Na manhã seguinte apesar da chuva que cahia, encetámos ssa viagem atravez dos grandes sertões que dividem Goyaz Matto-Grosso. Faltava-nos vencer ainda sessenta e cinco guas até o Coxim.

Ahi principiaram os soffrimentos, que de ante-mão avaliara-

mos. Logo uma legua adiante encontrámos o ribeirão do Sucury cheio, e quando por tal dei, já a minha mula nadava para uma banda, e eu para outra. Chegado o guia fez os cargueiros passarem mais por baixo, mas o caso foi, que tudo e todos nós ficámos a pingar.

Apesar da chuva o Melão levantava dezenas de perdizes e bandos de veados saltavam ao longo das chapadas.

Vencidas cinco leguas parámos na margem esquerda do ribeirão da Babylonia, onde se vê ainda os esteios carcomidos de um cazebre, cujos habitantes foram mortos pelos indios.

O terreno ao redor é montanhoso, ora coberto de matto ora de grandes claros. Attrahidas pelos gritos que soltava a minha arara, bandos d'ellas passavam sobre nossas cabeças em um clamor infernal.

O cosinheiro Elesbão apesar de constante, parecia arrependido de encetar esta viagem e com receio dos indios dizia que só eu o poderia resolver a afastar-se tanto da mulher e dos filhos, que fazia um anno deixara no Corumbá (1) e dos quaes não tinha a menor noticia.

Afim de recolhermos os trens da chuva que cahia sem interrupção, abrimos a barraca de campanha dentro da qual improvisei um leito, estendendo o colxão sobre as canastras enfileiradas. A lenha toda molhada e humida não nos permiitiu fazer lume, e por isso deitamo-nos sem jantar o que com certeza não foi das melhores cousas.

Assim tratamos de dormir, ficando Sant'Anna de espingarda ao hombro á espreita até tarde da noite, sendo depois substituido por outro até o romper da manhã.

No dia seguinte continuámos a viagem ainda debaixo de chuva.

Depois de galgarmos o Morro Vermelho cuja serra di as aguas que correm para o norte das que correm par

(1) Ha dous logares no Brazil com o nome de Corumbá — Villa Goyaz e cidade em Matto-Grosso.

sul, vencidas seis leguas chegámos á cabeceira da Jacuba, onde pastava socegadamente enorme manada de veados.

A chuva continuava sem interrupção. Zequinha e Sant'Anna agasalharam sob os ligaes, os arreios e as cargas.

Meia hora depois, Elesbão que havia ido em busca de lenha voltava sem ella, pallido, assustado e de garrucha na mão. Em vez de lenha o pobre rapaz distanciando-se de nós, fôra dar n'uma batida de indios, penetrando n'um sitio onde encontrou certos ranchos, que não podiam pertencer a outra especie de gente.

Ordenando-lhe que me acompanhasse, apanhei a minha espingarda Lavoux e parti a explorar o local. Lá chegado convenci-me de que Elesbão se não enganára. Nas proximidades dos toscos ranchos estavam espalhados ossos de varios animaes, entre os quaes alguns craneos de tamanduás, cuja carne é por elles bastante apreciada.

N'este interim ouvi ao longe o ladrar de Melão no acampamento, e galgando um terreno mais elevado, avistei um grupo que não poude distinguir pela distancia, se seria de animaes, se de pessoas.

Bastante incommodado, corri para lá e logo tranquiliseime, pois eram uns carreiros que acabavam de chegar. O dono do carro, um tal David, morador no municipio do Jatahy, perto do rio Verde, voltava da villa Conceição no Paraguay, aonde tinha ido levar uma boiada, tendo gasto n'esta viagem cerca de dois annos, e lastimando-se por ter perdido tempo e dinheiro. Relatando-me suas desgraças e privações, senti-me condoer, mas logo na manhã seguinte julguei melhor estar se nunca o tivesse visto.

O leitor não imagina e nem avaliar póde, desde que não enha viajado pelo centro do Brazil, como são difficeis de encontrar n'estes centros arrieiros ou camaradas bons e fieis. Quasi sempre são negligentes, ingratos, bebados e velhacos.

Ora um homem como o tal Sr. David que devia ser pratico nas cousas de sertão, mostrou de duas uma, ou ser mau

ou ignorante. O maldicto homem deu-nos uma noticia que ainda mesmo se fosse verdadeira, não devia ser transmittida assim sem mais nem menos, mas sim só a mim e com toda a reserva. Disse-nos elle que no Coxim os animaes de raça cavallar e muar estavam morrendo atacados pela peste de cadeira, que annos atraz flagelou os pantanaes de Matto-Grosso.

Em vista disso os meus camaradas assustaram-se, e só a custo consegui resolver o guia a continuar a viagem, tal foi o mêdo que teve de ir perder a sua mula de sella e depois ficar a pé em ponto tão distante. De todos, portanto, foi o Sant'-Anna que n'este momento peior se portou, apanhando um pretexto para voltar como era seu desejo, ao que me oppuz.

O fim com que David assim procedeu, foi de ver se obteria de nós por baixo preço, algumas das mulas que iam a déstro.

David vinha do Paraguay pelo Campo Grande, não passára pelo Coxim, a noticia não podia pois ter fundamento. Mandando ao diabo o tal David que tentara espalhar o terror na minha comitiva, pagando-me d'essa fórma os obsequios que lhe fizera, parti da Jacuba ás sete horas da manhã, e por sua culpa só poude almoçar n'este dia ás tres horas da tarde, no logar denominado Cabeceira-alta, cinco leguas adiante, unico sitio em que encontrei agua e lenha, n'este largo espaço de terreno coberto apenas de agreste relva e moradas de cupins de oito a quinze pés de altura, onde vivem phalanges de insectos; montes de terra endurecida, tão dignos de admiração como as pyramides do Egypto.

Ainda até esta hora a chuva continuava a cahir, flagelando-nos horrivelmente durante a marcha no chapadão.

A' nossa direita avistámos a principal nascente do ma toso Araguaya. Apesar de levar commigo o mappa de Go do engenheiro Dr. Jardim e que é considerado o melhor existe, poucas vezes podia-me ser elle proveitoso, taes sã inexactidões que encerra.

Quanto ás divisas com Matto-grosso n'estas paragens, estão tambem cheias de erros e duvidas, e Goyaz tem pago um tributo bastante pezado por sua propria culpa.

A comarca do Rio Verde que atravessámos; divide com os estados de Matto-Grosso e Minas, sendo com este pelo Paranahyba desde a foz do rio dos Bois até á foz do rio Corrente. Se não houver um accordo com o Estado de Matto-Grosso, pois o governo cuyabano pretende que fique essa divisa pelo rio Verdinho acima do rio Corrente cerca de 16 a 20 leguas, e se a Assembléa goyana não tomar interesse como deve tomar, ficarão os goyanos sem essa boa parte do estado, assim como já ficaram sem a comarca de Sant'-Anna do Paranahyba que por direito lhes pertencia desde tempos idos e que divide com o estado de Matto-Grosso em grande extensão, pelo não menos magestoso Araguaya, até a divisa com o termo de Goyaz pelo mesmo rio, aguas abaixo.

Da Cabeceira alta á primeira nascente do Araguaya, de que fallei, ha cerca de quinhentas braças. Esta Cabeceira alta é a fonte principal d'onde emana o torrentoso rio Corrente que desagua no Paranahyba, cujo territorio está em duvida como já disse.

Deve a Assembléa goyana não deixar de ventilar esta questão, para que mais tarde não se possa com justiça dizer — *jus non socurrit dormientibus.*

O almoço na Cabeceira-Alta constou de arroz e perdiz simplesmente. A nossa carne secca havia-se acabado e o resto das provisões era insufficiente para nos alimentarmos até o Coxim se não fossem augmentadas.

N'estas emergencias veiu em auxilio o guia, que me indicou como melhor meio, seguirmos em direcção ao povoado s Bahús que devia ficar á nossa esquerda, d'alli a seis ou te leguas.

Arreados de novo os animaes, caminhámos até que a noite s veiu surprehender em pleno chapadão, depois de haver-s tomado o primeiro caminho á esquerda. Assim continuá-

mos na esperança baldada de encontrarmos uma cabeceira ou sitio onde houvesse agua.

Infelizmente não houve outro remedio senão depois de nove horas de marcha pouzarmos no cerrado, e pearmos as mulas para que se não affastassem muito durante o resto da noite.

A fadiga produzida pela grande marcha, tinha-nos abatido por tal fórma, que sem nos darmos a maiores incommodos, resolvemos dormir alli mesmo ao relento sobre os couros e cargas, á luz de um luar esplendido, visto que o tempo melhorára e conservava-se seguro.

Pelo amanhecer, Sant'Anna partiu em procura das mulas e pouco depois de reunil-as, emquanto ficavam cuidando dos cargueiros, segui a mesma direcção da vespera. Vencida uma legua, ao descer a serra avistei ao longe a choupana de um sertanejo.

A's oito horas chegámos aos Bahús, um logar sem nada de notavel. Alli não existe nem sombra de arraial. Ha apenas umas oito casas cobertas de palmas seccas, isoladas umas das outras e habitadas por individuos de tez semi-bronzeada, mal vestidos e mal tratados.

Tendo-me esquecido dos dias do mez, cheguei a duas d'essas pobres habitações e busquei saber que dia era esse, mas ninguem soube responder-me. Um, disse-me que a secca não devia tardar, outro, que estavamos na lua cheia!

Segundo o que observei, os habitantes dos Bahús, mesmo os mais velhos e alquebrados ainda se acham por desmamar. A negligencia não lhes permittindo cuidar do trabalho, fal-os terem durante o dia prezas em pequenos curraes, uma ou duas vaccas de leite, de fórma que este é o seu maior alimento. Se lhes faltasse a teta, morreriam de fome os tados.

Procurando a casa de Domingos Silva, um velho min[illegible] que mora d'alli a meia legua, lá fui ter, sendo elle o u[illegible] que poude-me informar e auxiliar.

A escassez de mantimentos n'estas paragens, parecia tão grande, que só depois de ingentes esforços é que poude obter uma quarta de farinha de mandioca, uma leitôa e duas gallinhas, por ser tudo o que encontrámos para comprar.

O Sr. Domingos e seu genro Laurentino, negoceiam em sal que mandam buscar ao Coxim, e vendem aos creadores do municipio de Sant'Anna do Paranahyba, cuja séde fica d'alli a sessenta leguas. Por elle soube ser falsa a noticia da molestia dos animaes no Coxim, o que tranquilisou bastante o guia.

Aquelle senhor David!...

Depois de quasi dois dias de *falha*, partimos afinal para pouzarmos d'ahi a tres leguas na beira do ribeirão denominado Cascavel, onde a chuva durante a noite nos foi de novo visitar. Faltava-nos ainda vencer quarenta leguas para chegarmos ao Coxim.

Durante a viagem no dia immediato, notámos numerosos rastos de animaes bravios que sulcavam a areia da estrada.

Os terrenos que atravessavamos pertencem ao municipio de Sant'Anna do Paranahyba, com uma população apenas de oito a dez mil habitantes, que se concentra dentro, e nas proximidades de sua séde e cuja extensão é quasi igual á de Portugal, e maior que a de alguns paizes europeos.

Apoz tres horas de marcha, com a fresca da manhã, parámos na cabeceira da Boa Vista para fazer almoço á sombra d'um jatobá. Emquanto os animaes pastavam, a arara divertia-se a brincar com o Melão que fugia ás suas bicadas.

Uma vez almoçados partimos de novo, marchando devagar porque a areia a isso obrigava. Muitas vezes as mulas se introduziam até os joelhos, e segundo as informações que tive terreno é sempre areiento até o Coxim. A estrada continuava lada por magnificas pastagens, cobertas de espesso cerrado de encontravamos caça com fartura.

A's tres horas da tarde, eu e Zequinha que iamos em ınço da comitiva, chegámos ao sitio denominado Torres,

pela configuração dos morros que por lá existem. Uma d'estas torres e que fica mais proxima á estrada, vista ao longe parece-se com a parte superior de uma garrafa tendo o gargallo quebrado.

Desejoso de a galgar para estender a vista ao longo d'esses desertos, deixei a estrada e tomei a devida direcção. As escabrosidades do terreno não nos permittiram franca passagem, e em certa altura deixei a mula presa a um arbusto, subindo a pé.

Foi uma ascensão difficil e perigosa como a dos Pyreneos goyanos.

Uma vez no altanoso cume da *torre* não foram com certeza os panoramas que ao redor se desenrolavam, nem a vastidão dos desertos, que principiaram por prender-me a attenção.

Outra cousa houve que longe de me provocar admiração, me provocou horror! Espalhados haviam alli ossos humanos e ainda os vestigios de uma grande fogueira.

Provavelmente um banquete de indios, e algum branco havia sido a victima.

Como arrependido fiquei de haver galgado o pico!

Nada que o caso era serio, e isto d'uma pessoa se deixar metter no espeto ou assar como roast-beef, não tem graça alguma.

Melão, o meu cão favorito, estava inquieto, como se achasse em sobresalto. Farejava tudo, saltando e latindo de uma maneira singular e fóra do commum.

Lançando um olhar investigador ao redor do local, apanhei o craneo e examinei-o embora com asco. Devia ser de um homem de vinte a trinta annos de idade.

Tinha um dos parietaes fendido e compridos cabellos jaziam empastados em volta na pelle secca e desconjuntac

Nos maxillares havia falta de alguns incisivos e mes os restantes eram cariados, sem parecer nunca terem s obturados, o que me fez crer que devia ser de um hom de baixa classe e falto de trato.

N'este instante o cão latia fortemente olhando ao longe. Uns vultos pareceu-me distinguir n'uma baixada.

Seguiam um a um correndo velozmente.

Eram os indios.

Sem me deter mais em apreciações de qualquer natureza tratei de descer d'alli pelo flanco de noroeste. Antes de ganhar a base as minhas apprehensões augmentaram quando sem calcular fui dar na batida dos selvagens que pelos modos alli acabavam de passar. Certamente elles de observação me haviam visto galgar a torre, fugindo por esse lado.

Isto não deve causar admiração, a quem de perto sabe como são covardes os indios, quando vêm luzir o cano de uma espingarda, arma de que têm bastante mêdo. Verdadeiramente os indios nunca atacam senão á traição e com surpreza. E' geralmente pelos pontos culminantes que se orientam, para effectuar suas travessias n'estes desertos.

Chegando ao sitio onde ficára a mula, montei novamente, e dentro em alguns minutos entrava na estrada, seguindo o meu destino. Este dia como vamos ver estava reservado para peripecias e estranhas sensações.

Uma legua adiante houve um momento em que vi-me nos maiores apuros. Melão que se havia internado no cerrado, ladrava fóra do costume, e sem calcular que especie de caça acuáva, larguei a minha besta e dirigi-me a pé para o sitio, quando sem esperar enfrentei-me com um bando de queixadas, que mal tempo deram-me para trepar a uma pequena arvore. Os terriveis porcos do matto abandonando o cão, rodearam a arvore e roiam-lhe o tronco ferozmente, com a intenção talvez de me devorarem.

Depois de desfechar n'elles dous tiros e sem tempo para e novo carregar a arma, tirei o facão e cortei um ramo da lanta que não parecia tardar a cahir commigo.

N'esse tempo já um queixada jazia morto entre os companheiros do bando.

Tomando uma nova posição defensiva, cahi n'elles a cacête

e só depois de tenaz lucta, é que os ferozes bichos se pozeram em fuga, dando-me licença a que podesse voltar á estrada, e felizmente são e salvo.

O pobre do Melão havia ficado com alguns ferimentos e sem o pedaço de uma orelha.

Vencidas nove leguas n'este dia chegámos ao rio Jaurú, que passámos a váo, estabelecendo-se na margem direita o nosso acampamento.

O tempo conservava-se bom dando lugar a passarmos uma excellente noite.

Do Jaurú fomos no dia seguinte pouzar á beira de um corrego septe leguas adiante.

Varias e bellas lagôas orlam a estrada n'este espaço, onde encontrávamos phalanges de patos, sócós e outros passaros aquaticos.

Bandos de tuyuyús, aves enormes que habitam as margens dos rios e os pantanaes de Matto-Grosso, principiavam a apparecer em varios pontos.

Durante a noite o Melão que ficava sempre perto de mim dentro da barraca de campanha, despertou-me com os seus latidos e certo que havia novidade, levantei-me mansamente sahindo d'ella.

As mulas rodeando o encosto passavam a gallope e rinchando.

Então ajudado pela luz de baço luar, distingui na borda do matto uns corpos grandes e escuros, que se moviam n'uma unica direcção socegadamente. Era um bando de antas que procurava sem duvida passar o ribeirão.

No dia seguinte verifiquei pelos rastos que me não enganara.

D'este ponto em diante vencidas outras septe leguas, alc çámos uma cabeceira bastante adiante do corrego da Polv. onde pouzámos. Tarde da noite Sant'Anna que havia feito ca sobre um formigueiro, despertava, e perseguido pelas formi

recolhia-se á minha barraca, onde Melão o recebeu com poucos mimos.

Antes de amanhecer levantei-me despertando todos e ape-




Os tuyuyús (Pag. 208)

nas servido o café, continuámos a viagem para só nas Torrinhas pararmos em descanso por uma ou duas horas.

Desde os Bahús que atravessávamos mattos e cerrados

e a areia difficultava bastante a marcha aos animaes, fatigando-os excessivamente.

Emquanto Elesbão preparava o almoço, Zéquinha que se havia afastado de nós, veiu offeguento dizer-me que no campo, além de uma das *torrinhas* pastava uma manada de veados, sendo facil dar-lhes caça.

Os veados apezar de raramente perseguidos n'estes desertos, são bastante ariscos e apenas avistam um cavalleiro saltam e fogem com incrivel velocidade. Todavia se o caçador é prevenido e os sabe negaceiar, mata os até bem facilmente.

Assim apanhando a espingarda, tomei a devida direcção e levando um chapeu de sol, logo que os avistei segui de ventre em terra com elle aberto, fazendo-os suppor estarem na presença d'um tamanduá bandeira.

Era um bando de cervos. Apenas sentiram a minha approximação ficaram espantados, estendendo as cabeças, e observando-me. D'esta fórma approximei-me d'elles o mais que poude e no momento preciso fiz fogo seguidamente em dois que cahiram a poucos passos de distancia.

Apenas me ergui, os outros correram, e como não podessemos conduzir ambos, tivemos que perder a carne de um, aproveitando-se a do outro.

Depois de almoçados continuámos a viagem, fazendo-se pouzo no ribeirão da Figueira onde chegámos debaixo de forte trovoada, seguida de grandes aguaceiros.

Alcançando-se esse ponto tarde, tiveram os camaradas de passar a noite sentados, porque redes e roupas, nada escapára da chuva.

Tanta foi a agua corrida do chapadão, que no dia seguinte só por volta das dez horas é que o ribeirão nos dava fran passagem a váo.

Calculando estar muito distante do Coxim, bastante ad rado ficava depois de vencidas tres leguas, quando chegue margem esquerda de um grande rio, que logo soube sei

Taquary. Existe ahi uma boa ponte, propriedade particular ha perto de vinte annos, cuja passagem continua a ser paga. Cada carreiro que n'ella transita, paga a importancia de dez mil réis. Quer-me parecer que seria de grande vantagem para o commercio do Coxim, se o governo cuyabano a desapropriasse.

Achando-me portanto no rio Taquary, verifiquei mais um erro notavel na carta goyana, que dá o porto e povoação do Coxim do lado de Goyaz entre o rio Taquary e Coxim, quando verdadeiramente tal povoação se acha do lado de Matto-Grosso e abaixo da juncção das aguas dos dois rios, na margem direita do Taquary.

Dois kilometros adiante vimo-nos seriamente atrapalhados para passar o ribeirão Claro que estava cheio e não dava váo, mas como nunca fui homem que me deixe vencer diante de obstaculos d'esta natureza, ordenei que desarreassem as mulas, fazendo-as passar a nado para a margem opposta.

Isto feito construimos uma pinguela e assim passámos nós com cargas e bagagens.

Pouzámos ahi por ser tarde depois de terminada a baldeação.

No dia seguinte ás nove horas da manhã chegava á povoação do Coxim, onde o negociante Antonio de Albuquerque, depois de hospedar-me, se dignou informar que só d'ahi a seis dias poderia chegar o barco, que de volta aguas abaixo me conduzisse á importante cidade do Corumbá, no rio Paraguay, distante cem leguas d'alli.

Era chegada a hora das despedidas.

Ao Elesbão, meu cosinheiro, fiz presente de duas bestas arreadas e outros objectos em paga á sua dedicação, durante um anno e tanto que foi meu empregado.

Presenteei o Sant'Anna com o meu chicote de prata e outras cousas, além de uma gratificação em dinheiro, e a todos aconselhei descançar alguns dias, para então voltarem aos seus lares.

Quanto a Zequinha considero-o meu filho adoptivo, e espero que um dia volte á sua terra como um homem util e de intelligencia cultivada.

Melão e a arara continuam a brincar, fugindo elle sempre d'ella, como se o seu bico lhe inspirasse mais mêdo que as unhas d'um tamanduá ou d'um queixada.

Assim, apoz um anno e dez mezes de peregrinação atravez d'estes sertões, dou por terminada a minha viagem ás terras goyanas.

## FIM DA VIAGEM ÁS TERRAS GOYANAS



OSCAR LEAL

# UM ANNO DEPOIS

AQUIESCENDO á natural curiosidade do leitor, vamos em poucas linhas relatar o succedido desde que partimos do Coxim em um barco dirigido pelo Sr. Lucio de Arruda, com destino á cidade do Corumbá, onde deviamos chegar dentro em treze dias, depois de uma viagem que tanto viria a ter de bella por um lado, quanto penosa por outro.

O Coxim é uma povoação de vinte casas, caiadas e cobertas de telha, e trinta e seis choças. Acha-se collocada na margem direita do rio Taquary pouco abaixo da juncção das aguas d'este, com o Coxim. Deve a sua existencia ao commercio de sal, que fornece aos longiquos sertões de Matto-Grosso e Goyaz.

A nossa partida d'alli realisou-se n'um dos primeiros dias do mez de março de 1891.

Zequinha, a arara e o Melão eram então os nossos mais chegados companheiros, e ambos nós sentimos desde logo as difficuldades d'esta viagem, durante a qual soffremos constantemente o incommodo dos mosquitos, que em nuvens assaltavam a embarcação, fazendo-nos passar noites em claro, apesar dos mosquiteiros em que nos envolviamos e das precauções que usavamos. Muitas vezes nem comer podiamos, atormentados pelos famintos e enormes mosquitos que aos turbilhões cahiam nos pratos de comida. Pondo de parte outros muitos contratempos, tivemos horas em que a nossa curiosidade era plenamente satisfeita na contemplação das mil e novas bellezas, com que se orna uma das mais lindas regiões do mundo, pois desde o Coxim que tivemos diante de nós paysagens inteiramente differentes, das que se destacam no territorio goyano.

Não póde haver descripção por mais bem delineada, que torne patente ao leitor o que são os pantanaes de Matto-Grosso, ou por outra o Chaco brazileiro, onde sobre uma vegetação ás vezes explendida e luxuriante, banhada pelas aguas que transbordam durante mezes dos grandes rios, esvoaçam continuamente milhares e milhares de aves de todos os tamanhos, de todas as fórmas, de todas as côres, despertando com seus selvaticos cantares a monotonia d'esses desertos povoados tambem de numerosos animaes bravios.

Durante essa viagem effectuámos varias caçadas e pescarias nos corixos e nos bosques, e até tivemos ensejo de passar algumas horas em descanço na aldeia dos Terenas, indios que habitam a margem esquerda do Taquary.

Veados, cervos, onças e serpentes enormes atravessavam diariamente o rio em frente da embarcação, de onde dois indios tripulantes lhes davam caça, indo-lhes no encalço . uma pequena canôa que levavamos de reboque.

A bordo do barco não se ouvia conversar senão em gı rany, lingua bastante fallada em Matto-Grosso e por tod população do Paraguay.

Quando em demanda finalmente do porto de Corumbá, chegámos a contemplal-o, nossa alma de artista expandiu-se porque depois de termos percorrido leguas e leguas atravez do desconhecido, tivemos a satisfação de contemplar uma cidade que apesar de hodierna encerra a imagem mais linda que podemos descobrir, a da—civilisação.

E onde?

No fim do mundo, dirão ainda os que não conhecem o progresso de Matto-Grosso.

Bem sabemos que tudo quanto diz respeito a esta longa viagem atravez de Matto-Grosso, deve merecer um volume especial, mas ahi vae agora ligeira noticia sobre o que vimos ou conseguimos vêr.

Seriamente penhorados pelas significativas provas de consideração e sympathia que recebemos em Corumbá, da illustre redacção do *Oasis*, cujo redactor chefe era o Sr. Manoel da Costa Pedreira que dedicou-nos um numero especial d'aquella folha, assim como agradecido pelo acolhimento recebido da população, publicámos um dia alli um pequeno jornal, onde fizemos estampar a seguinte descripção da cidade e que tivemos o prazer de vêr transcripta no *Jornal do Commercio* e *Paiz* do Rio de Janeiro, assim como em muitas folhas dos estados brazileiros.



Na margem occidental do sereno rio Paraguay aos 18° 59' 43'' latitude, 57 44 36 graos sul longitude, ergue-se a formosa cidade de Corumbá, edificada sobre uma montanha de rocha calcarea, e fronteira a vastas campinas e pantanaes que na outra margem se estendem a perder de vista.

Do lado esquerdo vê-se a lagôa do Tamengo, onde existe a aduana boliviana de Porto Juarez.

Uma legua Paraguay abaixo, está o arsenal do Ladario e a povoação do mesmo nome, composta de quatro ruas largas e com algumas edificações boas.

Em contacto com as grandes praças do Rio da Prata, nota-se em Corumbá a influencia predominante do elemento estrangeiro, a cuja causa se deve attribuir o desapparecimento dos velhos costumes coloniaes.

As ruas, algumas calçadas e arborisadas apresentam vida e animação. O seu porto é constantemente visitado por numerosos barcos e navios a vapor que seguem para S. Luiz de Caceres, Miranda, Coxim, porto de Poconé e Cuyabá.

A companhia Lloyd Brazileira mantem uma correspondencia directa de dous paquetes por mez e além d'esses muitos outros se cruzam nas aguas do rio Paraguay em demanda d'este porto.

Corumbá é o emporio das principaes zonas commerciaes e agricolas do estado e para que se possa calcular do seu adiantamento, vamos offerecer uma resenha a mais minuciosa possivel.

Divide-se a cidade em alta e baixa.

Na parte baixa acha-se o edificio da alfandega, o caes, armazens e muitos estabelecimentos particulares.

Toda a cidade conta vinte e cinco armazens de fazendas e modas, estabelecimentos esses de primeira ordem, varias casas importadoras, sessenta lojas, cem tavernas e armazens de molhados ou mercearias.

Tem quatro salões com bilhares, tres hoteis, uma fabrica de cerveja, quatro padarias, oito açougues, uma photographia, uma fabrica de gelo, duas ditas de fogos artificiaes, outra de sabão, quatro relojoarias, uma joalheria, oito alfaiatarias, quatro fabricas de licores, um atelier de pintura, uma caixa bancaria, tres pharmacias (sendo duas militares) e muitos outros estabelecimentos.

Ha em Corumbá e Ladario, seis medicos, um dentista e uma parteira.

Publica-se tres folhas semanaes.

Entre os edificios publicos, destacam-se o palacete da municipalidade, o quartel, o deposito de artigos bellicos e a cadeia, todos construidos de pedra e cal e alguns cobertos por vistosos e apraziveis terraços.

A trez leguas da cidade ha um engenho central particular denominado do Urucum.

A rua de Lamare como mais central offerece agradavel perspectiva ao viajante, pelo movimento e animação, e sobretudo porque n'ella se encontram as melhores e mais ricas lojas de modas.

Metade da população corumbaense é estrangeira o que lhe dá a feição de um centro verdadeiramente cosmopolita. As senhoras são na maioria paraguayas e cuyabanas.

Depois do portuguez as linguas mais falladas são o guarany e o hespanhol.

Corumbá é relativamente uma cidade hodierna.

Quando tomada pelos paraguayos durante a invasão era um simples povoado de mil habitantes. O seu progresso data depois da retomada em 12 de Junho de 1867 pelo general Antonio Maria Coelho, de sorte que não é para extranhar, que deixe de figurar em algumas geographias.

Hoje está acima de tres ou quatro capitaes de estados brazileiros e dentro de alguns annos vaticinam-lhe todos, bello e invejavel futuro.

Ha união e alegria na sociedode corumbaense. As reuniões são constantes e animadissimas.

Corumbá contava ainda um magnifico theatro em construcção, um Jockey Club e um Club Familiar de primeira ordem.

O ferro oligisto encontra-se em prodigiosa quantidade no seu municipio.

Esse ferro não contêm outra cousa além da silica em estado de quartzo.

Na falta de productos de lavoura que conduzir, seria sufficiente esse metal para sustentar uma estrada de ferro.

Deixando Corumbá n'uma occasião em que os animos estavam alli verdadeiramente exaltados, depois de ter sido assaltada e incendiada a typographia do Oasis e a casa d'um negociante que teve a sogra morta no ataque e incendio que soffreu, consequencias d'uma questão suscitada entre militares e paisanos e que é a verdadeira origem da revolução que mais tarde rebentou em Matto-Grosso, partimos a bordo do vapor Rio Verde com des tino á capital, tendo antes visitado a povoação de Porto Juarez na Bolivia, assim como os arredores de Corumbá.

Foram mais seis dias alegres e de novidades para nós durante a subida pelos rios Paraguay e S. Lourenço, até entrarmos em aguas do Cuyabá, a cuja cidade aportámos em plena paz.

As margens do S. Lourenço principalmente, apresentavam n'essa epocha as praias de areia cobertas de jacarés, de capivaras (Hydrocherus) e de muitas aves, entre as quaes destacam-se os tuyuyús, o rosado colhereiro, as garças brancas e as bellas inhaumas.

No rio pescava-se durante as paradas alguns pacús, o peixe mais saboroso d'estas paragens.

Uma vez em Cuyabá despertaram-nos a attenção desde logo os velhos usos dos cuyabanos e a originalidade do seu viver methodico, no que em nada se parecem com os habitantes de Corumbá.

Ahi vai tambem a descripção d'essa cidade:

A capital de Matto-Grosso, Cuyabá, acha-se collocada em um outeiro a 2 kilometros do rio do mesmo nome em 15° e 36' de latitude e 32° pouco mais ou menos de longitude, no centro da America do Sul e a seiscentas e cincoenta leguas do litoral ou de Montevideo.

Tem de comprimento no maximo tres kilometros sobre dous na sua maior largura e occupa uma area calculadamente de tres mil e duzentos metros quadrados. Tem vinte e quatro ruas, varias travessas e beccos, nove praças e uma avenida que termina no porto de embarque.

Nota-se a falta de bom calçamento, de esgotos, e a illuminação muito deixa a desejar.

As ruas principaes — 13 de Junho e 11 de Julho; os bairros — Lavapés, Mandioca, Bahús e Mundeo.

Cuyabá tem uma população de 17 mil habitantes e dous mil e oitocentos fogos.

Os edificios mais notaveis são o palacio do governo, o arsenal de guerra, o gabinete pyrotechnico, a cathedral, o seminario, hospital e os quarteis.

Entre os edificios particulares sobresahem os do sr. Pedro Correia e Barão do Diamantino.

O systhema commercial differe bastante de Corumbá e aproxima-se do de Goyaz.

Contava essa cidade vinte casas de fazendas e modas, oitenta lojas menores e septenta e duas tavernas, incluindo algumas boas mercearias.

Tem uma livraria, uma pharmacia, dous salões com bilhares, um hotel, quatro padarias, uma fabrica de sabão, uma relojoaria, um atelier de pintura e dous salões de barbeiro.

Uma linha telegraphica recentemente inaugurada une Cuyabá a Goyaz e Rio de Janeiro.

Tem ainda um theatro denominado Minerva, uma bibliotheca particular de associação, seis templos religiosos, tres cemiterios, um lyceu de instrucção secundaria, seis escolas publicas e duas particulares, um jardim publico e um bello matadouro.

Publicam-se alli tres folhas hebdomarias «Estado de Matto-Grosso», «Quinze de Novembro», e «Gazeta», redigidos pelos srs. Generoso Ponce, Arnaldo Novis e Vital d'Araujo. Publica-se ainda tres vezes por semana a folha do governo estadoal intitulada «Gazeta official» e um pequeno jornal litterario.

As ruas de Cuyabá, na maioria estreitas, apresentam alguma animação apenas durante a manhã e a tarde, pelas horas mais frescas do dia.

Os velhos costumes coloniaes vão desapparecendo lentamente d'alli.

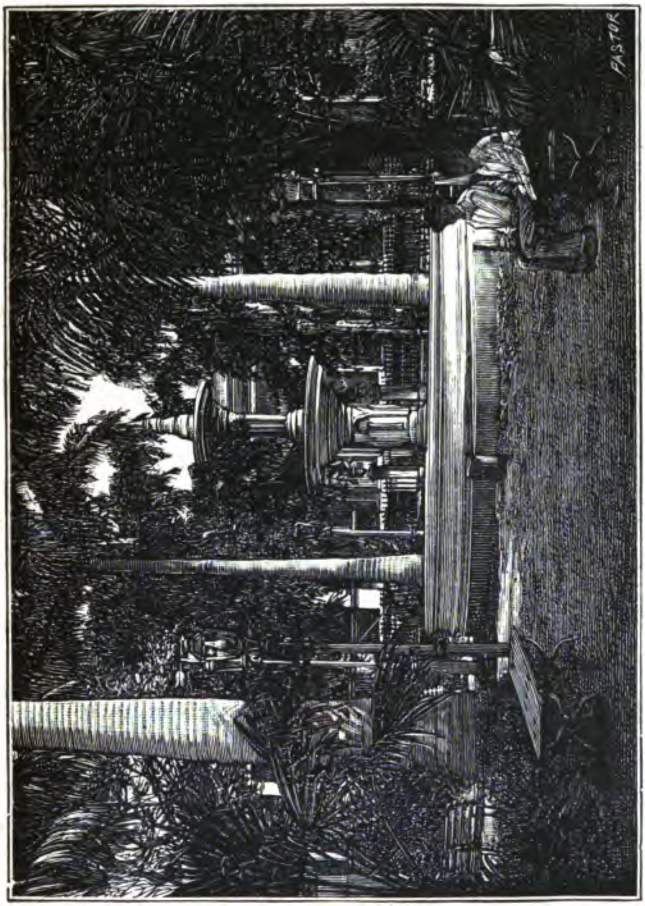
Cuyabá é visitada regularmente por dous vapores no mez, pertencentes á companhia Lloyd e muitos outros alli aportam carregados de mercadorias. A cidade é cortada em toda a sua extensão por uma linha de bonds, pertencente á companhia progresso cuyabano e que logo nos primeiros dous mezes depois de inaugurada produziu magnifico dividendo.

O centro da cidade de Cuyabá é o largo do Palacio, onde existe um magnifico logradouro ajardinado, frequentado principalmente ás quintas-feiras e domingos, quando alli faz-se ouvir alguma das bandas de musica militares.

Entre a sociedade cuyabana reina em geral harmonia, vezes sacrificada pelas dissensões politicas e constantes são reuniões e soirées, para cuja animação muito concorre a r destia do bello sexo.

A moda e o bom tom segundo a optica de mero ponto de vista, ainda não fizeram alli seu dominio.

Os cuyabanos são pouco ambiciosos e criticam duramente a ganancia e ambição dos que até lá se aventuram em busca




Jardim publico de Cuiabá.

de meios, na faina que desenvolvem, soffrendo as torturas de tão ingrata temperatura. Sympathisando com qualquer estranho desde que se mostre merecedor, tornam-se porém amigos e os coadjuvam muitas vezes.

Devido ao clima, as meninas desenvolvem-se rapidamente e aos treze annos, algumas aos doze tratam de escolher noivo. São flores que com a mesma rapidez com que despontam bellas e viçosas, tambem logo desabrocham sob as ardentes caricias d'aquelle sol tropical.

Durante os seis mezes que lá permaneci fui obsequiado com alguns convites para varias reuniões politicas e particulares, durante as quaes nos foi dado conhecer o bom gosto que preside a qualquer festa cuyabana. Os bailes em palacio eram animadissimos, e d'alli sahiamos formando sempre uma magnifica idéa de tudo que vimos e gosámos.

A colonia portugueza, comquanto pouco numerosa, é alli bem representada e composta de cidadãos laboriosos.

Nota-se em Cuyabá a falta de bons artistas, principalmente alfaiates, e entre os que chegam a ir lá estabelecer-se, quando o fazem, não se apresentam no caso de corresponder á espectativa publica, apesar das fanfarronadas de que usam.

Os filhos do logar, embora muitas vezes intelligentes e de gosto, não têm sujeição, e os que chegam a executar qualquer obra, nunca esta póde passar senão como producto rudimentar. A curiosidade é que fabrica tudo.

A uma legua de distancia da cidade existe a povoação do Coxipó, sitio pittoresco e muito procurado pelos excursionistas.

Quanto á noticia sobre a propagação do beri-beri em Cuyabá, é falsa e nunca passou de um pretexto a certos individuos que, dependendo do governo, se dizem atacados, a fim de obterem licenças ou transferencia de domicilio.

Fazendo ponto na longiqua capital de Matto Grosso, vi
támos os seus arredores, percorremos esses campos desert
onde Melão levantava bandos de perdizes, esses corixos on

se encontra a divinal Victoria régia e outras plantas aquaticas de incontestavel belleza, esses montes asperrimos alem dos pantanaes onde se agglomeram desordenados penedos e de cujas junturas irrompem magnificas orchideas, completamente desconhecidas dos mais afoutos naturalistas.

Fizemos excursões agradabilissimas á Chapada, um logarejo a dez leguas de distancia da capital, mas que pela sua altitude gosa de um clima bem differente e mais ameno.

Visitámos, por outro lado, as villas da Vargem Grande e do Livramento, onde tivemos ensejo de conhecer o Dr. Emiliano de Mattos, o juiz mais irrequieto e folgasão que encontrei n'esse estado.

Um dia, desesperado pelo calor que reina em Cuyabá, cansado de tanto suar dia e noite, afflicto com a brotoeja que nos cobria a epiderme, partimos em busca de um sitio ou ponto mais elevado, onde por alguns dias ao menos os nossos pulmões se fartassem de aspirar confortavel ambiente.

E até onde julgará o leitor que fomos?

Até onde nos havia aconselhado o distincto litterato, nosso amigo, o monsenhor Bento da Luz, goyàno distinctissimo, que alli residia. Até os cimos escabrosos da quasi inaccessivel serra de S. Jeronymo, que antes de nós, digamol-o, só foi galgada pelo arrojado naturalista americano o Dr. Herbert Smith.

N'esta subida aventurosa vimos a morte bem proxima de nós algumas vezes, mas a nossa coragem e força de vontade repellia-a com o mesmo enthusiasmo, o mesmo atrevimento, com que a alimentavamos.

E emquanto no altanoso cimo deixavamos a vista estender-se ao longo do azul profundo nas longiquas planicies do valle cuyabano, ouviamos sentido, os dolorosos latidos do nosso querido Melão, lá em baixo, ralado por não conseguir transpor aquelles medonhos precipicios e chegar até proximo de nós.

Quando volvemos á base do mais elevado dos montes,

abraçámol-o, e depois, em busca de nossas mulas que haviam ficado presas, internámo-nos pela floresta dentro, onde permanecemos perdidos durante longas e longas horas. Só á meia noite, depois de termos percorrido enorme distancia, chegámos ao sitio onde haviam ficado.

Tinhamos affrontado todos os perigos, a zombaria dos que se riam do nosso arrojo, a desconfiança dos que estabeleciam conjecturas quanto ao fim da excursão, e até a chacota dos que não achavam difficuldade em galgar a serra, depois que outro já a tinha galgado!

Uma historia como a do ovo de Colombo.

Voltando a Cuyabá, tratámos de abreviar a nossa partida, porque era impossivel, a não ser por grandes interesses, viver por mais tempo sob aquella temperatura e sob aquelle sol abrazador.

Assim, a 15 de janeiro do corrente anno (1892) partimos, embora saudosos, no vapor Coxipó, a bordo do qual nos despedimos pela segunda vez dos distinctos amigos e cavalheiros Coronel Generoso Ponce, Dr. Murtinho (presidente do Estado), Dr. J. M. Metello, Hidalgo, Victal d'Araujo, e outros, dizendo um adeus á hospitaleira população cuyabana, a cujo seio desejaria ainda um dia, a despeito do clima, tornar a volver.

Zequinha, soffrendo as terriveis consequencias d'este clima, e sobretudo d'aquellas aguas, esteve por varias vezes bem mal, e parecia alegre quando deixámos o porto.

Em Corumbá passámos, como é costume, para um vapor maior (Diamantino), e seis dias depois da nossa partida Cuyabá, aportámos ao Forte de Coimbra, na margem direi do rio, onde se achavam presas varias praças, das que se

zia terem tomado parte nos ultimos successos occorridos em Corumbá [1].

Varios soldados vieram a bordo, e ficámos com pena d'elles por causa da vida triste que passam n'aquelle lugubre sitio, considerado como um verdadeiro degredo, quando no entanto para outros deve constituir um delicioso paraiso pelas bellezas naturaes que encerra.

Proximo ao forte (4 kilometros) existe a gruta do Inferno, a caverna maior e mais linda de que ha noticia em todo o Brazil. O seu interior é guarnecido de stalactites e pencas de crystaes, que lhe dão um soberbo e divinal aspecto. Encontram-se n'ella lagos, fontes, cascatas, etc.

Do Forte para baixo o rio continúa a alargar-se, e grandes palmares (carnaubas) surgem em ambas as margens, cujo terreno é quasi sempre plano.

O espaço cobria-se de nuvens de borboletas pequeninas côr de canna, e principalmente ao romper das manhãs o rio apresentava um magnifico aspecto, pela multidão de ilhas fluctuantes formadas pelos *camalotes* que se desprendem de suas margens ou dos pantanaes e que rodavam com a corrente.

Dentro em vinte horas chegámos á capital da Republica do Paraguay, onde nos demorámos uma semana, tempo necessario para a ficarmos conhecendo.

---

[1] Os jornaes de Lisboa têm ultimamente noticiado a separação de Matto-Grosso, e um distincto collega a proposito chegou a affirmar serem intransponiveis os desertos que separam aquelle estado brazileiro dos outros visinhos, o que no entanto, como se vê do nosso itinerario, não é certo. No que estamos de perfeito accordo é de que por alguma fórma tenha o governo argentino auxiliado os separatistas (se acaso existem), na esperança de que mais dia menos dia Matto-Grosso em lucta financeira lhe implore auxilio, deixando-se annexar facilmente.

Apesar de todas as versões, nós aventuramo-nos a affirmar, que Matto-Grosso não deixa de continuar a ser um estado federado do Brazil.

Em Assumpção, cidade de quarenta mil habitantes, tivemos que admirar as magnificas obras cuja construcção foi mandada encetar pelo celebre tyranno Lopes.

D'estas foram terminadas recentemente o Palacio de seu nome e o edificio de Policia, permanecendo no mesmo estado o Oratorio, soberbo templo, e o theatro que no dizer de varios cavalheiros d'alli, caso terminado, seria a mais colossal obra do mundo n'esse genero.

Creio que não pensam em terminal-o, e tanto assim que foi construido um outro em tudo digno da bella capital.

Extasia-se o viajante diante d'essas maravilhas, vendo que Lopes apesar de sanguinario, tinha ideias grandiosas e crêmos bem que se tivesse nascido e vivido em um paiz europeu, o seu nome estaria hoje collocado ao lado dos grandes e ousados batalhadores.

A principal via de Assumpção é a Palmas, onde existem bellos e elegantes palacios. A cathedral e a estação ferrocarril são tambem edificios notaveis.

Satisfeitos da nossa visita, partimos para bordo do vapor argentino Rio Paraná, onde o ministro brazileiro Dr. Wernech veiu despedir-se de nós, apresentando-nos a um distincto companheiro de viagem, o Dr. Rafael Calzada, que poucos dias antes contrahira matrimonio com uma gentil filha do presidente Gonzalez.

O Dr. Calzada, distincto jornalista buenarense, é redactor chefe do *Correo Espanol*, importante diario de Buenos Ayres.

Durante esta interessante e longa viagem, visitámos as cidades de Corrientes (20:000 hab.), capital do estado do mesmo nome; La Paz (13:000 hab.); Paraná, capital do estado do Entre rios com (40:000 hab.) magnificas calles, e Rosaric estado de Santa Fé com setenta mil habitantes, e segunda dade da Republica Argentina.

Esta ultima apresenta lindo movimento. Durante a nc que lá passámos, fomos assistir no Polytheama á represer

ção de um drama creoulo intitulado *Juan Moreira*, em que se tornam patentes os costumes da campanha n'aquelle paiz, e a vida dos gauchos.

*Juan Moreira* não foi mais nem menos que um *virtuoso* facinora como José do Telhado.

A bordo do paquete argentino não haviam mais passageiros brazileiros, mas affeito á convivencia estrangeira, sentiamos agradaveis sensações pela fórma delicada dos cavalheiros e senhoras argentinas, sempre propensas a dispensar-nos finezas que retribuiamos.

Em um dos ultimos dias da viagem, por occasião de servir-se o champagne ao jantar trocámos saudosos brindes.

Estavamos então quasi a deixar o rio Paraná e chegarmos á sua juncção com o Uruguay, para logo depois cahirmos no magestoso e vasto rio da Prata.

N'este espaço numerosas embarcações se crusam a todo o momento e dentro em pouco ia-mos deixando á nossa esquerda a ilha de Martim Garcia, que collocada quasi na bocca do Uruguay apresenta-se como uma sentinella no meio das aguas.

Chegados a Buenos Aires lá permanecemos vinte e dous dias, que foram aproveitados em percorrer esta enorme cidade, com uma população de quinhentos e cincoenta mil habitantes e cujas calles apresentam uma animação particular ás grandes capitaes americanas.

Difficil seria entre tantas e tão bellas, dizer qual a rua principal de Buenos Aires, no entanto podemos affirmar que é considerada como da moda a calle Florida e como mais commercial e central a calle Rivadavia, que parte da vistosa Plaza de Mayo e se estende até o arrabalde de Flores.

Esta praça assim como algumas outras ruas, são calçadas a madeira e illuminadas a luz electrica.

Entre os numerosos e soberbos theatros, sobresahe o da Opera, cujo interior é um verdadeiro primor de arte e bom gosto.

Visitámos os jardins e cemiterio da Recoleta, a avenida de

Palermo (semelhante á dos campos Elysios de Paris) o parque 3 de Fevereiro, o hypodromo de Belgrano e o museu nacional que pareceu-nos inferior ao do Rio de Janeiro, por ser pobre de collecções. Vimos finalmente tudo que se encontra de notavel na rica capital, e de que não podemos agora dar minuciosa descripção.

Tomando o comboyo uma tarde, seguimos para La Plata, capital do estado de Buenos Ayres, com uma população de 40.000 habitantes, e que conta apenas septe annos de existencia!

Voltando a Buenos Aires partimos a bordo do magnifico vapor Centauro ás seis horas da tarde de 23 de Fevereiro em direcção a Montevideo, capital da republica Oriental do Uruguay, uma das mais lindas cidades da America do sul e que se acha collocada na embocadura do Prata.

Em Montevideu tivemos alguns dias de demora, durante os quaes foi-nos dado apreciar os folguedos do carnaval. Como em Buenos Aires, visitámos os seus principaes edificios, passeios, praças e monumentos, nada escapando de nossas vistas apesar do pouco tempo que despozemos.

Agradecendo á illustrada imprensa platina o acolhimento que proporcionou-nos, partimos em direcção ao Rio de Janeiro a bordo do vapor brazileiro Pelotas, com escala por differentes pontos do sul do Brazil, dando-nos ensejo de visitar e conhecer as cidades do Rio Grande e Pelotas, onde fomos recebidos pelo distincto industrial Sousa Soares que nos mostrou o seu magnifico parque e offereceu-nos a sua carruagem para conduzir-nos novamente ao porto de embarque. Tivemos ainda o prazer de visitar a cidade do Desterro, poetica capital de Santa Catharina, S. Francisco, Paranaguá e Santos, onde saltámos ás dez horas da manhã de 10 de março, e com receio da bre amarella que então alli reinava intensamente, fomos dir tos á estação do caminho de ferro e obtendo o que deseja partimos na companhia do pagador em um comboyo especi para S. Paulo onde chegámos ás seis horas da tarde. A 12

mavamos o comboyo na estação do norte e depois de um dia inteiro suffocados pelo pó e calor, eis-nos afinal no nosso bello Rio de Janeiro, que d'esta vez pareceu-nos a cidade mais horrenda do mundo, devido ao morticinio que alli fazia então a peste da febre amarella.

Decorridos oito dias embarcámos para Lisboa no vapor inglez Thames, a cujo bordo fizemos uma agradabilissima viagem apesar dos effeitos nostalgicos que sentimos e dos incommodos originados pela mudança de clima.

São decorridos tres mezes ápoz a nossa chegada á rainha do Tejo.

Resta-nos agradecer á illustrada imprensa lisboeta a sympathia que mais uma vez evidenciou dedicar-nos.

Estas duas linhas sinceras traduzem a nossa gratidão.

Oxalá que nos dêem por bem empregadas as noites que passámos em claro, a rever provas, a rectificar enganos, e procurando dar ao nosso modesto trabalho uma fórma deleitavel adequada ao paladar de cada um.



Zequinha é hoje alumno interno da Escola Nacional de Lisboa, cujo director ainda ha pouco teve a amabilidade de nos enviar o seguinte certificado, por onde se vê quão digno continúa a ser da nossa protecção.

Ex.^mo Sr.

Tenho o prazer de participar a V. Ex.ª que o seu afilhado José Jayme de Sá, actualmente alumno interno do meu collegio, é muito applicado e de comportamento irreprehensivel, grangeando por este motivo a estima de todos os seus superiores.

Lisboa, Secretaria da Escola Nacional, 30 de junho de 1892.

O director,

*Barros Proença.*

Ao depôr a penna, releve-me o leitor a mania de mais uma vez fazel-o perder tempo, com a leitura de tão insulsas narrativas.



# LINGUAGEM ALGARAVIA

Creio que uma das cousas que mais desperta a attenção dos lexicographos é a linguagem algaravia de certos povos, e conseguindo formar a presente collecção, não com pouco labor, espero que outro mais abalisado a amplie e corrija.

O leitor encontrará aqui numerosas palavras usadas em varios estados do Brazil, com os respectivos significados.

Alguns termos, verdade é que têm sua origem na lingua indigena, outros porém constituem uma serie interminavel de brazileirismos e se um ou outro termo parece pertencer ao portuguez, dá-se que a significação lhe altera o sentido, succedendo o mesmo quanto ao tupy e o cassange, uma lucta absurda com os factores mesologicos europeu, africano e americano.

Chamo pois a attenção dos illustres senhores philologos para este singular glossario.

*Oscar Leal*

# GLOSSARIO

*Ahivo* — cousa sem merecimento.
*Alvarenga* — especie de embarcação.
*Amoitar* — esconder.
*Angú* — papas de farinha de milho.
*Areisca* — terra composta de areia e solão.
*Arranzél* — barulho, motim.
*Arreador* — o mesmo que arreeiro.
*Atabulár* — estugar, apressar.
*Auatá* — andar perdido.
*Bacalháo* — açoute de correias de couro crú torcidas.
*Bagual* — cavallo bravo. (Usado no Rio Grande do Sul).
*Baiacú* — homem gordo e baixo.
*Baianço* — o mesmo que bahiano. Natural da Bahia.
*Baixeiro* ou *bacheiro* — segunda manta usada sob os arreios.
*Bandeirante* — individuo que pertence a uma Bandeira e que reunido a outros armados, explora os bosques e terrenos desconhecidos e ataca os indios.
*Bandeirista* — V. Bandeirante.
*Banguê* — especie de liteira para conduzir pessoas deitadas.

Fornalha nos engenhos. Côcho de couro.
*Banguéla* — pessoa que não tem dentes.
*Bangúla* — embarque de pescaria.
*Baque* — n'este... (n'este instante).
*Banhado* — pantano no Rio Grande do Sul.
*Batucar* — dansar o batuque.
*Bayahivo* — incommodado.
*Beijús* — coscorões de farinha de mandioca.
*Belchiór* — adélo.
*Berganhar* — trocar.
*Bilontra* — espertalhão, velhaco (intrujão).
*Biriva* — natural de S. Paulo.
*Biróta* — especie de algodão em panno.
*Bitú* — cantiga popular.
*Bóbó* — iguaria de feijão.
*Boitatá* — côco para assustar creanças.
*Boucha* — *roçado.*
*Boyóta* — mentecapto. Termo usado em Goyaz.
*Bruáca* — mala de couros crus.
*Bunda* — a trazeira.
*Butélo* — sujeito de grande estatura ou todo e qualquer objecto de grandes dimensões. Us. em Goyaz.
*Caboclo* — mestiço.
*Cabortar* — mentir.
*Caborteiro* — mentiroso.
*Cacaburrada* — linguagem chã.
*Cacéte* — bengala — Importuno.
*Caceteiro* — importuno.
*Cacetear* — importunar, atormentar.
*Cachaça* — aguardente de canna.
*Caçuista* — de caçoar.
*Caçúla* — o filho mais novo d'um cazal.
*Cafézista* — plantador de café. Fazendeiro.
*Cagacébo* — livreiro que negoceia em livros usados.
*Cafuné* — coçaduras na cabeça.

*Cafusa* — filho de mulato e negra (*ou Cafuz*).
*Caipóra ou Kaipóra* — Este vocabulo como tambem outros encorporado hoje ao lexico portuguez, significa, infeliz. H. Peixoto diz a respeito d'este termo entre outras cousas o seguinte «O Caipóra é o penado que em peregrinação continua, transmitte temporaria ou sempiternamente a quem encontra as vicissitudes de seu fadario».
*Calcánha* — varredeira de engenhos.
*Calhambóla* — escravo fugido vivendo em quilombos.
*Calhórda* — bobo.
*Calombo* — sangue coalhado em fórma granular.
*Calumbá* — cacho para caldo de canna.
*Cambão* — bois de carro; a junta dianteira.
*Camoéca* — bebedeira.
*Camondongo* — ratinho, morganho.
*Canga* — mineral de ferro com argilla. S. Paulo.
*Cangaçaes* — trastes velhos.
*Cangica* — milho em grão cosido.
*Capadocio* — astuto. (Intrujão) Us. na Bahia.
*Capanga* — sequaz. Bolsa de couro.
*Capéba* — amigo, camarada.
*Capim* — toda a especie de forragem.
*Capinado* — lugar limpo do capim.
*Capinar* — mondar o capim.
*Capineiro* — que vende e corta capim.
*Capão* — (de caãpuam) ilha de matto, oasis.
*Capixába* — natural do estado do Espirito-Santo.
*Capoeira* — Jacá ou cesto de conduzir gallinhas, patos etc. Matto em terreno que já foi cultivado. Capoeira é hoje tambem um sinonymo de desordeiro. E' o individuo que pela sua agilidade e destreza, passa rasteiras, dá cabeçadas etc.
*Capoeirão* — matta bastante densa.
*Captivo* — qualidade de pedra que indica aos garimpeiros a existencia de diamantes nos terrenos onde apparece.
*Caragé* — bolla de massa de feijão frita em azeite de dènden.

*Carapina* — carpinteiro.
*Carguejar* — arrear a besta de carga.
*Caribóca* — filho de europeu e cabocla.
*Carióca* — natural do Rio de Janeiro (Da capital Federal).
*Carneár* — matar o gado, no Rio Grande do Sul.
*Caróla* — fanatico.
*Carúrú* — esp. de esparregado. Us. na Bahia.
*Cascúdo* — termo collegial. Eleitor conservador.
*Cassamba* — estribo em fórma de sapato. Balde.
*Catandúba* — matto rasteiro cheio de espinhos.
*Catapóras* — bexigas benignas.
*Catapultuoso* — termo carnavalesco. Us. no Rio.
*Caterinéta* — boneca de panno.
*Catimbáo* — especie de cachimbo.
*Catinga* — transpiração fetida dos pretos.
*Catúcár* — tocar com o cotovello.
*Chacara* — casa cercada de jardins nas visinhanças de qualquer cidade. Outros dizem *Chacra*.
*Chálo* — leito de varas. V. giráo.
*Chará* — de egual nome.
*Charque* — carne secca ao sol. Rio Grande.
*Charquear* — matar o gado e seccar a carne.
*Chasquear* — ridicularisar.
*Chédas* — as peças lateraes de um carro de bois.
*Cheripá* — avental de baeta vermelha.
*Chiba* — especie de samba.
*Chiça* — bebida de mel e agua.
*Chilindró* — estação policial. Rio.
*Chimangos* — certa politica em Minas.
*Chimarrão*. — cão de charqueada. Rio Grande.
*Chimfrim* — ruim.
*Chincalhar* — ridicularisar.
*Chucro* — bruto.
*Cochilar* — cahir em somno.
*Cochila* — serie de collinas sem arvores.

*Coerepuxa!* — exclamação.
*Coivara* — fragmento de madeira queimada.
*Comêta* — cobrador viajante.
*Congóte* — parte detraz do pescoço.
*Corumim* ou *Colomim* — creado indio (Amazonas).
*Corta jaca* — dansa popular em Minas.
*Cortiço* — serie de pequenas casas ou quartos.
*Cotó* — aleijado.
*Crueira* — restos grossos de farinha de mandioca.
*Cuchá* — adubo de vinagre e outros temperos.
*Cuim* — alimpaduras.
*Curixo ou Corixo* — atoleiro ou campo inundado pela agua das chuvas. Matto-Grosso.
*Cutúca* — especie de selim fabricado em Paracatú de Minas.
*Descachar* — alimpar das escumas o caldo de canna de assucar que vem acima com a fervura.
*Descochado* — sem brio.
*Despolpador* — machina de despolpar café.
*Despolpar* — tirar a pellicula em que está envolto o café em grão.
*Egoada* — manada de eguas. Rio Grande.
*Eito* — a *roça* onde os escravos trabalhavam.
*Emboába* — portuguez. Natural de Portugal.
*Encafifar* — envergonhar.
*Encalistrar* — envergonhar. Termo collegial no Rio.
*Encargar* — arrumar as cargas em *bruacas*.
*Encérra* — curral. Rio Grande.
*Encoivarar* — amontoar a lenha para a queimar de novo até ficar em cinza.
*Engabelar* — agradar com o fim de enganar.
*Engerizar* — zangar.
*Engazopar* — prender, metter em prisão.
*Ensurroar* — enrolar o tabaco (fumo) em couros crús prévia mente molhados.
*Ensurroamento* — acção de ensurroar.

*Entabocar* — entalar, apertar.
*Enveredar* — tomar por vereda.
*Enxerca* — de enxercar.
*Enxercar* — preparar a carne em mantas e pôl-a a seccar ao sol.
*Esbodegar-se* — embebedar-se, maltratar-se.
*Escaldado* — pirão de farinha de mandioca.
*Esmolambar* — romper, arrastar trapos ou mulambos.
*Espiga* — má sorte, infelicidade.
*Espolêta* — especie de capanga, assalariado. Em Pernambuco.
*Espoleteado* — aloucado.
*Estancia* — fazenda de crear no Rio Grande.
*Estancieiro* — dono de estancia.
*Estaqueira* — cabide.
*Estirão* — grande distancia.
*Estradeiro* — velhaco. Us. no Pará.
*Faceira* — mulher affectada.
*Farinheira* — vasilha de pôr farinha.
*Farófa* — carne desfiada com farinha.
*Faxina* — limpeza.
*Faxinar* — limpar. (Uso *x* no termo para evitar engano com o verbo port. *Fachinar*.)
*Faxineiro* — creado que faz a faxina.
*Fintar* — enganar, lograr.
*Fobar* — jactar-se, contar mentiras. Us. em B.— Goyaz.
*Focále* — neol. de Castro Lopes. Em vez de *cache-nez*.
*Fomo* — tacho raso de seccar farinha.
*Fubá* — farinha de milho.
*Fubéca* — descompostura.
*Fuchicar* — emmaranhar. Us. em Goyaz.
*Gambárra* — embarcação pequena.
*Gangâna* — senhora idosa.
*Gapuia* — termo usado entre pescadores.
*Garimpo* — terreno diamantino em exploração.
*Garóa* — chuva miuda.

*Gastura* — comichão.
*Gaudério* — ridiculo.
*Geriza* — raiva.
*Gia* — rã. No Maranhão.
*Girão* = leito de varas. Us. em Goyaz e Minas.
*Gopiára* — terreno diamantino.
*Gravetar* — fazer gravetos.
*Gróta* — individuo de alta posição. Us. em Goyaz.
*Guabirú* — membro do partido do mesmo nome.
*Guyamú* — malta de capoeiras. Rio.
*Imbicar* — aportar.
*Imboaba* — V. *Emboaba*.
*Inféзar* — zangar.
*Inqrenque* — ruim. Us. em Goyaz.
*Inquirideira* — corda de sobre-carga.
*Intrósca* — intruso.
*Inzoneiro* — mentiroso, calumniador.
*Jagunço* — valentão. Us. em Goyaz.
*Jangalamaste* — (ignoro o sig.)
*Janta* — (abr. de jantar.)
*Jongo* — dansa popular e canto em Minas.
*Juláta* — especie de lençol.
*Jurúrú* — tristonho.
*Lampana* — labia.
*Lanceada* — pescaria com rede de arrastar. Us. no Pará.
*Lempa* — especie de perola.
*Lequéssia* — bebedeira, vadiação. Us. em Goyaz.
*Lereia* — conversa sem utilidade.
*Machiche* — cancan. Dansa affectada.
*Machucar* — brazileirismo classico: esmagar.
*Macóta* — valentão.
*Macutêna* — lazaro.
*Malacáro* — cavallo de frente e pès brancos.
*Mamóte* — bezerro que ainda mama.
*Manda-chuva* — magnate.

*Mandú* — contracção de Manoel.
*Mangagá* — enorme.
*Mangue* — terreno pantanoso.
*Mangueiro* — curral grande.
*Manipueira* — a agua que sae da mandioca.
*Mantêna* — bom, optimo. Us. em Goyaz.
*Mapiar* — conversar. Us. em Matto Grosso.
*Maqueira* — rede de pescar.
*Maquidúra* — cadeirinha.
*Maracatim* — especie de embarcação usada no Pará.
*Margajato*—(ignoro o sig.)
*Martinica*—calça larga. Us. no Maranhão.
*Mascate*—negociante ambulante.
*Mascatear*—negociar pelas ruas ou campos.
*Matabicho*—matar o bicho signi. tomar um golle de qualquer alcool.
*Matúla*—alforge com comida,
*Matutar*—meditar como matuto.
*Matutice*—rusticidade.
*Matúto*—rustico.
*Massiota*—(na...) com geito.
*Mazombo*—nascido no Brazil e filho de europeus.
*Meiacara*—(de...) tudo que é obtido de graça.
*Mellado*—caldo de canna engrossado pela fervura. (Este termo assim como outros que se encontram nos ultimos Dic. Port. é propriamente brazileiro). De mel e mellar.
*Melleiro*—negociante de mel.
*Mingáo*—papas de araruta ou de qualquer farinha.
*Mironga*—asneira.
*Mitrado*—fino, astuto.
*Mixira*—conserva de peixe ou carne no azeite. Us. no Azonas.
*Móca*—zombaria. Vêr com móca, signi: vêr com malicia
*Mocambo*—choça construida no meio d'uma roça ou lavo[illegible] V. quilombo.

*Mocótó* — mãos de boi ou de vacca, guizadas com pimenta. Bahia.
*Molambo* — trapo.
*Molecagem* — acção propria de *moleque* ou de garoto.
*Molecóte* — moleque crescido.
*Moleque* — pretinho. Sign. tambem garoto.
*Moloquear* — Ter acções de garoto.
*Montaria* — canôa de um só páu. Us. no Pará.
*Moquear* — defumar a carne sobre um pequeno giráo.
*Mucama* — criada. Outros dizem mucamba.
*Muchôcho* — beijo, afago.
*Muquéca* — guizado de peixe com muita pimenta. Us. na Bahia.
*Muquem* — logar onde se põe a curar do fumo a carne defumada.
*Munbanda* — V. mucama. Us. na Bahia.
*Mundéo* — armadilha de qualquer especie.
*Muxirão ou mutirão* — ajuntamento ou reunião de pessoas.
*Nasóculo* — Neol. de Castro Lopes. Em vez de *pincenez*.
*Negaceiar* — espreitar e attrahir a caça.
*Nhanhã* — terno carinho para as meninas.
*Nhõnhõ* — terno carinho para os meninos.
*Noruéga* — sitio sombrio.
*Oé!* — interjeição. Em logar de Oh!
*Pabulagem* — mentira.
*Pagodeira* — patuscada, funcção.
*Pandego* — alegre, divertido.
*Pangaré* — côr baia escura em mula.
*Patranhas* — mentiras.
*Patrona* — bolsa de couro.
*Patuá* — bugiganga que os tolos da plebe trazem ao pescoço na persuasão de que estarão sempre livres de qualquer perigo. Vem de *patiguá* que sign. cesto ou caixa de palha.
*Peitolargo* — valentão. Us. na Bahia.

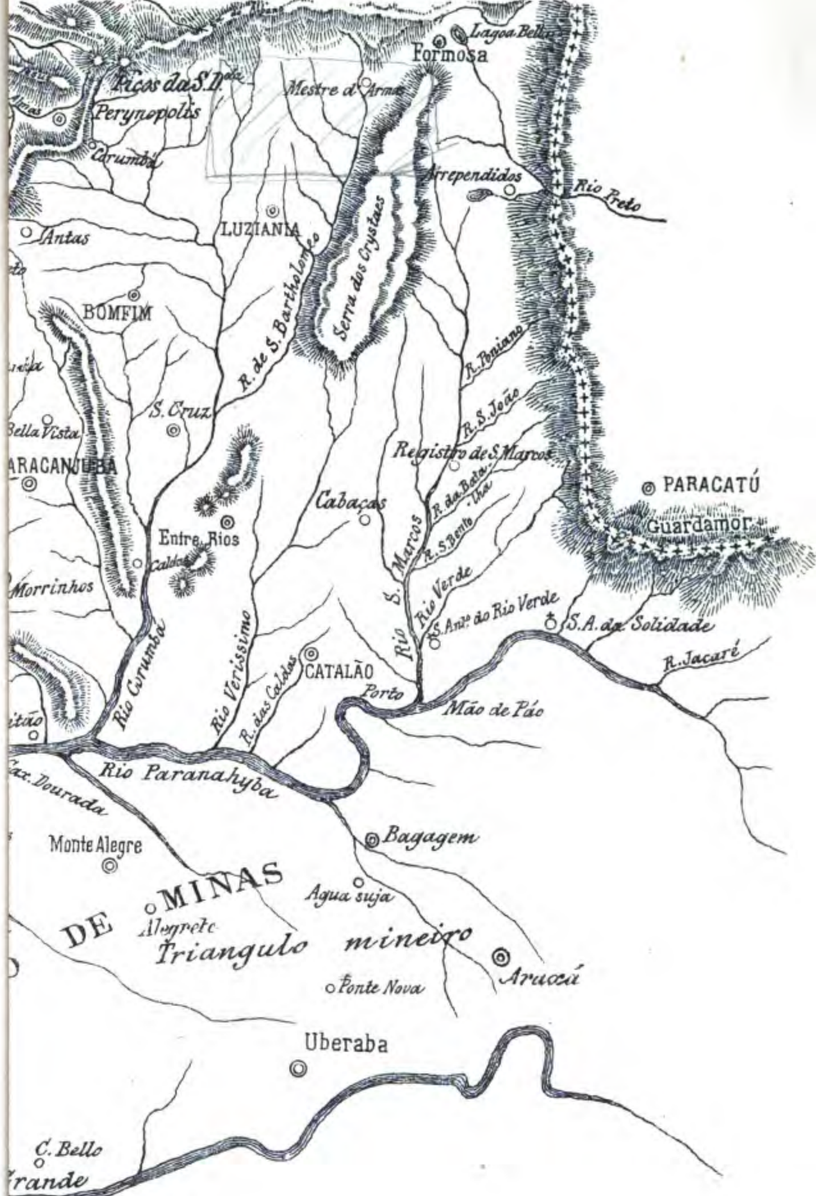
*Peléga* — nota do banco.
*Pelóta* — jangada de couro.
*Perão* — poça d'agua.
*Pererécar* — cabriolar.
*Perréngue* — lerdo, emperrado. Us. no Rio.
*Petéca* — bola chata de couro empenada, com que brincam as creanças.
*Peteléca* — tapa, bofetada.
*Phosphoro* — intruso. Us. no Rio.
*Piá* — rapaz. Us. no Rio Grande.
*Pilão* — gral de madeira onde se pila arroz, café, milho, etc.
*Piléque* — argola de borracha.
*Pindahyba* — termo collegial, andar na pindahyba sign: andar sem dinheiro.
*Pinga* — V. cachaça.
*Pipio* — pintainho.
*Pirão* — farinha de mandioca fervida em fórma de papas.
*Pito* — cachimbo. «Julio Ribeiro diz que pito vem de *pitura*, voz brazilica que significa tabaco. Nos sertões de S. Paulo e Minas diz-se *pito, pitar, pitador*, em vez de cachimbo, fumar, fumador!»
*Pocéna* — gritaria, alarido.
*Pomada* — ostentação pedantesca.
*Pomadista* — pedante.
*Pombeiro* — vendedor ambulante de gallinhas.
*Porúca* — peneira de peneirar café.
*Passoélo* — alforge de couro cru.
*Potreiro* — curral. Us. no Rio Grande.
*Preconicio* — neol. de Castro Lopes. Em vez de *réclame.*
*Puchapucha* — especie de dôce.
*Punga* — inepto.
*Pungarécos* — drogas de charlatão.
*Punguista* — boticario sem diploma que pretende passar pharmaceutico.
*Quartão* — cavallo que só póde servir para carga.

*Québa ou Quéra* — antigo, velho. Us. em Goyaz.
*Quebreira* — V. pindahyba.
*Quènga* — vasilha feita da metade de um pericarpo, usada em logar de sopeira. Servia tambem como medida para os alimentos fornecidos aos escravos.
*Quichaça* — teimosia.
*Quilombo* — choça habitada por negròs fugidos, nos mattos.
*Quilombóla* — negro fugido que vivia em quilombo.
*Quimano* — iguaria.
*Quipoqué* — iguaria.
*Quitanda* — venda de fructos e legumes.
*Quitandeiro* — a pessoa que negoceia em quitanda.
*Quitute* — acepipe.
*Rabicho* — amôr. ex.: ter um homem rabicho por uma mulher, significa amal-a apaixonadamente.
*Rasteira* — passar a perna. V. capoeira.
*Reboleira* — A respeito d'este termo Julio Ribeiro diz o seguinte cuja explicação parece-me deve ser acceita: «Reboleira é uma mouta circular de qualquer vegetação, que sobresaía a qualquer outra mais baixa que a rodeia.»
*Recacáo* — confusão.
*Regatão* — canoa de... Barco carregado de mercadorias pertencente a mascate. Us. no Pará.
*Regateiro ou arregateiro, a* — presumido.
*Remilhão* — grande colher de cobre usada nos engenhos.
*Reparo* — abrigo de caçadores.
*Réspe* — descompostura.
*Restinga* — «porção de terreno coberta de mattos em campos ou feitaes» J. Ribeiro.
*Retiro* — sitio. (chacara).
*Róllo* — barulho, motim.
*Sabavel* — bom, gostoso.
*Sanga* — algirão.
*Sapecar* — queimar de leve.
*Saranda* — vadio.

*Sarandagem* — vadiação.
*Sarapieira* — asneira. Us. em Goyaz.
*Senzala* — choça de negros nas fazendas.
*Sessar* — joeirar. Us. em Goyaz.
*Sinhá* — termo carinhoso que da-se ás meninas.
*Sinhazinha* — dim. de sinhá.
*Sinhõ* — Termo carinhoso que dá-se aos meninos.
*Sinhozinho* — dim. de sinhõ.
*Siquillo* — biscouto. Us. em Minas e S. Paulo.
*Sóca* — muda de canna de assucar.
*Soquête* — especie de sopa.
*Suverter* — der. de subverter, desapparecer. Us. em Goyaz.
*Tabaréo* — o mesmo que *matuto*, rustico. Us. na Bahia.
*Táboa* — termo usado em reuniões e bailes no estado do Rio de Janeiro. Ex.: Uma senhora que applica taboa ao par — sign. que o logrou ou não quiz com elle dançar. Recusa.
*Taboeira* — toda a planta que cresce mal.
*Tabú* — assucar mascavo.
*Táca* — pancada.
*Taludo* — grande.
*Tamina* — Vasilha que servia para medir as rações que davam aos escravos. Quantidade.
*Tapear* — enganar.
*Tapéra* — logarejo em ruinas, casa abandonada.
*Tapuio, a* — indigena.
*Tarracar* — atacar.
*Télha* — a cabeça — termo collegial.
*Teteia* — qualquer brinquedo.
*Tijuco* — lamaçal.
*Tinguijada* — pescaria com tingui. Especie de liame venenoso.
*Tinguijado* — hervado, envenenado.
*Tinguijar* — envenenar.
*Tipoia* — especie de palanquim com rêde.

*Tiradeiras* — cordas que servem para prender os animaes nos engenhos.
*Titica* —caca.
*Tocaia* — sitio onde se espera a caça.
*Tocaio* — homonymo. V. chará. Amazonas.
*Torar* — Torar o caminho sign., atravessal-o.
*Tracambista* — tratante.
*Treler* — bulir.
*Triviá* — objectos de cozinha reunidos.
*Tuta e meia* — pouco mais de nada.
*Vira-virando* — linguagem de preto, ex.: Fulano anda viravirando por lá.
*Xingar* — insultar.
*Xixica* — gorgeta, propina.
*Zanzar* — vagar a esmo.
*Zarpar* — fugir.
*Zinga* — varejão.
*Zonzo* — tonto.
*Zungù* — V. cortiço. Casa onde se reune muita gente de baixa classe.
*Zunzumnar* — de zumzum, ex.: zumzumnar boatos.

**FIM**



Lagoa Bella
Formosa
Picos da S. Dª
Mestre d'Armas
Perynopolis
Corumbá
Arrependidos
Rio Preto
Antas
LUZIANIA
Serra dos Crystaes
R. de S. Bartholomeo
BOMFIM
R. Poniano
S. Cruz
R. S. João
Bella Vista
Registro de S. Marcos
PARACATÚ
Cabaças
R. da Batatinha
Guardamor
Entre Rios
Caldas
R. S. Bento
Morrinhos
Rio S. Marcos
Rio Verde
S. Antº do Rio Verde
S. A. da Solidade
Rio Corumbá
Rio Verissimo
CATALÃO
R. das Caldas
R. Jacaré
Porto
Mão de Páo
Rio Paranahyba
Cax. Dourada
Bagagem
Monte Alegre
MINAS
DE
Agua suja
Alegrete
Triangulo mineiro
Araxá
Ponte Nova
Uberaba
C. Bello
Grande



Lagoa Bella
Formosa
Mestre d'Armas
Perynopolis
Corumbá
Arrependidos
Rio Preto
Antas
LUZIANIA
Serra dos Crystaes
R. de S. Bartholomeo
BOMFIM
R. Poniano
R. S. João
S. Cruz
Bella Vista
Registro de S. Marcos
PARACATÚ
Cabaças
Entre Rios
Guardamor
Caldas
Morrinhos
Rio S. Marcos
Rio Verde
R. S. Bento
S. Antº do Rio Verde
S. A. da Solidade
R. Jacaré
Rio Corumbá
Rio Verissimo
R. das Caldas
CATALÃO
Porto
Mão de Páo
Rio Paranahyba
Monte Alegre
Bagagem
DE MINAS
Agua suja
Alegrete
Triangulo mineiro
Arucá
Ponte Nova
Uberaba
C. Bello

# OBRAS DO MESMO AUCTOR

## PUBLICADAS

*Flores de abril* — Versos, 1 vol.

*Filha do Miseravel* — Romance. (Esgotada a edição).

*Palomita* — Opereta em 1 acto.

*Viagem ao centro do Brazil* — (Impressões).

*Um conto do sertão* — (Esg.)

*Excursões* — 1 vol.

*Do Tejo a Paris* — (1886).

## A PUBLICAR

*As regiões de terra e agua* — (Impressões de viagem no baixo Tocantins).